

UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
JORNALISMO

VITOR HUGO BAPTISTA DE SOUZA- 838740

MEMÓRIAS DA DITADURA EM RIBEIRÃO

RIBEIRÃO PRETO
2025

VITOR HUGO BAPTISTA DE SOUZA

MEMÓRIAS DA DITADURA EM RIBEIRÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP,
como requisito para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Geraldo José Santiago.

Ribeirão Preto
2025

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento
Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

SOUZA, Vítor Hugo Baptista de, 2001-

S719m

Memórias da ditadura em Ribeirão / Vítor Hugo Baptista de Souza .
-- Ribeirão Preto, 2025.
246 f. : il. color.

Orientador: Prof.º Ms.º Geraldo José Santiago .

Trabalho e conclusão de curso (Bacharelado em Jornalismo) -
Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), Ribeirão Preto, 2025.

1. Ditadura. 2. Ribeirão Preto. 3. Memória histórica . I. Título.

CDD 070.4

AGRADECIMENTOS

Gostaria de dedicar este trabalho a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a minha formação durante os quatro anos de curso. Ninguém realiza nada sozinho, por isso, quero agradecer primeiramente a Deus, a Nossa Senhora e a todos os amigos de luz que fizeram com que este sonho se tornasse realidade.

Agradeço à minha família por sempre estar presente, não apenas durante a produção deste trabalho, mas ao longo dos quatro anos de curso, sempre me incentivando e vibrando por todas as minhas vitórias, fossem elas grandes ou pequenas. Aos meus pais, deixo o meu mais sincero carinho e admiração por serem o meu porto seguro, me acalmarem nos dias difíceis e me ajudarem a trilhar este caminho. Aos meus irmãos, Marlon Baptista e Caio Cesar Baptista, agradeço pelos ensinamentos, conversas e companheirismo.

Estendo meus agradecimentos ao meu orientador, Gil Santiago, por todos os ensinamentos transmitidos ao longo desses meses e por todo o suporte e tranquilidade que me passou em cada etapa desta produção. Agradeço também ao professor Paulo Apolinário pela gentileza e ajuda em todos os pontos deste estudo, desde a elaboração da ideia inicial até a finalização do projeto. Ao Andrei Violante, por todo o auxílio e parceria durante as etapas de edição e gravação do produto. Ao Jânio Santos pela ajuda e parceria ao longo de todos esses meses. Sem o apoio dos quatro, isso jamais seria possível.

Um agradecimento muito carinhoso ao amigo Leonardo Sousa pelos inúmeros auxílios durante toda a graduação. E aos amigos Pedro Henrique Scapin, Thiago Cotrim, Filipe Capela, Carlos Tacinari e Guilherme Carvalho por tornarem as minhas noites mais leves e agradáveis em todas as etapas da nossa formação. Agradeço ainda aos amigos Matheus Frazão Stoppa, Leonardo Baliero e Lucas Bim por todo o incentivo, torcida e ajuda no decorrer deste longo percurso.

Por fim, agradeço a todos os meus entrevistados pela gentileza de me permitirem contar suas histórias e por me ajudarem a realizar este trabalho.

A todos vocês, meus mais sinceros agradecimentos e carinho por, de alguma forma, estarem comigo em um momento tão importante.

RESUMO

Este podcast investigou a ditadura militar no Brasil, com foco em Ribeirão Preto, SP, durante o período de 1964 a 1985. Embora o regime tenha sido amplamente estudado nas grandes capitais, cidades como Ribeirão Preto ainda foram pouco exploradas em relação à violência política e à resistência local. A pesquisa resgatou histórias de pessoas diretamente afetadas pelo regime militar, como jornalistas e militantes políticos, e compartilhou suas experiências. O foco deste trabalho foi Ribeirão Preto, cidade do interior paulista que, embora tenha vivido o impacto da ditadura militar, não recebeu a mesma atenção acadêmica que capitais como São Paulo e Rio de Janeiro. Para resgatar essa memória, foi produzido um podcast composto por seis episódios. A metodologia adotada foi qualitativa e exploratória, com entrevistas realizadas com sobreviventes, familiares de vítimas, historiadores, além de levantamento bibliográfico. A pesquisa buscou contribuir para o resgate de memórias esquecidas, destacando a ditadura na cidade e evidenciando as vozes das vítimas. O podcast criou um espaço de reflexão que ajuda as novas gerações a compreenderem as consequências do regime. Assim, o projeto procurou preencher uma lacuna na história da ditadura militar ao trazer uma visão mais próxima das experiências vividas em Ribeirão Preto.

Palavras-chave: Ditadura Militar; Ribeirão Preto; Repressão; Resistência.

ABSTRACT

This podcast investigated the military dictatorship in Brazil, focusing on Ribeirão Preto, SP, during the period from 1964 to 1985. Although the regime has been widely studied in major capitals, cities like Ribeirão Preto have still been little explored in relation to political violence and local resistance. The research recovered stories of people directly affected by the military regime, such as journalists and political activists, and shared their experiences. The focus of this work was Ribeirão Preto, an inland city in the state of São Paulo that, although impacted by the military dictatorship, did not receive the same academic attention as capitals like São Paulo and Rio de Janeiro. To preserve this memory, a podcast composed of six episodes was produced. The methodology adopted was qualitative and exploratory, with interviews conducted with survivors, family members of victims, historians, as well as bibliographic research. The study sought to contribute to the recovery of forgotten memories, highlighting the dictatorship in the city and amplifying the voices of its victims. The podcast created a space for reflection that helps new generations understand the consequences of the regime. Thus, the project aimed to fill a gap in the history of the military dictatorship by providing a closer view of the experiences lived in Ribeirão Preto.

Keywords: Military Dictatorship; Ribeirão Preto; Repression; Resistance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Logo do podcast	24
Figura 2– Perfil no Spotify.....	25
Figura 3– Perfil Memórias da ditadura em Ribeirão no Instagram	25

LISTA DE SIGLAS

ACIRP – Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto

AI-1 – Ato Institucional nº 1

AI-2 – Ato Institucional nº 2

AI-3 – Ato Institucional nº 3

AI-4 – Ato Institucional nº 4

AI-5 – Ato Institucional nº 5

ALN – Ação Libertadora Nacional

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

CA – Centro Acadêmico

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social

DOI-CODI – Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna

FEB – Força Expedicionária Brasileira

FALN – Forças Armadas de Libertação Nacional

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

OBAN – Operação Bandeirante

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1	A DITADURA MILITAR	10
2.2	A DITADURA EM RIBEIRÃO PRETO	16
2.3	PODCAST	19
3	OBJETIVO.....	21
4	JUSTIFICATIVA	21
5	METODOLOGIA.....	22
6	DETALHAMENTO TÉCNICO	23
6.1	ENTREVISTADOS	26
6.2	PÚBLICO-ALVO.....	27
7	SINOPSE FINAL	27
8	RELATOS DE PRODUÇÃO.....	27
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
	APÊNDICES	32
	APÊNDICE A — Maria Aparecida dos Santos	32
	APÊNDICE B — Leopoldo Paulino	47
	APÊNDICE C — Vanderley Caixe Filho e Marcelo Botosso	64
	APÊNDICE D — Álvaro Neto.....	78

APÊNDICE E — Matilde Leone.....	92
APÊNDICE F — Leila Bosqueto	106
APÊNDICE G — Termo de Autorização de Imagem e Voz – Maria Aparecida dos Santos	121
APÊNDICE H — Termo de Autorização de Imagem e Voz – Leopoldo Paulino.....	122
APÊNDICE I — Termo de Autorização de Imagem e Voz – Marcelo Botosso.....	123
APÊNDICE J — Termo de Autorização de Imagem e Voz – Vanderley Caixe Filho	124
APÊNDICE K — Termo de Autorização de Imagem e Voz – Álvaro Neto	125
APÊNDICE L — Termo de Autorização de Imagem e Voz – Matilde Leone	126
APÊNDICE M — Termo de Autorização de Imagem e Voz – Leila Bosqueto	127
APÊNDICE N — Decupagem Maria Aparecida dos Santos – 1º Episódio.....	128
APÊNDICE O — Decupagem Leopoldo Paulino – 2º Episódio	154
APÊNDICE P — Decupagem Vanderley Caixe e Marcelo Botosso – 3º Episódio.....	177
APÊNDICE Q — Decupagem Álvaro Neto – 4º Episódio	196
APÊNDICE R — Decupagem Matilde Leone – 5º Episódio.....	212
APÊNDICE S — Decupagem Leila Bosqueto – 6º Episódio	225

1 INTRODUÇÃO

A ditadura militar, iniciada em 1964, foi um regime marcado pelo autoritarismo, torturas, violência, censura e repressão política. Embora os principais registros e casos de grande notoriedade tenham se concentrado nas grandes capitais brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, a cidade de Ribeirão Preto, localizada no interior do estado de São Paulo, também vivenciou as consequências desses acontecimentos.

Esse podcast buscou mostrar como a ditadura militar se manifestou na cidade, sendo contada pela voz de pessoas que sentiram isso na pele e foram personagens centrais da história local, mas ainda eram pouco conhecidos pelo próprio público ribeirão-pretano.

Essa pesquisa abordou a ditadura militar com o foco em Ribeirão Preto, um município que, mesmo sendo do interior, também teve políticos cassados, estudantes perseguidos, religiosos presos, e é uma das poucas cidades fora das capitais a abrigar um grupo armado de combate ao regime militar: as Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN). Esse produto midiático deu voz justamente a essas pessoas, que de alguma maneira foram prejudicadas por um regime de opressão e não têm suas histórias conhecidas pelo grande público.

O podcast “Memórias da ditadura em Ribeirão” tem seis episódios, com duração média de 30 minutos cada. Foram entrevistados ex-presos políticos, historiadores e jornalistas. A metodologia adotada foi qualitativa e exploratória, registrando experiências marcantes na vida dessas pessoas durante o regime militar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A DITADURA MILITAR

A ditadura militar no Brasil, que começou com o golpe de 31 de março de 1964, foi um marco para a história nacional. A partir dessa data, várias transformações políticas e sociais ocorreram no país. O período pré-golpe era conturbado, o mundo vivia a Guerra Fria e era controlado por duas superpotências atômicas: de um lado, os Estados Unidos, representando o bloco capitalista, e do outro, a União Soviética, representando o bloco socialista. E é claro, essa divisão também se refletia no Brasil.

Jango havia sido deposto sob o pretexto de colocar em risco a segurança nacional, por sua possível proximidade com o bloco comunista, a qual, temiam as elites — nacionais e estrangeiras — poderiam transformar o Brasil em uma nova Cuba. E o governo estadunidense, que já havia fracassado ao conter a revolução em uma

pequena ilha da América Central, temia agora ver um país de proporções continentais e dezenas de milhões de habitantes, aliado ao bloco comunista (Gesteira, 2014, p. 8).

Em 1961, após a renúncia do então presidente Jânio Quadros, João Goulart, até então vice-presidente da República, chegou ao poder. Jango, como era conhecido, era um político do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e alinhado à esquerda, o que desencadeou o desconforto de parte da elite nacional conservadora.

Como presidente, João Goulart atuou, com firmeza, no escopo da democracia política, pela efetivação de uma democracia social no Brasil. Tal orientação governamental, apesar de considerada moderada por alguns segmentos do movimento social nacionalista e reformista, trouxe real desconforto aos conservadores que com ela não concordavam. Destacaram-se entre eles: a União Democrática Nacional (UDN), setores das Forças Armadas, Igreja Católica conservadora, proprietários rurais, a maior parte do empresariado nacional e investidores internacionais (Delgado, 2009, p.126).

E tudo isso piorou quando Jango anunciou em comício na Central do Brasil no Rio de Janeiro em 13 de março de 1964 que iria implementar as reformas de base, reformas essas que visavam modernizar o país, com destaque para a reforma agrária e a reforma educacional. Porém, essas reformas foram mal-vistas pelas elites e pelos setores da classe média, que viam nas propostas de Goulart um flerte com o comunismo.

O conservadorismo paulista respondera ao comício do dia 13 com uma Marcha da Família com Deus pela Liberdade em que se reuniram perto de 200 mil pessoas com faixas ameaçadoras ('Tá chegando a hora de Jango ir embora') e divertidas ('Vermelho bom, só batom'). O Congresso, com maioria conservadora, mostrava-se disposto a bloquear os projetos de reforma e a cozinhar o surto esquerdista até o ano seguinte (Gaspari, 2001, p. 49).

Assim, com o apoio da elite conservadora, os militares se uniram para derrubar o governo de Goulart no dia 31 de março de 1964. O golpe, então, instaurou um regime militar que perduraria por 21 anos, marcado por sucessivos governos militares, pela repressão política, censura, tortura e uma forte perseguição à oposição.

Ranieri Mazzilli, então líder da Câmara dos Deputados, assumiu a presidência da República interinamente, ficando duas semanas no cargo e passando a função para Humberto de Alencar Castelo Branco, o primeiro dos cinco presidentes militares do período.

Durante o governo de Castelo Branco começaram a ser instaurados os Atos Institucionais, uma série de decretos que aumentavam o poder do governo. O primeiro Ato Institucional ou AI-1, entrou em vigor no dia 9 de abril de 1964. Esse ato suspendeu os direitos políticos de opositores por 10 anos e cassou mandatos de parlamentares. O AI-1 deu ao governo militar o direito de intervir em estados e municípios, substituindo governadores e prefeitos.

Além disso, anulou as eleições que estavam previstas para o ano seguinte, 1965. Em 27 de outubro de 1965, ainda no governo de Castelo Branco, o AI-2 entrou em vigor. Esse Ato Institucional criou o bipartidarismo; agora, os únicos partidos existentes eram a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). A ARENA era o partido alinhado ao governo e aos militares, já o MDB era o partido de oposição, contando com parlamentares contrários à ditadura.

O AI-3 mexeu nas conjunturas políticas dos estados e municípios. Ele estabeleceu eleições indiretas para governadores; agora, a escolha de quem ocuparia o cargo seria feita pelas assembleias estaduais. Além disso, os governadores ficariam responsáveis por escolher quem seriam os prefeitos das capitais de seus estados. O Ato Institucional nº 4, de 7 de dezembro de 1966, aprovou uma nova Constituição Federal, que dava mais autoridade aos militares, centralizando mais poderes no Executivo e diminuindo a autonomia do Legislativo e do Judiciário.

Todos os Atos Institucionais citados anteriormente aconteceram no governo Castelo Branco, período no qual o historiador e jornalista Elio Gaspari batizou com o nome de "a ditadura envergonhada". Durante esses 3 anos, entre 1964 e 1967, os militares tentaram passar uma ideia de moderação e legalidade. O próprio presidente da República dizia que seu governo seria temporário e que logo o Brasil voltaria a ser uma democracia com eleições diretas. Nesse período, o Congresso continuava aberto. O golpe de estado era usado como justificativa para salvar o país e a democracia, e não como um projeto de autoritarismo. Porém, em contrapartida, o governo já usava os Atos Institucionais para caçar opositores (Gaspari, 2002).

Artur da Costa e Silva assumiu a presidência da República no dia 15 de março de 1967. Seu governo ficou marcado por iniciar a fase mais repressiva do regime militar. Se o historiador e jornalista Elio Gaspari nomeou o governo de Castelo Branco como a "ditadura envergonhada", o governo de Costa e Silva ficou conhecido como a "ditadura escancarada". Os militares, que antes tentavam passar uma ideia de legalidade e moderação, agora passaram a agir de forma repressiva e autoritária, ficando conhecido como os "anos de chumbo". A perseguição a opositores foi intensificada, os movimentos estudantis e operários foram reprimidos com maior violência, e o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) ganhou mais protagonismo.

Escancarada, a ditadura firmou-se. A tortura foi o seu instrumento extremo de coerção e o extermínio, o último recurso da repressão política que o Ato Institucional nº 5 libertou das amarras da legalidade. A ditadura envergonhada foi substituída por um regime a um só tempo anárquico nos quartéis e violento nas prisões. Foram os Anos de Chumbo (Gaspari, 2002, p. 12).

O final da década de 60 e o início da década de 70 foram marcados pelo “milagre econômico brasileiro,” com altas taxas de crescimento da economia, o tricampeonato mundial em 1970 e o surgimento da TV a cores. Porém, outro fato histórico e decisivo para a história nacional também ocorreu nesses anos.

No dia 13 de dezembro de 1968, Costa e Silva assinou o mais famoso ato institucional do regime militar, o AI-5. Lido à população brasileira em cadeia nacional de rádio pelo Ministro da Justiça, Luís Antônio da Gama e Silva, o ato censurou a imprensa, as manifestações públicas, a música, o cinema, o teatro, deu poder ao presidente da República de decretar estado de sítio, fechou o Congresso Nacional, suspendeu o habeas corpus para crimes políticos, ou seja, qualquer pessoa que fosse considerada subversiva ao governo poderia ser presa sem poder recorrer, o que facilitou que muitos militantes e opositores fossem presos sem uma justificativa legal. Além disso, as forças militares começaram a usar a tortura para obter informações dos opositores que fossem presos.

"A prática da tortura se disseminou nos órgãos de repressão como método de obtenção de informações para todas as pessoas suspeitas de qualquer relação com os chamados 'subversivos'." (Tamas, 2001, p. 643).

O governo de Costa e Silva durou até 1969, após o presidente sofrer um derrame cerebral e não conseguir continuar no cargo. Por quase dois meses, o Brasil foi governado por uma junta militar composta pelo general Aurélio de Lira Tavares, do Exército, o almirante Augusto Rademaker, da Marinha, e o brigadeiro Márcio de Souza e Mello, da Aeronáutica.

No dia 30 de outubro de 1969, chegou ao poder o general Emílio Garrastazu Médici. O terceiro presidente da ditadura militar continuou no mesmo caminho de seu antecessor: a censura, as prisões e a tortura aos opositores aumentaram. O governo Médici foi marcado pela intensificação da repressão e pelo aumento da radicalização da oposição. Com a ditadura apertando o controle, os grupos contrários a ela, especialmente os da esquerda, optaram pela luta armada para combater o regime autoritário. Nesse contexto, Carlos Marighella, considerado o inimigo número um da ditadura, afirmou: “hoje, ser ‘violento’ ou um ‘terrorista’ é uma qualidade que enobrece qualquer pessoa honrada, porque é um ato digno de um revolucionário engajado na luta armada contra a vergonhosa ditadura militar e suas atrocidades.” (Marighella, 1969, p. 3).

Foi durante o governo Médici que dois dos mais conhecidos guerrilheiros da época foram mortos pelos militares: Carlos Marighella, líder da Ação Libertadora Nacional (ALN), e Carlos Lamarca, líder da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Além disso, foi nesse

período que ocorreram os principais confrontos contra guerrilhas rurais, entre elas, a Guerrilha do Araguaia.

Desde 1966 o PC do B estocava militantes nas matas fechadas da região do Bico do Papagaio, numa das últimas frentes de expansão da sociedade brasileira. Lá juntam-se os rios Araguaia e Tocantins. Encontram-se a Amazônia, o Nordeste e o Brasil central (Gaspari, 2002, p. 410).

De acordo com Elio Gaspari em seu livro *A Ditadura Escancarada* (2002), o governo militar teve dificuldades em derrotar os combatentes que lutavam na região amazônica. Foi necessário mobilizar um dos maiores contingentes do Exército Brasileiro, maior até o que foi utilizado para a tomada do poder em 1964, sendo a maior movimentação de tropas desde a criação da Força Expedicionária Brasileira (FEB). O governo mobilizou 3.200 soldados, porém, o resultado inicial, como Gaspari descreve, foi um “miado de leão”. Os guerrilheiros eram habilidosos em táticas de guerra na selva e já estavam há algum tempo na região, conhecendo bem o terreno.

Porém, em 1973, as tropas militares retornaram ao local, mas dessa vez, o resultado foi diferente.

Eram comandados por oficiais e sargentos das forças especiais e de elite do Exército, boa parte deles treinados para a guerra na selva. Tinham ordens para não manter prisioneiros e prisioneiros não mantiveram. Em quatro meses derrotaram a guerrilha. Pela documentação conhecida, pode-se supor que no final de janeiro de 1974 os quadros do PC do B não passavam de trinta (Gaspari, 2002, p. 411).

O quarto presidente do regime militar tomou posse no dia 15 de março de 1974. O governo de Ernesto Geisel foi marcado por promover uma abertura política lenta e gradual. Isso preservaria o regime, porém, abriria caminho para uma possível transição para a democracia e aliviaria a repressão, mas, sem perder totalmente o poder. "O objetivo final não era exatamente revogar o autoritarismo e instituir 'a democracia', mas tornar a ditadura militar menos conservadora politicamente." (Codato, 2005, p. 84).

Foi durante o governo de Geisel que um dos casos mais famosos envolvendo a ditadura militar aconteceu: a morte do diretor de jornalismo da TV Cultura, Vladimir Herzog. No dia 24 de outubro de 1975, militares foram até a emissora para notificá-lo de que ele deveria prestar depoimento por um suposto envolvimento com o Partido Comunista. No dia seguinte, Herzog compareceu ao prédio do DOI-CODI em São Paulo. Porém, durante o interrogatório, o jornalista foi torturado até a morte no dia 25 de outubro.

A versão oficial do Estado brasileiro afirmava que ele havia se suicidado por enforcamento em sua cela. Uma foto do jornalista morto rodou o país, porém, não convenceu a sociedade brasileira. A repercussão da morte foi grande, tanto no Brasil quanto no exterior.

O general João Baptista de Oliveira Figueiredo foi o último presidente do período militar. Em seu discurso de posse, Figueiredo transmitiu esperança de democratização para os brasileiros, afirmando: "Juro fazer deste país uma democracia." Essa declaração não foi uma mentira, os seis anos de governo de Figueiredo foram realmente os últimos da ditadura militar. Porém, ainda assim existiram retrocessos, principalmente por parte das próprias Forças Armadas que tentavam barrar a volta do regime democrático. Um caso de grande notoriedade foi o atentado a bomba ao Riocentro, em 30 de abril de 1981. Realizado por membros do DOI-CODI e setores militares conservadores, o atentado ocorreu durante um evento de MPB com 20 mil espectadores. Uma bomba explodiu acidentalmente em um carro, matando um sargento e ferindo um capitão. O verdadeiro objetivo era que a bomba fosse detonada durante o show, com a intenção de incriminar os grupos de esquerda, gerar instabilidade e justificar a permanência do governo militar.

Um marco importante do governo Figueiredo foi a aprovação, em 1979, da Lei da Anistia. Essa lei perdoou os crimes políticos cometidos durante o regime militar, tanto dos opositores quanto dos agentes do regime, não punindo os acusados de tortura e outras violações. A Lei da Anistia permitiu o retorno ao país de muitos brasileiros perseguidos politicamente, presos ou vítimas de tortura, garantindo a restituição de seus direitos. Também possibilitou a volta de exilados políticos, incluindo opositores ao regime militar. Além disso, durante o governo Figueiredo, o bipartidarismo chegou ao fim, permitindo a criação de novos partidos políticos.

Buscando acelerar a abertura política, a oposição lançou o movimento das Diretas-Já, que buscava aprovar a emenda Dante de Oliveira, que permitiria eleições diretas para presidente da República em 1985. Porém, a proposta não foi aprovada e as eleições presidenciais ocorreram de forma indireta. No dia 15 de janeiro de 1985, o colégio eleitoral elegeu Tancredo Neves, o primeiro presidente civil das últimas duas décadas, quebrando uma sequência de 21 anos de sucessivos governos militares e marcando o fim da ditadura no Brasil.

O país foi comandado por cinco presidentes militares eleitos indiretamente. O primeiro governante foi o general Castelo Branco, em 1964, e o ciclo se encerrou com o general João Figueiredo, em 1985. Em 2014, o relatório final da Comissão Nacional da Verdade registrou 434 pessoas mortas ou desaparecidas durante a ditadura.

2. 2 A DITADURA EM RIBEIRÃO PRETO

Assim como o restante do país, os anos 60 foram marcados por tensões políticas em Ribeirão Preto. O município no interior paulista era uma cidade em expansão, sendo já naquele período uma das maiores do estado. O município, cuja economia era tradicionalmente voltada para as usinas canavieiras, tinha uma elite econômica conservadora, composta principalmente por grandes empresários do ramo sucroalcooleiro e do setor industrial. Isso fica evidente nesse trecho do livro em comemoração aos 100 anos da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto (ACIRP):

Os relatórios dos dirigentes da ACI-RP, depois dos anos de 1964, perderam, de certa forma, um pouco de sua consistência ideológica, visto que o regime adotado fora apoiado pela entidade. Isso não quer dizer que não havia críticas ao mesmo. Porém, o apoio se deu em linhas gerais, visando assegurar o modelo capitalista e a livre-iniciativa como pilar de sustentação da própria sociedade. A ACI-RP, por meio de sua direção, compreendia muito bem o que significava e por que se dava a aplicação de cada medida governamental, inclusive as que cerceavam a liberdade política no país (Carneiro Júnior, 2004, p. 209).

De acordo com o historiador Marcelo Botosso, o golpe militar não deixou de ser comemorado. Assim como em todo o país, os simpatizantes do regime, principalmente os membros da elite financeira, saíram às ruas para comemorar o resultado da ação. E em Ribeirão Preto, a situação não foi diferente.

Em 2 de abril, os vitoriosos saíram às ruas da cidade do Rio de Janeiro numa das maiores manifestações que já ocorreram em todo o país. "Num ambiente de intensa euforia e sob uma chuva de papel picado, mais de 500.000 pessoas participaram da 'Marcha da Vitória com Deus pela liberdade'. Em Ribeirão Preto, como em quase toda cidade caracterizada como centro regional, a classe patronal organizou marchas semelhantes" (Botosso, 2001, p. 2).

Após o golpe, as arbitrariedades contra a oposição, principalmente a esquerda, tomaram conta de Ribeirão Preto. O vereador Pedro Augusto de Azevedo Marques, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), teve seu mandato cassado em 1964, sob a acusação de ser subversivo ao regime. Durante uma sessão secreta da Câmara dos Vereadores, baseada no Ato Institucional nº 1, foi decidido que os 15 suplentes do PSB não assumiriam seu mandato, sob a alegação de infiltração comunista no partido (Botosso, 2001).

Com a implantação do Ato Institucional nº 2, o bipartidarismo passou a fazer parte das atividades políticas da cidade e tanto a Prefeitura quanto a Câmara Municipal passaram a ser controladas pelo partido político aliado ao regime militar, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). O partido de oposição, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) só conseguiu ter uma vitória e assumir o poder municipal já nos últimos anos do regime militar.

O final das décadas de 1960 e os anos 70 marcaram um tempo de hegemonia no poder local do partido governista, a ARENA. Mais uma hegemonia dos personagens Wilson Gasparini e Antônio Duarte Nogueira, que se alternaram no poder de 1964 a 1982. A renovação da câmara foi extremamente lenta e o legislativo municipal foi, durante todo o governo militar, dominado pelo espectro arenista (Walker & Barbosa, 2001, p. 195).

Ribeirão Preto também foi um importante foco de resistência contra o regime militar, especialmente por conta dos estudantes. A cidade tinha movimentos estudantis fortes, tanto no nível universitário quanto no secundarista. Muitos jovens estavam envolvidos na criação de centros acadêmicos e outras organizações, além de organizar protestos contra diretores autoritários, criar jornais estudantis, participar de discussões sobre reformas de base e se envolver com a União Estadual dos Estudantes (UEE). Além disso, muitas manifestações eram organizadas como uma forma de criticar o governo militar, que por sua vez, eram reprimidas com violência.

A ação começou como uma 'passeata relâmpago', mostrou-se vandálica: estudantes corriam com megafones gritando frases como 'Abaixo a ditadura' e 'Milicos estudam na nossa escola'. A resposta a esse gesto foi de impedi-los e teve dimensões também marcantes: mais de 50 soldados da Força Pública, acompanhados de cães policiais e munidos de bombas de gás lacrimogêneo, metralhadoras e cassetetes, dispersaram a multidão. Os estudantes das faculdades de Química e Filosofia desapareceram (Walker & Barbosa, 2001, p. 193).

Locais emblemáticos da cidade, como a rua São Sebastião, a rua Tibiriçá, a Praça XV de Novembro e o Theatro Pedro II, foram palco desses protestos. A choperia Pinguim servia como ponto de encontro para os manifestantes, enquanto a Catedral Metropolitana frequentemente se tornava um refúgio seguro nos momentos de confronto.

Os estudantes tiveram papel fundamental na criação de um grupo armado contra a ditadura militar. As Forças Armadas de Libertação Nacional, ou simplesmente FALN, foram um dos únicos grupos guerrilheiros criados fora das capitais. As FALN eram compostas principalmente por estudantes e trabalhadores rurais. Os jovens militantes de Ribeirão Preto, muitos deles ligados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), demonstravam insatisfação com a postura conciliatória do partido. O descontentamento crescia diante da ineficácia do PCB em enfrentar o regime militar, levando parte desses militantes a apoiar a luta armada como meio de redemocratização. Em 1967, uma reunião realizada em um casarão no centro de Ribeirão Preto reuniu militantes e simpatizantes do PCB para discutir os rumos da esquerda no Brasil. Vanderley Caixe relatou ter se encontrado com Carlos Marighella, que defendia a formação de uma organização armada para combater o regime militar sem seguir a estrutura burocrática de um partido. Diante disso, Caixe propôs a criação imediata de um grupo clandestino armado na

região. Leopoldo Paulino em seu livro *Tempo de Resistência* (1998) relata como ocorreu essa reunião:

Presentes umas 40 pessoas no salão onde se deu o evento, ouvíamos o informe do companheiro Caixe, dizendo das expulsões ocorridas no PCB, da disposição de Marighella em formar uma organização de combate à ditadura sem a estrutura burocrática de partido, bem como das gestões de Mário Alves, que pretendia, com outros companheiros, organizar um novo partido comunista, porém com caráter revolucionário, para desencadear a luta armada (Paulino, 2001, p. 92).

O tempo de vida das FALN foi de 1967 a 1969. Porém, esse período foi suficiente para o grupo organizar formas de resposta à repressão do governo militar.

O jornal estudantil *O Berro* foi fundado em 1966, em Ribeirão Preto, inicialmente como um órgão independente dos estudantes de Direito. Com o tempo, o periódico se tornou porta-voz das FALN, principalmente após o endurecimento do regime militar com a implementação do AI-5. Suas páginas passaram a criticar o governo e a incentivar a população, tanto de Ribeirão Preto quanto das cidades vizinhas, a integrar o grupo.

Mesmo com a repressão, especialmente contra aqueles que se opunham ao governo militar, as edições do jornal eram impressas com o nome e o endereço residencial de Vanderley Caixe. O objetivo era dar legalidade ao periódico. A partir de 1967, as FALN intensificaram suas ações contra a ditadura, realizando atentados com bombas panfletárias em diversos locais de Ribeirão Preto. Na semana em que o grupo decidiu homenagear Che Guevara, explosivos foram espalhados em locais estratégicos, como o 3º Batalhão da Polícia Militar, a igreja dos Mórmons e vários cinemas da cidade, incluindo o Centenário, São Paulo, Paratodos, Pedro II, São Jorge, Zenith e Suez. Além disso, ataques também ocorreram na estação rodoviária dos Campos Elíseos e em um posto de combustível próximo aos Correios. Os militantes usavam da criatividade para despistar os agentes. Conforme relato de Áurea Moretti em entrevista presente na obra de Marcelo Botosso (2001), Vanderley Caixe utilizou uma estratégia inusitada durante uma manifestação, soltando gatos nas ruas do centro da cidade para distrair os cães da polícia, o que ajudou os manifestantes no tumulto.

Em 1969, as FALN organizaram sua mais bem-sucedida ação: a expropriação de explosivos da pedreira da Prefeitura de Ribeirão Preto. A ação foi um sucesso e os oito integrantes do grupo fugiram com cerca de 15 kg de dinamite, 50 espoletas e 750 metros de estopim, sem alarme ou perseguição. Esse acontecimento fez a repressão contra o grupo aumentar.

O fim das FALN ocorreu nesse mesmo ano, em 1969, quando o grupo planejava sequestrar algum membro da elite ribeirão-pretana para arrecadar fundos e chamar a atenção da

sociedade para a causa revolucionária. O escolhido foi o usineiro João Marchezzi. No entanto, o sequestro nunca aconteceu, pois, os integrantes do grupo cometeram o erro de montar suas redes de dormir em um local visível da estrada rural onde estavam escondidos para planejar a ação. Um segurança da fazenda notou a movimentação e alertou a polícia, que chegou ao local e prendeu os guerrilheiros. Usando da tortura como tática para conseguir respostas, a polícia rapidamente encontrou os principais membros da organização, o que desencadeou uma série de prisões e o desmantelamento do grupo ainda em 1969.

Outro caso notório é o da madre Maurina Borges da Silveira, diretora do antigo Lar Santana. A religiosa foi presa pelo DOPS, acusada injustamente de ser uma das integrantes do grupo guerrilheiro. Durante o período em que esteve presa, foi torturada por agentes do regime.

2.3 PODCAST

Surgido em 2004, o termo podcasting foi usado pela primeira vez pelo britânico Ben Hammersley em um artigo no jornal The Guardian. A palavra foi basicamente uma referência ao Pod, se referindo ao iPod da Apple, e broadcasting, que na língua portuguesa pode ser traduzido como radiodifusão (Bonini, 2020).

Esse início ficou conhecido como a primeira era do podcasting. A criação de conteúdos era autônoma, aproveitando a facilidade de não precisar ter um estúdio de rádio. Bastava ter acesso a internet e alguns equipamentos. Muitos faziam podcasts como passatempo. Essas produções se aproximavam das tradicionais rádios piratas, tão comuns no passado.

Desde sua criação, o podcasting evoluiu em duas direções: amadora, sem fins lucrativos, e comercial, com fins lucrativos (um lucro que, como veremos, é quase sempre inexistente, ao menos até 2012). Entre aqueles que usam o podcasting para atividade sem fins lucrativos, há produtores independentes e amadores de programas radiofônicos cujo único canal de distribuição é o podcasting: como ocorria com os entusiastas do rádio antes da emergência da radiodifusão, os piratas das rádios livres europeias (Bonini, 2020, p. 20).

Com o passar dos anos, o podcast se estruturou e deixou de ser apenas uma ferramenta amadora. Essa transição para uma produção mais profissional marcou o início da chamada segunda era do podcasting. De acordo com Tiziano Bonini (2020), a partir de 2012 as produções largaram o amadorismo e ganharam uma face profissional. Assim, o podcast passou a ser um produto lucrativo, seja com patrocínios ou redes de financiamento coletivo. Além disso, houve uma certa migração do rádio tradicional para o formato.

Esta fase, que eu vou chamar de ‘segunda era do podcasting’, se distingue pela transformação do podcasting numa prática produtiva comercial e num meio de

consumo massivo e começa nos EUA em 2012, com o lançamento dos primeiros modelos de negócios que foram capazes de apoiar a produção independente e o consumo de conteúdos sonoro distribuído através do podcasting (Bonini, 2020, p. 13).

Um dos grandes diferenciais é que o podcast é uma nova forma de levar conteúdo para os consumidores, principalmente por se tratar de um produto recente. Essa experiência de áudio não precisava de grandes amarras tecnológicas e o ouvinte podia escutar como e onde quisesse, seja em plataformas de vídeo, no rádio do carro, no Spotify, entre outros.

Tem programa de rádio virando podcast, tem podcast transmitido por rádio, tem até episódios de áudio no YouTube, o que é surpreendente à primeira vista: áudios em um canal criado para ser exclusivo para vídeos. Agora os áudios podem ser ouvidos nas caixas de som inteligentes, no celular, no tablet, e até na TV. Tem programa de rádio virando podcast, tem podcast transmitido por rádio, tem até episódios de áudio no YouTube, o que é surpreendente à primeira vista: áudios em um canal criado para ser exclusivo para vídeos. Agora os áudios podem ser ouvidos nas caixas de som inteligentes, no celular, no tablet, e até na TV (Bontempo, 2021, s.p.).

Diferentemente de uma música tradicional, onde não é incomum que coloquemos para tocar enquanto fazemos alguma outra atividade, ficando em segundo plano e não prendendo a nossa atenção, um podcast já traz uma dinâmica diferente. Você escolheu consumir aquele tipo de conteúdo, por isso, prestará mais atenção e criará expectativas (Bontempo, 2021).

Um dos motivos da popularização do podcast é a sua variedade de temas. Existem programas para diversos tipos de gostos e estilos, como culinária, política, humor, cinema. Além disso, o fato de serem usados fones de ouvido pela maioria dos fãs acaba criando uma experiência única, trazendo uma intimidade e uma imersão maior entre público e produto. “Pode parecer maluquice, mas o uso do fone de fato cria uma experiência singular de intimidade, proporcionando um isolamento, um mundo à parte onde só existe aquele que ouve e aquele que fala” (Bontempo, 2021, p. 21).

O primeiro passo para montar um podcast é definir qual será o seu público e decidir uma tática para alcançar essas pessoas, pensando no que elas gostariam de escutar em um determinado episódio.

De acordo com Bontempo (2021) existem diferentes tipos de podcast:

Podcast solo: nesse modelo há apenas uma pessoa presente em cada episódio. Não há conversa ou entrevistas, por isso, o responsável deve saber desenvolver bem o assunto abordado naquela pauta.

Podcast de entrevistas: esse é um modelo já bastante tradicional de podcast. Esse estilo conta com um apresentador e um convidado diferente em cada episódio. Ele é bastante útil para abordar diferentes tipos de assuntos.

Bate-papo ou mesa redonda: se assemelha a uma conversa entre amigos. Costuma ter entre 1 e 3 apresentadores e o restante da bancada é composto por convidados.

Storytelling não ficcional: esse modelo conta histórias reais, sejam crimes, casos do dia a dia, eventos históricos. Ele mergulha na história de cada personagem, podendo ter um episódio dedicado a cada personalidade ou até mesmo uma temporada completa. Esse modelo traz áudios externos e explicações que façam com que o público realmente entenda sobre o assunto proposto.

Storytelling ficcional ou Podcast Theatre: esse modelo traz histórias fictícias que são contadas como em uma novela ou série. Assim como o modelo anterior, também necessita de um planejamento maior para a produção.

3 OBJETIVO

Este produto midiático, no formato podcast, teve o objetivo de registrar, por meio de relatos, como a ditadura militar se manifestou em Ribeirão Preto entre 1964 e 1985, a partir das experiências de pessoas que vivenciaram esse período.

4 JUSTIFICATIVA

Durante minha trajetória acadêmica, sempre me interessei por como a história, além de marcar o passado, também se reflete no presente, e a ditadura militar é um exemplo disso. Quase 60 anos após o golpe de 1964, o Brasil vivenciou uma nova tentativa de ruptura democrática, com um golpe militar frustrado em 2023. Esse contexto recente evidencia que as cicatrizes desse período ainda são visíveis na sociedade brasileira.

A escolha de focar em Ribeirão Preto justificou-se pela necessidade de resgatar esse fato histórico no contexto local. Este projeto identificou os cidadãos e cidadãs que vivenciaram o período, participaram de ações e movimentos de resistência e profissionais que tiveram suas atividades impactadas pelo regime. Além disso, também registrou os acontecimentos que marcaram Ribeirão Preto nesse período.

A cidade de Ribeirão Preto teve jornalistas, políticos e religiosos perseguidos, além de pessoas torturadas e indivíduos que tentaram, de alguma forma, lutar e fazer suas vozes serem ouvidas. Porém, essas histórias acabam não chegando ao conhecimento do grande público. Este

produto buscou fazer com que os ribeirão-pretanos conhecessem quem foram os cidadãos e cidadãs que, de alguma forma, vivenciaram o regime autoritário entre os anos de 1964 e 1985.

5 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste produto foi necessário realizar um levantamento bibliográfico sobre a ditadura militar, com foco no período compreendido entre 1964 e 1985, em âmbito nacional e local.

Como método de coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com jornalistas, historiadores, vítimas e com familiares de vítimas já falecidas, que compartilharam seus relatos pessoais sobre os acontecimentos da ditadura militar e como isso os afetou.

A pesquisa foi exploratória. O objetivo foi apresentar novos pontos de vista sobre o tema e contar histórias ainda pouco conhecidas. Ao investigar a ditadura militar em Ribeirão Preto, buscamos não apenas compreender os eventos históricos, mas também as experiências de indivíduos.

A abordagem foi qualitativa. Essa abordagem é adequada porque o foco está em entender as experiências pessoais e narrativas dos afetados pela ditadura militar na cidade. A pesquisa qualitativa permite explorar em profundidade as histórias de vida e as percepções dos entrevistados.

A análise qualitativa é menos formal do que a análise quantitativa, pois nesta última seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples. A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação (Gil, 2002, p. 133).

Ainda no âmbito da pesquisa, o primeiro passo foi identificar as fontes. A partir de conhecimento pessoal e de indicações, foram levantados os nomes de personagens que se encaixavam no perfil de entrevistado.

O passo seguinte foi verificar a disponibilidade das pessoas para falar sobre suas vivências no período e realizar as entrevistas.

Para encaminhar as entrevistas, encontramos na definição de Caputo (2006) a técnica indicada ao pesquisador na busca de informações:

A entrevista é uma aproximação que o jornalista, o pesquisador (ou outro profissional) faz, em uma dada realidade, a partir de um determinado assunto e também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou mais indivíduos" (Caputo, 2006, p. 21).

Definidos o objetivo e importância das entrevistas semiestruturadas, o passo seguinte foi a elaboração das questões. Com base na pesquisa bibliográfica e documental, foi necessário formular perguntas que pudessem apurar a história de cada um e entender os acontecimentos em que eles participaram ou presenciaram.

“A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição dos fatos.” (LAGE, 2001, p. 33).

6 DETALHAMENTO TÉCNICO

O podcast “Memórias da ditadura em Ribeirão” teve o objetivo de resgatar histórias de ribeirão-pretanos que vivenciaram a ditadura militar. Os programas foram produzidos com a minha condução, abordando os fatos e os eventos históricos. O produto é composto por seis episódios, com média de 30 minutos cada.

O principal objetivo desse podcast foi evidenciar as histórias de ribeirão-pretanos com ideias opostas ao regime militar e que, de alguma forma, foram prejudicados por ele. Por exemplo, Ribeirão Preto é lar de um dos únicos grupos de esquerda armada nascidos no interior do Brasil, e poucas pessoas sabem disso. A cidade teve torturados, exilados e outras personalidades que, de alguma maneira, tentaram lutar contra um regime opressor. Porém, suas histórias são desconhecidas do grande público, não são ensinadas nas escolas, não estão em livros didáticos e muitos ribeirão-pretanos nem ao menos sabem de suas existências.

Foram escolhidas sete pessoas para serem entrevistadas: três ex-presos políticos, dois jornalistas, o filho de um ex-presos político e um historiador. As gravações e a edição de cada episódio foram realizadas na Rádio Unaerp usando os programas de edição Sound Forge, Vegas e Premiere. Os episódios são aprofundados nas histórias de cada personagem.

O primeiro episódio foi dedicado a Maria Aparecida dos Santos, a Cidinha. Presa e torturada, foi detida em 1969. A ex-integrante da Ação Libertadora Nacional (ALN) ficou encarcerada durante três anos no presídio Tiradentes.

O segundo episódio teve como protagonista Leopoldo Paulino. Ex-líder estudantil e ex-vereador de Ribeirão Preto, Leopoldo foi preso durante um congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) e, posteriormente, por conta das perseguições políticas, se exilou no exterior.

O terceiro episódio teve a presença de dois entrevistados: Vanderley Caixe Filho, filho do ex-líder das FALN, Vanderley Caixe, e Marcelo Botosso, autor do livro FALN: A guerrilha

em Ribeirão Preto. A temática foi contar a relação de Vanderley Caixe com as FALN, grupo guerrilheiro armado que tinha o intuito de derrubar o regime militar.

O quarto programa foi dedicado ao jornalista Álvaro Neto, que relatou como foi exercer sua profissão naquele período e os desafios enfrentados pela imprensa.

O quinto capítulo desse podcast contou a história da única freira presa e torturada durante o regime militar: Maurina Borges. A entrevista sobre o tema foi realizada com a jornalista Matilde Leone.

Leila Bosqueto foi a protagonista do sexto episódio. Ex-integrante das Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN), Leila foi presa na faculdade em que estudava, em Bauru, por distribuir materiais da organização, sendo posteriormente enviada para Ribeirão Preto.

Para cada programa, foi elaborado um roteiro com as orientações necessárias. Esse documento incluía instruções sobre onde inserir os trechos, além de questões e temas que seriam discutidos nas entrevistas. Ele também conta uma breve apresentação do episódio, trazendo uma estrutura clara e envolvente para o ouvinte.

Figura 1 – Logo do podcast Memórias da ditadura em Ribeirão



Logotipo do projeto. Design: Jânio Santos, 2025

Figura 2– Perfil no Spotify Memórias da Ditadura em Ribeirão



Fonte: Spotify Memórias da ditadura em Ribeirão (2025)

Figura 3 - Captura de tela - Perfil Memórias da ditadura em Ribeirão no Instagram



Fonte: Instagram Memórias da ditadura em Ribeirão (2025)

6.1 ENTREVISTADOS

Maria Aparecida dos Santos: Presa em 1969, Cidinha passou três anos encarcerada no presídio Tiradentes. A ex-integrante da ALN foi detida em seu apartamento em São Paulo, quando voltava de uma viagem a Ribeirão Preto.

Abaixo de tapas, ameaças e insultos, Cidinha foi capturada pela Operação Bandeirante (Oban). A jovem, que na militância assumia o codinome Vilma, enxergava pela janela do carro dos agentes o que imaginava ser a última vez em que veria as ruas de São Paulo (Vieira, 2023, p. 87).

Durante o período sob o poder dos órgãos de segurança, Cidinha foi vítima de diversas práticas de tortura, entre elas, choques elétricos, palmatória e pau de arara.

Depois, foi colocada na temida cadeira do dragão. Foi nela que Cidinha se viu mais humilhada. Com o corpo enfraquecido, dores que irradiavam por toda a estrutura física e o emocional abalado, ela não conseguiu controlar a necessidade fisiológica e acabou urinando entre um choque e outro (Vieira, 2023, p. 89-90).

Cidinha conseguiu sua liberdade em 1972, recebendo seu alvará de soltura das mãos de Carlos Alberto Brilhante Ustra, que a ameaçou dizendo que, se voltasse a participar de movimentos semelhantes, a levaria para uma vala comum e a deixaria com a boca cheia de formigas (Vieira, 2023).

Leopoldo Paulino: Começou sua trajetória política como líder estudantil, sendo um dos nomes mais atuantes contra o regime militar na década de 1960 em Ribeirão Preto. Durante o 30º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), realizado em 1968, foi preso por agentes da ditadura. Além da carreira estudantil, Leopoldo Paulino também se exilou e viveu parte de sua vida no exterior. Ele integrou a Ação Libertadora Nacional (ALN), uma das organizações guerrilheiras que combateram o regime militar.

Vanderley Caixe Filho: Vanderley Caixe Filho é filho de Vanderley Caixe, ex-líder das Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN). Seu pai foi preso, torturado e permaneceu cinco anos encarcerado devido ao seu envolvimento com o grupo armado.

Marcelo Botosso: Autor do livro FALN: A guerrilha em Ribeirão Preto, o historiador é uma referência na temática da ditadura em Ribeirão Preto, sendo sua obra utilizada como referência em outros trabalhos acadêmicos. Seu livro narra o surgimento, as ações e a queda do grupo armado de esquerda nascido em Ribeirão Preto.

Álvaro Neto: Jornalista e radialista, Álvaro exerceu sua profissão ao longo dos 21 anos do regime militar. Durante o período, foi preso duas vezes: uma em São Paulo, por trabalhar em uma rádio de apoio ao ex-presidente João Goulart, e outra em Ribeirão Preto, acusado de coordenar uma manifestação de estudantes no centro da cidade.

Matilde Leone: Jornalista e autora do livro *Sombras da Repressão: O Outono de Maurina Borges*. Matilde fez parte de um episódio dedicado a Madre Maurina Borges, ex-diretora do Lar Santana de Ribeirão Preto e única freira presa e torturada pela ditadura.

Leila Bosqueto: Ex-integrante das FALN (Forças Armadas de Libertação Nacional), era responsável pela distribuição do jornal *O Berro* na cidade de Bauru. Leila também foi presa e torturada em Ribeirão Preto, além de viver alguns anos na clandestinidade.

6.2 PÚBLICO-ALVO

O público-alvo desse podcast são os moradores de Ribeirão Preto interessados em conhecer os impactos da ditadura na cidade. O produto também é destinado a estudantes universitários e pesquisadores interessados em política, memória histórica, direitos humanos e história. Além disso, este produto midiático é destinado também a jornalistas, documentaristas e podcasters, já que ele pode servir como referência para futuras produções de diferentes áreas.

7 SINOPSE FINAL

Memórias da ditadura em Ribeirão é um podcast que revisita histórias reais de moradores que viveram os anos da ditadura militar entre 1964 e 1985. A série reúne entrevistas com sobreviventes, familiares de perseguidos políticos e jornalistas para mostrar como aquele período afetou suas vidas.

8 RELATOS DE PRODUÇÃO

Este produto foi desenvolvido quase integralmente nos estúdios da Rádio Unaerp em Ribeirão Preto. Ao todo, foram produzidos seis episódios, que têm entre 30 e 40 minutos de duração. A maior dificuldade na produção desse podcast foi encontrar fontes para entrevistas, principalmente pelo fato de o tema ser uma questão ocorrida no passado. Muitos personagens marcantes da cidade já haviam falecido, já que a temática resgata um acontecimento ocorrido

60 anos atrás. Além disso, alguns entrevistados eram idosos e não poderiam vir pessoalmente aos estúdios. Sendo assim, a entrevista com Leila Bosqueto foi gravada em sua própria casa.

O produto contou com o suporte de Andrei Violante, que deu toda a ajuda necessária para que esse podcast tivesse uma ótima qualidade. Os episódios já estão disponíveis no Spotify e foi criada uma conta no Instagram para aumentar o alcance desse produto midiático.

Produzir um podcast trouxe dificuldade. A primeira, como já citada acima, foi a necessidade de encontrar pessoas que sobreviveram a esse período e que tivessem interesse em me contar suas histórias, já que esse foi um período doloroso para muitos. Dessa forma, recebi negativas de personagens que não se sentiam à vontade para contar que foram vítimas de violência. Outro ponto foi a agenda apertada para a edição. Muitos colegas optaram por produzir podcasts, somando-se ao movimento comum de alunos de outras etapas que também utilizavam os estúdios da rádio, o que fez com que eu precisasse ir em horários alternativos para finalizar esse produto midiático.

Durante a produção desenvolvi amizade com a maioria dos meus entrevistados, com os quais ainda continuo mantendo contato e os atualizando sobre a produção. Por fim, gostaria de prestar minhas mais sinceras homenagens ao jornalista Álvaro Neto, protagonista do quarto episódio desse podcast. Álvaro faleceu algumas semanas após gentilmente me conceder a entrevista. Desejo minhas mais sinceras condolências à família e amigos e agradeço novamente por todo o suporte dado durante a construção desse produto.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar como a ditadura militar se manifestou em Ribeirão Preto, a partir de relatos de pessoas que vivenciaram, de diferentes maneiras, o regime instaurado entre 1964 e 1985.

Ao reunir os depoimentos de pessoas que foram diretamente afetadas pelo regime militar, o podcast “Memórias da ditadura em Ribeirão” buscou registrar relatos que, mesmo sendo essenciais para a compreensão histórica da cidade, ainda não eram de conhecimento geral dos ribeirão-pretanos e nem estavam presentes em livros didáticos, sendo ainda pouco abordados nas pesquisas acadêmicas.

Ao longo das entrevistas, ficou claro que a ditadura militar exerceu um impacto na vida de todos os personagens abordados, mesmo que de intensidade e maneiras diferentes. As entrevistas mostraram casos de extrema violência física, como choques elétricos e agressões, ameaças de morte, silenciamento e prisões.

O objetivo geral da pesquisa, mostrar os movimentos que marcaram a ditadura militar em Ribeirão Preto através do relato de pessoas que foram de alguma forma prejudicadas pelo regime, foi alcançado. Esse produto mostrou que, assim como tantas outras cidades, Ribeirão Preto também teve pessoas presas, torturadas, estudantes perseguidos e pessoas que foram afetadas negativamente por um regime autoritário. Esse produto midiático cumpre o papel de resgatar e preservar a memória histórica da cidade.

A pesquisa mostrou como é complexo emocionalmente a reconstrução dessas lembranças. Enquanto alguns personagens demonstraram grande disposição em contar as experiências passadas durante o período, considerando que era de grande importância que as novas gerações soubessem tudo o que eles sofreram pelas mãos do Estado, outros já se mostraram mais reservados em tratar desse tema espinhoso, alegando que as experiências vividas naquele tempo os marcaram profundamente e que não se sentiam à vontade em relembra-las.

Embora esse podcast reúna relatos significativos, é claro que ainda existem outras histórias na cidade que poderiam ser contadas, o que abre espaço para novas abordagens no futuro a partir de novos depoimentos e novas fontes.

Por fim, conclui-se que a ditadura militar deixou marcas em Ribeirão Preto; ao registrar essas histórias e dar voz a essas narrativas, esse podcast contribuiu para a construção da memória histórica da cidade. Além disso, reforça o papel do jornalismo como um instrumento de preservação histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONINI, Tiziano. **A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo**. Tradução de Marcelo Kischinhevsky. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 1, p. 13–32, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315/3404>. Acesso em: 11 abril 2025.
- BONTEMPO, Renato. **Podcast descomplicado: crie podcasts impossíveis de serem ignorados**. 2. ed. Patos de Minas, MG: Edição do autor, 2021.
- BOTOSO, Marcelo. **A guerrilha ribeirão-pretana: história de uma organização armada revolucionária**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2001.
- CANEIRO JÚNIOR, Milton Carneiro Junior. **História política e econômica da ACI de Ribeirão Preto - 1945 a 1970**. In: **1904-2004: um espelho de 100 anos**. Ribeirão Preto: ACIRP - Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto, 2004, p. 199-209.
- CAPUTO, Stela. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. São Paulo: Editora Vozes, 2006.
- CODATO, Adriano Nervo. **Uma história política da transição brasileira: da ditadura militar à democracia**. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 25, p. 83-106, nov. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/yMwgJMTKNWTwGqYTZMZcPhM/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- DELGADO, L. de A. N. **O governo João Goulart e o golpe de 1964: memória, história e historiografia**. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 28, p. 123-143, 2010.
- GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. 1. ed. São Paulo: Editora Abril, 2002. (As Ilusões Armadas).
- GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. (As Ilusões Armadas).
- GESTEIRA, L. A. M. G. **A Guerra Fria e as ditaduras militares na América do Sul**. *Scientia Plena*, v. 10, n. 12, 2014. Disponível em: <http://www.scientiaplenua.org.br>. Acesso em: 22 mar. 2025.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MARIGHELLA, Carlos. **Manual do guerrilheiro urbano e outros textos**. 2. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1974.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5**. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 38, p. 2018.

PAULINO, Leopoldo. **Tempo de Resistência**. 5. ed. São Paulo: Editora Oswaldo Cruz, 2001. 336 p.

VIEIRA, Larissa Kelly Costa. **Libélula: relatos de resistência à ditadura militar em Ribeirão Preto**. 2023. 114 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2023. Disponível em: <https://jornalismounaerp.com.br/wp-content/uploads/2024/03/VieiraLarissa-Kelly-Costa-trabalho-de-conclusao-de-curso-de-JORNALISMO.pdf> Acesso em: 5 maio 2025.

WALKER, Thomas Woodley; BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **Dos coronéis à metrópole: fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX**. São Paulo: EV Indica, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Maria Aparecida dos Santos (Cidinha)



ROTEIRO DE CAPTAÇÃO: GRAVAÇÃO MARIA APARECIDA DOS SANTOS (CIDINHA)		
DATA: 21/05 - QUARTA-FEIRA	HORÁRIO: 15H	DURAÇÃO: 40 MINUTOS
SIGLAS: TÉC. = TÉCNICA LOC. = LOCUTOR VH. = VINHETA		
APRESENTAÇÃO: VITOR HUGO BAPTISTA DE SOUZA		

TÉC: VH - ABERTURA

LOC.: Ouvinte imagina ser preso aos 22 anos, acusado de fazer parte de uma organização terrorista em uma época em que, durante a prisão, praticamente nenhum dos seus direitos era respeitado. A nossa convidada é Maria Preciado dos Santos. A Cidinha viu isso na pele há mais de 50 anos atrás. Cidinha, muito obrigado pela presença e seja muito bem-vinda.

LOC: Quando tem o golpe militar lá em 64, que setores da cidade você percebeu que apoiaram esse movimento, sabe? Quem apoiou, quem financiou de alguma forma, quem teve motivos para comemorar depois que foi instaurada a ditadura?

CIDINHA: Eles foram os de sempre. Foi da classe dominante, foi dos fazendeiros, foi dos grandes comerciantes, foi da pequena burguesia, chamar assim. O mundo bancista, os bancos, até bancários às vezes apoiou, sabe? E também as pessoas que moravam nos bairros. Tinha gente no bairro que nós moramos na época, lá no Campos Elíseos, que batia palma para o golpe.

LOC: E, fugindo um pouco do assunto agora, uma história curiosa que quando eu estava preparando as perguntas eu vi. Fala um pouco para a gente sobre o caso da visita do embaixador americano Lincoln Gordon aqui.

CIDINHA: ah, sim. Quem te contou essa história, hein?

LOC:— Ah, eu pesquisei.

CIDINHA: — Ah, você pesquisou?

E quase ninguém sabe disso, quase ninguém sabe, mas eu sou protagonista, então não vou esquecer.

Foi assim. Então, nós começamos, os meninos da medicina ficaram sabendo que o Lincoln Gordon ia vir a Ribeirão. Aí reuniu esse pessoalzinho que estava reorganizando o partido. Aqui em Ribeirão, na região, eles vieram e pegaram. Então, meu pai, o Irineu, isso tudo eu sei porque foi dentro da minha casa.

Então, eu já tinha, eu já estava militando, eu já estava ali com, não sei se eu tinha completado 18 anos ou não, não. Eles ficaram sabendo que o Lincoln Gordon ia vir a Ribeirão Preto no dia 20 de abril de 1965. Então, ele ia vir no dia 20 de abril. Mas ficou sabendo muito em cima. Só que nós nos mobilizamos e vamos fazer alguma coisa. Tem que fazer alguma coisa. Não pode deixar passar. Saímos papai e o Marietto. O papai tinha um caminhãozinho que ele põe a máquina de taco dele em cima. E eles foram para o mato cortar grama. Essas gramonas, esses matos.

LOC: Capim?

CIDINHA: É Cortar a grama, o capim. E aí a minha mãe, eles saíram, compraram pano, compraram tinta. E aí, na minha casa mesmo, lá na João Clape, a minha mãe fez, acho, cinco bonecos. Cinco bonecos. E eles fizeram também um cabide, que eles fizeram um dispositivo nesse cabide, amarrava a linha, o cordão, e jogava no fio da rua. E aí era só dar um puxãozinho, só assim, de leve, né. Caía, ficava pendurado sem cair. A gente ainda era molecada, que fazia aquilo brincando, rindo, né?

LOC: Vocês escreveram? E aí o boneco deu uma mensagem?

CIDINHA: Aí nós escrevemos assim: “Go home, Mr. Gordon.” E depois embaixo colocaram, para quem estava lendo: “Vá embora, vá para casa, Mr. Gordon.” Então, porque ninguém ia ler o inglês lá, né? Go home, o que significava?

Meu pai fez uns lápis de cera, assim, bem grosso, né? Parecendo uma banana, ou mais grossinho que uma banana, e ele fez com cera de encerar a casa. Mas foi tudo muito corrido. Fez num fogão a gás lá da minha mãe, e isso foi distribuído para o pessoal, para aqueles grupos que saíram já planejados para onde iam jogar, porque em Ribeirão Preto não tinha tanta saída assim, do jeito que tem. Tudo tem saída para a estrada e tudo. Era tudo um pouco mais... era menor, Ribeirão Preto, em termos de avenidas e tudo.

E os caras que iam ficar com os bonecos, eles ficaram do meu tamanho, os bonecos, eles ficaram do meu tamanho os bonecos.

LOC: Nossa, ficou grande.

CIDINHA: Ficou grande. E eles puseram na porta da delegacia. Aí já não deu jeito que tinha alguma coisa que eles colocaram em outro lugar. Eles distribuíram esses bonecos para onde tinha que distribuir.

E aquele grupo que saiu para jogar esses cartazes... não era cartaz, era uma coisa bem-feita de pauzinho, aquela ripinha, para escrever “Go home Mr. Gordon”, de um lado e outro.

E assim, na Antártica, sabe, nas paredes, todo lugar que, as pessoas passavam ou de ônibus, ou de carro, ou a pé, ou de bicicleta, estavam vendo. Até pouco tempo, tinha essa coisa aqui no bosque. Ali tem uma pedreira no bosque, que escreveram lá na pedra. A pedra parecia mesmo uma parede, com o nome Mr. Gordon.

LOC: E, Cidinha, então, vamos para a próxima pergunta? Eu queria saber o que te fez entrar na ALN, Ação Libertadora Nacional. O que você aprendeu lá? Você aprendeu a manusear uma arma? Como foi o seu período lá dentro?

CIDINHA: Então, eu fui para a ALN porque havia uma discussão no partido. Veja bem, você vive num momento, e você é um militante, e você vê a África inteira, quase, com lutas de libertação nacional, eram colônias mesmo até aquele momento. E ver a América Latina,

começando com o movimento guerrilheiro, já tinha acontecido a Revolução Cubana. A Revolução Cubana foi muito grande pra gente como ideal, como o que eles fizeram, aquela ilha. Então, a Revolução Cubana influenciou muitos de nós.

Em 1967, ia ter o Congresso do Partido. Então, nós estudamos as teses que o Comitê Central distribuiu para o Brasil inteiro, as teses, e ali nas teses eles não davam muito valor à questão da luta armada como forma de luta pra tirar os Estados Unidos que não fazia de nós uma colônia como ele faz de outros países, mas eles nos colonizaram com competência. E aí eles expulsaram o Marighella e já estava sendo formado, a nossa posição aqui, a gente também saiu. Nós saímos, nós não fomos expulsos. Nós saímos.

Mas nós saímos e fomos junto com Marighella, Joaquim Câmara Ferreira, Mário Alves, sabe? Esse pessoal e outros formamos uma organização sem nome. Quando queríamos fazer um documento e falar sobre ela, colocávamos assim “a organização”. Não tinha um nome, só que esse nome veio logo, que foi a ALN.

LOC: E nesse período na ALN, você aprendeu a pegar em armas, a planejar ações?

CIDINHA: Não precisou nem ter esse começo, porque aqui em Ribeirão Preto a gente já fazia. Sabe? Já fazia. Um pessoalzinho do partido ali, comprando armas...

Então, aprendi a atirar, sim. Aí depois aprendi a atirar com metralhadora, com fuzil FAL, sabe? Aprendi, mas sabe que eu não gosto de arma, sabe? Mas pra mim, pegar uma arma daquela, eu ficava assim muito, sabe? Tinha que montar, desmontar, aprender essas coisas que tem que fazer mesmo, qualquer um tem que fazer isso, montar... O cuidado que tinha que ter com a arma, sabe? Não distrair quando tiver com a arma na mão.

LOC: E você foi presa em 1969 pela OBAM.

Cidinha: Eu fui presa.

LOC: A Operação Bandeirantes, para quem não conhece a sigla. E eu queria que você me contasse como é que foi essa prisão. Você chegou no seu apartamento em São Paulo e os agentes estavam lá. Como é que foi esse momento?

CIDINHA: Foram presos dia 24 de setembro de 69. Alguns companheiros. Então, nesse apartamento que nós estávamos, caiu um rapaz, um companheiro. Ele foi preso, a gente falava “caiu”. Ele tentou fugir e foi baleado na Avenida Paulista. Aí nós ficamos sabendo, não é? E saímos do apartamento, desse apartamento, que estava eu, a Cristina, a Lola, e o Jorge, que é esse que foi baleado.

E aquilo foi assim, ó: “vamos sair, vamos sair, vamos sair, vamos sair”. E eu vim para Ribeirão Preto. Vim trazer tudo o que estava acontecendo em São Paulo. As coisas que estavam acontecendo e tal. Só que na segunda-feira eu tinha que voltar. Bom, aí eu chego lá. Cheguei às seis horas da tarde. A hora que eu entrei, eu entrei e tinha um cara vendendo umas coisas, assim, de carnê, mas era assim. Já estava para acender as luzes, porque estava meio escuro. Ele ali na esquininha do apartamento, o próximo passo era a entrada. Aí ele, eu achei aquilo estranho, porque eu fiquei lá uns três dias, não via aquilo, né? Eu vi assim, tinha um homem com um chapéu, conversando com ele, um tipo, eles, São Paulo usava paletó e tal, e um chapeuzinho coco, assim, na cabeça, com um cachorrinho. Aí eu entrei, a hora que eu pus o pé no elevador, eu desconheci tudo. Eu falei: “Estou entrando no lugar errado, estou pegando errado.” Aí eu subi. Quando eu cheguei, eu não reconheci. Assim, aí eu descí. Desci e fui olhar o número do prédio. E a hora que eu descí, aí eu descí, era lá mesmo. Aí eu cheguei e toquei a campainha. Toquei a campainha. Aí abriu a janelinha. Aí eu falei: “Caramba, não é aqui mesmo.” Mas eu falei: “Nossa, eu acho que eu vou presa.” Pensei assim: “Caiu, caiu”, pensei isso. Aí o cara abre a porta e me pega por aqui e me joga no sofá. Eu fui. No sofá, bati os joelhos, assim, no sofá. Aquilo doeu muito também. E só não estatelei na parede porque eu caí em cima do encosto. E caí sentada no sofá, mas caí no chão. Aí ele me levantou. Aí já me levantou pelo cabelo, né? E aí é pancada de cá, pancada de lá. Mas isso, nisso, o que ele fez? Que ele abriu a porta, o homem do cachorrinho estava subindo e cumprimentou e falou assim: “Deu certo?”

LOC: Estava disfarçado.

CIDINHA: É. E ele morava ali juntinho com aqueles companheiros, e eles não sabiam que aquele homem era da polícia, que era do DOPS.

LOC: Um informante ali.

CIDINHA: É, que estava lá. Não, mas acho que era morador mesmo, sabe? Mas eles não sabiam. Fazia pouco tempo que eles estavam morando ali. Todos trabalhavam, as pessoas da casa trabalhavam, né? Chegava a conversar, quando encontrava, porque descia no mesmo andar, que era o segundo andar. Mas daí vai, vai, vai. Eu fui levada para a Operação Bandeirantes.

LOC: E nesse período que você ficou sob a custódia deles, é um assunto delicado, mas eu preciso perguntar sobre torturas.

CIDINHA: Sim, sim, sim.

LOC: A senhora foi torturada lá?

CIDINHA: Sim, eu falo tudo. Não posso negar de falar para as pessoas saberem o que é que eles fazem e o que seria, o que teria sido se esse golpe tivesse dado certo. Então, saindo de lá, desse prédio, eu já fui para a Operação Bandeirante. A Operação Bandeirante não tinha 20 dias que ela tinha sido criada. Então, eles eram de uma brutalidade, assim, e continuaram sendo sempre, né? E aí, eu já fui algemada, né? Eu peguei minha mala, que estava lá, eles já puseram quando eu cheguei, tudo, e esperando, né? Tinha o meu passaporte, estava lá dentro, também. Meus títulos de eleitor estavam lá dentro, porque eu não era clandestina. Então, eu podia andar com o meu nome. E aí, de lá, me levaram para a Operação Bandeirante. Eu cheguei lá, devia ser mais ou menos umas sete horas da noite. Porque estava de noite já, a viatura já estava. E de lá foi só pancada, só me levar para começar a fazer as perguntas e me levar para uma salinha, a hora que eu entrei. Porque quando eles ligaram, porque na casa que eu estava, eles já ligaram da casa que eu já tinha, que já estava me levando.

Eu tinha o nome de Vilma. Eles me falavam assim, a Vilma já está aí. Já vamos com a Vilma. Falou meu nome, meu codinome. Já estamos levando. E aí eu Só aquela coisa ali, eu falei, nossa, eu vou chegar lá, o que será que me espera, né? Só a recepção de entrar dentro da casa, você te jogar, se não tivesse lá o sofá, eu ia me estatelar lá numa parede. E aí foi interrogatório. Interrogatório, e que isso, você sabe disso, você sabe daquilo, não, não sei. E a pancada ia de algemada, com as mãos para trás. E aí, o interessante é que quando eu desci, que eu olhei assim, que saí da viatura, que os caras que estavam, eu fui com dois, dois investigadores aqui do lado e três lá na frente, o motorista e mais dois. E dois aqui, porque um ficou aqui na porta,

o outro ficou aqui e eu fiquei no meio. E aí eles me desceram, porque eu já cheguei lá com as mãos para trás. E eu olhei assim, mas foi só saindo homem. Eu acho que uns 20 homens lá dentro naquele momento, sabe? E eles ficaram assim, a hora que eu saí de trás do carro, assim que eu ganhei o cimentado que tinha ali para entrar, eles ficaram me olhando, me olhando, um olhava para o outro, outro olhava para o outro. Eu, magrinha, eu tinha 42 quilos, cabelo comprido, usava óculos. E aí, eu acho que eles assustaram, acho que eles pensaram que ia chegar uma mulher assim, né? Uma mulher bem mais alta, bem mais cheinha, assim, cabelo, né? Aquela coisa, eu tinha, assim, uma aparência de ser menor de idade.

Sabe? A fisionomia.

LOC: E você tinha quantos anos?

Cidinha: Aí eu tinha 22 anos. Mas eu tinha um rosto assim, meio que.

LOC: Infantil.

CIDINHA: E aí eu falei, nossa, fiquei pensando pra mim, né? Mas numa hora dessa, eu seguro a respiração e controlo meu coração. Acabo com a taquicardia num minuto, sabe? Porque eu vou te falar, é difícil porque eu já entrei banhando, como é que vai ser lá dentro, né? E aí eles me puseram lá numa salinha e o cara sentado lá pôs três cadeiras, tinha um comandante, porque eu não sei o nome deles, de jeito, até hoje. Só alguns, só dois, porque eles se chamaram pelo nome próprio. Eles se chamavam de Magalhães ou Guimarães. E está longe de ser, esses nomes não eram deles, porque aí eu fiquei, né?

Bom, ficou ali o comandante, dois, e encheu de homem. que fizeram um círculo em meu torno. Eles não fizeram, é uma espécie de corredor polonês, só que não comprido, mas redondo, que eu não sei essa circunferência que eles fazem. E ali eles me perguntavam as coisas, eu falava que não sabia, me ameaçavam. Dava tapa no rosto, puxava meu cabelo, me chutava, me jogava no chão. Você já imaginou você cair assim? Isso aqui.

LOC: Meu Deus.

CIDINHA: Eu tive um problema assim aqui na bacia, sabe? Que eu achei que eu tinha quebrado, mas não quebrei, né? E aqui o ombro, os ombros. E aí eles, quando eu falava não

sei, eles me enchiam de tapa nos ouvidos, assim, que chama telefone, sabe? Então, eles batem assim, ó, com força e puxa.

Aquilo, eu ficava tontinha, tontinha, tontinha, aquilo dava uma dor no ouvido, assim, sabe? Depois me pegava, os que estavam atrás de mim, me pegava pelos ombros, aqui, esses dois músculos, eles pegavam com esses dedos aqui, puxavam o músculo para cima e depois soltavam. Ah, é, eu não sei, né? Então, essas coisas aqui eu não posso nem falar que é, mas eu nunca mais tive esse ombro.

LOC: Ficou uma sequela, né?

CIDINHA: É, ficou ali, porque quando eu caí, eu caí com o ombro, bati isso aqui no chão, e aqui também começou a doer, doía, doía, doía. Não quebrar, não quebrei. E aí vai, vai, vai, e eles, e eu falando não, não, não, não, não sei, não sei. Aí quando eles me faziam uma pergunta, eu respondia.

Aí eu passei a ver que tinha uns sem-vergonhas ali, que queriam aparecer para o chefe. O chefe perguntava, eu estava tentando responder. Eu não estava respondendo como eu queria. Não sei se eles faziam algum sinal para o outro. Ele já cortava o que eu estava falando e eu não respondia o que o outro estava. Eu achei isso assim. A pergunta do outro tinha, ele jogava verde para colher maduro. Porque se ele conta uma história e eu entro nela, eu ia contar, falar assim, fulano falou, fulano falou, e eles não tinham falado. Então, é o jogar verde para colher maduro, porque se fala, se fala, não, esse dia falou, então eu vou falar, vou falar. Aí, se você começar a falar, aí já vem outra coisa.

Eu sei que não tinha muita coisa a meu respeito, só isso. E aí a gente vai da cumplicidade também com os companheiros, quando a gente dá uma dica, assim, na hora da acareação. Só que todo mundo apanha junto, viu? Os caras que estão respondendo, os companheiros que estão respondendo, eu que estou segurando, sabe? E aí a gente batia, batia no ouvido, soco no ouvido, soco no estômago. Eu vomitei umas três, quatro vezes de soco no estômago, porque eu fazia assim. E aquilo ainda estava

LOC: Algemada.

CIDINHA: Com as algemas. Fazia assim. Caía muco, porque quando eu cheguei de Ribeirão Preto, eu almocei, mas a minha digestão já estava feita, tá tudo. Caía muco lá, assim. Então, eles esperavam e aí me chutavam no chão, me pegavam pelo o cabelo aqui, nunca vi isso. Quando eles me levantavam, eu chorava, mas eu não estava chorando, saía lágrimas dos olhos. Você vê, é uma técnica do cabelo, sabe? Depois eu fiquei sabendo, a gente contava assim, eles têm essa técnica, eles sabem. A lágrima vem. E você não está chorando.

LOC: Mesmo involuntário.

CIDINHA: Se eu comesse a chorar ali, eu ia me fragilizar. Eu não chorei. Ali dentro, não chorei. E aí, vai, é soco. É isso, é aquilo. Te tratando assim. Tira a roupa.

LOC: Sério?

CIDINHA: Sério. Aí falou assim, o cara que estava mandando. Tira a roupa. Tira as algemas dela. E ele tirou. Aí, tira a roupa. Não tiro. Não, antes disso. Teve um que encostou e começou a me passar a mão nos seios.

LOC: Nossa!

CIDINHA: Levantar minha blusa. Minha blusa já estava por cima da saia. E já começou. Ela era de manga comprida e eu fiz isso com ela. Quando eles me prenderam lá.

LOC: Dobrou a blusa.

CIDINHA: Eu dobrei a blusa e fui assim. E aí ele me pega por aqui, isso era uma blusinha assim bonitinha, branca, que minha mãe tinha feito e o botão dela era coberto, né? Aí ele pega, me encosta, me encosta e pega, enfia a mão por aqui. Eu não tinha como fazer isso.

LOC: Não tinha defesa nenhuma.

CIDINHA: Eu só fiz assim com o corpo.

LOC: Esbarrou nele.

CIDINHA: Eu esbarrei nele. Aí ele tirou, tirou a blusa, depois tirou o sutiã, tirou a minha saia, tirou a minha calcinha. E eu ali brigando, brigando. Aí eu dava a cotovelada. Aí eu dava a cotovelada, sabe?

LOC: Te torturaram nua, então.

CIDINHA: Hã?

LOC: Eles te torturaram nua, então, também.

CIDINHA: Nuazinha. E aí eu fui e eu queria muito, muito, muito que eles errassem a mão e me matassem. Porque se eles estavam fazendo tudo aquilo naquela hora, o que eles iriam fazer comigo? Quais as outras técnicas de tortura que eles iriam me aplicar? E tanto é, o tanto que me bateram, que lá no DOPS, a Nair, quando foi me dar o primeiro banho, ela falou que eu estava com o corpo todo roxo. E eu não falava, não falava. Eu falava assim, chama o comandante, um coronel.

Bom, ele falou assim, você não quer ajudar, né? Então, eu já vou me retirar. Saiu, aí que começou. Eu fui para a cadeira do dragão, nua.

Essa vagabunda, essa rameira, sabe? Essa bandida, essa terrorista, sabe?

Eu estava com medo do estupro, porque eles faziam aquela roda para ficar lá. E eu estava com medo. Estava com medo. Porque a gente falava curra na época. Bastante gente tentando ser, violentando a pessoa, tendo relação com a pessoa.

LOC: Meu Deus.

CIDINHA: Com a mulher ou com o homem, pode ser também. Aí eles me puseram na cadeira do dragão.

Eu sentei nessa maquininha, põe os braços assim, eles te amarram aqui, te amarram aqui e põe seus pés. Desse jeito aqui,

LOC: Dobrado.

CIDINHA: E passa um sarrafo dessa grossura que prende a sua perna e eles amarram a sua perna ali nesse sarrafo e na sua perna. E você não tem jeito de mexer.

E aí esse moço, esse cara, ele pega e vai levando o dialzinho, uma espécie de fio. Ele vai andando assim e o choque começa. começa ali e vai aumentando, aumentando, aumentando. Quando ele chega no final do rádio, eu vou falar que é rádio, parece um rádio,

LOC: Do aparelho.

CIDINHA: daquele rádio antigo, assim, aquele fio, ele volta, ele volta, e aí, quando acontecia isso, até chegar lá, eu ia deitando assim, só que eu não chegava até meu joelho. Eu chegava com a cabeça até a altura de onde minhas mãos estavam amarradas. E aqui assim, eu ia indo com aquele choque, aquele choque, aquele choque, e aí eu grito. Aí eu grito não, sei lá, falava lá, lá, lá. Aí quando ele terminava, lá no final, ele trazia, assim de soco. Era jogada para trás na cadeira.

LOC: Meu deus.

CIDINHA: Aí ele fazia de novo. Eu nem que estava acabando assim. Eles fizeram isso muitas vezes, muitas vezes. Não foi cinco nem seis vezes. Eu acho que fizeram isso umas quinze vezes. E eu comecei a sentir vontade de fazer xixi. Eu estava preocupada que eu não ia aguentar, e ia fazer xixi perto daquele monte de homem. E a vergonha. E aquilo, eu fui, quando eles davam o choque, eu ia assim, ia falar, aguente, aguente um pouquinho mais, né? Aí fui indo, mas daí a pouco, eu não precisei aguentar. O organismo

LOC: Liberou.

CIDINHA: Libera. Aí eu fiz xixi. Aí um filho, um, ia falar.

LOC: Pode falar.

CIDINHA: Não. Aí um, um, um outro cara que estava lá na porta, olhando isso, ele falou assim, olha a mijada que ela deu. Ah, isso aí o mundo acabou para mim. E os outros ficaram caladinhos. Debocha, debocha. Eles debocham.

Depois, aí, a hora que esse cara fala, olha a mijada que ela deu, eu falo, tira ela, vai pro pau. Aí eu fui pro pau de arara.

LOC: Nossa.

CIDINHA: Fui para o pau de arara, não sei se eles estavam muito cansados. Eles não me deixaram muito tempo no pau de arara, mas me deram choque, choque, choque. Pancada, chegar, espancar, bater assim, que a gente está completamente à disposição deles para bater aonde for. E passar a mão, passar a mão, passar a mão, passar a mão na virilha.

Me puseram na cadeira, que eu estou te falando, e aconteceu isso.

Eu deixei ele pôr nas minhas pernas lá, não fiquei batendo nele e chutando. Pus o pé no joelho dele e tal, assim. E eu fiz isso. Eu queria mesmo que eles acabassem ali comigo, porque eu já tinha experiência da noite anterior.

Quando eu comecei com essa reação, eles falaram assim, tira, vai para o pau agora, tira da cadeira, vai para o pau. Por quê? Porque quando eu fiz isso, eu tirei e fiz assim, vi o rosto de todo mundo. Aí ele falou assim, essa filha da puta. Viu todos nós aí, ela está vendo o rosto nosso. Aí que veio essa coisa de me mandar de novo para o pau de arara.

LOC: Uma punição.

CIDINHA: Mas era tudo juntinho, uma coisa com a outra. Aí, esse dia, eu desmaiei. Acordei, né? Mas, olha, eles foram, foram, foram até me desmaiar no pau de arara, com só o choque elétrico e batendo, um chegava por aqui, pegava a minha cabeça, levantava, depois batia no rosto e me jogavam.

E no quinto dia que eu saí de lá, eu ainda fui para a cadeira do dragão. Porque não tinha condição deles me pôr um pau de arara mais. Minhas mãos, palmatória, você nem imagina. Minhas mãos, eu não pegava nada. Fiquei, saí de lá, cheguei no DOPS com as mãos ainda inchadas. Olha, ia cinco dias para as mãos desinchar, sabe?

E depois fui mandada para o DOPS. E dali pra frente as mesmas barbaridades que fizeram com a gente no DOPS também. Eu fiquei quatro meses incomunicável.

LOC: E, ao todo, a senhora ficou três anos presa, não foi?

CIDINHA: Três anos e três meses.

LOC: E recebeu a alvará de soltura das mãos do Ustra, né? Carlos Alberto Brilhante Ustra, reconhecido nacionalmente por ser um torturador.

CIDINHA: E o Ustra, só vou te falar isso, eu fui para sair e ele falou assim para mim. Olha, você está saindo, mas eu vou te falar, por mim, você apodrecia, morreria lá numa prisão. Desse jeito, na prisão, tá. E outra coisa.

O alvará assim e ele fazia assim para eu olhar para o alvará. Eu vi o alvará, eu vou te falar só o seguinte, você vai sair, mas se você cair na besteira de ligar, se ligar que era nossa linguagem, se ligar com seus companheiros, seus colegas, eu não tenho colegas, seus companheiros, ele corrigiu, eu lembro direitinho, você não vai ter uma segunda vez, você não vai ter uma segunda chance. Você vai ficar caída na calçada com a boca cheia de formiga.

LOC: E para a gente encerrar. Cidinha, se fosse para você deixar um recado para essa geração mais jovem, os jovens que já nasceram na democracia, o que você deixaria sobre o que é uma ditadura para quem não viveu um regime como esse?

CIDINHA: Olha, eu diria, como eu faço, quando estou fazendo uma palestra para jovens, ou até outra, não precisa ser tão jovem também, quem está assistindo, que procure se informar, procure estudar e se informar. Eu mostro para eles e conto tudo o que eu sofri e conto o que eu vi os outros sofrendo, sabe? E esses filmes aí que estão passando, eles passam, assim, sabe?

LOC: Superficialmente.

CIDINHA: Não, eles passam muito pouco essas coisas, porque acho que choca as pessoas, sabe? Aquelas coisas de estar lavando o banheiro, na sala, porque tem muito sangue, sabe? Então, e assim também, eles mataram um companheiro naquele dia que eu fui presa de manhã. Eu fui presa à tarde, como eu te falei, à noite quase. Ele lutou com eles, ele ficou na

sala de tortura, ele foi deixando a marca dele todinha na parede, porque não era uma parede, era uma divisória. E essa divisória era dessa cor assim.

LOC: Clarinha ou branco?

CIDINHA: Não era branca, era um cinzinho para o branco. Ali ele foi batendo, na hora que eu estava entrando, eu olhei tudo e olhei no chão. Tinha uma poça assim, debaixo do pau de arara. Era a cabeça dele que escorria o sangue.

LOC: Nossa.

CIDINHA: E pingava do tiro que ele levou. E ele falava assim, está olhando isso aqui? Vai acontecer com você igual se você não quiser colaborar.

LOC: A senhora ainda tem contato com as colegas da época? Eu sei que a senhora ficou presa com a ex-presidente Dilma Rousseff. Tem contato com o pessoal ainda? Se vê de vez em quando?

CIDINHA: Não, com ela não. Com ela, quando ela saiu, ela saiu primeiro do que eu. Ela entrou depois de mim. Ela entrou lá em março de 70 no presídio.

LOC: Tiradentes.

CIDINHA: Ela entrou lá em março, acho que 3 de março de 70. Tem um documento em casa que mostra quando nós entramos. E eu já estava lá seis meses. Setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março, né. Completando seis meses, contando as beiradas dos meses que ficam para trás. E ela, coitada da Dilma também, né? Todo mundo, sabe? Então, eu fico pensando. Ela era muito... muito alegre, sabe assim? Mesmo com as coisas, ela ria muito, sabe?

LOC: Mesmo com todo aquele inferno.

CIDINHA: É, ela ria.

LOC: Cidinha, muito obrigado pela gentileza de me atender, de abrir esse podcast, de ajudar nesse trabalho. E só queria te agradecer mesmo, muito obrigado.

CIDINHA: De nada, tá? Então, eu deixo aqui uma lembrança, uma memória e uma homenagem a todos aqueles que se foram, todos aqueles que foram... que morreram e ninguém sabe onde estão os desaparecidos.

Então, quando eu dou uma entrevista, quando eu recebo uma homenagem.

LOC: É em nome de todos eles.

CIDINHA: Todo mundo, sabe? Porque ninguém faz nada sozinho.

TÉC: VH - ENCERRAMENTO

APÊNDICE B - Leopoldo Paulino



ROTEIRO DE CAPTAÇÃO: GRAVAÇÃO LEOPOLDO PAULINO		
DATA: 26/06 - QUINTA-FEIRA	HORÁRIO: 15:30 H	DURAÇÃO: 30 MINUTOS
SIGLAS: TÉC. = TÉCNICA LOC. = LOCUTOR VH. = VINHETA		
APRESENTAÇÃO: VITOR HUGO BAPTISTA DE SOUZA		

TÉC: VH – ABERTURA

LOC: Ouvinte, e se de repente você fosse forçado a abandonar tudo? Deixar de uma hora para a outra sua casa, sua família, seus amigos, abandonar a sua língua, sua cultura e a sua própria história. Tudo para salvar a própria vida! Foi exatamente isso que viveu Leopoldo Paulino, militante perseguido pela ditadura militar. Ele precisou deixar tudo para trás em busca de sobrevivência. Leopoldo, muito obrigado por aceitar o nosso convite e seja muito bem-vindo.

LEOPOLDO PAULINO: Eu que agradeço você ter me convidado e a gente ter a chance de falar sobre o período da ditadura militar, sobre a liderança estudantil, sobre a guerrilha.

LOC: E eu queria começar perguntando. Sobre o seu interesse por política, ele começou desde muito jovem, teve alguma influência dos seus pais. Desde criança, tive muita influência dos meus pais.

LEOPOLDO PAULINO: Desde criança, e muita influência dos meus pais eram comunistas e, dentro de casa, eu aprendi. Comecei a ler muito cedo. Houve o golpe militar, eu tinha 13 anos, mas eu já tinha um conhecimento político bem grande. Sabia do que se tratava, sabia o que isso ia representar para o Brasil.

LOC: No seu livro, você diz que você acordou com febre no dia do golpe. Eu achei sensacional.

LEOPOLDO PAULINO: 40 graus.

LOC: Sem nenhuma doença aparente, nada.

LEOPOLDO PAULINO: Não, o médico não tinha nada palpável, visível, era uma questão emocional mesmo.

LOC: Já estava pressentindo. E logo em 1964 tem. O golpe, como era o clima em Ribeirão Preto, sabe? As pessoas estavam assustadas, elas estavam comemorando, como a cidade reagiu àquele evento?

LEOPOLDO PAULINO: Bom, havia claro os apoiadores do golpe, mas havia muita gente contra que se mobilizava, Leonel Brizola, por exemplo, que era uma liderança.

Ele formou vários grupos dos 11, que era a forma que ele estava estruturando o povo para reagir ao golpe que estava praticamente anunciado. E, em Ribeirão Preto, tinha vários grupos dos 11. Era gente que se articulava, a UGT, União Geral dos Trabalhadores, controlada pelo PCB também estava sempre se reunindo, havia uma movimentação muito grande. E à direita, claro, havia os grupos fascistas, o MAD, chamado Movimento de Ação Democrática, que nada tinha de democrático, era um grupo apoiador do golpe militar da ditadura e radicalmente contra nós.

LOC: E já pegando esse gancho, quais setores de Ribeirão Preto apoiaram o golpe? Quais setores comemoraram? Que classe foi atuante nesse sentido?

LEOPOLDO PAULINO: As classes empresariais patronais, claro, que apoiaram o golpe militar porque estavam com a expectativa de terem maiores lucros, o que de fato aconteceu, e de poderem, assim, esmagar o trabalhador, como também aconteceu durante a ditadura militar, ceifar os direitos trabalhistas que os trabalhadores brasileiros tinham conquistado do governo Goulart, eles eram contra. E a grande imprensa também. Em 1962, o presidente João Goulart fez uma lei, outorgando o décimo terceiro salário para o povo brasileiro. Houve uma reação muito grande. A Folha de São Paulo era contra, o Estado de São Paulo era contra, o Globo era contra que ia quebrar o país, não quebrou. E não houve, assim, força política da ditadura militar para suprimir esse direito, senão eles teriam feito.

LOC: E agora eu queria entrar na parte do seu papel no movimento estudantil. O movimento estudantil foi muito atuante, principalmente nos primeiros anos da ditadura; ele confrontou muito os militares, teve mortes de estudantes, muitas passeatas, principalmente em São Paulo e Rio, era um clima bem pesado entre essas duas esferas, e você foi líder do movimento estudantil aqui em Ribeirão. E eu queria saber qual foi o papel dessa organização aqui em Ribeirão Preto.

LEOPOLDO PAULINO: Bom, o movimento estudantil de Ribeirão foi muito atuante, muito atuante. No Brasil, de uma forma geral, o movimento estudantil foi muito forte até o final de 1968. Após o Ato 5, no dia 13 de dezembro de 1968, a repressão se intensificou e a ditadura começou a desarticular o movimento popular. Eu fui presidente do Grêmio do Colégio Otoniel Motta, lideramos grandes manifestações, participamos das manifestações de rua e contra um diretor arbitrário, um diretor perseguidor, um diretor corrupto chamado Romero Barbosa, que acabou me expulsando da escola quando faltavam apenas dois meses, um pouco menos, para eu terminar o terceiro colegial. Naquela época você não tinha a quem recorrer, o meu pai fez um recurso, eu era menor de idade e entregou na então delegacia de ensino. O responsável, o delegado de ensino, nem deu resposta; deve ter jogado no lixo.

LOC: Zero importância ele deu.

LEOPOLDO PAULINO: É.

LOC: E como que era essa questão dentro das escolas? Vocês podiam ter debates, vocês poderiam, sei lá, criticar o governo, criticar os próprios professores, diretores; o que era liberado para vocês fazerem. Hoje em dia, o aluno tem muita liberdade para fazer o que ele quiser, basicamente.

LEOPOLDO PAULINO: A gente não tinha, nós tivemos que conquistar essa liberdade. O movimento estudantil entrava nas classes, se dirigia aos estudantes, reuníamos no pátio, fazíamos assembleias ali no pátio. Uma vez, numa época de grande movimentação na cidade, o diretor proibiu uma assembleia. Proibiu, não vai fazer. Nós saímos, ocupamos a rua Cerqueira César, e eu subi no portão dirigindo a assembleia. E fizemos a assembleia na rua; tumultuou tudo. Aí, o diretor correu lá e, pelo amor de Deus, entra todo mundo e faz a assembleia aqui dentro, porque o tumulto foi maior. Então, havia uma repressão, e no caso do Otoniel Motta, o diretor era conivente com essa repressão.

LOC: No seu livro, você conta, e eu acho que até dá para puxar um gancho. Você disse que subiu no portão tudo e que depois vocês foram numa manifestação, foram para o centro todos os alunos, e que teve uma manifestação enorme contra a ditadura, e que vocês tiveram um embate com a própria polícia.

LEOPOLDO PAULINO: Foi com a polícia militar.

LOC: Conta para a gente sobre esse evento.

LEOPOLDO PAULINO: Essa passeata foi em 1966, eu estudava no colegial e foi uma grande passeata reprimida pela polícia, onde houve vários enfrentamentos: a gente jogando pedras na polícia, eles jogando bomba de gás lacrimogêneo, e começamos a jogar bolinhas de gude e rolha na cavalaria.

LOC: Achei sensacional.

LEOPOLDO PAULINO: Os cavalos escorregavam e começavam a cair. Foi uma batalha muito forte, com a participação dos estudantes de toda a cidade, muito legal, muito interessante.

LOC: Houveram prisões nessa manifestação?

LEOPOLDO PAULINO: Houve algumas prisões, sim, e nós conseguimos correr. Eu digo nós, o grupo que me acompanhava do Otoniel Mota, conseguimos correr e entrar na casa do então bispo de Ribeirão Preto, no chamado Palácio Episcopal, porque ali é território estrangeiro, o Vaticano é um país e a polícia não podia invadir. Acabamos ficando por lá e o então bispo foi levando os estudantes depois de carro nas suas casas.

LOC: Um a um?

LEOPOLDO PAULINO: Teve uma atitude muito firme. Pegava um grupo, levava, voltava a buscar.

LOC: Olha só.

LEOPOLDO PAULINO: Alguns estudantes se refugiaram na sede do diário de notícias, que era ali do lado, e a polícia invadiu a sede do jornal para prender todo mundo lá dentro. Houve muita violência policial.

LOC: A sua filiação ao PCB, o Partido Comunista Brasileiro. Quando ela aconteceu? Quem te apresentou? Como foi isso?

LEOPOLDO PAULINO: Eu entrei no Partido Comunista Brasileiro aos 15 anos, em 1966.

LOC: Nossa, bem jovem.

LEOPOLDO PAULINO: Era um partido clandestino, obviamente não existia ficha de filiação, não existia uma sede. O partido era clandestino. Eu comecei minha militância em um partido de esquerda. Participamos de várias pichações contra a ditadura militar. O PCB organizava panfletagens e a gente passava de madrugada, num grupo, e colocava embaixo

das portas. Claro que o trabalho rendia pouco, demorava muito. Hoje, você manda tudo através das redes sociais, você manda para 30 mil. pessoas.

LOC: O WhatsApp vai para todo mundo, né?

LEOPOLDO PAULINO: Antes, não, isso era trabalhoso e tinha que correr da polícia.

LOC: E voltando a falar sobre a sua carreira como líder estudantil, eu queria que você contasse para a gente da sua prisão no congresso lá em Ibiúna. É, como é que foi? Você conta que você foi vendido para lá, sabe? Teve todo um esquema mesmo de segurança. E que vocês foram descobertos e que deu tudo errado depois, conta para a gente.

LEOPOLDO PAULINO: Foi, eu já era estudante de Direito aqui na UNAERP na época.

LOC: Que ano foi isso?

LEOPOLDO PAULINO: 12 de outubro de 1968. Eu estava no primeiro ano de faculdade. No ano seguinte, eu fui eleito presidente do centro acadêmico aqui do Direito. E nós organizamos o congresso de estudantes, o trigésimo congresso da UNE. Teria que ser clandestino, porque era reprimido pela ditadura, a ditadura não permitia. Então a gente fez essa organização do congresso, se imagine, havia gente de todo o Brasil.

LOC: Nossa.

LEOPOLDO PAULINO: A opção foi por fazer, levar todo mundo para um sítio isolado, e eu hoje tenho convicção que foi um grande erro. Havia uma proposta de fazer no CRUSP, no Conjunto Residencial da USP em São Paulo, e eu acho que teria sido muito melhor porque ali circulavam por dia centenas de estudantes. Daria para fazer sem a repressão ter percebido. E houve essa posição que foi majoritária de fazer em um lugar escondido. A comissão organizadora do Congresso preparou tudo. Só eles sabiam aonde era; a gente foi saber só quando foi preso. A gente estava num sítio, na cidade de Ibiúna, que tinha na época 5 mil habitantes.

LOC: Bem pequenininha.

LEOPOLDO PAULINO: Nós fomos em quase 800 para lá, isso chamou muita atenção. O pessoal comprou todo o estoque de pão de uma padaria, já começou a chamar atenção. A história que a gente contava é que éramos de um grupo religioso que estava fazendo um encontro, mas logo a polícia descobriu. A repressão já sabia que o Congresso iria acontecer, não sabia o local e foi fácil mapear e nos descobrir. Aí fomos todos presos. Houve um cerco muito grande, a polícia chegou atirando para cima. Um tiro acabou acertando em um lampião que tinha no chão. Houve tiros que foram para o chão também, mas a grande maioria para cima e fomos todos presos.

LOC: Você conta que você tentou fugir? Mas mudou de ideia depois que você entrou no mato com alguns companheiros.

LEOPOLDO PAULINO: Com um grupo de estudantes. Porque a gente tinha que fazer turnos para dormir e eu estava já com o pessoal acordado. Eles começaram a invadir no início da manhã e nós corremos, conseguimos correr e já estávamos nos distanciando. Eu corro muito bem, mas aí, de repente, a gente se viu embrenhado no mato e começamos a ponderar: eles vão pegar a gente e fuzilar todo mundo aqui. Aí decidimos voltar e ser presos junto com os outros companheiros, que a gente estava mais seguro. A PM nos recebeu com muita pancadaria, chutes essas gracinhas que eles costumam fazer. Fazem até hoje e a gente foi preso junto com todo mundo.

LOC: E você foi levado para qual presídio em São Paulo? Foi para São Paulo né? Todo mundo.

LEOPOLDO PAULINO: Nós fomos para São Paulo. Havia já vários caminhões e ônibus nos esperando.

LOC: Já estava tudo preparado, né?

LEOPOLDO PAULINO: Para levar, e fomos conduzidos. Fomos para São Paulo, no presídio Tiradentes. Foi todo mundo para lá, um presídio que não estava preparado para receber tanta gente assim.

LOC: 800 pessoas de uma vez.

LEOPOLDO PAULINO: É muita gente. Então, nós ficamos numa cela com 48 pessoas.

LOC: Nossa.

LEOPOLDO PAULINO: Era muita gente. Havia turno; dormia um pouco, o resto ficava em pé, os outros dormiam. Fazíamos essa divisão e era complicada a situação lá. Tivemos uma fantástica solidariedade dos presos comuns, eles apoiaram a gente, gritavam o tempo todo. Quando entramos em greve de fome, eles entraram também. Isso deixou a repressão meio desorientada, porque eles não esperavam essa reação. A comida era uma lavagem; talvez a lavagem fosse melhor. Naqueles dias da greve de fome, eles fizeram uma comida bem-feita, levavam, ficavam nos caldeirões ali no corredor, jogando feijão e arroz, tentando a gente para comer, mas a gente ficou firme por três dias.

LOC: Três dias inteiros?

LEOPOLDO PAULINO: Três dias em greve de fome, apenas tomando água. E uma madrugada, a tropa de choque invadiu o presídio. Aí já estávamos somente os de São Paulo, nós de São Paulo, porque os de outros estados já haviam sido levados para os lugares de origem.

LOC: Transferidos.

LEOPOLDO PAULINO: Foram sendo transferidos aos poucos. A greve de fome começou, estava todo mundo, depois, eles foram levando e nós, de São Paulo, fomos para o Carandiru. Fomos levados lá para a casa de detenção do Carandiru.

LOC: E, ao todo, você ficou quanto tempo preso?

LEOPOLDO PAULINO: Não foi muito, foram poucos dias. Era muita gente, o Brasil todo se mobilizou, na porta da prisão, havia manifestação de estudantes, de pais, a imprensa ainda

conseguia dar notícias até o ato 5. E, depois do Carandiru, a gente era levado para o DOPS e, ali, eles nos fotografavam, fechavam e, aos poucos, fomos sendo liberados.

LOC: Por que você decidiu sair do PCB e migrar para a ALN?

LEOPOLDO PAULINO: Esse foi um movimento nacional dentro do partido. O Partido Comunista Brasileiro estava levando assim, uma linha política de conciliação com a classe dominante e era contra a luta armada. Entendia que participando do, havia dois partidos: a ditadura dissolveu todos e criou o MDB para ser uma oposição de fingimento, e a Arena, que era o partido da ditadura. Então, o PCB entendia que era apenas para se militar no MDB, disputar eleições, eleger um ou outro deputado, como aconteceu, e não participar, não haver um enfrentamento armado com a ditadura. Era uma ilusão deles. E, imediatamente, começaram a haver algumas cisões dentro do partido. Isso aconteceu em todo o Brasil. E logo foi criada a dissidência estudantil, que já era um embrião de organização armada fora do PCB. E, posteriormente o Carlos Marighella criou a ALN, outros companheiros do Rio criaram o MR8, o PCBR, que foi criado pelo Mário Alves e o Gorender, apareceram diversas, O PCR no Nordeste. O PCdoB, que já existia, defendia uma luta no campo armada também. Começaram a aparecer essas organizações. Eu e o grupo daqui que defendia a luta armada, nós ingressamos na ALN e participamos da guerrilha contra a ditadura militar.

LOC: Qual era a função da ALN aqui em Ribeirão? Eu li no seu livro que tinha uma parte que era só voltada para o treinamento, que era aqui na cidade. Quais eram as funções da ALN aqui em Ribeirão, sabe, quais eram as atividades que vocês desenvolviam? O senhor falou do treinamento da luta armada.

LEOPOLDO PAULINO: A proposta era essa, também de servir de esconderijo para companheiros de São Paulo, de outros lugares já perseguidos pela repressão, que já tinha sua identidade. Algumas viúvas e filhos de companheiros assassinados estiveram aqui escondidos. O nosso pessoal os abrigou, e havia, sim, um campo de treinamento próximo aqui à cidade. Mas nós começamos também a fazer as ações armadas.

LOC: Tem um ponto do seu livro que é muito específico, que você fala que tinha um quartel da PM que serviu como sede da Operação Bandeirantes, da então da OBAN.

LEOPOLDO PAULINO: Foi.

LOC: Que ficava localizada no centro, eu queria saber se você chegou em algum momento a ser levado para lá. A OBAN foi um dos principais braços da ditadura, até na questão das torturas, e eu queria saber se você, em algum momento, chegou a ser levado para lá ou conhece pessoas que tiveram esse azar.

LEOPOLDO PAULINO: Eu não cheguei, o quartel ficava ali na 7 de setembro, esquina com a São Sebastião, onde hoje funciona uma delegacia de polícia. Ali era o quartel da PM, as forças da repressão ocuparam aquele quartel, e ali virou o centro de tortura, prisões de tortura, a tal ponto que vizinhos a 100 metros ou mais que escutavam os gritos de madrugada, coisas assim horríveis, e vários companheiros foram presos e muito torturados por ali. Eu consegui escapar. Nessa época, eles cercaram a minha casa, eu pulei o muro, estava com uma arma curta, com 38, eles estavam bem armados. Os vizinhos me ajudaram, eu fui pulando os muros e saí. Isso foi no mês de outubro de 69, setembro, outubro já, e eu consegui as saídas e entradas de Ribeirão Preto eram poucas, estavam todas cercadas, não tinha como eu sair da cidade. Então, eu permaneci um mês aqui dentro, muito procurado, ficava um dia numa casa, dois dias na casa de um amigo, mais dois dias na casa do outro. Muita gente, me ajudou, me abrigou, foi solidário, e depois de um mês consegui sair de Ribeirão Preto. Fiquei no Brasil, ao todo, quatro meses clandestino, procurado pela repressão. Estive em São Paulo, consegui fazer contato com a organização, e a organização estava tendo alguns problemas, muita gente sendo presa, e tinha caído o setor de documentação. Então, a organização não tinha documentação falsa para me dar, para dar para os outros companheiros. Eu estava circulando com o meu documento numa situação de risco, e quando tomei a decisão de sair do Brasil, meu pai apoiou muito sempre. Minha mãe e meu pai tinham uns contatos no Rio de Janeiro com um deputado caçado, com colegas dele de faculdade, nós fomos para lá e eu consegui tirar um passaporte falso como se eu tivesse 17 anos, eu tinha 19, então eu saí bem assim, menininho com o papai. Saí pela Foz do Iguaçu de ônibus.

LOC: Você foi por terra então.

LEOPOLDO PAULINO: O meu avô me levou até a Foz e lá eu atravessei com o meu pai. Tinha que viajar acompanhado por ser menor e consegui, com facilidade, atravessar. Claro, não havia atravessar fronteira, não havia internet, essas coisas que facilitariam o trabalho deles. Consegui sair e fui por terra. Cheguei no Chile no dia 5 de fevereiro de 1970.

LOC: É interessante essa parte porque a gente escuta muito sobre o exílio, muitos brasileiros, eles foram mesmo para o Chile. O Chile foi um país que acolheu muitos brasileiros, e a gente não sabe como viviam esses brasileiros lá. No seu livro *O Tempo de Resistência*, a gente pensa assim, romantiza um pouco o exílio, que foi, e a pessoa viveu feliz para sempre fora do Brasil. E, no seu livro, você conta que não foi bem assim, que teve dificuldades financeiras.

LEOPOLDO PAULINO: Todo mundo.

LOC: De não conhecer as pessoas ali. Como foi esse seu começo no Chile?

LEOPOLDO PAULINO: Olha, a gente teve muita solidariedade dos partidos de esquerda chilenos: Partido Socialista, Partido Comunista nos apoiavam muito. Havia também uma organização brasileira de solidariedade aonde o pessoal que chegou antes, que tinha já uma profissão definida, não era o caso de estudantes, eles também, que já tinham empregos, contribuía para essa vaquinha, vamos dizer assim, e ajudavam as pessoas que estavam chegando sem emprego. Jovens, eu não cheguei a precisar, felizmente a minha família conseguiu me suprir o mínimo para eu ir sobrevivendo e levou algum tempo para que eu conseguisse trabalho no Chile. Eu não fui lá para ficar tranquilo, eu fui lá para militar e tive minha militância no tempo todo que estive no exílio, tanto no Chile quanto em outros países.

LOC: E tinha uma colônia brasileira muito grande no Chile, né?

LEOPOLDO PAULINO: Muito grande! Há quem estime em perto de 5 mil brasileiros, contando famílias, filhos, e talvez não chegasse a tanto, mas era muito grande.

LOC: E você não ficou só no Chile, né? Você conta. que fui pra França, fui pra Dinamarca.

LEOPOLDO PAULINO: Fiquei lá, França, Dinamarca. Fiquei quase um ano na Europa e voltei. Quando eu voltei para o Chile, dia 31 de julho, né, de 1973, eu já estava pensando em ir pra Buenos Aires. Porque pra Buenos Aires, lá a Argentina estava com uma democracia por aquela época, né? E eu já pensava em voltar clandestino para o Brasil, semiclandestino, só que eu não podia falar isso para ninguém, né? Nem para os companheiros a gente não podia falar. Então, eu tava com passagem comprada pra Buenos Aires no dia 12 de setembro. E no dia 11 aconteceu o golpe do Pinochet, né? Aconteceu o golpe do Chile, muita gente foi assassinada, companheiros nossos também. E eles invadiram a minha casa, prenderam, né? Fizeram um estrago lá. E eu fui levado junto com uma companheira, Encarnacion, para delegacia, onde sofremos vários tipos de tortura. E não sei por que razão, por um acaso, né, fomos soltos. E soltos, a gente, meu filho tava muito doente e tava sufocado, estava morrendo na hora que a gente foi preso e a ameaça deles era que, se eu não falasse o que eles queriam, eles iam deixar o meu filho morrer. Não falei, corri esse risco, não falaria jamais.

Nós voltamos, voltamos, fomos para casa de novo, esperando, porque a qualquer momento a polícia poderia voltar lá e aí ia ser pior. No dia seguinte, o pessoal do Partido Socialista se organizou outra vez e nos informou que a Embaixada do Panamá havia mudado fazia pouco e ainda a ditadura não tinha o endereço dela, era novidade, tinha acabado de levaram a gente para lá, para a Embaixada do Panamá, param o carro e tchau e vai embora. E aí a gente olha não tinha nem bandeira do Panamá.

LOC: Estava bem escondida mesmo.

LEOPOLDO PAULINO: Caímos numa cilada, né? Foi o que a gente pensou. Aí batemos na porta, batemos, abriu, e era uma companheira, companheira Lia da VPE, falou o nome. A gente também sabia quem era. Entramos e já estava lotado de gente, e ficamos nessa embaixada vários dias. O Pinochet se negava a dar o salvo conduto para a gente sair do país. Então, a gente ficou lá. E aí começou a haver problemas, sim. A ONU emitiu um laudo dizendo que começaria a haver problemas de saúde pública porque começaria a haver epidemias lá dentro e iam passar. Eles não estavam preocupados com a gente, não, mas ali era um bairro da burguesia, né? Aí complicava. E aí o Pinochet, pressionado internacionalmente, acabou dando esse salvo conduto.

De lá, fui para a Argentina, onde fiquei um tempo, um período. E depois eu voltei semiclandestino para o Brasil. Voltei muito cedo, bem antes da anistia, muito antes.

LOC: Que ano foi?

LEOPOLDO PAULINO: Eu voltei em julho de 1974.

LOC: E, no seu livro *No Tempo de Resistência*, você conta que a polícia tentou te prender. Você até contou, na nossa conversa, que pulou o muro, né? Quando descobriram que você era da ALN e que, vários anos depois, você descobriu que eles tinham ordem para te executar, se te encontrassem.

LEOPOLDO PAULINO: Fui descobrir que havia duas pessoas marcadas para morrer em Ribeirão. Eu era uma e a outra, companheira Nancy Marieto. E muito tempo depois, a Nancy mora em Roma também. De vez em quando encontro, né? Duas vezes que eu fui para lá e outra vez que ela voltou ao Brasil. Agora faz muitos anos que ela não vem. E nós conversamos sobre isso, por que nós dois? A gente não era da direção, não éramos pessoas tão importantes assim. Aí nós começamos a procurar o que, traço que nós temos em, a coisa que a gente tem em comum é que os pais eram comunistas. Não sei se esse seria o critério deles.

LOC: Já era meio caminho andado?

LEOPOLDO PAULINO: Mas o pai dela era procuradíssimo. Por sorte, conseguiu escapar, ele ia ser morto.

LOC: E trazendo para um recorte mais recente, a gente teve, há pouco tempo, uma nova tentativa de golpe. Tem pessoas que estão sendo julgadas por isso. Um ex-presidente da República, militares. E eu queria saber como você enxergou essa nova tentativa de ruptura institucional.

LEOPOLDO PAULINO: Olha, a prova de que esse isso, esse intento não foi logrado pelos golpistas é de que a democracia está forte. A gente tem muita crítica, é claro, mas a gente pode fazer crítica. Antes não podia. E a democracia conseguiu reagir. O judiciário brasileiro conseguiu reagir. E foi por pouco. Essa gente estava lá para dar o golpe, e já tinham listas de

pessoas que eles iriam matar e coisas assim. E o grande responsável é o capitão Bolsonaro, que infelizmente ocupou a presidência da República do nosso país, eleito, isso que é pior.

LOC: Que conselho você daria para essa geração mais jovem, como por exemplo a minha, que são pessoas que já nasceram numa democracia e que não têm noção de como foi um regime militar, como foi uma ditadura, sabe? Que conselho você daria para essa geração?

LEOPOLDO PAULINO: Eu tenho feito assim, eu faço, o meu trabalho é esse. Eu tenho o projeto Tempo de Resistência, e aqui tem um documentário sobre a ditadura, sobre a luta contra a ditadura. Eu tenho os meus dois livros e eu criei um musical.

LOC: Olha só.

LEOPOLDO PAULINO: Um musical que conta a história, com músicas que foram censuradas pela ditadura militar. O musical dura meia hora. Eu apresento nas escolas e, em seguida, eu abro um debate com os estudantes, a gente faz muito esse trabalho: conversa sobre o período. Eu acho que o principal é fazer com que o jovem se informe, que ele vá ler, aprender, porque o conhecimento é o principal, é por isso que a ditadura impedia o conhecimento. Censurava, censurava livro, filme, música. O conhecimento é o, eu não vou em escola para fazer lavagem cerebral. É para dizer: Olha, nós fizemos isso no momento que o Brasil precisou de nós. E olha, está aqui, a história está aqui, a história é na mão, como diz o André. E fazendo apelo para que eles leiam, para que eles aprendam.

Eu sempre deixo um livro para a biblioteca da escola em que eu vou e sempre levo dois para os alunos que mais se destacarem nas perguntas, não tenho condição de dar mais, mas é importante despertar esse interesse pela leitura, pelo conhecimento. Eu acho que é isso, esse é o trabalho que a gente tem que fazer com a nossa juventude. Para eles, golpistas, fascistas, direitistas, a ignorância é muito boa. Quanto mais ignorante a pessoa, quanto mais analfabetos houverem no país, melhor. Houveram no país, desculpa. Melhor para eles, a classe dominante. Quer que o povo seja ignorante. Bastante ignorância. E não conheça a nossa história. E a gente tem que fazer um trabalho exatamente contrário pra que o povo queira saber, queira estudar, queira ler, queira se informar.

LOC: O seu livro está prestes a completar 30 anos, ele é de 98, não é?

LEOPOLDO PAULINO: É, tá, 98. Na edição impressa, ele está na 11ª edição, e a edição em PDF está na 12ª já. Eu estou com a 13ª preparada, um livro um pouco maior.

LOC: E uma coisa que eu queria saber de você é sobre a memória histórica do Ribeirão Pretano em relação à ditadura militar. Você acha que existe essa memória histórica, que as pessoas deveriam saber mais sobre o período, O Ribeirão Pretano, ele não conhece muito os próprios atores da época da ditadura, tanto no nicho dos militares quanto dos revolucionários. Sabe, tivemos muitas pessoas importantes que bateram de frente com o regime aqui.

LEOPOLDO PAULINO: Muitos presos.

LOC: Muitos presos, você fala que Ribeirão foi a cidade que mais teve presos políticos.

LEOPOLDO PAULINO: Proporcionalmente.

LOC: Proporcionalmente.

LEOPOLDO PAULINO: Ontem, morreu foi enterrado um companheiro da ALN, José Antônio da Silva, e nós fizemos uma manifestação no enterro. Foi enterrado com a bandeira da ALN.

LOC: E você acha que essas pessoas deveriam ter mais reconhecimento? Da própria população sabe, as pessoas deveriam conhecer mais essas histórias porque isso não é ensinado na escola, não está num livro didático, sabe?

LEOPOLDO PAULINO :Falta informação. Esse trabalho que eu procuro suprir com as minhas idas às escolas, com a apresentação do musical, com o livro e o filme. Está havendo um movimento muito importante, eu faço parte dele, de tentar transformar o Lar Santana em um centro de memória. Está lá, abandonado, o prédio há muitos anos. Está lá e vai acabar na mão de alguma construtora para vender apartamento. Então, nós estamos lutando, organizamos um grupo porque lá a diretora do Lar Santana era a Madre Maurina, que abrigava algumas reuniões de companheiros de luta que, inclusive, lá eram rodados panfletos,

era rodado o jornal O Berro, que era clandestino, dirigido pelo valoroso camarada Vanderley Caixe. E a freira sofreu torturas das piores espécies. A gente sabe dessa história, e o povo precisa saber. Então, a nossa luta é no sentido: fizemos já uma manifestação em frente ao Lar Santana, no sentido de transformar o prédio, que é histórico, em um memorial, em um centro de memórias, e assim tendo alguém para atender sempre plantões, levar os estudantes para conhecerem como é feito em São Paulo, no prédio do DOPS, do antigo DOPS.

LOC: Memorial da Resistência.

LEOPOLDO PAULINO: Memorial da Resistência. Durante muito tempo eu levei estudantes lá para conhecerem, para aprender um pouco da nossa história. Eu acho que isso tem que ser feito aqui, e a gente conquistar, fazer o memorial no Lar Santana é um ponto que a gente tem de aglutinação muito importante e histórico.

LOC: E, quando você é convidado, por exemplo, para um podcast, para um TCC, para um programa, para contar sobre esse período, você, de alguma maneira, sente que está falando também representando, falando em nome dos seus companheiros que já não estão mais aqui, que morreram durante o período.

LEOPOLDO PAULINO :Certeza, to sim, quer dizer, é fundamental porque ou, eu sou um dos mais jovens, mas eu estou com 75 anos e é uma questão biológica: a gente vai morrer como todos nós. Então, eu acho que eu tenho que aproveitar o que tenho de vida e de disposição para fazer esse trabalho. É uma obrigação minha. Eu não vejo como um favor para ninguém, é uma obrigação. Eu sou um sobrevivente, tenho a obrigação de contar a história.

LOC: Leopoldo, muito obrigado pela gentileza de estar atendendo o nosso podcast, eu gostaria de agradecer.

LEOPOLDO PAULINO: Eu que agradeço muito a vocês pelo espaço, pela oportunidade de podermos trazer o conhecimento de mais pessoas sobre aquele período histórico do nosso país.

LOC: Muito obrigado.

TÉC: VH - ENCERRAMENTO

APÊNDICE C - Vanderley Caixe Filho e Marcelo Botosso



ROTEIRO DE CAPTAÇÃO: GRAVAÇÃO VANDERLEY CAIXE FILHO E MARCELO BOTOSSO		
DATA: 06/07 - SEGUNDA-FEIRA	HORÁRIO: 15:30 H	DURAÇÃO: 30 MINUTOS
SIGLAS: TÉC. = TÉCNICA LOC. = LOCUTOR VH. = VINHETA		
APRESENTAÇÃO: VITOR HUGO BAPTISTA DE SOUZA		

LOC: Ouvinte, é impossível falar de um sem falar do outro. Ainda não é de conhecimento geral dos ribeirão-pretanos que a cidade abrigou uma das únicas organizações armadas de enfrentamento ao regime militar. As FALN, ou Forças Armadas de Libertação Nacional, foram criadas em Ribeirão Preto por Vanderley Caixe, com o objetivo de derrubar a ditadura militar. Eu sou Vítor Baptista e, para conversar sobre esse capítulo tão importante da nossa história, os convidados de hoje são Marcelo Botosso, autor do livro FALN: A Guerrilha em Ribeirão Preto, e Vanderley Caixe Filho, que carrega no nome e na memória a história do pai fundador das FALN. Marcelo Vanderley, muito obrigado por aceitar o nosso convite. Sejam muito bem-vindos!

MARCELO BOTOSSO: Muito obrigado, eu que agradeço.

VANDERLEY CAIXE: Obrigado!

LOC: E vamos começar então com você, Marcelo. Eu queria saber como era o clima em Ribeirão Preto logo após o golpe lá em 64, sabe? As pessoas comemoraram esse movimento? Elas ficaram com medo?

MARCELO BOTOSSO: Então, o golpe teve duas dimensões: teve os oposicionistas, que eram ligados às correntes de esquerda, trabalhista, comunista, socialista, que se organizavam muito. O epicentro da organização da dita esquerda, da vertente popular do Brasil, de Ribeirão Preto, em específico, era lá na UGT, União Geral dos Trabalhadores. E ali foi um marco físico da ditadura, no sentido em que a UGT foi fechada né, todo mundo foi para lá. Depois a UGT foi fechada, depois teve outro encaminhamento, e os opositores ficaram perdidos. Por outro lado, você teve uma fração da sociedade dirigida pela classe patronal, pelo voto clero, que acabou até comemorando o golpe, que foram as referidas marchas da família com Deus pela liberdade. Depois, nós tivemos, em várias cidades, pelo menos os centros maiores, como Ribeirão se inseria naquela época, outras cidades que não eram capital, mas tinham uma representatividade regional. Houve as marchas da família com Deus pela vitória. Então, isso mostra a polarização, uma certa polarização de simpatizantes do golpe, uns até sem saber o que realmente estava por vir, e o outro polo que se opunha ao que era o polo sindical de esquerda partidária.

LOC: E Vanderley, uma pergunta sobre o seu pai: como ele começou a se interessar por política? Sabe, isso veio desde jovem. Os pais dele gostavam, estavam inseridos nesse meio.

VANDERLEY CAIXE: Não, é esquisito? Eu gosto dessas histórias de família, porque meu pai sempre foi a única pessoa de esquerda da família dele.

LOC: Nossa.

VANDERLEY CAIXE: Há tios, não há os pais, nem de longe. Eu não sei como, o que é que o atraiu, mas ele ingressou logo de início no Partido Comunista. Havia esse espírito de revolta. E ele vinha de uma família com bastante dinheiro na época, mas conseguiu, ele virou a ovelha negra, como se dizia antigamente, a ovelha negra da família, mas ficou muito respeitado. Todos podiam não concordar com ele até depois, na maturidade, não concordavam com as opiniões dele, mas todos tinham uma admiração muito grande.

LOC: O seu pai, ele era do PCB, você falou, né? O Partido Comunista Brasileiro. E tanto ele quanto outros integrantes da época eles reclamavam um pouco dessa postura mais de

conciliação do partido, que queriam muito dialogar com os militares e chegou. Um momento, então, que ele cansou e quis aderir à luta armada. No livro, o Marcelo conta que ele foi pra São Paulo e conversou com o Carlos Marighella, que na época era o inimigo número um da ditadura. Sabe, um personagem muito importante da história nesse período.

E o que ele te contava sobre esse encontro cara a cara com o Marighella?

VANDERLEY CAIXE: O Marcelo deve ter ouvido essa história também, mas eles se encontraram ali no vão do MASP e ele tava esperando que o Marighella fosse dizer: 'Não, nós temos armas.' E o Marighella virou pra ele e falou: 'Não, a arma tá no coldre do policial, a arma tá lá no exército, é de lá que vocês têm que pegar as Eu imagino que. Como um jovem, como ele saiu frustrado desse encontro, mas de qualquer forma, foi um encontro com o Marighella, e essa gente não esquece, imagino eu.

LOC: Marcou para sempre a memória dele. E, Marcelo, esse encontro, ele meio que é o pontapé inicial para a criação das FALNs. O Vanderley, ele volta de São Paulo, e o que que muda? Ele faz uma reunião com os ex-integrantes do PCB pra criar essa organização. Sabe o que que ele faz?

MARCELO BOTOSSO: Assim que ele chega em Ribeirão, ele volta desalentado, né? Situação de clandestinidade e tal. O jovem, ele achou que já estava tudo pronto, que o Marighella ia dar um fuzil na mão dele, né? Exageradamente falando, encontrou. Lá no Trianon, lembro até hoje o Vanderley falando: encontrei no Trianon, no vão do MASP. Depois, ali, passando pelo Trianon, ele viu que o Marighella disse para ele dentro daquela concepção de GTA, né? Grupo Tático Armado, que é a vanguarda que faz a revolução. Então, o Marighella foi bem claro, né? A revolução está por ser feita, né? Então, não tem nada preparado, tá tudo desmobilizado e tal. E o Vanderley volta com essa ideia, falando: ó, pros seus companheiros: aqui, ó, companheiros, tá tudo por ser feito, né? É isso que o comandante Marighella falou: só a ação faz a vanguarda. Vamos começar. Então, passa a organizar, partir do zero, né? Partir de uma incipiência. de uma ideia vamos dizer assim e de uma situação de clandestinidade, né? De repressão, todo mundo fala do AI-5, né? Que é o golpe dentro do golpe, mas em 64 já começaram as cassações e torturas também, né? Então, a ditadura ela não teve dita branda, né? Por mais que o ápice da repressão tenha sido ali a partir do AI-5, do governo Médici, né? Que é os Anos de Chumbo propriamente dito, né? Os Anos de

Chumbo coincidem com o Médici período, mas a repressão já estava rolando, já estava acontecendo, né?

Então, imagina a situação de vulnerabilidade, de pisar em ovos, vamos dizer assim, né? Que o Vanderley e o pessoal encontraram, né? Se organizar a partir do zero. A partir de nada e com um exército com um Estado militarizado, contra né.

LOC: As FALN elas surgem oficialmente. Em que ano?

MARCELLO BOTOSSO: Então, porque havia um jornal chamado O Berro, que era um jornal da Faculdade Laudo de Camargo, né? Um jornal contestatório que o Vanderley, inclusive, era o diretor. Diretor é assim que se você que é jornalista, correto? Ele era o diretor do jornal, né? Era um jornalzinho que era feito por mimeógrafo, né? Estudantil, né? Com caráter bem estudantil mesmo. E foi esse jornal ele acabou sendo o vetor da FALN, porque foi através dessa organização dos trabalhos que se desenvolviam: produção do jornal, distribuição, angariando recursos etc. Simpatizantes, e esse jornal acabou sendo um vetor da organização armada que viria da organização guerrilheira que viria. O Vanderley já é influenciado pelo imediatismo, pela Revolução Cubana, pela Guerra do Vietnã, que viria depois. Pela idade, pelos conflitos de gerações, né? O Marighela falando que tinha que partir pra luta armada etc. Eles rompem com essa estratégia do Eles acabam meio que sendo expulsos do PCB, ou eles mesmos saindo do, porque viam que pelo partido não tinha mais. Então, diante do imediatismo armado, das teses do Régis Debré, que vinha lá de Cuba etc. do Che, de literatura como Guerra de Guerrilhas, a teoria do foco, e influenciado por isso, eles rompem já em 66 e já optam para a formação de uma organização que enfrentaria o regime. Através das armas, né? Tanto que, num primeiro momento, eles nem têm muito certo a sigla, né? Se você pesquisar os processos do Superior Tribunal Militar, você vai ver uma hora lá que chama Frente Armada de Libertação Nacional. Depois você lê Forças Armadas de Libertação Nacional. Eles não tinham ainda um nome definido, né? Como definir a situação de clandestinidade? Não dá pra você propagar um nome, né? Então, o contexto dramático de época.

Então, foi em 66 aí que eles já realmente optam pelo rompimento dessa via pacífica institucional, uma tentativa de uma via institucional, e optam pelo caminho armado revolucionário.

LOC: Eu vou só pegar um gancho do jornal Berro, eu vou perguntar pro Vanderley. Era um jornal crítico ao regime, né? Ele fazia críticas, ele tentava trazer pessoas pra organização. E eu achei muito curioso que o seu pai ele colocou o próprio endereço residencial como a sede do jornal. Ele não ficou com medo dos militares baterem na porta dele pedir umas explicações?

VANDERLEY CAIXE: Eu acho que ele mesmo talvez não tivesse uma real dimensão disso. Ele sempre fala que abriu a porta de casa e, de repente, foi pego. E ele tinha todo um plano na cabeça dele, que se alguém chegasse, teria uma escada no fundo ele pularia pro vizinho, subiria no telhado etc.

LOC: Marcelo, então o principal objetivo das FALN era criar um grupo armado de guerrilha.

MARCELO BOTOSSO: Isso, um grupo de enfrentamento ao regime, não necessariamente que ele fosse o protagonista, mas que fosse entre várias frentes, porque houve mais de 50 organizações guerrilheiras no Brasil. E, como eu constatei na minha pesquisa que você leu, a única organização dessas dezenas de organizações que surgiram no Brasil, a única que surgiu não sendo de uma capital, foi a FALN. Todas as demais foram de capitais de Estado: Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Então, ela não via até quando eu conversei. Eu lembro disso, ficava muito claro quando eu falava com o Vanderley que, quando ele colocou lá frente armada, ele achou muita pretensão.

Falou Não é uma frente, é um grupelho, né?" Então, ele falou: " Então, é Forças Armadas, diminuiu uma hierarquia." A intenção era fazer dentro daquilo que o Marighela concebia como os GTA, Grupo Tático Armado, vários GTAs que deveriam surgir pelo Brasil afora. Então, eles concebiam isso, de fazer com que a FALN fosse uma espécie de GTA, uma organização revolucionária. No final, na vitória final, os grupos se uniriam todos e fariam o grande levante. É bem romântico, até emocionante, e o intuito de liberdade de querer derrubar as injustiças, derrubar a ditadura. Então, eles concebiam, através dessas literaturas, principalmente daquele livro do Régis Debré sobre a teoria do foco, o Guerra de Guerrilhas do Ernesto Che Guevara. Então, eles entendiam conjugação de campo e cidade, como a própria literatura da época falava dos cercamentos das cidades.

Então, eles achavam que a cidade era um lugar de fomento, de instigação, de propaganda, mas o conflito, por assim dizer, mesmo os combates, se dariam na zona rural, onde a repressão era menos estruturada. Então, eles tentavam caminhar. Nesse sentido, tanto que eles tiveram contatos no campo, o Mário Bugliani era o agente responsável por regimentar pessoas na área rural e eles já caminhavam nesse sentido de querer fazer alguma estrutura nas matas, nos cerrados que haviam em torno de Ribeirão Preto. Então, essa é a estratégia: a cidade como o fomento à propaganda ideológica e o campo como uma área de ação.

LOC: E qual era o perfil dos integrantes? Eu percebo que muitos grupos armados tinham muitos jovens universitários, alunos do ensino médio.

MARCELO BOTOSSO: Isso foi até um levantamento que eu fiz, que os elementos urbanos, vamos dizer assim, organizações. Apesar de todas concordarem com uma estratégia rural, elas não saíram da cidade, com exceção lá do Araguaia, que teve um conflito na região da floresta amazônica. A FALN, proporcionalmente, é a que teve mais elementos rurais nos seus processos, que na época eram classificados como lavradores; então, eram trabalhadores que trabalhavam no campo, no setor sucroalcooleiro e tal, e foram fichados no processo lá como lavradores. E outra coisa que marca também outra peculiaridade da FALN é a sua composição de secundaristas, que nas outras organizações nós tínhamos muito universitários; os que eram do meio urbano eram universitários. Aqui você teve um perfil muito secundarista ao ponto do professor Jacó Gorender, o historiador Jacó Gorender, chamar a FALN não de forma pejorativa, não é isso, mas por causa da faixa etária das pessoas, chamar de Jardim da Infância da Esquerda Brasileira, porque tinha um caráter muito juvenil.

O Vanderley era estudante universitário, o Vanderley, a Áurea, mas os demais, grande parte, eram secundaristas. Então, isso dava um perfil juvenil na organização. Diferente esse apelido.

VANDERLEY CAIXE: Isso não que ele gostasse, eu quero deixar bem claro que ele tinha uma bronca disso.

MAFCELO BOTOSSO: Uma vez, eu conversei com ele ele falou: 'O Gorender pisou na bola'. Eu falei. Não foi no sentido pejorativo, é no sentido de mostrar que realmente era faixa etária. Eram jovens, muito jovens.

LOC: No seu livro você conta que existiam sedes do grupo espalhados pela região em Guataporã, principalmente no campo.

MARCELO BOTOSSO: Não é bem sedes, né? Havia o que a gente chamava de aparelhos, né? Os aparelhos que se chamavam, né? Então, havia no campo os aparelhos rurais, um aparelho de propaganda.

Por exemplo, uma banca de jornais e revistas que era um ponto de contato, onde o jornaleiro, ele tinha até alguma simpatia, é lógico. Porque eles operavam em células, né? Você não sabe quem é quem, um ou outro. Tem um conhecimento. O jornaleiro via com uma certa simpatia. Eles pediam pra deixar o jornalzinho lá, às vezes pra distribuição gratuita mesmo. O jornaleiro, ah, deixa lá. Eles usavam essa banca de jornal como um ponto de contato pra deixar mensagens. E então, isso a gente chama de aparelhos, né? Por exemplo, o Lar Santana, o porão lá do Lar Santana foi usado. Era um típico o que nós chamamos de aparelho de propaganda, onde se rodou o jornalzinho, o Bell, né? Produziam lá. Lá, o mimeógrafo foi um dos, né? Houve outros lugares.

A Áurea me falava que eles faziam festa numa casa, festa estudantil, né? Para disfarçar, lá todo mundo se divertindo. E no porão. dessa festa, eles estavam rodando o jornalzinho, né? Aquele cheiro de álcool já estava até embriagado de tanto rodar o jornalzinho lá. O mimeógrafo, é isso! E eles aprendiam, por exemplo, a atirar, a técnicas de combate. Era tudo muito incipiente, né? Tudo muito incipiente. O Toneto, que era um, falou de idade, eu lembrei. O Toneto, ele tinha uma chacinha, então ele tinha uma garruchinha. Um outro lá servia o tiro de... vamos pegar o mosquefau lá do tiro de... não era? Era tudo muito incipiente, muito primário. Sim, sim! Até mostrando, de alguma forma, essa incipiência, meu pai sempre disse que eles utilizavam o manual dos escoteiros. Isso. Exatamente.

Para se preparar para a questão da selva, o manual do escotismo inclusive consta nos processos, né? Está lá a obra do Che, do Régis Debré e o manual do escoteiro, que é uma coisa sabiamente de direita. O escotismo

LOC: Vanderley, algo que eu achei muito interessante, tanto no livro do Marcelo quanto em outras obras, que o seu pai era muito criativo na questão das manifestações aqui em Ribeirão. Então, o próprio Leopoldo Paulino disse que, quando tinha uma manifestação grande, eles já se planejavam. Falavam: " Vamos levar bolinha de gude e jogar no chão para derrubar a

Vamos levar gato para, sei lá, para o campo policial correr atrás Dele sabe o que ele te contava sobre manifestações.

VANDERLEY CAIXE: Sabe, sobre essa parte, eu vou te dizer que o que você acabou de falar é o que eu realmente ouvia dele.

Mas houve momentos, e eu acho que o Marcelo pode falar com muito mais profundidade sobre isso: uma tentativa de roubo de dinamites da pedreira, o planejamento de sequestro de um usineiro e, ao mesmo tempo, bombas. Mas quando eu falo bombas, hoje é aquela espécie de cilindro que você gira e, em festa de aniversário, vai um monte de serpentino, um monte de uma lança confete. Então, eram bombas que explodiam para distribuir os panfletos. Então, isso acontecia nas Novas. Americanas em alguns cinemas, etc. Então, havia isso, não é?

LOC: Só nos principais pontos

MARCELO BOTOSSO: Mercado Campos Elíseos em Ribeirão Preto. Lá no Campos Elíseos, foi tirado na porta dos cinemas. Os cinemas eram um lugar muito frequentado. Cinemas também bastante bombásticas para panfletagem, como se falava. Era um lugar muito privilegiado por eles para essas manifestações.

LOC: Essa era até a minha próxima pergunta que eu ia fazer para você mesmo. O Vanderley tocou no assunto da expropriação da pedreira da Prefeitura. Eu queria que você contasse um pouco sobre isso, Marcelo, porque no seu livro você fala que foi a principal ação da FALN aqui em. Ribeirão.

MARCELO BOTOSSO: Foi a ação, inclusive a pedreira Santa Luzia, que hoje é, porque é isso lá, a USP na Avenida do Café. Era para ser um parque lá. Eles expropriaram essa dinamite, expropriaram o termo que se usava pela esquerda armada, expropriaram a dinamite e o intuito era muito vago do que seria usado. Em uma entrevista, me disseram que era para dinamitar aquela ponte que passa por cima da linha férrea, quando vai para a Avenida Brasil, que iria ter uma visita de um general, de um presidente general, e eles poderiam e tentariam derrubar a ponte para fazer uma ação.

Mas, ao certo, eles não sabiam para que seria usada essa dinamite. Pesquisando, analisando. Vendo as entrevistas, essa ação muito me parece que foi feita para dar uma coesão ao grupo,

para levantar a moral. Porque o imediatismo da juventude, o próprio da juventude, eles queriam resultados e os resultados não são assim. Então, teve até algum militante que se desligou, que foi estudar em São Paulo. E lá em São Paulo, ele começou a ter envolvimento com a LN e tal. Então, para levantar a moral e para dar coesão ao grupo, para o grupo ficar mais coeso, vamos fazer uma ação expropriatória. Vamos pegar essa dinamite, depois a gente usa ela para alguma coisa e a gente vai deixar uma mensagem para a rádio da cidade, falando que pegamos.

Dinamite que pertence ao povo, com os dizeres panfletários que o grupo tinha. E eles conseguiram pegar essa dinamite, e eu fiz uma narração bem detalhada disso. Até então, essa foi talvez a ação mais bem-sucedida. Mas você vê como era o romantismo, porque eles foram com carros legais, com o carro do pai do amigo, com as placas. Colocaram barro na placa, e foi bem-sucedida. Com tudo isso, foi bem-sucedida. Então, essa talvez tenha sido a ação mais bem-sucedida do grupo propriamente dito. Se você for elencar o número de ações que eles fizeram, essa daí foi bem-sucedida.

LOC: Marcelo. Eu queria que você contasse um pouco sobre a queda das FALN. Como aconteceu? Foi numa ação que a polícia descobriu. E conta um pouco sobre essa parte do. Fim da organização.

MARCELO BOTOSSO: Isso, primeiro, você tem que ver que era um período de censura, de extrema censura, de imobilidade. Os guerrilheiros eram taxados como mais pejorativo do termo, então havia uma censura, uma dificuldade da organização, da mobilização do vínculo do grupo com o povo, porque a guerrilha, em tese, seria o povo em armas.

E o que a gente viu no Brasil foi o grupo ficando cada vez mais isolado, menos conectado com o povo. O povo acabou tendo medo. Um trabalho de politização, isso era muito difícil de ser feito, por mais que a FALN tenha tido algum sucesso, um cálculo em algumas ações. Mas a falta de um trabalho político, já visto o grau. De alienação, os meios de comunicação, todos censurados etc. não permitiam esse diálogo. As organizações entraram numa lógica de fazer ações para se manter; já não era mais para fazer a revolução, era para se auto manter uma questão até de sobrevivência do grupo enquanto organização mesmo. Então, houve uma tentativa, uma ação de captura de um abastado, uma abastada pessoa da sociedade, um usineiro.

Então, eles fizeram um plano de tentar capturar essa pessoa e ela seria abordada por uma freira ou alguém vestido com o hábito de freira. Isso remete muito ao episódio da Madre Maurina e eles iriam capturar essa pessoa, levar para um cativeiro no meio da luta, um lugar onde ele ficaria aprisionado. Irão pedir um resgate e explicar que esse resgate não seria uma apropriação indevida para enriquecimento ilícito, mas para a revolução, para a causa revolucionária. Foi mal-sucedido. Enquanto acho que dois deles estavam preparados numa mata, deitado em uma rede, lá esperando a ação a trazer o prisioneiro, a pessoa que foi aprisionada, ou que seria aprisionada, se efetivou essa captura. Eles estavam esperando nesse lugar, deitado em rede, prepararam lá o lugar onde a pessoa ficaria com segurança.

Da mata, que fazia segurança de bicicleta, usina lá para evitar incêndios etc. Viu que eles, com um fardamento meio irregular de gandola calça jeans, falaram: " Tem alguma coisa estranha aí, viu uma arma e tal e fez a denúncia. Aí, eles foram presos, a polícia já estava investigando e aí começou o efeito cascata. Levados para tortura, né, severas torturas etc. E começaram as delações e aí a organização se desmantelou como um todo, né.

LOC: E Vanderley, como o Marcelo disse, foi feito cascata. E eu queria saber sobre o seu pai. O que que ele te contava sobre o momento da prisão dele? Você até falou no começo do podcast que ele tinha um plano de fuga, mas como foi esse momento?

VANDERLEY CAIXE: Eles prenderam ele em casa, sabe? E depois, como. Ele sempre se referia, foi levado pro Hala e ali sofreu tortura das mais diversas. E é muito interessante quando eu encontro alguma pessoa que o viu após as eu não sei como é que ele estava vivo. Ele abria os... tem uma manchete do Estadão que você vê que parte do bigode dele tá quase sumido, o olho roxo. Então, você imagina se essa foto vai parar no Estadão, imagina como estava antes disso. E, realmente, conversando com outras pessoas, ele realmente foi muito, muito, muito violentamente torturado. Mas ele nunca se vitimizou. Isso é muito importante dizer. Ele não se vitimizava e não utilizava, jamais, o via utilizando isso em qualquer fala. Em qualquer discurso, era para ele, era obrigação que ele tinha e nunca se arrependeu de ter feito.

E eu tenho certeza que faria novamente, talvez fizesse com mais experiência, com mais conhecimento, mas faria da mesma forma.

LOC: Eu li uma entrevista do seu pai, que ele conta que chegou um momento que ele estava muito debilitado pelas torturas, que ele precisou ficar internado na enfermaria da prisão. Ele ficou quatro dias e foi uma mistura de sensações: o alívio de ter a tranquilidade, entre aspas, de ficar quatro dias sem apanhar, sem ser violentado, mas que ele sabia que, assim que ele tivesse alta, o inferno ia voltar. E eu admiro muito a. Força que ele teve mesmo nesse período, sabe, no meio de tudo isso.

VANDERLEY CAIXE: Ele foi o Vanderley falando com ele. Ele foi responsabilizado. Assim, muito jovem, a repressão queria saber pra repressão. Ele tinha um direcionamento do Marighella.

Eles não concebiam como que uma pessoa tão... porque depois as pessoas foram caindo, os contatos foram vendo que a rede era extensa na cabeça dos torturadores, dos agentes da repressão, como que um jovem daquele conseguia ter feito. Então, ele foi muito penalizado. Ele foi muito penalizado. Até conversando com ele, ele me fala que ele me disse que a brutalidade em cima dele se deu também. Eles queriam arrancar. Alguma coisa que não existia que você fez isso. É como que você é responsável por tudo isso. Quem são os seus mandantes? Quem são os chefões? Então, a repressão caiu brutalmente, claro, em todos. Não existe repressão suave, mas ele foi muito penalizado por um dos fatores, por isso também. Choques, pau de arara. As mais invenções cruéis que vinham, inclusive, vinham de fora, né?

VANDERLEY CAIXE: A cadeira dragão, né?

LOC: Então, ele passou por ali. Sim, a Cidinha, ela veio aqui no episódio e ela conta a história dela que é parecida. Nisso, todos esses modelos tradicionais, entre aspas, né, que hoje em dia é de conhecimento público, eles usaram.

MARCELO BOTOSSO: interessante isso que o Vanderley falou. A imagem dele no jornal, né? Se aquilo que estava apresentando ao público já manifestava o grau físico de maus-tratos que ele sofreu, imagina o que realmente não estava, né? O estado dele como não estava. Ali, ele estava maquiado, entre aspas, né? Imagina a versão original. Exatamente. E a questão das torturas, ela... tipo, os outros integrantes das FALN também tiveram o mesmo caminho depois de presas. Muitos tiveram, né? Teve outros que teve até processados lá, indiciados, enfim, envolvidos, depoentes que nem fizeram. Então, você teve... você teve membros que

realmente foram da FALN. Você teve. Membros que foram e não foram pegos, e você teve outros que eram simples simpatizantes que foram pegos também. Assinantes do jornal. Assinantes do jornal. Um deles, talvez o mais emblemático, é a própria Madre Maurina. A Madre Maurina, ela não tinha dimensão de uma estrutura armada que se intentava uma guerrilha, uma força, uma violência revolucionária contra o regime. No entanto, ela foi envolvida e foi processada como membro da FALN.

LOC: Vanderley. Quanto tempo seu pai ficou preso? Por quais presídios ele passou?

VANDERLEY CAIXE: Meu pai ficou preso durante cinco anos. Ele... o presídio da ditadura era o presídio. Tiradentes, pessoas entenderam que a luta também tinha que ser feita ali dentro da cadeia. Eles, então, deram início a uma greve de fome, uma das maiores e mais longas greves. E, quando fim da essa greve de fome, isso no período de Tiradentes, ele e as pessoas, a ditadura entendia que era uma liderança, foram mandadas para presidente Wenceslau na ponta do. Isso foi muito pesado porque não havia a rede de transportes que nós temos hoje. Então, o acesso a ele, as visitas, tudo ficou muito mais dificultoso.

LOC: Marcelo, eu queria saber se Ribeirão. Preto foi uma cidade que, obviamente, guardadas as devidas proporções com São Paulo com o Rio, existiram muitas pessoas que foram torturadas, que eram inimigas do regime.

MARCELO BOTOSSO: Sim, com certeza, inclusive, é uma particularidade de não ser uma capital de Estado. Você teve uma organização guerrilheira própria, vamos chamar assim, a FALN, que foi praticamente uma organização municipal.

Ela teve algumas ramificações de um militante ali a colar e tal, mas ela se estruturou e atuou em Ribeirão Preto. E você teve também uma célula da LN. Esse envolvimento de pessoas e tal fez com que Ribeirão Preto tivesse pessoas que fossem hostilizadas. Que fossem depois reprimidas pela ditadura. É um caso bem claro. Isso veio à tona. Existem casos de trabalhadores rurais, populações indígenas que foram dizimadas e tal. Mas, em termos de registro, Ribeirão Preto, por ser fora de uma capital, longe 313 quilômetros, 312, sei lá, de São Paulo, tem essa peculiaridade de ser um lugar onde a repressão foi intensa e muitas pessoas foram molestadas, foram vítimas de serviços e maus-tratos. Uma cidade de muita

intensidade de política, muita contestação, apesar de todo o conservadorismo que andava junto também. O típico de cidades do interior é esse convívio, essa dualidade.

LOC: E você acha que. Mesmo tendo uma vida curta, as FALN elas existiram por três anos, de 66 a 69. Isso, de 66 a 69. Você acha que, mesmo num período curto, eles conseguiram incomodar os militares, fazer um barulho aqui?

MARCELO BOTOSSO: É, a gente fala curto. Se você pegar 66, ela foi talvez a primeira organização a romper, que surgiu do PCB, que rompeu. Você tem várias vertentes: você tem a vertente nacionalista trabalhista, que estava ligada ao Brizola, estava ligada ao trabalhismo, ao próprio PTB, de onde surgiram o Colina, Comando de Libertação Nacional, outras organizações. Mas ela foi, provavelmente, não tem como você ter essa precisão. A história não é matemática. Provavelmente. Ela foi a primeira organização oriunda do PCB que rompeu com o PCB até antes do Marighella.

Quando o Vanderley foi falar com o Marighella, o Vanderley já tinha optado pela luta armada. Ele só foi querer o aval ou o apoio logístico. A geração do Marighella, na verdade, ele queria o apoio logístico do Marighella, mas ele já tinha optado pelo rompimento pelo caminho da via armada.

LOC: E Vanderley, como o seu pai, enxergaria essa nova tentativa de golpe de Estado que o Brasil viveu em 2023: militares, pela primeira vez na história, no Banco dos Reis. E Vanderley, como o seu pai, enxergaria essa nova tentativa de golpe. de Estado em 2023, essa ruptura democrática.

VANDERLEY CAIXE: Eu acho que, se tivesse acontecido como planejado, estaria nas fileiras aí de combate. Certamente, eu não tenho dúvida disso, porque ele sempre fez da vida dele essa luta contra o sistema.

LOC: É uma pergunta para vocês dois: vocês acham que o Vanderley Caixe, tanto ele quanto os outros integrantes da as FALN, que eles tenham o devido reconhecimento do Ribeirão Preto nos dias atuais?

VANDERLEY CAIXE: Eu até posso responder isso.

Eu acho que se você fizesse essa pergunta para o meu pai e ele estivesse aqui, eu diria para você assim: estou um pouco me importando com isso. Mas, quando ele sai da cadeia, ele volta ao Ribeirão Preto. As pessoas atravessavam a calçada, atravessavam a rua para não cruzar com ele. Isso eu tenho certeza que deve ter sido muito forte. para ele, mas eu acho que o reconhecimento tem o reconhecimento, tem, mas acho que não importa realmente.

LOC: E para a gente encerrar, Vanderley, seu pai foi uma figura muito importante na história de Ribeirão. Não tem como falar de ditadura em Ribeirão sem falar do Vanderley Caixe. Você carrega, literalmente, o nome dele nas costas dos seus documentos. E eu queria saber se você se sente, de certa forma, um herdeiro do legado dele, da trajetória dele.

VANDERLEY CAIXE: Eu acho que não me vejo como um legado; cada um vai construindo a sua própria história. Evidentemente que ser filho dele me proporcionou muitas coisas: um olhar crítico, desde muito jovem, um olhar crítico que permanece. Então, eu tive a chance e a condição de ter na minha casa, em João Pessoa, Mestre Carlos Prestes por diversas vezes. Gregório Bezerra, então, foi evidentemente uma grande escola para mim, meu pai. E todos esses princípios, esses princípios de força, de não recuar, de não se vitimizar, tudo isso é evidentemente o que eu levo comigo.

LOC: Marcelo Vanderley, muito obrigado pela gentileza de aceitar o convite desse podcast.

MARCELO BOTOSSO: Só concluir com uma frase do Vanderley que sintetiza tudo isso: nas entrevistas, nas inúmeras entrevistas, bate-papos que eu tive com ele, ele falou uma frase lá que eu acabei registrando e eu falei: isso tem que ser impresso. Isso tem que ser divulgado. Que ele disse que sintetiza essa participação com erros e acertos, com equívocos e tal. Mas ele disse: abre aspas, fomos fracos, fomos fortes, mas ninguém poderá dizer que nós não estivemos presentes.

TÉC: VH - ENCERRAMENTO

APÊNDICE D - Álvaro Neto



ROTEIRO DE CAPTAÇÃO: GRAVAÇÃO ÁLVARO NETO		
DATA: 11/07 - SEXTA-FEIRA	HORÁRIO: 15:30 H	DURAÇÃO: 30 MINUTOS
SIGLAS: TÉC. = TÉCNICA LOC. = LOCUTOR VH. = VINHETA		
APRESENTAÇÃO: VITOR HUGO BAPTISTA DE SOUZA		

TÉC: VH – ABERTURA

LOC: Em um período em que dizer a verdade publicamente não era permitido, como era fazer jornalismo em plena ditadura militar? Noticiar um desaparecimento, relatar um caso de tortura ou até mesmo criticar o poder podia render censura ou até mesmo coisa pior. E como isso acontecia em Ribeirão Preto? Eu sou Vitor Baptista e o convidado de hoje é Álvaro Neto, ex-chefe de jornalismo da Rádio PRA -7, que viveu tudo isso de perto. Álvaro, muito obrigado pela sua presença e seja muito bem-vindo.

ÁLVARO NETO: Obrigado digo eu. É importante que a gente tenha que reviver alguns tempos negros que o país viveu. A gente dava a notícia de quem foi preso, de quem deixou de ser preso, mas sem falar logicamente que estavam sendo torturados. Todo mundo sabia do que acontecia, porque havia inclusive o boca a boca fora da rádio. E o mais importante é que você tinha, por exemplo, o Estado de São Paulo, o jornal que trazia receita de bolo ou poesias de Camões nas matérias que eram censuradas. Então, você ficava sabendo o que teria acontecido ali, e a cidade inteira sabia. A gente sabia que havia tortura em quartel. Sabia que o pessoal que foi preso na época, desde 64, logo no golpe, teve um punhado de gente que foi presa.

A gente dava as notícias do que acontecia; fulano de tal foi preso em São Paulo, prenderam não sei quem, mas nada que você não podia falar sobre tortura.

LOC: Vamos começar um pouco antes de falar da sua carreira no rádio. O senhor foi filiado ao Partido Comunista Brasileiro. O que te fez entrar no partido?

ÁLVARO NETO: Ah, isso é desde criança. Eu tinha 14 anos, por aí. O problema é que você tem noção do que isso deve ser no futuro. Ou é bom, é ruim, sei lá. Mas, de qualquer forma, o marxismo era um avanço e é, até hoje, importante dizer que muitas coisas que aconteceram no Brasil... falar em a reforma agrária era crime. Falar, as empregadas domésticas terem condição de ser uma profissão e ser registradas. Então, isso era quase que proibido. As greves eram proibidas. Porque eu nasci numa ditadura, eu nasci em 35. Na ditadura do Getúlio foi até 45, quando acabou a ditadura do Getúlio com o fim da Segunda Grande Guerra Mundial. Então, de 46, que foi a grande constituição brasileira mais liberal de todas, até 64, o partido foi legalizado. Depois, voltou para a ilegalidade de novo, e era um partido que lutava pela reforma agrária, que era crime falar lá atrás.

Hoje, todo mundo fala em reforma agrária. Até o governo da ditadura fez reforma agrária. Então, os avanços sociais são muito pequenos.

LOC: E o senhor, durante o dia do golpe, mesmo no dia 31 de março, trabalhava em São Paulo e você conta que os militares invadiram essa rádio. Conta um pouco pra gente.

ÁLVARO NETO: O problema é o seguinte. A revolução estava na rua com a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Havia nós, transmitimos a rádio. Eu estava na Rádio Marconi, assim porque era uma rádio que defendia o governo do Jango contra o golpe. Já sabíamos que ia ter um golpe. Era uma rádio de resistência. Sabíamos que tal, porque a gente esperava que o Kruel, que era o comandante do segundo Exército Federal, colocasse os tanques na rua em defesa do governo, até porque o Kruel era o padrinho do filho do Jango. E no dia 31 de março, eram onze e meia, meia noite, por aí. Invadiram a Rádio Marconi e nós todos fomos detidos. Fomos parar tudo no DOPS, mas depois fomos liberados porque eu era locutor. Então, acho que ficaram detidos realmente por algum tempo mais os diretores da rádio. Mas foi isso.

Agora, foi um drama, porque você não sabia o que ia acontecer quando entrou no camburão. Eu falei: "Bom, se o Kruel botar os tanques na rua, nós vamos morrer aqui dentro do camburão, porque vai ter tiroteio, vai ter o diabo. Se o Kruel não põe os tanques na rua, para que vai acontecer?" Então, é isso que é o triste da coisa, sabe? A ditadura foi assim: Foi um golpe que estava maduro.

O golpe, a gente tinha quase que plena consciência de que podia acontecer, mas não esperávamos que fosse tão rápido e sem posicionamento.

LOC: Sem defesa nenhuma.

Álvaro Neto: Quando a gente imaginava que o Kruel fosse estar contra o golpe ou botar os tanques na rua em São Paulo, que é o segundo Exército, ele estava no Rio, já com Costa e Silva, com Castelo, conspirando tranquilo. A coisa bem assim, tanto é que o golpe fala se muito em revolução. Não houve revolução, revolução é quando há enfrentamento. Não houve enfrentamento, foi simplesmente um golpe militar, que, aliás, isso também é tradicional no Brasil.

LOC: Depois desse acontecimento, que os militares invadem a rádio, o senhor decide voltar para Ribeirão. Você até disse, numa entrevista, que você teve medo de literalmente desaparecer em São Paulo. Conta isso pra gente.

ÁLVARO NETO: O problema não é esse. Aqui em São Paulo, se você desaparece... não. Minha família mora na de Ribeirão. Volta em Ribeirão, que é uma cidade menor. Quando você some, é mais fácil de todo mundo saber o que aconteceu. O fulano foi preso, enfim, a gente sabia disso e teria família para ir atrás de advogado, de gente para o que faz, se acha onde você está. É mais fácil do que em São Paulo.

LOC: Eu assisti uma entrevista do senhor em que você fala o seguinte: que os militares se achavam os donos de Ribeirão Preto. Explique isso para mim.

ÁLVARO NETO: Não porque o chefe da quinta CSM, não é que ele tinha um poder. A alta sociedade de Ribeirão Preto, o poder econômico de Ribeirão Preto, ele, esse era o cara que era o dono de Ribeirão.

Era como se ele fosse o dono. Ele era convidado para paraninfo de baile de debutante, ele era convidado para cerimônias cívicas, qualquer. Então, esse é um problema sério. Havia um temor, porque esse cara é quem podia mandar prender, mandar soltar.

LOC: Ninguém desagradava ele.

ÁLVARO NETO: Na cabeça, não é agradável quem está no poder, é o fulano. Então, o poder é fascinante. É o poder, o porteiro da UBS é um cara importante, porque ele pode me passar na frente do outro na fila. Ele conhece o médico, pode falar: "Seu fulano, meu primo sabe dessas coisas".

É que é importante o jeitinho brasileiro. Eu quero estar bem com quem está no poder. Isso é pacífico.

LOC: Uma situação na sua trajetória que eu acho muito interessante é que em 66 o senhor foi preso numa manifestação. Estava cobrindo uma manifestação de estudantes aqui em Ribeirão, e a polícia, os militares, achavam que o senhor estava coordenando tudo aquilo. Conta para a gente.

ÁLVARO NETO: Não, o problema não é isso, isso é uma ideia minha que eu acho que eles achavam que nós é que estava. Meu irmão, estava no segundo ano da faculdade de medicina. Minha mulher, a namorada da época, estava no terceiro ano, que é a minha esposa hoje, há cinquenta anos. E a minha preocupação era que eles fossem presos. Então era eu e o Ecke, o Roberto Edson Ecke, que é o advogado. Nós estávamos cobrindo. Nós tínhamos um que hoje você cobre com celular, você fala de onde você quer. Nós tínhamos um negócio que parecia uma lata de óleo grande, que a gente estava cobrindo.

Mandamos para o ar falando que o deputado Orlando Julca foi espancado no saguão da Associação Comercial e nós transmitimos o espancamento dele. E aí subimos a Visconde até a Praça da Catedral, que em frente era o Diário de Notícias, que era um jornal da Cúria Metropolitana. E o cônego Angélico estava na porta e nós fomos entrevistá-lo. E aí o pessoal chegou com o caminhão, desceu uma tropa de gente, "não deixa falar, não deixa falar, não deixa falar", e falaram Não quebra a aparelhagem, que a aparelhagem não é nossa. Mas aí nós fomos detidos. Fomos para a delegacia. Da delegacia, nós fomos para lá no quartel, que hoje é onde a delegacia é regional, seccional de Ribeirão, não sei, na São...

LOC: No centro. É na São Duque de Caxias.

ÁLVARO NETO: Não, não é ali. Nós fomos para ali primeiro, para a Duque de Caxias. Daí nós fomos para o quartel que era da PM. Ficamos numa quadra de basquete que tinha lá, onde a gente jogava um futebolzinho de quadra, inclusive. E ficamos todo mundo sentado. Aí nós estávamos conversando, eu e o Roberto. "Não, não pode conversar." E aí é a paura de para onde nós vamos. Vamos ficar presos aqui em Ribeirão? Nós vamos para onde? Vai todo mundo para São Paulo, para o Rio, que não sei. Aí ficamos à tarde inteira, até que lá pelas quatro e meia, cinco horas, seis horas, por aí, voltamos para a delegacia e falamos. Mas antes de voltar, nós passamos por uma ficha. Nos ficharam e tal. Aí ele falou: "Pô, eu tinha trinta anos na época".

Por aí, ele: "Ah, o senhor está muito velho para ser estudante". "Porque eu não sou estudante, eu estava trabalhando. Não é nada disso." Aí a rádio já era do Ticiano Mazeto, que era capitão do exército e da reserva. Ele deve ter mexido os pauzinhos dele, claro, até com o comandante da quinta CSM talvez. E eu sei que às seis horas da tarde, por aí, nós voltamos para a delegacia e fomos liberados. Aí, no outro dia, claro que nós abrimos a rotativa sonora com Ribeirão Preto transformado em praça de guerra. E quem acompanhou um pouco essa passeata dos estudantes da USP, que era contra a ditadura, foi o Dom César da Cunha Vasconcelos, arcebispo metropolitano de Ribeirão Preto, e à frente de algumas passeatas para evitar espancamento de estudantes, porque foi uma violência mesmo, foi coisa... foi bem feia, porque a ditadura não permitia nada nesses tempos.

E o engraçado é que depois o pessoal da Associação Comercial, acho que entrou, conversaram com o Paulo Egídio Martins, que eu acho que já era governador ou ministro de Estado, eu não me lembro, da ditadura, e permitiu se que se fizesse um comício na Esplanada do Teatro Pedro II. Mas a coisa foi essa, a detenção minha e do Ecke foi isso. E a minha ideia era essa: Que eles achavam que a gente podia estar orientando a polícia, estar aqui, quando não era. Nós estávamos trabalhando como jornalistas, porque eu me lembro que foram presos eu, o Valdecio Marcel, que era da Rádio Cultura, e o Roberto Edson Ecke.

LOC: E, nesse tempo que o senhor ficou sob a custódia da polícia, o senhor teve medo de sofrer alguma violência, porque o pessoal já era torturado, já desaparecia. Nessa época o senhor teve medo de acontecer?

ÁLVARO NETO: A gente sabia que não. Ali a gente sabia no quartel. Claro, o meu medo era outro: Que a gente fosse transferido para São Paulo ou para o Rio de Janeiro, porque também eles tinham vários centros. Aí sim, a preocupação minha era essa. E tinha o Ansolini, que era PM, passava e falava: "Essa vez vocês estão perdidos". Então, a cabeça era essa, mas como houve essa coisa, eu falei: Bom, que ótimo, escapamos de ir para alguns centros diferentes.

LOC: O senhor conheceu pessoas aqui de Ribeirão que foram torturadas pelo regime militar?

ÁLVARO NETO: Ah, conheci quase todas, né? Quase todas.

LOC: Conta um pouco para a gente, nomes.

ÁLVARO NETO: Porque a gente tinha de relacionamento, até de amizade, não é nem de partido político, porque muita gente que foi presa não tinha nada com nada, aparentemente. O problema sério da ditadura é que é isso que dá medo. Acho que o Pedro Aleixo é que o amigo da ditadura é o guarda da esquina; ele se sente dono do "eu sou o pessoa mais importante". Gente que faz o que acha que pode fazer. E você já vinha lá atrás com o Esquadrão da Morte, que não tinha nada com a ditadura. Bem antes da ditadura já tinha o assassinato, já tinha esse tipo de coisa. Então, você corre sempre ao sair de casa para trabalhar e voltava de casa, da rádio para casa, sabendo que, de repente, eu posso ser preso na esquina. Então tem um fato, eu estava vindo do cinema, do Cine Centenário, subindo a praça da Catedral. E eu falei para a minha mulher: Anda na frente e não me conhece. Não sei se vão me prender. Não é que tinha um casal, acho que namorando na praça? Alguém telefonou que estava atentado ao pudor. Foi, foi lá. Então é esse tipo de coisa. O drama é a insegurança que você vive na ditadura. Não só a gente, mas o resto do povo, porque você não sabe o que pode acontecer. Porque você não tem habeas corpus, você não tem lei, você não tem nada.

LOC: Você está totalmente à mercê do estado...

ÁLVARO NETO: Então é uma paúra, e esse é um problema sério que assusta.

LOC: E eu vou até pegar um gancho que o senhor disse numa entrevista, que o jornalista não tem segurança na ditadura, que era preciso saber conversar pelas entrelinhas.

ÁLVARO NETO: É claro, você falava as coisas pelas entrelinhas. Você sabia quem estava preso. Você não falava "fulano de tal foi preso", "estava preso", "fulano de tal foi transferido para São Paulo". Esse tipo de coisa você não podia falar: Fulano de tal está torturado, arrebitado. Você só sabia, você dava a notícia como todo mundo dava: Fulano está preso. E a gente não falava: nem é terrorista, nem é. A gente sempre falava: Está preso, enfim, né? Porque os presos todos eram considerados terroristas. Sabe? Então, o drama todo começou em 64. Eu brinco sempre: Em 64 eles prenderam, botaram todo mundo de castigo, ficaram 15 dias, um mês detido e tal, soltaram. É como se eles dissessem: para ver se vocês não perturbam a nós, aquela coisa.

Em 66 houve o racha no Partido Comunista. Metade foi para a luta armada e a outra metade achou que a luta política era a mais importante. Então era eleger deputados. Esse tipo de coisa. E quem foi para a luta armada não era no sentido... não dava para fazer luta armada ainda, porque o povo ainda estava apoiando a ditadura. Ainda tinha medo. Criou-se um clima tal de que "o comunismo vem aí", que o povo tinha medo. E tinha medo também de greve, aí acabaram-se as greves. Então, o pequeno comerciante, a doméstica, o diarista, o cara do comércio falavam: Agora está bom, porque o ônibus funciona. Não acabaram-se as greves porque ninguém ia fazer greve na ditadura. E os que fizeram foram presos.

Então, o pessoal da Cosipa, que foi preso, que era de Ribeirão, tinha o Miller, tinha o Marcelo Gato, foram todos presos. Ficaram presos no navio Raul Soares, se não me engano, chamava o navio fundeado na Baía de Santos. E, sem saber o que ia acontecer, só não jogaram no mar, se não for.

LOC: Credo, né?

ÁLVARO NETO: É essa coisa que é o drama. Daí agora está todo mundo falando do Rubens Paiva. Igual ao Rubens Paiva, teve milhares de gente. A famosa cova de Perus, mil e poucas pessoas que foram torturadas e assassinadas na ditadura. O Toledo, que era o Câmara Ferreiro, foi assassinado na tortura. E aí disseram que foi metralhado num confronto. A ditadura fazia muito disso. Esse é o problema.

LOC: O senhor, enquanto jornalista, teve algum problema com os militares. Você contou numa entrevista que o Jota Besquisa, uma vez, tocou a música "Para Não Dizer Que Não Falei das Flores" em um programa de rádio. E um coronel foi pessoalmente na rádio para reclamar.

ÁLVARO NETO: É o Besquisa que me contou essa história. É que ele estava fazendo um programa musical e tocou "Para Não Dizer Que Não Falei de Flores". Vem, vamos embora. E o coronel, acho que era o coronel Chamil, foi lá na rádio para prendê-lo. E ele escondeu no porão do palco da PRA-7.

LOC: Tem um episódio que eu acho sensacional que o senhor conta numa entrevista, que o senhor foi cobrir uma palestra. E nessa palestra tinha um coronel e ele discursou. Ele disse a seguinte frase: "Todo intelectual é comunista".

ÁLVARO NETO: É, o coronel Chamil.

LOC: E no outro dia, o senhor bobo nem nada colocou na manchete do jornal. E ele parece que não gostou muito disso.

ÁLVARO NETO: Não, não tinha como não gostar. Ele fez uma palestra na Intentona Comunista. Hoje não se comemora mais isso no quartel. Ele fazia uma palestra na Intentona Comunista, na Associação Comercial. Então, sobre a Intentona Comunista, ele citou alguns intelectuais de Ribeirão Preto e alguns, não sei se Seixas, que escrevia, que era escritor e advogado. Uma meia dúzia de gente. Eu tenho a impressão de que ele deve ter escrito o discurso. Hoje a minha cabeça é essa: Que ele tenha escrito o discurso falando de tal, beltrano, desses todos, "esses intelectuais são todos comunistas". Só que eu acho que ele esqueceu de falar isso.

E aí ele disse: "Olha, todo intelectual é comunista". Foi a manchete que eu abri: "Chefe da 5ª CSM diz que todo intelectual é comunista". As seis horas da manhã já estava um alvoroço danado. Eu só fiz essa manchete porque eu tinha gravado.

LOC: Tinha provas.

ÁLVARO NETO: Eu não fui lá na palestra. O Seixas, o Vicente Seixas, gravou, porque ele trabalhava na PRA-7 na época. Gravou e eu falei: "Você tem essa?" "Tenho". Então eu tirei *ipsis litteris*, tirei tudo direitinho. E publiquei o discurso inteiro. Está lá a frase mesmo: "Todo intelectual é comunista". Isso aí ele deve ter levado bronca do alto comando, né? Porque, como todo mundo é... ou seja, quando você coloca que todo intelectual é comunista, daí pronto, como é que faz? Porque havia mesmo professores que foram caçados. Não, cara, perderam o cargo. Então o professor Ernando Henrique, que foi exilado, um punhado de gente, então, quem podia ir exilado. Agora, o que eu acho importante e que é preciso destacar é que muita gente foi presa, não só em Ribeirão, mas fora de Ribeirão, e que são anônimos. Que eram militantes de greves, que eram militantes em sindicato, que eram... e que essa gente ninguém fala. Só se fala dos que são nomes importantes, né?

LOC: Os mais famosos.

ÁLVARO NETO: É, os famosos.

LOC: Isso é uma realidade, né? O Brasil tem uma literatura, tem documentários, faz filmes sobre a ditadura, mas falta um pouco essas pessoas anônimas, são esquecidas, que não eram das famílias mais importantes da época.

ÁLVARO NETO: É, não é? Por exemplo, Ribeirão, Pedro, você teve o Irineu de Moraes. Foi torturado, botaram num trem pra morrer. Chegou com o crânio estourado em Guatapará, porque o irmão dele trabalhava na ferrovia. Aí o Pedro Azevedo Marques conseguiu trazê-lo pra Ribeirão. Colocaram-no no hospital, ficou 15, 20 dias no hospital até se recuperar a saúde. Então, essas são histórias. Então, pouco se fala do Irineu, pouco se fala do Patrocínio, pouco se fala do Claudinei, pouco se fala do Granville, da Bacena. Quer dizer, isso do Jeromin, que era um trabalhador rural daqui da região, era de Pitangueiras, eu acho. Então, os anônimos que eu falo são esses que, por uma militância qualquer, ou porque participaram de uma greve, ou se eram diretor de um sindicato, que também sumiram, desapareceram. Alguns morreram na tortura, outros...

LOC: Estão desaparecidos até hoje.

ÁLVARO NETO: Sumiram. Então, é isso que eu acho que tem que falar de todo mundo, sabe.

LOC: E, Álvaro, eu queria tocar no assunto do caso Vladimir Herzog, que, de certa forma, é um colega do senhor de profissão e que virou um caso extremamente famoso, conhecido até hoje, de um jornalista que foi assassinado pela ditadura. Eu queria saber como o senhor assistiu esse caso naquela época.

ÁLVARO NETO: Não, quando aconteceu o caso do Herzog, já havia uma resistência à ditadura. Dom Paulo Evaristo Arns já estava, já era taxado de padre comunista, essas loucuras todas. Então, a mulher do Herzog, assim como o sindicato dos jornalistas profissionais de São Paulo, que era o Aldálio Dantas, e que era um cara também católico, ligado à Igreja, fez todo o movimento. E teve na época é importante, que se tentou impedir que se chegasse à Catedral da Sé um culto ecumênico, que nunca tinha acontecido. Dom Paulo Evaristo Arns, o rabino e o protestante, os três fizeram um culto ecumênico denunciando que o Herzog tinha morrido. E tentaram impedir, só que a Praça da Sé ficou lotada.

Conseguiu-se chegar gente, não conseguia mais entrar na igreja. E a igreja, então, o caso Herzog é emblemático porque ajudou a derrubar a ditadura mais na frente. Porque o caso Herzog, antes, eles já tinham matado na tortura o Fiel Filho, que era um operário. E antes do Fiel Filho, tinham matado o Pedro Dias. Então, essas coisas foram juntas. Qual o caso Herzog? Foi uma repercussão internacional. Porque a foto do suicídio dele é ridícula. Não dá pra dizer que um cara suicidou sentado.

LOC: Pois é, né?

ÁLVARO NETO: Enforcou sentado. Então, é ridículo. Então, repercutiu no mundo todo e aí. A pressão internacional foi grande.

LOC: Vamos fazer agora, então, um salto no tempo e voltar para os dias atuais. Como o senhor acompanhou essa nova tentativa de golpe de estado em 2023? Agora temos pela primeira vez na história do Brasil militares no Banco dos Réus.

ÁLVARO NETO: Não, o problema é que no Brasil nunca houve punição de militares. É por isso que tá quartelada. Sabe? Então, é por isso que, Prestes fez a quartelada dele com a [inaudível]. Sempre tem uma quartelada, uma tentativa de quartelada. O Bolsonaro tentou explodir o quartel, tentou explodir o Guandu, foi julgado pelo STM, absolvido, porque a ditadura, a impressão que eu tenho, não interessava em dizer que ela tinha um mau soldado. Só caçaram o Lamarca porque aí foi uma rebeldia militar armada e tal. Então, esse problema é que é sério: A gente tem essa tentativa de golpe. É preciso que a gente comece a lembrar de 61, porque o golpe de 64 foi em 61 que começou, quando tentaram impedir a posse do João Goulart. Aí teve a Rede da Legalidade.

LOC: A PRA -7 fez parte.

ÁLVARO NETO: A PRA 7 foi a primeira a entrar. Eu me lembro bem que eu estava lá. A gente ficava dia e noite ligado com a Rede da Legalidade, então não teve o golpe porque o comandante do Terceiro Exército voltou-se ali, topou a briga. Os aviões não puderam levantar da Aeronáutica porque, parece, furaram os pneus dos aviões, qualquer coisa assim. Então, esse golpe não vingou, mas foi o nascimento para o golpe de 64, que aí a CIA atuando no Brasil, isso tudo é documentado. Não aqui, dos documentos que de 50 em 50 anos são liberados nos Estados Unidos. Então Lincoln Gordon como o embaixador no Brasil, telegramas dele têm tudo, tudo certinho. Tinha as entidades que eles criaram de ensino, tinha a Aliança para o Progresso, que a gente chamava de Aliança Pró Esso, essas coisas todas.

E eles, então, o golpe veio, e aí em 64 estava a paúra. Dizem, eu também não sei onde li isso, que o Kruel falou para o Jango largar o sindicalismo. Outros generais, como o Muricy, dizem que foi uma afronta ao Exército fazer o comício do dia 13 em frente ao quartel-general do Exército, que é ali na Central do Brasil. Quer dizer, foi assim uma afronta. Então, há sempre uma desculpa para tudo, mas não. O golpe veio sendo montado desde 60, vem lá de trás certinho, e aí teve marcha da família com Deus pela liberdade, que aliás é o que está acontecendo até hoje: Deus, Pátria e Família, que é o lema do Plínio Salgado, dos integralistas lá atrás, que era um movimento fascista. Então, nós vivemos permanentemente na corda bamba, até hoje você não tem uma segurança. Estão aí os caras xingando: “O Supremo não pode”. Qualquer coisa, isso é o que eu acho importante. Qualquer coisa: “Ah, esse Supremo”. Não. Não é o Supremo. O Supremo não faz nada sozinho, só é provocado. Ou é um partido

político que entra, ou é um deputado, ou um senador que entra, ou é alguém da sociedade que entra, ou é um sindicato. O Supremo, por conta própria, não faz nada. Se a Procuradoria Geral da República não entrar, se a promotoria não apresentar, o Supremo só julga o que... ele só é provocado a atuar. Quando o Congresso, como agora, está abdicando dos seus poderes de legislar, aí corre tudo pro Supremo. Aí fica o congresso usurpando poderes. Não é nada disso, e isso confunde o povo como confunde hoje. É trágico isso. “Ah, a polícia prende e a justiça solta”. Não. É que o inquérito é mal-feito. Quando chega na mão do promotor, o promotor não apresenta a denúncia. Você apresenta também um inquérito mal-feito, sabe? Então isso tudo ilude o povo. E aí chega-se à conclusão de que tem que matar o bandido, que bandido bom é bandido morto, mas não é por aí a história.

LOC: Se o senhor tivesse que dar um conselho para essa nova geração que já nasceu numa democracia, que nunca viveu, não sabe como é viver numa ditadura, o que o senhor diria?

ÁLVARO NETO: Não, o problema sério é que eu acho que a nossa democracia também ainda é meio periclitante. De 46 a 64, que eu acho que foi a ditadura, a constituição mais liberal do país legalizou-se o Partido Comunista, mas depois o Dutra botou na ilegalidade de novo. Então, houve os partidos puderam se organizar, sindicatos puderam se organizar. Então, isso avançou. O sindicato rural, houve criação de sindicatos de trabalhadores rurais. Então, tudo isso foram sendo avançados. E, em 64, a coisa veio e cortou tudo isso. A ditadura do Getúlio acabou em 1945. A outra começou em 64; foram 20 anos só de liberdade e durou 20 anos. Não, os espaços são curtos.

LOC: Esse é o período mais longo sem ditaduras que o Brasil teve.

ÁLVARO NETO: Você imaginava? Getúlio começou em 30 e acabou em 45. Tudo bem que o Estado Novo começou em 37 Então você tem que conhecer a história não só de hoje.

LOC: E, Álvaro, para a gente encerrar, o senhor acha que Ribeirão Preto valoriza as pessoas que lutaram e bateram de frente com o regime militar? Sabe, você acha que Ribeirão Preto não tem essa memória histórica?

ÁLVARO NETO: Não, nem estão aí com nada. Brasileiro pensa em futebol, São João e Carnaval. A única preocupação deles é ganhar dinheiro para minha família viver bem. Só o problema sério é esse. Estou falando: O brasileiro não lê. Para ele, a ditadura foi ... Meu pai não foi preso, minha mãe não, meus irmãos, meus parentes. Então, a ditadura, para mim, não falou nada. E teve muita gente que ganhou dinheiro na ditadura. Esse é o problema sério. Eu mesmo ganhei dinheiro na ditadura vendendo publicidade. Porque teve uma fase do milagre brasileiro em que você tinha comércio à vontade, então você ganhava dinheiro. Então, essas coisas que é difícil de você fazer. Não, o povo não está aí com ditadura. Tanto é que não está, que está pedindo.

LOC: Tem passeata todo mês pedindo.

ÁLVARO NETO: Aqui em Ribeirão, o pessoal ficou em frente aqui da 5ª CSM. Está fazendo passeata todo dia, toda hora. Eu imagino, inclusive, que o impeachment da Dilma evitou um golpe, porque eu não sei se eles não iam dar o golpe ali. Ia chegar uma hora que o Exército ia intervir. E o Exército gosta de intervir, vive de quartelada. Porque nunca foi punido. Você me perguntou no começo. Esse é o problema sério: Pela primeira vez na história, estão sendo julgados militares de alta patente, são generais. Isso é importante a gente citar. Então, nunca foi. Jacareacanga da Aeronáutica, que tentaram derrubar o Juscelino foram anistiados. O Juscelino, nem teve processo. Então, nós vivemos ainda esse clima. Pela primeira vez, a Argentina julgou todos os generais. O Uruguai é a mesma coisa, o Chile é a mesma coisa. Nós não. O Exército faz a quartelada e nunca acontece nada. Tudo bem que as Forças Armadas, é importante a gente dizer, o país precisa de umas forças armadas que defendam o país mesmo. Então, nós não temos, um litoral do tamanho que nós temos o Atlântico; nós não temos uma guarda costeira. Então, nós temos que ter coisas. Está aí, o pessoal toma conta da Amazônia. Então, nós ainda não equacionamos o problema indígena.

Quer dizer, o índio ainda, uma hora, ele é índio, outra hora ele não é. Nós temos, sabe? Então, uma hora ele é tutelado, outra hora ele não é. Então, nós precisamos. Tem muita coisa ainda. Nós temos grilagem de terra ainda hoje.

LOC: Bizarro isso. É.

ÁLVARO NETO: Então, tem muita coisa no Brasil para ser passada a limpo.

LOC: Álvaro, então, muito obrigado pela gentileza de aceitar o nosso convite.

TÉC: VH - ENCERRAMENTO

APÊNDICE E – Matilde Leone



ROTEIRO DE CAPTAÇÃO: GRAVAÇÃO MATILDE LEONE		
DATA: 18/07 – SEXTA-FEIRA	HORÁRIO: 17:30 H	DURAÇÃO: 30 MINUTOS
SIGLAS: TÉC. = TÉCNICA LOC. = LOCUTOR VH. = VINHETA		
APRESENTAÇÃO: VITOR HUGO BAPTISTA DE SOUZA		

LOC: A única freira presa e torturada pelo regime militar, é de Ribeirão Preto. Em 1969, a antiga diretora do Lar Santana, Maurina Borges da Silveira, foi presa e acusada falsamente de integrar um grupo guerrilheiro armado. Eu sou Vitor Baptista e para ajudar a resgatar essa trajetória, a convidada de hoje é Matilde Leone, jornalista e autora do livro Sombras da Repressão, o outono de Maurina Borges. Matilde, muito obrigado por aceitar o nosso convite, seja muito bem-vinda.

MATILDE LEONE: É por nada, boa tarde pra você. Eu te felicito, primeiramente, pelo seu trabalho, uma escolha muito pertinente, inclusive, pro momento que nós estamos vivendo.

LOC: Então, eu queria começar te perguntando qual era a função da Madre no Lar Santana.

MATILDE LEONE: A Madre Maurina era diretora do Lar Santana; na verdade, não fazia muito tempo que ela estava lá, né? Ela veio de Araraquara para dirigir o Lar Santana, estava lá há um pouco mais de um ano, dois anos, uma coisa assim.

LOC: A Madre ela permitia que um grupo de jovens usasse o porão do Lar Santana para debater política, para conversarem sobre a situação do país na época e, posteriormente, ela descobriu que esses jovens eram das FALN, as Forças Armadas de Libertação Nacional. Eu

queria que você me contasse como foi que ela descobriu que esses jovens, que ela deixava utilizar o espaço da instituição, se envolviam com política.

MATILDE LEONE: A Madre Maurina não que ela deixasse usar o porão para essas reuniões, ela permitia que eles usassem um cômodo lá do Lar Santana para se reunirem, porque antes disso, antes deles se reunirem no Lar Santana, eles tinham um grupo de estudo. Naquela época era muito comum. As pessoas tinham a Juventude Operária Católica, que era a JUC, e a Juventude Estudantil Católica, JEC, a Juventude Universitária Católica, que era chamada JUC. Então, não era raro que os jovens se reunissem para discutir a situação política do país, porque isso foi em 1969 e, desde 1964, o país tinha entrado numa ditadura que ficou muito mais ferrenha, digamos assim, a partir de 67.

Então, nesse período, como muitas instituições estavam sendo fechadas e havia muitas perseguições, as pessoas costumavam se reunir, embora nessa época, mais de três pessoas reunidas para o regime militar já era subversão, mas pra uma discussão das questões políticas, por exemplo, no caso da Juventude Estudantil Católica, a política dos militares em relação aos estudantes, em relação aos universitários, em relação aos operários, enfim, aos sindicatos, que na verdade sofreram muito também. Então, eles usavam anteriormente um salão, uma sala numa igreja lá na Vila Tibério, que era a Igreja Coração de Maria. Mas aí houve não sei que questão que o padre, o responsável lá pela igreja, passou talvez, e com razão, com medo de que aquilo não fosse bem-visto ou fosse mal interpretado. Um dos participantes desse grupo pediu autorização. Lá no Lar Santana, usar uma sala. E quando a Madre Maurina chegou, eles já estavam reunidos. Eles já se reuniam no Lar Santana. Então, foi isso que aconteceu. Como ela descobriu essa sua pergunta? Quando um deles foi preso, porque, paralelamente a esses estudos, a esses encontros lá no Lar Santana, um deles, apenas um deles, que existe muita confusão a respeito disso. Ah, o pessoal da FALN se reunia no Lar Santana, não era isso? A FALN se organizava em outro local. Um dos integrantes da FALN é que frequentava o Lar Santana. Então, nesse porão, o que aconteceu? Ele guardava material da FALN. E que material que era isso? Não eram armas, não eram bombas. Era um mimeógrafo. Nem sei se você sabe o que é um mimeógrafo.

LOC: Não sei.

MATILDE LEONE: Não sabe, um mimeógrafo é o que depois deu origem, por exemplo, a um xerox, a impressão.

LOC: Uma copiadora mais ou menos?

MATILDE LEONE: É que era álcool. Era uma coisa muito rudimentar, onde eles rodavam um jornalzinho chamado O Berro. Esse jornalzinho era feito lá, era uma coisa muito rudimentar. Então, o que tinha lá? Tinha cadernetas, coisas assim até muito ingênuas, porque tinham cadernos com nomes de pessoas que colaboravam com o patrocínio para eles poderem rodar o jornal, porque também não havia dinheiro, eles não tinham dinheiro. É como se hoje você resolvesse fazer um jornal e começasse a pedir para determinados comerciantes ou fazer um anúncio ali no jornal, entendeu? Então, essas pessoas estavam todas listadas em um caderno e livros, né? E alguns livros. Quando um deles foi preso, que não sei se você tem aí no seu trabalho, que era o Mário Lorenzato, saiu um jornal, inclusive.

E esse que foi preso era o que frequentava o Lar Santana acendeu uma luz, ela falou que queria ver o que tinha dentro daquele porão e mandou arrombar a porta e viu que tinha esse caderno, principalmente, tinha uma pasta preta. A pasta preta já é um personagem dessa história. Essa pasta preta tinha alguns documentos dentro e alguns cadernos. E ela viu aquilo: nomes de pessoas que ela conhecia, que sabiam que não tinha nenhuma relação com nada subversivo, e falou que essas pessoas iam ser prejudicadas, iam ser presas. E foi assim que ela descobriu, e daí teve a consequência, né.

LOC: O que ela decidiu fazer com esse material, quando ela descobriu?

MATILDE LEONE: Ela decidiu destruir, queimar. Então, essa foi a grande acusação contra a Madre Maurina, porque ela chamou o jardineiro, recolheu todo esse material, mandou fazer um buraco no quintal e queimar esse material. Então, isso tudo foi concomitante: ela queimando o material, uma pessoa sendo torturada porque queria saber onde estavam os papéis, os documentos, não sei. E na tortura, essa pessoa disse que estava no Lar Santana, numa pasta preta. Ao mesmo tempo, voltando lá, parece um filme do Homo Dober. Ao mesmo tempo, o jardineiro falou que essa pasta estava muito boa e perguntou se ele podia ficar com ela? Ele disse que pode. Pasta preta, pasta preta. A polícia foi imediatamente ao Lar Santana, exatamente no momento em que o jardineiro estava saindo com a pasta preta na

mão. Ele foi levado para a delegacia, torturado, o jardineiro. Então, não foi só a Madre Maurina, foram muitas pessoas. O jardineiro foi torturado, espancado e tudo mais. Cadê o material dessa pasta? Ele falou eu queimei. A Madre Maurina o mandou queimar.

LOC: Tudo isso é um agravante.

MATILDE LEONE: Muito um agravante muito grande. Então a acusação era muito forte. Foi isso que aconteceu. Aí, no dia seguinte, eles prenderam a Madre Maurina.

LOC: Eles buscaram ela lá no Lar Santana, levaram ela algemada?

MATILDE LEONE: Não, não buscaram ela no Lar Santana; ela estava numa reunião no Colégio Auxiliadora, que ainda existe ali na rua Duque de Caxias. Ela, com o bispo e, enfim, vários religiosos, pessoas ligadas a direitos humanos, estavam numa reunião, o cônego Sandalo Bernardino, o cônego Angélico, que era da paróquia da catedral, e ela estava lá. A polícia foi buscá-la no Lar Santana. Não a encontrou, aí souberam que ela estava nessa reunião, o delegado ligou e falou diretamente com ela, mandou chamar, coisa assim. E falou assim: 'A senhora venha imediatamente para cá' Uma coisa surreal, porque ela saiu do Auxiliadora para ir para o Lar Santana, que tem uma boa distância para ser presa.

LOC: Ela já desconfiava?

MATILDE LEONE: Vem aqui que eu vou te prender, tipo assim: Vem aqui que eu vou te matar e você vai, entendeu.

LOC: Nossa.

MATILDE LEONE: E ela foi. De lá, ela nunca mais voltou. Daí as coisas começaram a acontecer, ela foi presa e aí foi torturada, muito torturada. Depois, foi para São Paulo, levada, ficou no presídio em São Paulo. Depois, foi para o presídio de Tremembé, que era um presídio na época a ala feminina era dirigida por freiras também. Então, ela se sentiu já estava em um estágio de mais conforto né. Foi quando ela recebeu a notícia que ela ia ser exilada.

LOC: A madre, quando é levada pra delegacia, ela, nesses primeiros interrogatórios, ainda aqui em Ribeirão, chegou a ser vítima de tortura e violência por parte dos militares.

MATILDE LEONE: Sim, ela conta, né, na entrevista que eu fiz com ela, eu estive com a madre três vezes e ela sempre reafirmou isso: que ela foi torturada com choques elétricos, a situação dela era uma situação peculiar, porque era uma religiosa, né? Muito diferente, assim, não que as outras mulheres não tenham pudor, tem pudor, mas essa coisa de tirar a roupa, de torturar, de xingar, de esbofetear, entende?

Por uma pessoa que ela sabia numa situação que ela sabia ser inocente, né? Uma coisa também que eu queria, assim, talvez saindo um pouquinho da sua pergunta, é que a Madre Maurina sempre foi tida, assim, como... ela não era uma bobinha, uma pessoa alienada. Não, ela não participou disso, ela não era subversiva, ela não era comunista, ela não tinha esse viés. Só que ela era uma pessoa de extrema sabedoria, de muito conhecimento e que, talvez como muitas outras pessoas que nem se manifestavam, eram contra aquele regime que estava ceifando o país, né?

LOC: Ela chegou a sofrer alguma violência sexual nesse período?

MATILDE LEONE: Sim, é voz corrente. Sim, sim. O meu sim não é sim, é voz corrente na época, quando eu fiz o livro, nos anos de pesquisa, de que ela tenha sofrido uma violência sexual. A violência sexual entre as presas políticas era muito comum, né? E não só ela, como outras presas políticas, sofreram violência sexual. Quer dizer que é uma forma de poder, né? Na verdade, a violência sexual é uma forma que o poder exige. Ele mostra o seu poder muito mais forte, como se fosse realmente uma grande agressão, e é uma grande agressão. Agora, que ela tenha realmente, ela sofreu assédio, eu sei que ela sofreu assédio. É uma coisa que ela foi muito veemente em dizer, da forma como ela foi assediada, ofendida, humilhada. Se ela sofreu essa violência sexual, como todas, inclusive as pessoas que estiveram com ela na prisão afirmam, eu acho que ela tem o direito de não revelar. Ela tinha o direito de não revelar, inclusive por causa da condição dela, é muito diferente. Por exemplo, hoje, nós estamos em 2025. É muito mais fácil para uma mulher ter coragem de dizer, embora nem todas façam isso, que sofreram estupro, que sofreram uma violência sexual. Então, você imagina lá em 1969, uma freira abrir exatamente: " Olha, eu fui estuprada". É complicado isso daí; é uma coisa que, se foi, ela levou com ela.

LOC: Nunca afirmou,

MATILDE LEONE: Nunca. Ela, inclusive, na entrevista que eu fiz com ela, a primeira entrevista, ela me disse: " Eu sei que você vai me perguntar isso, ela disse.

LOC: E voltando a falar agora da prisão da mãe, durante os interrogatórios, os militares, os delegados, eles queriam que ela confessasse. Perguntavam para ela se ela era amante do Mário Lorenzato, que era um dos integrantes das FALNs, e porque eles queriam ligar o nome dela ao nome dele.

MATILDE LEONE: Porque ele que frequentava o lar, né? Ele frequentava o lar, ele era muito católico, né? Ele era da juventude, da JOC, da Juventude Operária Católica, se não me engano, e ele frequentava o lar, então ele era a pessoa mais próxima dela. Outras pessoas nem conheciam mãe Maurina, o Vanderley Caixe, nem a Áurea Moretti, por exemplo, a Áurea Moretti foi conhecer a mãe na prisão. Então, quem é que eles podiam usar para atacar mais uma vez, humilhar mais uma vez, né? A mãe, com essa questão de ser amante... o Mário.

LOC: Você falou sobre a Áurea, e a Áurea ela disse uma vez que ela ficou presa com a mãe um tempo e que os mesmos castigos físicos, as mesmas torturas que as forças militares aplicavam aos membros da FALN, eles também fizeram com a mãe. Então, ela até fala que o fato de ela ser uma religiosa isso não implicava em nada para eles, sabe?

MATILDE LEONE: Não, inclusive, o fato de ela ser uma religiosa era um trunfo, era alguma coisa muito diferente era uma brincadeira a mais para eles, né?

Porque eles estavam ali exercendo todo o poder, diante de uma pessoa absolutamente sem condição de defesa, numa cadeira tomando choque elétrico, pendurado no pau de arara, completamente nu. E era engraçado, né? Talvez ter uma freira, né? Uma religiosa ali, né? Para que eles se divertissem.

LOC: Em 1970, a Vanguarda Popular Revolucionária, a VPR, eles sequestram o cônsul japonês, o Nobuo Okushi, e uma das exigências para liberar essa autoridade era que o governo

soltasse alguns presos políticos. E, entre os presos políticos, estava o nome da Madre Maurina. E parece. que ela foi pega totalmente de surpresa com isso.

MATILDE LEONE: Sim, ela foi. Aliás, é uma surpresa, acho que geral, né? E quem deve saber sobre isso, né? Por que a Madre Maurina? Porque as pessoas que foram resgatadas, digamos assim, levadas para o exterior, pedidas, né, no lugar do cônsul, por exemplo, era o Mário Japa, né, que estava preso, sendo torturado e que estava prestes a morrer na tortura. Então, era uma pessoa que eles precisavam tirar das mãos da repressão.

LOC: O quanto antes.

MATILDE LEONE: A Madre Maurina era uma pessoa que estava num presídio já, num momento tranquilo da vida dela. Ela não estava presa, ela não estava sendo mais torturada, ela não estava mais sendo incomodada. Ela estava à disposição da justiça.

Então, não havia assim um motivo específico para tirar a Madre Maurina. Isso foi uma coisa que eu questionei durante muito tempo, durante o meu trabalho, porque ela me disse que ela não queria ir e que o próprio Evaristo Arns disse para ela: vai, minha filha, você precisa ir. Então, todas essas entrelinhas da história elas são extremamente importantes. E nessas entrelinhas da história a gente, às vezes, não consegue chegar, só consegue pensar a respeito, só consegue questionar por que você precisa ir. E ela foi, ela foi contra a vontade dela. Eu procurei a pessoa responsável pela lista. O nome dele é... não me lembro agora. No meu livro tem, eu tenho lá em casa. E, perguntando, questionei: por que a Madre Maurina? Eu tive com ele, eu não telefonei para ele, eu tive com ele.

Na época ele trabalhava em alguma coisa lá no Ibirapuera, uma coisa assim. Ele pensou, pensou, falou assim: eu não me lembro. Quer dizer, como é que você não lembra? É como se fosse uma coisa rotineira, uma reunião de rotina. Não, ele estava fazendo uma lista para tirar pessoas do país para ir para o México, pessoas que estavam sob a guarda entre aspas do regime militar. Então, sempre existe uma questão ali: por que a Madre Maurina? A igreja tem uma teoria que eu acho que também eu não concordo muito, de que era para mostrar que até os religiosos estavam insatisfeitos com o regime militar, que ela era um trunfo. Se foi isso, eu acho que ela foi usada realmente para isso. Ela foi usada lá no Lar Santana, depois, ela foi usada pelas.

LOC: VPR

MATILDE LEONE: Pessoas que fizeram essa lista por essa organização e foi usada pela igreja. Você entende?

LOC: Ela foi um símbolo, uma propaganda.

MATILDE LEONE: Existe um triângulo ali, né? Uma coisa assim: o que aconteceu, né? Por que a Maria Maurina? né.

LOC: E por que ela não queria ir para o exílio, sabe? Você disse que ela meio que bateu o pé, que ela relutou bastante. E até no exílio, ela enviou cartas para o Brasil, para o ex-ministro da Justiça, para o Alfredo Buzayde, que ela queria, em algum momento, retornar, ser julgada e ser inocentada. Porque ela preferia, no começo, continuar presa aqui no Brasil do que ir para o exílio.

MATILDE LEONE: Sim, porque ela tinha toda uma história aqui, né? E ela queria provar a inocência dela.

E uma coisa que eu acho que era muito importante para ela era provar a inocência dela e a julgamento, né? Eu acho que esse foi o grande motivo, né? Porque ela já não estava mais, se ela estivesse numa situação, por exemplo, de quando ela foi presa, dos primeiros meses, e que ela ainda sofria muitas torturas. Talvez fosse um alívio para ela, né? Como foi um alívio para muitos presos políticos que estavam, quando os presos políticos eram colocados numa lista em troca de algum embaixador para poder ir para o exterior, serem salvos, eram para eles serem salvos, a vida deles salva porque eles corriam risco de vida, estavam presos e estavam sendo torturados e tudo mais. Ela não, ela já estava numa boa situação. Se ela estivesse lá, naquela primeira situação da tortura, talvez ela quisesse ir. Talvez fosse um alívio. É assim que eu vejo.

LOC: E como foi a vida da madre no México?

MATILDE LEONE: Olha, lá no exílio eu não tenho muita informação de como foi a vida dela. O que eu sei é que ela estudou, né? Ela participava de muitas comunidades, de muitos

programas sociais. Eu sei que ela teve, assim, um crescimento pessoal muito grande. Isso é uma questão, assim, uma coisa que eu achei muito bonita, muito importante do jeito que ela falava. Tanto é que ela se apegou, né? Ela ficou 15 anos no México, né? Um tempo, né?

LOC: Nossa, muito tempo.

MATILDE LEONE: Muito tempo. Então, lá ela ficou numa comunidade, ela conheceu pessoas. Inclusive, nesse documentário feito aí pela Ana Pinheiro, tem momentos que mostram que as freiras de lá conseguiram um vídeo dela tocando violão.

Ela já estava numa fase boa, né? E ela se afeiçoou muito ao México. E, na verdade, depois eu acho que foi mais difícil pra ela voltar ao Brasil do que foi sair do Brasil, né?

LOC: Tava com uma vida estabilizada lá fora, né? Quinze anos! Nossa, muito tempo!

MATILDE LEONE: Quinze anos.

LOC: Ela volta só com o fim da ditadura mesmo, praticamente.

MATILDE LEONE: Não, ela volta na anistia em 79 e ela é julgada, ela é considerada inocente. Só que ela volta pro México.

LOC: Mesmo assim, ela preferia.

MATILDE LEONE: Ela voltou pro México. Ela só voltou pra cá porque ela estava com um tumor na hipófise. Ela veio pra fazer uma cirurgia e ficou por aqui.

LOC: Então, ela volta pra ser julgada e consegue ser inocentada de todas as acusações.

MATILDE LEONE: Ela foi inocentada.

LOC: Ela bem que disse que ia aprovar a inocência.

MATILDE LEONE: Exatamente!

LOC: Eu queria perguntar um pouco sobre você, Matilde. O que te levou a transformar essa história da Madre em um livro?

MATILDE LEONE: Talvez seja o mesmo motivo que tenha feito você transformar fazer um TCC sobre a ditadura militar. Mas eu acho que a gente tem, assim, motivações, né? O que me chamava a atenção era que, nessa época, eu não morava aqui, eu morava em São Paulo e eu sabia o que estava acontecendo no país. E me perguntava, né, nas outras regiões, por que as coisas aconteciam mais, assim, brutalmente nas capitais, né, nos lugares maiores e tal. Não que nos pequenos não acontecesse, acontecia e muito, só que não era divulgado. Também não era divulgado o que acontecia nas capitais, não era divulgado.

A gente sabia o que estava acontecendo, imaginava. Então, aí teve, e eu me questionava: será que em Ribeirão Preto não aconteceu nada? Eu nunca ouvi falar, né, em Ribeirão Preto, de ter alguém que tenha sido torturado e tal, porque eu não morava aqui. Eu era daqui, mas não morava aqui. Estava longe de Ribeirão Preto desde os meus 19 anos de idade, né? Então, eu comecei a perguntar sempre que eu vinha aqui, tinha minha mãe que morava aqui, e eu comecei a perguntar. E um dia, uma amiga. minha me disse: olha, a única coisa que eu sei é que tem uma freira que foi presa, acusada de ser comunista. Pronto! Aí eu comecei a procurar, a investigar

LOC: Em relação à prisão da madre, às violências que ela sofreu nos porões da ditadura, eu queria saber qual foi a reação e o posicionamento da Igreja Católica na época em relação a isso, sabe?

MATILDE LEONE: Nenhuma. É muito omissa, né? Bom, eu falo por mim, né? Você está me perguntando em relação ao que eu acho, né?

LOC: É a sua opinião.

MATILDE LEONE: Eu não posso te dizer foi assim, foi assim. Para mim, que fiquei oito anos fazendo essa pesquisa, eu considero que tenha sido extremamente omissa. Primeiro, ela foi presa em Ribeirão Preto. Ela não recebeu nenhuma visita de padre, de nada da igreja,

quando ela estava aqui. A única pessoa que procurou, quando ela foi transferida, porque ela foi presa em Ribeirão Preto, ficou aqui na cadeia, depois em função dos assédios dos militares em cima das presas políticas, o delegado geral aqui, o delegado aqui da época, que era o Renato Ribeiro Soares, ele transferiu, levou todas para Cravinhos, na cadeia de Cravinhos. E um irmão dela, padre, que era muito velhinho. Acho que o irmão mais velho foi lá na cadeia e tentou vê-la. Outra coisa, quando ela foi presa, que ela estava lá naquela reunião que eu te anteriormente no Colégio Auxiliadora, lá estavam o bispo, estavam pessoas da igreja, estava o cônico Angélico Bernardino. E ela saiu de lá absolutamente sozinha e diz, antes de sair, ela diz, eu tenho testemunhas que confirmaram isso. Ela diz: 'Eu vou ser presa, me ajudem' Ninguém acompanhou a Madre Maurina, ela foi sozinha. Um dia, na Comissão da Verdade, eu participei da Comissão da Verdade e eu encontrei o cônico o Angélico Bernardino lá, que ele é uma pessoa realmente eu não desmereço o trabalho dele. Eu não tenho nada contra ele. Foi uma pessoa maravilhosa e ele teve um trabalho social muito intenso. Ele também sofreu durante a ditadura, não com tortura, nada disso, mas com perseguição, aquelas coisas todas. E eu perguntei pra ele, falei naquele dia, tal, não sei o que. Ele me deu a mesma resposta do Ladislau, que eu tinha esquecido o nome. Ele falou: " Eu não lembro disso."

LOC: Como se fosse um episódio tão sem importância.

MATILDE LEONE: É um episódio tão bobo, todo dia uma freira vai presa, né? Então, como é que eu vou lembrar de tanta freira que foi. Então, eu acho que foi omissa. E, quando ela não queria ir pro exterior, o Evaristo Arns disse pra ela: "Vai, minha filha, você precisa ir." Você entende, então? Eu acho que o apoio que ela teve, na verdade, foi das freiras que eram diretoras lá do Tremembé, do presídio Tremembé.

Esse foi o apoio que elas tiveram, que ela teve; aliás, que elas deram de acolhimento, de não deixar ela o tempo todo numa cela. Entende? Ela ter mais liberdade e tudo mais. Mas a igreja em si, primeiro que quando eu comecei a pesquisa eu fui escorraçada de todos os lugares. Ninguém nunca me deixava.

LOC: A própria igreja boicotava.

MATILDE LEONE: Sim, inclusive, ela era transferida, foi transferida em Santa Catarina; foi assim: ela foi transferida para Santa Catarina depois. Foi coincidência? Foi por minha causa? Não sei... É que eu consegui localizá-la depois de dois anos de busca, buscando a Madre Maurina, porque ela estava aqui no Brasil. Ela foi operada e estava em um colégio lá em São Paulo, da mesma ordem delas, e eu consegui ir até lá. E, quando eu estava na sala de espera, esperando pela Madre, chegou uma superior e disse: "Ela não vai falar com você, ela não pode falar com você." E eu fiquei de novo na estaca zero. Depois, quando ela foi fazer a recuperação na casa da mãe, dos pais dela, numa cidadezinha chamada Conceição das Alagoas, em Minas Gerais, eu descobri que ela estava lá através do irmão dela, que era Frei, eu não vou te contar tudo aqui, é muito complicado essas coisas da investigação, da procura, da busca em um período em que você não tinha internet, você não tinha nada, sabe? E foi muito longo. E esse irmão, eu falei: "Fala com ela, fala com ela, fala com ela." E eu ligo para ele, e ele diz: "Ah, ela não quer, ela não pode, ela não pode." E na minha insistência, eu falei: Por favor! Até que um dia eu consegui que ela me atendesse o telefone. Aí ela falou que não podia falar nada, eu falei: não tem importância, eu não quero perguntar nada, só quero conhecer a senhora. Umas coisas assim e tal. Ela queria falar, se não, não teria me recebido de jeito nenhum. Aí eu fui, fui imediatamente lá para essa cidade.

Então foi assim: eu só consegui falar com a Maurina longe do manto da igreja. Quando a igreja tirou as garras de cima, então, por uma necessidade dela, que estava em recuperação de cirurgia, mas senão eu não teria conseguido falar com ela.

LOC: Eu fico até surpreso um pouco com isso, porque tiveram padres, né? Que foram presos, tudo. E eu não imaginava que a Igreja dificultou tanto.

MATILDE LEONE: Dificultou, talvez pelo fato de ser mulher, né? Talvez pelo medo de falar em questão sexual e, sei lá, vai saber, né?

LOC: E, para a gente encerrar, eu queria novamente saber uma opinião sua. Se você acha que a Madre Maurina tem o devido reconhecimento dos ribeirão-pretanos, sabe? Ela é, na minha opinião, o personagem mais famoso da cidade durante a ditadura. Mas eu queria saber se você acha que ela tem o devido reconhecimento, se o ribeirão-pretano realmente sabe o peso desse personagem na história local.

MATILDE LEONE: Não, eu acho que não. Sabem, poucas pessoas sabem, né? Eu acho que é um círculo pequeno, assim, de jornalistas, de pessoas que, na época, também foram incomodadas, porque muitas pessoas foram perseguidas no Brasil e aqui em Ribeirão Preto também. Pessoas ligadas à universidade, médicos, advogados, enfim. E que foram, assim, chamadas pra interrogatório e tal, conduzidos, né? Como diziam, né? Conduzidos à delegacia e que tiveram, inclusive, o trabalho deles muito prejudicado com isso. Essa é uma questão muito pouco levantada, porque no Brasil, o que aconteceu? Nas universidades, os grandes nomes, os grandes valores, os professores, eles foram exilados. Então, o Brasil não perdeu só de ter perdido a democracia, ele perdeu cérebros, perdeu cientistas muito importantes, filósofos, matemáticos, todos aqueles que a ditadura achava que estavam incomodando e que não pensavam como. Então, era muito comum, por exemplo, as denúncias. Né, hoje a gente quase voltou a isso. Né, a extrema direita, ó, fulana sabe, está falando tal coisa. Então, por exemplo, até o Fernando Henrique Cardoso, ele foi exilado. E esses cérebros, essas pessoas, nós tivemos um atraso cultural muito grande, porque os grandes cérebros do Brasil, eles foram expulsos do país, digamos. Não só exilados, expulsos do país. Então, quando você me pergunta se as pessoas aqui têm dão o devido valor, eu acho assim que as pessoas não estão acostumadas e existe uma geração que pouco se importa com a história, com o resgate cultural.

Como se a nossa vida hoje não dependesse do que foi ontem, né? É como se eles tivessem nascido nesse momento e antes desse momento não tivesse existido mais nada, sendo que tudo é um reflexo, né? Tudo que nós vivemos hoje é um reflexo daquilo que aconteceu desde lá, nos primórdios do nosso país, né? Então, eu acho que não tem conhecimento. E também não tem interesse.

LOC: Matilde, muito obrigado pela gentileza de atender ao nosso convite. Eu espero que você tenha gostado da entrevista.

MATILDE LEONE: É, eu que agradeço você ter me convidado para falar sobre esse assunto. E você conseguiu me tirar de casa, né? Porque eu, para sair de casa, preciso de uma boa causa, viu?

LOC: Ficou honrado então.

MATILDE LEONE: Tá bom? Sucesso no seu trabalho.

LOC: Muito obrigado.

TÉC: VH - ENCERRAMENTO

APÊNDICE F - Leila Bosqueto

**ROTEIRO DE CAPTAÇÃO: GRAVAÇÃO LEILA BOSQUETO****DATA:** 02/08 - SABADO**HORÁRIO:**
10:30 H**DURAÇÃO:** 30 MINUTOS**SIGLAS:** TÉC. = TÉCNICA | **LOC.** = LOCUTOR | **VH.** = VINHETA**APRESENTAÇÃO:** VITOR HUGO BAPTISTA DE SOUZA**TÉC: VH – ABERTURA**

LOC: Ouvinte, você sabia que uma das poucas organizações armadas de resistência à ditadura surgiu bem aqui em Ribeirão Preto? Eu sou o Vitor Baptista e a nossa convidada de hoje não apenas viveu esse momento. Ela foi protagonista dele, Leila Bosqueto entrou na luta contra a ditadura ainda muito jovem. Fez parte das Forças Armadas de Libertação Nacional, viveu na clandestinidade, foi presa, torturada, mas sobreviveu para contar a história. Leila, muito obrigado por aceitar o nosso convite.

LEILA BOSQUETO: De nada, estamos aqui a fim de colaborar.

LOC: Leila, eu quero começar perguntando sobre a sua entrada na militância política, sabe, você contou que a escola teve um papel muito importante, ela foi fundamental. Você teve um professor que foi preso? Conta para a gente um pouco sobre isso.

LEILA BOSQUETO: Então, eu estudei em São Joaquim da Barra e vivi em São Joaquim da Barra até os 19 anos.

A minha formação política realmente foi tudo em São Joaquim da Barra. Foi primeiro através da escola pública mesmo. Estudei em escola pública, no CNI, então, a nossa escola era uma escola referência de cultura e de evolução mesmo, nós tivemos professores excelentes, excelentes. Acho que foram os melhores professores, foi em São Joaquim da Barra mesmo. Aqui, também em Ribeirão Preto, naquela época tinha professores muito bons, que resistiram à ditadura. Exemplo também foi em São Joaquim da Barra, eu tive um professor de história, né? Claro, tinha que ser de história, o professor Creso Filete, que já faleceu, mas ele tem um carinho, eu tenho um carinho enorme por ele, sempre tivemos. Foi um professor que despertou em nós a questão política, né, naquela época Vitor, não é como é agora, naquela época, a escola desenvolvia o pensamento crítico.

Então, não era pra gente aceitar tudo que estava sendo colocado goela abaixo da gente. A gente questionava e os professores respondiam. O professor Creso Filete foi um professor que me ajudou na minha formação política, no meu entendimento, de que aquela ditadura, aquilo que a gente estava vivendo, aquilo não era o ideal pra nenhum povo da terra. Então, foi aí que a gente começou a pensar: vamos fazer diferente, por que não fazer diferente?

Então, a minha formação, voltando à minha formação, foi lá na escola mesmo, com pensamento crítico e tudo mais. Depois, os amigos, os colegas, a gente se reuniu pra discutir aquelas ideias, discutir literatura, a parte cultural de São Joaquim foi muito bem desenvolvida. Então, foi aí que começa a minha formação.

LOC: E eu queria perguntar sobre a sua entrada nas FALNs, as Forças Armadas de Libertação Nacional. Quem te convidou? Como é que foi esse processo? Como você ficou sabendo da existência da organização?

LEILA BOSQUETO: Foi assim, aí então, na escola, a gente já estava discordando daquele regime que a gente estava vivendo, militar, a gente já estava sabendo, a gente sabia por alto de pessoas que tinham sido presas, torturadas, mortas, desaparecidas. E como é que a gente podia concordar com aquilo? A gente não concordava. Foi aí que, nada é por acaso, a gente estava formando, dentro de São Joaquim da Barra, a gente estava formando um grupo para discutir essas questões, e apareceu a Áurea Moretti. Ela, acho que ficou sabendo também do nosso interesse pela política, e a Áurea Moretti apareceu lá para explicar para a gente o que eram as FALNs, qual o objetivo dessa luta. E a gente concordou imediatamente: a Áurea Moretti eu a guardarei para sempre dentro da minha memória e do meu coração. A Áurea

Moretti, eu a guardarei para sempre dentro da minha memória e do meu coração. A Áurea Moretti faz parte da minha vida. Então, ela foi para mim assim, uma luz, aquela luz no fim do tunel. Nossa, pode ser que a gente consiga mudar, e nós, juventude, cheia dos hormônios, cheia de tudo, borbulhando! Não vamos partir para a luta, nós vamos vencer os militares. Olha, a nossa ingenuidade era tão grande, mas tão pura, era de uma pureza tão linda. E a gente, e foi aí que eu consegui ficar bem próxima da Áurea, nós lá de São Joaquim, e ficamos sabendo desse grupo de forças que a gente queria tomar o poder. A gente ia tomar o poder, Vítor, a gente ia tomar o poder. Nem que fosse no nosso coração, como foi.

Aí entrei nessa luta e a organização que era a Vanderley, Caixe, a Áurea Moretti e mais outros. A gente se entrouzou de uma tal forma, nossa, foi tão bonito. E foi nessa época que eu fui para o Bauru fazer minha faculdade em Bauru.

LOC: Isso em 68?

LEILA BOSQUETO: 68, eu terminei o curso de magistério que a gente fazia, o curso normal, e aí eu fui para fazer Educação Física em Bauru, na Instituição Toledo de Ensino. Era uma faculdade particular, eu não tinha um tostão para pagar, mas eu fui. Falei: depois dá um jeito.

LOC: Hahahaha.

LEILA BOSQUETO: E a gente deu um jeito. Eram três anos de faculdade naquela época, e durante os três anos eu dei um jeito, Vítor. Eu rebolei nos 30, mas eu fui.

LOC: E a senhora vai pra Bauru e quais foram as suas funções em Bauru, já que as FALNs elas estavam mais localizadas aqui em Ribeirão?

LEILA BOSQUETO: Era aqui em Ribeirão.

LOC: E o que a senhora ficou encarregada de fazer lá em Bauru?

LEILA BOSQUETO: Então é o seguinte, cada um tinha uma função dentro da organização, né? A minha função de início era divulgar, divulgar e tentar conseguir adeptos pra FALN,

né? E através disso, como que eu fazia isso? Através de um jornal que a gente tinha, que eles tinham, né? Ou eu tinha também, que chamava O Berro.

Eu distribuía o jornal. Foi esse o meu grande crime. O crime contra a ditadura foi distribuir o jornal e esse crime é muito forte Vitor, porque é ideias, são ideias. Ideias você não mata, você planta, um dia colhe.

LOC: E como é que era essa parte da distribuição? Eu imagino que você não distribuísse pra qualquer pessoa, sabe?

LEILA BOSQUETO: Não, Vitor, não podia. Imagina! Você tinha que escolher a dedo, você tinha que saber quem era o seu amigo, o seu colega, o seu colega de faculdade. Uns que demonstravam, assim, umas ideias mais progressistas, aí eu tentava me aproximar e distribuir o jornal, mas eu distribuía muito pouco porque naquela faculdade de Educação Física, sinceramente, nossa, que gente reacionária! Que povo difícil, muito difícil, sabe?

LOC: Apoiadores ferrenhos do governo militar?

LEILA BOSQUETO: Não, quieto, né? Calado. Não tinha, nem apoiava, nem desapoiava. Era calado porque, se você abrisse a boca, você ia ser preso. Então, as pessoas tinham muito medo. Eu acho que naquela época o medo foi o que dominou esse país mesmo, sabe? Não houve um movimento mais contundente na época pelo medo. Até hoje, né, Vitor? O medo tá aí, né? Porque você sabia que, se você fosse contra você ia ser preso, torturado e morto. E quem que queria, né, em plena juventude, ser torturado e morto?

LOC: Eu queria que você contasse então, agora um pouco com mais detalhes sobre a sua prisão, que foi lá em Bauru, não é?

LEILA BOSQUETO: Ok, foi.

LOC: Como aconteceu? A senhora estava na faculdade, não é?

LEILA BOSQUETO: Estava na faculdade. Então, eu vou te contar essa parte. Aí eu estava lá na faculdade, 1969, e o nosso grupo, a nossa organização foi descoberta pela repressão e o pessoal foi preso aqui em Sertãozinho, aqui numa fazenda em Sertãozinho, porque os meninos estavam treinando guerrilha. Hoje a gente dá risada disso, mas não era assim. A gente acreditava realmente naquilo que a gente estava fazendo. E foram para uma fazenda treinar. Ninguém sabia nem atirar, foram treinar tiro como se ninguém fosse ouvir. Não. Aí o fazendeiro descobriu, denunciou e eles foram presos ali. Nessa prisão, lá, acabaram. Você sofria uma tortura muito grande. Os meninos sofreram, eu chamo de meninos porque está tudo velho, que nem eu hoje, mas naquela época era tudo menino, eles foram presos e torturadíssimos, torturadíssimos. Já foi assim para valer, mesmo, não é? Você sabe o que é uma tortura, Vitor? Não sabe? Eu posso te contar um pouquinho sobre tortura depois. Mas eles estavam tão arrebatados, tão arrebatados, que algum, não sei qual deles, abriu, quer dizer, abriu, quer dizer, falou no meu nome.

LOC: Ele contou.

LEILA BOSQUETO: Contou que eu existia e que eu distribuía O Berro em. Então, quando eles chegaram em Bauru para me prender, eu já sabia que eu ia ser presa.

Se eu quisesse fugir, eu teria que ir para a clandestinidade, entendeu, Vitor? Que é diferente de você viver camuflado ou você estar clandestino, eu poderia ter ido para a clandestinidade, mas eu optei por não ir, porque eu só distribuía O Berro, eu não tinha um comprometimento assim que eles queriam que eu tivesse, né? Os militares queriam que eu, eu não tinha esse comprometimento. Então, quando eles me prenderam, fizeram uma festa, né? Eu era, naquela época, eu era bonitinha, sabe? Bem arrumadinha, corpinho legal, né? E aí, então, prenderam a guerrilheira, entendeu? Aí, sabe aquela música, a guerrilheira? Ai de mim! Então, a guerrilheira, ai de mim! Então, eu era a, né? A modelito, né? Olha, vê se pode! Bom, aí eles chegaram na faculdade. Eu sabia que eu ia ser presa, mas eu fui para a quando eu fui chegando na faculdade, veio não sei nem quantos em cima de mim com metralhadora, eu levei um susto, mas um susto que é, para que tudo aquilo, né? Que perigosa que eu era! Eu não sabia que era perigosa desse jeito. Perigosa, vê se pode Vitor? Aí enfiaram metralhadora tudo na minha cabeça, assim tudo cercado de metralhadora, e todos os colegas vendo a minha prisão.

Então, uma coisa muito humilhante, né? De manhã, assim todo mundo vendo a prisão e eles berrando comigo, não reage, reagir o quê, o Vitor?

LOC: Cercada, vai reagir?

LEILA BOSQUETO: Reagir o quê, meu filho? Aí, nisso que eu fui presa, os professores da faculdade gostavam muito de mim e avisaram o reitor da faculdade que eu estava sendo presa. O reitor foi lá fora, falou: Não some com essa menina. Eu sei que ela está sendo presa e eu vou falar para vocês, vocês não somem, que agora eu sei que ela está presa e eu quero saber a notícia dela. Eu tive a defesa do reitor da faculdade, você acha que pode?

LOC: Uma pessoa importante, não?

LEILA BOSQUETO: Então, importantíssima, né?

LOC: Você acha que se ele não tivesse intervindo, talvez a senhora nem estaria dando essa entrevista hoje?

LEILA BOSQUETO: Eu penso que sim. Eu penso que não, também não sei. Porque quem é sobrevivente é sobrevivente sempre, viu, Vitor? E aí eles me levaram para a cadeia, para a delegacia em Bauru. Quando eu estava na delegacia em Bauru, chegaram alguns colegas, alguns amigos da que foram me defender.

LOC: Coragem!

LEILA BOSQUETO: E, junto com o reitor da escola e o coronel Domício, o coronel Domício dava aula na faculdade de esgrima. Nós tínhamos um professor chamado coronel Domício, que a gente chamava de coronel comício de tanto que ele falava, sabe? Então, o coronel Domício foi, junto com o reitor da escola, para falar que eles sabiam que eu estava sendo presa e que não era para sumir comigo, ok? Nesse dia, Vitor, eu jamais vou esquecer um gesto do reitor da escola, Toledão, a gente chamava de Toledão. Ele tirou um dinheiro do bolso e me deu, eu era dura, que não tinha dinheiro nem para tomar um café e ele me deu, como se fosse hoje, uma nota de 100 reais. Para mim, era uma fortuna aquilo, uma fortuna.

Ele me deu um dinheiro que correspondia hoje em dia, correspondiam 100 reais, eu falei: Não, eu nunca vou poder pagar o senhor, ele falou: Não estou te cobrando, você vai precisar desse dinheiro para comprar sua pasta de dente. Então, eu estou te dando. Olha, eu estou dando 100 reais para ela, anota aí, e eles anotavam tudo o que você tinha, ok. Então, esse gesto do reitor, eu jamais vou ter esquecido. Muita gratidão, porque com esse dinheiro, depois eu te conto o que eu fiz com ele. Aí, eles me trouxeram para Ribeirão Preto. Eu vim de viatura para Ribeirão Preto, mas eu não vim lá atrás no chiqueirinho, não, eu vim sentada mesmo no banco com o cara, com o revólver aqui do meu lado, assim que eu tremia dos pés à cabeça de medo, porque eu tinha muito medo, O que esses caras vão fazer comigo? E, assim que eu fui chegando em Ribeirão Preto, que eu entrei na delegacia aqui em Ribeirão Preto, aquele, eu queria falar uma palavra, mas não vou.

LOC: Pode falar.

LEILA BOSQUETO: Aquele filha da puta daquele Lamano, o delegado Lamano.

LOC: Miguel Lamano?

LEILA BOSQUETO: Ele chegou pra mim e falou assim: Traz o namorado, e veio o Djalma, que era meu namorado, inteiro arrebitado, arrebitado. Ele já estava arrebitado, os olhos dele pareciam olhos de coelho, assim, vermelhos porque eles enfiaram o cacete no olho e rodava assim.

LOC: Nossa.

LEILA BOSQUETO: Então, ele arrebitou todos os vasinhos do olho dele e ele tinha os braços todos queimados com cigarro. Ele estava inteiro arrebitado. Traz o namorado Aí, a hora que eu vi o Dija, eu chamava ele de Dija. Eu tive um choque de ver ele tão machucado, né? Aí, eu tentei dar um abraço nele, ele me deu um tapa na cara, Vittor, um soco na minha cara. Mas um soco tão grande que eu fiquei um ano sem rir.

LOC: Nossa!

LEILA BOSQUETO: Aí me deslocou tudo.

LOC: A mandíbula?

LEILA BOSQUETO: Estourou tudo, Já foi assim logo no começo, assim bem, a recepção foi bem agradável, né? Assim, bem amável. E aí, me puseram lá no lugar lá e foi muito interrogatório, interrogatório, interrogatório. Pode falar, pode falar, fala, fala. Falar o que, eu distribuo o jornal. E daí, eu assumi que eu distribuía o jornal. Pra quem você distribui? Falei: Ah, mas isso eu não vou dizer, aí você apanha porque você não disse pra quem que você distribui o jornal, mas eu não disse. Eu falei pros colegas da faculdade, quem são os colegas? Falei: nem sei, eu ponho lá na mão das pessoas e pronto. Você sabe? Ixi! Aí, Vitor, é uma novela. Aí você apanha pra caramba pra dizer um, mas eu não disse.

LOC: Não disse.

LEILA BOSQUETO: Não, só apanhei mesmo. E aí eles desistiram porque viram que eu era café pequeno, né? Eu não era dirigente de nada porque eles queriam os dirigentes. Eu era cafézinho pequeno, né? Então, eles deram uma sossegada comigo. Depois disso, desses interrogatórios em Ribeirão que eu não sei quantos dias duraram porque você, quando tá preso, perde a noção do, você não sabe se é dia, se é noite, se é madrugada, você não dorme, você não come, porque é um estado emocional abaladíssimo, né? Você sai fora da sua realidade. Então, você não sabe nem assim, fica desorientado. Mesmo depois disso, eles me mandaram pra Cravinhos. Foi em Cravinhos que aí vem a segunda parte da prisão. Em Cravinhos, que eu me encontrei com a Áurea Moretti, com a madre Maurina e com o Lázaro dentro de uma cela imunda em Cravinhos.

LOC: Você tocou no nome da Áurea. E uma coisa que você disse em uma outra entrevista, que ela já disse enquanto era viva, que ela foi duramente, mesmo torturada. E até você falou uma vez que acha que sofreu pouco em relação a ela, sabe?

LEILA BOSQUETO: Eu não sofri nada em relação a ela.

LOC: Ela ficou sem ter um fio de cabelo na cabeça.

LEILA BOSQUETO: Você quer que eu conto?

LOC: Sim.

LEILA BOSQUETO: Conto da tortura da Áurea. Foi aí que eu cheguei na cela e vi a Áurea arreventada. Madre Maurina devia estar um pouco fora do ar, assim.

O Lázaro rebentado. E eu cheguei lá e falei: Gente, mas eu quase não apanhei nada diante do que eles apanharam. Porque não era nada mesmo, né? Eu só estava assistindo aquilo tudo. A Áurea foi tão torturada, Vitor, tão torturada, mas tão torturada, que por exemplo, eu me lembro como se fosse hoje: A Áurea nua, sendo carregada pela cela nua, inteira de hematomas, a parte da bundinha dela, assim que ela já era magrelinha, era tudo cacetete, assim, um atrás e seguido do outro. Assim, era uma fileira de hematomas, assim, ó, fazia fileirinha, assim.

LOC: Nossa.

LEILA BOSQUETO: Então, não tinha onde não ter hematoma naquela bundinha magra. Os seios dela eram todos furados com choque elétrico e com cigarro. Eles apagavam o cigarro nos seios da Áurea, no corpo da Áurea, e ela não tinha cabelo mais. Eles arrancavam todo o cabelo dela, arrancaram o cabelo, ela estava semi-careca, quase careca já, os fiozinhos de cabelo eles arrancavam, assim, com tudo. Era assim, foi muito torturada com choque elétrico, pau de arara. Sabe o que é o pau de arara?

LOC: Sei, mas explica para o....

LEILA BOSQUETO: Pau de arara é assim: são dois cavaletes e entre um cavalete e outro tem um pau de vassoura, vamos dizer assim. E amarravam a pessoa pelos joelhos, né, e com a cabeça para baixo. Ficava de cabeça para baixo, pendurado, como se fosse um porco. E coitado do porco... Deixavam a pessoa ali. Nesse pau de arara você ficava nu, né, tanto os homens como as mulheres ficavam nus e davam choque no ânus, dava choque na vagina, dava choque no pênis, dava choque nas mulheres nos seios, choque pelo corpo, choque elétrico mesmo.

Então você estrebuchava lá até quase morrer. E ali ficou a Áurea Moretti muito tempo pendurada nesses pau de arara muitas vezes, muitas. Não foi uma, nem duas. O Djalma, que era o meu companheiro, ele ficou pendurado e esqueceram ele lá pendurado. E ele não morreu por um triz. Alguém lembrou que ele estava pendurado, foram tirar ele e ele já estava bem roxinho já. Já não estava, quase sem vida. Então, a parte do pau de arara assim é uma tortura horrível. Tinha também a cadeira do dragão. A cadeira do dragão era uma cadeira de metal que tinha uma bacia com água, você põe os pés numa bacia com água, sentada nessa cadeira, e eles te davam choque também. Amarrava você nessa cadeira e dava choque, principalmente no dedinho, assim dava bastante choque.

LOC: Nossa, ainda com o pé em uma bacia....

LEILA BOSQUETO: De água. Então, você pode imaginar o grau de perversidade, de crueldade. Não tem limite, né? Isso tudo, Vitor veio, essa instrução de tortura, esse curso de tortura veio dos Estados Unidos, viu? Foi de lá que veio. Então, os militares aqui aprenderam muito rapidamente tudo isso, né? Então foi onde a gente sofreu esse monte de tortura. E, fora os afogamentos, também tinha as tinas d'água, que enfiava a sua cabeça assim até você quase não aguentar mais. Aí tirava e você respirava, enfiava de novo, que era o afogamento. Tinha muita surra também, né? Muita, muita. O cacetete ia pra todo quanto lado, né? Cabeça, não interessava muito. Muitos chutes nos rins, no fígado, e assim, torturas bárbaras, bárbaras, coisa que sangrava, você sangrava, o corpo sangrava e, quanto mais sangrava, parecia que eles mais adoravam, né? Mais gostavam.

LOC: Eles riam?

LEILA BOSQUETO: Eles riam, tinham orgasmos. Alguns policiais tinham orgasmos de ver você sendo torturada. Então, isso foi assim, só por cima, o que eu tô te contando foi o que eu vi, essas coisas eu vi. Então, a Áurea era despejada na cela no final da tarde, começo da noite, às vezes à noite, desse jeito assim. Teve uma vez que ela veio arrastada, mesmo que ela não conseguia dar um passo mais, então, eles arrastavam ela pelo corredor e jogavam ela, lá na cela, a gente corria pra pegar ela, botar no colchão, e a gente cobria. E a gente não tomava água porque eles davam as canecas de água pra gente tomar, tinha água, você não podia tomar água toda hora, né? A gente reservava a água pra lavar as feridas da Áurea. E

como é que a gente lavava as feridas da Áurea? Tinha a Madre Maurina, que tinha sido barbaramente torturada também, a Madre Maurina. E tem até outra história da Madre Maurina, depois eu conto. A Madre Maurina tirava o pedaço do saióte porque ela tava de, como é que chama, aquela roupa de freira? Tava com a roupa de freira lá.

LOC: Batina, alguma coisa assim.

LEILA BOSQUETO: Não é batina? Seja batina, mas não é, a batina é do padre.

LOC: Isso.

LEILA BOSQUETO: Né, da freira É a ai, esqueci.

LOC: Eu também não lembro.

LEILA BOSQUETO: Ela tinha uma saia por baixo da saia, ela tinha um saióte que a gente chamava. Ela rasgava o saióte, tirava os pedaços do tecido pra gente lavar as feridas da Áurea, né? Então, isso muitas vezes a gente fez isso. Agora entra o dinheiro do reitor.

LOC: Os cem reais!

LEILA BOSQUETO: Os cem reais do reitor. Aí mandei comprar, pedi pro carcereiro, ele não podia fazer isso, isso ele fez escondido. Ele olhava pra gente e falava mas isso é terrorista? Ele mesmo, ele chorava de ver as lágrimas no olho dele...

LOC: Bom senso.

LEILA BOSQUETO: De ver a gente sendo arrebatado daquele jeito. Esse carcereiro, eu pedi que ele comprasse, naquela época, chamava Cibalena, o analgésico, comprar Cibalena pra dar pra Áurea pra ver se diminuía a dor dela, tadinha. Pasta de dente, escova de dente para todos, que mais, os remédios então serviu pra comprar esses remédios.

LOC: A senhora deu uma entrevista há dois anos atrás e disse que, além da violência física, existia violência psicológica durante a prisão. Eu até queria te perguntar, não sei se foi na primeira ou na segunda prisão, Que te levaram pra uma sala onde tinha um companheiro seu, o João Nicolau, que ele estava sendo torturado e os militares queriam que você batesse nele também. Bate nele, bate nele.

LEILA BOSQUETO: Isso foi da primeira prisão. O João Nicolau de São Joaquim da Barra também, da companheirada lá de São Joaquim. O João estava sendo torturado, assim, tomando choque elétrico com o pé dentro da bacia de alumínio, uma bacia de alumínio com água dentro, e estava sendo torturado. E me levaram, conhece? Falei, conheço desde a infância, nós somos da mesma cidade. Então, ele te denunciou, bate nele. Eu falei: Que? Bater nele? Ele, nessa condição, você quer que eu bata nele? Eu não vou bater nele, então eu apanhei.

LOC: Eles bateram no lugar.

LEILA BOSQUETO: Você não vai bater, então você vai apanhar. Então eu apoio, eu apoio, mas não bato. Eles queriam que eu desse um tapa na cara do João tomando choque, eu ia , eu ia tomar choque junto, eu acho, também. Olha e vê se pode! Vai bater no João. Tadinho do João, tá lá até hoje, tá vivo, também sobreviveu. Tadinho do João, Nicolau, cara maravilhoso.

LOC: Quanto tempo a senhora ficou? Porque a senhora falou que perdeu um pouco a noção do tempo lá dentro.

LEILA BOSQUETO: Eu perdi mesmo, eu não lembro. Eu não me lembro realmente se eu fiquei 21 dias, 25 dias. Eu sei que eu fui presa em outubro. Quando o Marighella morreu, a gente tava preso. E eles entraram comemorando a morte do Marighella. Aí, aí ó, confrontando. Olha. Aí, olha aí quem nós matamos: matamos o Marighella. E todos comemorando dentro da prisão que tinham matado o Marighella. E a gente morreu de chorar. A gente chorou mesmo porque, depois disso, eu fui solta. Eu fui solta

LOC: Então, eu queria voltar um pouco para os dias atuais e a senhora disse que ficou muito tempo sem falar sobre ditadura sabe.

LEILA BOSQUETO: Isso.

LOC: Que demoraram várias décadas para você sentir coragem de novo, sabe? E relembrar esse momento que foi extremamente doloroso e traumático para a senhora. E parece que você só quis mudar essa chave após a troca de governo, sabe? O que te levou a querer falar sobre isso de novo? A senhora até falou que essa é a última entrevista aqui.

LEILA BOSQUETO: Essa vai ser minha última entrevista.

LOC: E vai morrer o assunto depois.

LEILA BOSQUETO Chega! Vamos fechar isso com chave de hoje. Já está bom, né?

LOC: Por que a senhora demorou tanto tempo para falar?

LEILA BOSQUETO: Porque você não tem noção, Vitor, do que ficou guardado dentro de nós, né? Eu estou contando para você coisas por cima, teve coisa que se marcou muito a gente, o medo também marcou. E quando você tem um trauma desse, você não quer falar, cada vez que você fala, você abre feridas dentro de você. Então, eu não queria falar, eu não falei nem para meus filhos. Minhas filhas sabiam, meus filhos sabiam que eu tinha sido presa política. Mas o que tinha acontecido, eu nunca consegui falar. Tem uma professora que deu aula comigo aqui em Ribeirão Preto que ela falava: " Eu não me conformo de você nunca ter falado. Eu gostaria de saber, eu falei: " Filha, mas eu não conseguia, eu não conseguia falar". Aí, Vitor, teve a mudança, veio o governo Lula, né? Onde a gente ficou um pouco mais assanhadinha, e eu fui fazer muita terapia. Eu fiz muita terapia, eu fiz muita terapia, muito mesmo. A última que eu fiz, que eu consegui, com tanta terapia eu não conseguia falar, depois, eu fui fazer uma sessão de constelação sistêmica familiar e, numa das sessões de constelação, eu constelei sobre a ditadura militar. Então, foi uma sessão muito pesada, muito pesada, mas que me libertou. Parece que deu uma chavinha assim, puf, você já pode falar

bem. Oi, você é história viva, Leila. Aí foi assim que eu recebi, você é história viva, você tem que falar. Então, eu resolvi falar. A Áurea Moretti, quando estava viva, ela deu muitos depoimentos, muitos. Todas as vezes, ela me chamou para dar depoimento junto com ela, mas eu não conseguia, eu não conseguia, eu estava bloqueada mesmo. Depois que foi que comecei a abrir e falar para um, falar para outro, falar para outro. E foi assim que eu estou aqui hoje, te dando esse depoimento.

LOC: As pessoas falam muito pouco do trauma psicológico mesmo. Falam da violência física, mas a violência psicológica fica para a vida toda.

LEILA BOSQUETO: Nossa, fica marcado, não tem como, não tem como, sabe? É uma violência muito grande Vitor, muito grande meu filho, Deus, que me livre!

LOC: E como é que a senhora enxergou essa nova tentativa de golpe em 2023? A gente está conversando hoje, dia 2 de agosto, e a gente tem, pela primeira vez na história do país, militares mesmo sendo julgados por crimes contra a democracia. Isso nunca aconteceu antes. Como a senhora enxergou aquele momento em 2023 e está enxergando agora, prestes a ser um veredito?

LEILA BOSQUETO: Bom, Vítor, eu volto um pouco no tempo. Eu acho que não é bem 2023. Isso vem lá quando eles deram o golpe na Dilma. É de lá que vem vindo o golpe, o golpe vem de lá. Então, eles já foram plantando essa semente do golpe, eles estão plantando e não acabaram não, viu? Não acabaram não. Quando você pergunta justamente de 2023, é o seguinte: Eu acho que, eu vendo militares sendo presos eu falo: Puxa vida, Xandão! Ainda bem que temos um Xandão. É claro que a gente fica feliz da justiça sendo feita, Vitor, porque eu acho que a justiça tem que ser feita de uma forma ou de outra. Com Xandão ou sem Xandão, nós vamos ter que fazer essa justiça aí. É muito bom que eles paguem pelo que eles fizeram, se bem que eu não acredito, realmente, quer saber? Eu não acredito que eles serão punidos mesmo, porque já teve a outra anistia, a outra anistia, teve a anistia geral e irrestrita, agora de novo anistia. Anistia, puta que te pariu, minha filha! Que isso? Ai, desculpa, to falando palavrão aqui.

LOC: Não tem problema não.

LEILA BOSQUETO: Que anistia, o caralho, entendeu? Não tem que ter anistia mais não, tem que ter justiça mesmo. Tá, eles tentam um golpe, invadem o palácio, fizeram o que fizeram e vai ficar por isso mesmo.

LOC: Para a gente encerrar, eu queria saber uma opinião da senhora. Você acha que o Ribeirão-pretano sabe, que ele valoriza realmente os personagens da cidade que enfrentaram a ditadura? Sabe se existe essa memória, esse reconhecimento histórico? Se isso está mais restrito ao campo acadêmico sabe, as pessoas que gostam de história, de política. Você acha que é de um conhecimento geral da população? Tudo que as pessoas daqui que peitaram o regime militar sofreram.

LEILA BOSQUETO: Não, o Ribeirão pretano é o gronegocio o Ribeirão pretano, em geral, é um Ribeirão pretano medíocre. Até hoje é curral, curral de candidato. O candidato tem o seu curral e aqui em Ribeirão Preto nós temos um grande curral. Porém, como tudo tem dois lados, nós temos aqui também um pessoal muito progressista, de muito valor, que está aí, está se mexendo devagar, mas está se mexendo.

TÉC: VH - ENCERRAMENTO

APÊNDICE N – Decupagem Maria Aparecida dos Santos- 1º Episódio

Essa parte sonora tem bastante coisa. É, é verdade. E ele é muito bom no que ele faz. Bom, pode falar? — Eu acho que ainda não. Ele vai consertar. Ele vai entrar aqui. Mas pode ir pensando.

00:00:25

Agora eu escutei o Vitor. Desligou? Aqui no fone foi ainda mais alto esse som. Desligou? Melhorou? Então tá. Então ele estava atrapalhando também, né? Ele estava atrapalhando a gente. Você quer que eu mude o microfone de lugar? Se esquentar a gente... não, beleza, beleza. Pode começar? Voltar?

00:01:20

Então, Cidinha, vamos começar. A gente vai começar falando sobre o seu pai. Ele era militante do Partido Comunista Brasileiro, seu pai, o Patrocínio dos Santos, e eu gostaria de saber se isso te influenciou, de alguma maneira, a gostar de política, a entrar numa militância também. Então, bem assim, criança, que eu tenho memória... Nós morávamos em Goiás, no estado de Goiás, e meu pai era do Partido Comunista. E quando eu acho que comecei a me encontrar como gente grande, né, eu devia ter uns 5, 6 anos. Então, meu pai... quando... é... nós morávamos numa fazenda. E ali o meu pai... a gente via: meu pai trabalhava, de vez em quando ele tinha que viajar, e a mamãe ficava só com a gente. Mas tinha vizinhos e tal.

00:02:32

E um dia ele chegou com uma... isso foi, eu acho, o começo de tudo. Ele chegou com uma revista. Eu não sei dizer pra você se era o Cruzeiro ou a Manchete, mas era uma revista que trazia fotos, muitas fotos, coisa de carnaval e tal. E aí ele falando pra minha mãe, mostrando também num jornal, falando com ela, mostrando o Luiz Carlos Prestes saindo da cadeia, da prisão, mostrando a fotografia da Anita Prestes, filha do Prestes, e tinha também a foto da Olga. E aí eu perguntei pra ele quem era. Ele contando, mostrando pra minha mãe. E a mamãe nunca tinha visto essa foto. Aí eu penso assim: talvez ela já tivesse visto, mas por que ele estava mostrando, né? Aí eu perguntei quem era, ele falou quem era. Eu associei aqueles nomes dos companheiros do partido que faziam reunião dentro da minha casa, de vez em quando, e falavam no Luiz Carlos Prestes. Só que eu vi a menininha, eu vi a Olga, e o Luiz Carlos Prestes saindo da prisão com uma mala. E tinha uma pessoa que parecia que estava... hoje em dia eu vejo, parecia que estava com uma farda, né? Que era amigo do Luiz Carlos Prestes, provavelmente, se fosse militar. E aí eu perguntei, falei, e ele me explicou um pouquinho o que era o Luiz

Carlos Prestes, quem era a Olga, que a Olga tinha morrido num campo de concentração, numa câmara de gás.

00:04:56

Tudo isso eu ouvi aquele dia lá. A menina é filha deles, né? E aí ele começou a contar, porque ele falava que lutava para acabar com a pobreza, para não ter pobre. E a gente era pobre, mas não era pobre igual a gente via as pessoas morando na rua já naquela época, em Goiânia, aí já na capital. Mas nós morávamos numa fazenda, que era do município de Anápolis, e que tinha um distrito que chamava Vila Fabril. E daí pra frente a gente acompanhava o que ele fazia, como é que ele ia, como é que fazia, porque ele demorava a voltar, sabe? E nós mudamos dali para essa Vila Fabril, e da Vila Fabril nós mudamos para Anápolis, depois de Anápolis para Goiânia. Isso é o que eu lembro.

00:06:07

Depois para Ribeirão Preto. Nós viemos para Ribeirão Preto. Aqui eu cheguei com nove anos, em 1956. Eu já tinha completado nove anos. E aí eu já lia as coisas que meu pai conversava com a minha mãe, já lia tudo. Eu fui acompanhando, e tudo o que ele levava para casa — panfleto, isso, aquilo — eu lia, e ele saía com a gente. Mas o partido estava na clandestinidade. Então era tudo muito sigiloso, porque senão prendia, prendia os comunistas. E aí nós viemos para Ribeirão Preto, e já começamos numa área que era rural. Aqui era urbano. E as coisas foram chegando: livros, jornais... Meu pai trazia para ler. Jornal Novos Rumos, Jornal da Classe Operária, que eram jornais do partido.

00:07:30

Eu pegava, tudo que eu pegava eu lia, né? Então ali naquela casa — uma casa bem simples na rua Luiz Barreto, aqui em Ribeirão Preto, bem simples mesmo — tinha dois cômodos. Eu estudava, estava fazendo o primário, porque depois que nós chegamos em Ribeirão Preto, a gente não mudou mais. Mas a minha mãe já tinha alfabetizado eu e o meu irmão. Isso é muito interessante, porque por isso que tudo que eu pegava eu lia. Ela alfabetizou com o que eu acho que era aquela cartilha Caminho Suave. Você não passou por isso, né? Mas foi muito legal, porque ela começou com essa cartilha. E depois ela mostrava as coisas na cartilha, os gatinhos brincando... Eu gostava, eu sou gateira, né?

00:08:40

Então, já tinha brincado com rolinho de lã, essas coisas. E com coisas que eram do nosso cotidiano, para associar a letra ao objeto. Então, se era um gatinho... Ela punha já o G, porque nesse momento ela já... tinha aprovado a gente. Aí depois foi todas as letras do alfabeto. Depois que ela veio com a cartilha. Então, ela reforçava, sabe? Foi fácil, depois ensinou a fazer as

quatro operações.... É o que eu lembro, a minha memória me mostra isso. E depois nós já fomos para a escola, só que não ficava, porque mudava de local, né? E só fomos parar então aqui em Ribeirão Preto, que aí eu fiz o primário. E todo, não tive que passar por aquela coisa, se são A, se são B, se são...

00:09:52

A professora fez uma entrevista com o aluno quando o aluno chegava no começo do ano. Colocou eu e meu irmão no último — era A, B, C, D. Eu não sei se tinham três seções, que eram as cadeiras, ou uma só. E aí a professora tinha que lecionar para essas diferenças. Então isso já melhorou para eles. E aí, daí pra frente, foi leitura, foi ver filmes. Mas eu fui assim, uma criança igual a outra qualquer, mas sempre com aquilo na cabeça. Aí... não, era nove anos em 1956. Bom, aí nós saímos da casa da minha avó, onde nós ficamos uns dois, três meses, e fomos para essa casa que eu já falei para você, onde a gente morou muito tempo.

00:11:10

Meu pai... As reuniões do partido eram na minha casa. Papai já trabalhava, autônomo, né? Então eles já... Papai já caiu numa organização que estava estruturada no meio urbano, saindo desse meio rural. Mas esse meio rural era uma guerrilha que meu pai estava, sabe? Ele saía da cidade. Nós saímos da casa da fazenda, fomos para essa Vila Fabril; já era outra casa, era uma casa melhor, e tinha um núcleo de moradores ali que tinha escola, tinha, acho que, um matadouro de gado, essas coisas assim. Tinha tijolos, fábrica de tijolos — por isso chamavam Vila Fabril — de telha, tijolo, né? E outras coisinhas que as pessoas faziam e vendiam lá em Anápolis, porque esse núcleo era um distrito.

00:12:35

Pensa num distrito igual o Bonfim, sabe? Que ficava antes... Não tinha ligação com... Vai, Chiquinho. Mexo muito com as mãos, tá? — Não, não tem problema, não. Seguindo: e aí foi indo. E aí eu fui militando, acompanhei a Revolução Cubana pelo rádio, comecei a ter contato com os movimentos guerrilheiros da América Latina já, porque já tinha na década de 50. Depois eu acompanhei, pelo rádio também, a libertação da Argélia do jugo francês e a Revolução Cubana, muito pertinho. Eu acompanhava tudo pelos mapas, pelo atlas que a professora de Geografia dava, então acompanhava ali. E tudo que se discutia — o que ia fazer, o que não ia fazer — e meu pai com contato com os trabalhadores rurais, junto com Irineu de Moraes, junto com o Marieto, junto com o...

00:13:57

É... eu esqueci o nome dele agora. Sabe o que é? Porque eu lembro. Então, eu fui indo até

chegar ao ponto em que eu frequentei a UGT, a União Geral dos Trabalhadores, em 1962, 63 e dois meses de 64, porque aí veio o golpe militar. E nós não pudemos mais frequentar a UGT, porque ela sofreu uma intervenção. Mas aí, eu contando dessa maneira, é um período muito grande para quem tinha pouca idade. Mas a gente já discutia, escolhia filmes, escolhia leitura. Foi assim: eu já nasci comunista, porque eu não precisei ser recrutada ou recrutar alguém para o partido, porque eu já estava no ambiente. E o meu pai sai dessa guerrilha que ele participa. Como assim essa guerrilha? Eu vou te explicar. Era de posseiros.

00:15:22

Lá em Formoso — é Trombas e Formoso. Então, meu pai foi, como membro do partido, ele e mais uns dois companheiros de Goiânia. Eles foram ajudar esses posseiros, porque era um trabalho do partido que já tinha ali. Os posseiros lutavam, lutavam, lutavam, e chegavam os grileiros, arrebentavam com tudo, torturavam as pessoas, torturavam o dono da casa, o pai de família que estava ali, matavam todos os animais. Ou, na época da safra deles — de arroz ou de feijão — eles chegavam, tiravam e tomavam deles. Chegavam e falavam: “Não, você está na minha terra. Você está na minha terra, então vou tirar o que você tem.” E isso eram os jagunços. Não era só o cara que estava comandando esses jagunços; eram latifundiários que queriam aquelas terras, porque os posseiros já tinham lavrado a terra, estavam produzindo comida, tudo, e eles queriam pegar para anexar à própria propriedade.

00:16:46

Então eles chegavam às vezes com uma certidão de cartório dizendo que eram filhos — aliás, sobrinhos, parentes — do dono daquelas terras. Eles envelheciam o papel, a grilagem, sabe? Mas os posseiros fincavam o pé ali e não saíam. Então tinha luta ali. Nessa época, meu pai ficou muito tempo, acho que mais de um ano ele ficou ali. Mas ele vinha a Goiás para encaminhar as lutas políticas e dar apoio aos posseiros de Trombas e Formoso — Trombas um município, Formoso outro, mas juntinhos os dois. E aí, quando foi em 1956, nós voltamos para cá, para Ribeirão Preto. E o que aconteceu é que foi vitorioso: os posseiros foram vitoriosos.

00:18:11

A condução que foi dada... E tinha um grande cara lá, muito respeitado, que comandava. Ah, que orientava também esses posseiros. Ele era nativo de lá. José Porfírio chamava. Vou pesquisar o José Porfírio. José Porfírio, sabe? E, então, já chegou... E aí eles trabalhavam, eles levavam... panfletos para lá, que eles chamavam de boletim. Aqui em Ribeirão Preto ainda era boletim também, depois que veio essa coisa que é do panfleto. É chamar aquele... a gente fica perguntando, o que é panfleto? É uma coisa que a gente já fazia há muito tempo, só mudou de nome. Então, era isso. E Cidinha, então vamos falar agora sobre Ribeirão Preto. Quando tem

um golpe militar lá em 64, que setores da cidade você... percebeu que apoiaram esse movimento, sabe?

00:19:21

Quem apoiou, quem financiou de alguma forma, quem teve motivos para comemorar depois que foi instaurada a ditadura. Olha, quando foi 64... eu tinha completado 17 anos. Eu te agradeço. Em 64, eu não tinha ainda a percepção de quem estava apoiando, que setores... mas os setores que apoiaram foram os de sempre. Foi a classe dominante, foram os fazendeiros, os grandes comerciantes, a pequena burguesia, vamos chamar assim. Eu considero hoje, depois de estudar bastante, que a pequena burguesia pode ser qualquer um. Na ideia ela é, mas pode ser um pobre também, que pensa igual, que quer ficar rico, que acompanha. A gente trabalhava no Matarazzo, e eles eram de direita, participavam do movimento dos integralistas. Os integralistas surgem lá na década de 30, por aí, e vêm vindo. São pessoas que já são filhos dos integralistas e andavam muito mais nessa pequena burguesia. Ou nos fazendeiros daqui, que apoiaram. O mundo financista, os bancos... até bancários às vezes apoiavam, sabe? E também pessoas que moravam nos bairros. Tinha gente no bairro em que nós morávamos na época, lá no Campos Elíseos, que batia palma para o golpe. E veio aí depois um “ouro para o Brasil”, em que muita gente tirava até aliança para dar ouro para o Brasil. E depois desapareceu. Ninguém prestou contas: para onde foi, quanto pesou, quanto arrecadou... A campanha parou e ficou nisso. Muito estranho. Então, a gente já conhecia. E familiar meu também. Tia minha, sabe? — sério! — elas estavam acreditando na revolução, porque os militares falavam que tinham feito uma evolução. Eles chamaram de revolução.

00:22:19

Então é aquela coisa: é a questão da luta de classes. Essa luta de classes acontece todo dia, né? Mas quando a gente fala “luta de classe”, parece que estamos com arma na mão, um de lá e outro de cá. Não é isso. É a ideologia que é passada pela classe dominante. Quem domina os meios de produção de uma sociedade, seja qual for, passa a ideologia para a classe que a serve. E tem muitos meios para fazer isso. Hoje, com toda essa parafernália da tecnologia, a internet, por exemplo, é uma das ferramentas. Mas naquela época eles tinham todas as vantagens de pagar rádio para fazer propaganda deles e tal. Então, quem colaborou foram esses setores.

00:23:32

E aí vem o setor do proletariado, o setor dos estudantes, que também... Tinha a AP que atuava aqui em Ribeirão, tinha o Partido Comunista que atuava em Ribeirão, o movimento estudantil. E esses estudantes, muitas vezes, vindo de família abastada, de família de bem, mas eram

comunistas e também passavam um apuro danado com essa coisa da clandestinidade. Porque nessa hora, para eles, tanto faz. Eles podem pegar você — um menino de uma classe que não é rica, mas está bem de vida — e também um pobre. Não fazia diferença na hora de prender. Eles tinham que prender. Por quê? Porque o Partido Comunista viveu na clandestinidade quase a vida toda. De 1981 para cá — quando acabou o bipartidarismo, no governo Figueiredo — o partido deixou de ser clandestino. Aí começou a ser legal, com CPF, tudo registrado. Mas, quando ele foi fundado, já começou na clandestinidade. Prenderam alguns na época da fundação, em 1922, no dia 22 de março. Depois veio o período do Getúlio. O Marighella, por exemplo: ele era estudante, tinha 21 anos e já estava preso. Pegou cadeia no começo da década de 30, depois saiu, militou novamente, e a vida inteira o Marighella viveu na clandestinidade. Ele só teve aqueles dois anos de suspiro após a...

00:26:20

A Constituição de 1945. Quando já tudo é... apaziguado no poder e é feita uma Constituição. Só que o Congresso era feito de gente rica, só rica. Eu falo que eles são ricos para falar, é o pessoal que detém algum... algum dispositivo que ele junta para ficar sempre apoiando a classe fazendeira. Na época ainda tinha muito fazendeiro — a gente falava fazendeiro — mas era latifundiário, é o que eu falo. Os industriais e tal. E aí eles fazem uma proposta para o Partido Comunista ser posto na clandestinidade. E ganharam. E aí eles viveram um tempo que foi extremamente sofrido, de clandestinidade. Aí depois vem 54, e quando estava abrindo, em 58, 60, aparece a Bossa Nova, aparece uma porção de coisa cultural, o Jango estava no poder. Ele vai aparecendo, vem assim, a partir do... eu lembro disso, mas tem muito estudo que mostra que pode ser antes do que lembro. A cultura brasileira, o cinema brasileiro vai se dando ali, com mais abertura, na década do Juscelino Kubitschek. Mas ali não era ditadura, se escolhia através do voto o presidente da República, os deputados. Então era uma democracia assim, limitadíssima, né? Porque o partido nunca conseguiu se libertar da clandestinidade. Sempre sofrendo ao longo da história. E 64 mais ainda, porque aí vai abrindo o Jango. Eles conversam com o João Goulart, mas sempre aquela coisa da prisão em cima. Aqui em Ribeirão Preto, o Irineu de Moraes... toda hora ele estava preso. Quando eu falo toda hora, era pelo menos umas três, quatro vezes por ano. Eles tiravam ele do trabalho que ele fazia com os trabalhadores rurais e levavam para o DOPS.

00:29:02

E fugindo um pouco do assunto agora, uma história curiosa que, quando eu estava preparando as perguntas, eu vi. Fala um pouco pra gente sobre o caso da visita do embaixador americano, o Lincoln Gordon, aqui. — Quem te contou essa história, hein? — Eu pesquisei. — Ah, você

pesquisou? E quase ninguém sabe disso, quase ninguém sabe. Mas eu sou protagonista, então não vou esquecer. Olha, foi assim: quando deu 64... aí! É, tudo bem, tá, tá aí, vamos... é, tudo desorganizado. Não é “tudo bem”, não — tudo desorganizado, porque foi presa uma... algumas pessoas, outras precisaram sair, ficar escondidas, depois ir voltando aos pouquinhos, mas bem clandestino mesmo, igual o Irineu de Moraes. Começaram... O meu pai não era conhecido em Ribeirão Preto. Se fosse hoje, ele seria conhecido no Brasil inteiro, porque hoje, com a internet, está tudo muito diferente. Antes não tinha aquela ligação muito frequente com outros estados, mas o meu pai não era conhecido em Ribeirão. Então, outros companheiros do partido também, que não eram conhecidos, começaram a reorganizar o partido. Procurar as pessoas, porque todo mundo que não era conhecido, que não tinha passado pelo DOPS e tal: “vamos lá, vamos esperar aqui, não vamos sair”. Ninguém saiu com revólver, nada... não dava. Porque no dia eles fizeram... no começo... no dia 31 eles saem de Juiz de Fora e chegam lá no Rio, em Niterói, não sei se é Rio de Janeiro. E ali é o início, a consolidação do golpe, no dia 1º de abril. Mas eles começam bem antes, malhando, jogando mentira na televisão que quase ninguém tinha, mas muito mais nos rádios, nas estações da época. E ali, deu certinho pra eles. Então, o Jango... dizem que ele saiu do Brasil, e tem muitos julgamentos muito ruins a respeito do João Goulart. Mas, na minha opinião, ele não tinha o que fazer. Ele era um homem que queria o bem do Brasil, não era comunista, era fazendeiro. Vai exilar. E é muito sério isso, porque antes eles já queriam tirar o Jango, quando ele volta da China, e o Jânio... Jânio Quadros renuncia, você deve ter lido alguma coisa nesse sentido. Ele era um homem, assim, sabe? Eu fico sentida de ver como acabou com a família, despedaçou tudo, mas ele era um negociador, tinha um pouco de dinheiro porque era fazendeiro aqui, tinha coisas ali. Ficou um tempo no Uruguai. Bom, aí... estou saindo da história. — Não, é o caso do embaixador americano. — Ah, do embaixador americano. Ele veio para Ribeirão e vocês organizaram uma surpresa para ele. Nós fizemos uma surpresa, né? Foi assim: nós começamos... Os meninos da medicina ficaram sabendo que o Lincoln Gordon ia vir a Ribeirão. Aí reuniu esse pessoalzinho que estava reorganizando o partido aqui em Ribeirão, na região. Eles vieram e pegaram, então, meu pai, o Irineu. Isso tudo eu sei porque foi dentro da minha casa, tá?

00:34:08

Então, eu já tinha... eu já estava militando, eu já estava ali com... não sei se eu tinha completado 18 anos ou não, não, não. É que eles ficaram sabendo que o Lincoln Gordon ia vir a Ribeirão Preto no dia 20 de abril de 1965. Ele ia vir no dia 20 de abril, mas ficaram sabendo muito em cima. Só que nós nos mobilizamos: “vamos fazer alguma coisa, tem que fazer alguma coisa, não pode deixar passar”. Aí nós saímos, papai e o Marieto. O papai tinha um caminhãozinho

em que ele levava a máquina de taco dele, e eles foram pro mato cortar grama, essas gramonas, esses matos, capim. E aí minha mãe... eles saíram e compraram pano e tinta.

00:35:23

Na minha casa mesmo, lá na João Cláudio, a minha mãe fez, acho, cinco bonecos. Cinco bonecos. Eles fizeram também um tipo de dispositivo usando um cabide: amarrava-se a linha, o cordão, e jogava isso no fio da rua. Era só dar um puxãozinho de leve que o boneco caía, quer dizer, ficava pendurado sem cair no chão. Eu, a Anitta, o Vladimir, meu irmão, e mais uma outra Vera fomos ajudando. A mamãe costurava os bonecos e nós enchíamos com essa grama... quer dizer, com esse capim. Depois a gente costurava a cabeça. E eu acho que já tinha 18 anos em 1966. Em 1966 eu já tinha completado 18 anos — eu faço aniversário no dia 9 de abril, e isso aconteceu em abril. A gente ainda era molecada, fazia aquilo brincando, rindo. E nós escrevemos nos bonecos. O boneco era uma mensagem, então escrevemos no gorro: “Go Home, Mr. Gordon”. E depois, embaixo, colocaram para quem estivesse lendo: “Vá embora, vá para casa. Mr. Gordo”. Porque ninguém ia saber ler o inglês certinho, o “go home”, o que significava. Meu pai fez uns lápis de cera bem grossos, parecendo uma banana ou mais grossos que uma banana, feitos com cera de encerar a casa. Tudo muito corrido. Ele derreteu a cera no fogão a gás da minha mãe. E isso foi distribuído para o pessoal, para aqueles grupos que saíram já planejados para onde iam jogar os bonecos. Ribeirão Preto não tinha tantas saídas como tem hoje; antes era tudo menor, menos avenidas, menos acessos. Os bonecos ficaram do meu tamanho, ficaram grandes. Eles até tentaram colocar um na porta da delegacia, mas não deu, tinham que colocar em outro lugar. Distribuíram os bonecos pelos pontos combinados, e um dos grupos saiu também para espalhar as placas.

00:39:21

Não eram cartazes simples. Era uma coisa bem-feita, com ripinhas de madeira para escrever “Go Home, Mr. Gordon” dos dois lados. Na Antártica, nas paredes, em todo lugar por onde as pessoas passavam — de ônibus, carro, a pé ou de bicicleta — elas estavam vendo. Até pouco tempo ainda tinha uma dessas inscrições no Bosque. Na pedreira do Bosque escreveram na pedra, parecia até uma parede: “Go Home, Mr. Gordon”. Eu falava: nossa, isso foi... E ninguém foi preso porque tudo tinha sido muito discutido. Tivemos uns cinco dias para preparar isso. E eu acho que alguma coisa vazou. Porque, quando o Gordon entrasse pela via principal que levava ao centro de Ribeirão Preto, ele veria muitas bandeirolas, muitas mesmo, que foram feitas. Alguém deve ter visto a movimentação, porque foi tudo de madrugada, e deve ter avisado a prefeitura, que era o Gasparini na época. A pergunta que sempre fazem é se o Gordon viu os bonecos, se deu certo. Eu acho que não. Talvez ele tenha visto alguma coisa quando entrou por

alguma das entradas da cidade, porque todas estavam cobertas com aquilo. Foi muita gente que participou. Todos os grupos passavam pela minha casa para pegar material, acertavam os relógios. Tinha advogado de plantão. Tudo esquematizado para o caso de alguém ser preso.

00:41:42

E aconteceu que nada disso saiu publicado nos jornais. Depois ele chegou aqui às duas horas. Ele não tinha parado em Campinas, ou alguma cidade ali perto. Acho que foi avisado enquanto vinha para cá. Não sei se ele veio de carro ou avião; isso preciso ver de novo no material que encontrei, onde descobri que isso foi publicado no jornal Diário da Manhã, na última página. E o cara que escreveu...

00:42:51

Ninguém entendia, eu entendi. Então, ele estava culpando algumas pessoas, porque ele fala no nome do Lincoln Gordon. Eu tenho. Sabe o que é? Quando eu vou fazer uma pesquisa, eu quero ler tudo, né? Depois eu quero ver, então. Então, eu passo para você o... O link. Não, link não, vou passar, porque eles não estão no meu computador. Eu vou procurar esse... E foi na última página, não foi nem na primeira. A hora que eu comecei a ler... Então, aí ele chega aqui às duas horas da tarde e estava marcado para ele chegar aqui às oito horas da manhã. E aí, ele dá essa parada. Mas ficou na Antártica escrito, ficou nos muros das casas. O recado foi dado de alguma forma. No centro da cidade também ficou.

00:43:57

E aí também... Sabe? Os jornais não iam publicar, eu ainda não pesquisei o diário de notícias, que era da igreja. Será? É, então... e Cidinha, então... Vamos para a próxima pergunta? Eu queria saber o que te fez entrar na ALN, né? Ação Libertadora Nacional. O que você aprendeu lá? Você aprendeu a manusear uma arma? Sabe? Como foi o seu período lá dentro? Então, eu fui para a Eliane. Porque havia uma discussão no partido. Com respeito, veja bem, você vive num momento, e você é um militante, e você vê a África inteira, quase, com lutas de libertação nacional. Eram colônias mesmo até aquele momento. E ver a América Latina começando com o movimento guerrilheiro, já tinha acontecido a Revolução Cubana, a Revolução Cubana. Foi, assim, muito grande, sabe, essa...

00:45:19

Para a gente, como ideal, né? O que eles fizeram, aquela ilha... Então, a Revolução Cubana influenciou muitos de nós e até pessoas muito mais velhas. E não só a Revolução Cubana. A gente queria trabalhar, nós nunca deixamos de militar nem de cumprir tarefas que nós mesmos tínhamos que fazer, mas não esquecemos dessa luta ideológica. Ela foi se arrastando, se arrastando... E quando foi em 1966, ia ter o Congresso do Partido, em 1967. Nós estudamos as

teses que o Comitê Central distribuiu para o Brasil inteiro, e ali nas teses eles não davam muito valor.

00:46:40

A questão da luta armada como forma de tirar os Estados Unidos, que não fazia de nós uma colônia como faz com outros países. Mas eles nos colonizaram com competência. O que eu vejo em muitos brasileiros é o amor pelos Estados Unidos. E aí a gente tinha que tirar isso, porque nesses lugares o inimigo era visível. Aqui você não via fisicamente. Ele foi para o lado cultural, muito inteligentemente. A USAID é essa coisa que o Trump, hoje, desligou da obrigatoriedade do Estado.

00:48:04

Essa luta que nós levamos... A gente estudou muitas teses, e discutia em cima delas. Os estudantes daqui, os estudantes dali... Essa era a orientação do partido. Muita gente tinha se afastado, mas colaborava. A gente tentava pegar todo mundo e fomos discutindo as ligações que a gente tinha aqui na região, em Ribeirão. Antes do Congresso teve a Conferência Estadual do PCB, que já era para levar ao Congresso. E nessa conferência, a nossa posição ganhou. Acho que foi de 34 ou 36 votos, e duas abstenções.

00:49:29

Depois, dois companheiros votaram contra. A conferência acabou e o Marighella foi expulso do partido. A expulsão não foi ali em abril; foi em junho. A conferência foi em dezembro de 1967. O Congresso seria em dezembro. Ali teve muito espaço para discussão. Eles expulsaram o Marighella e a nossa posição já estava formada. Nós também saímos — não fomos expulsos, nós saímos. Mas a expulsão dele só saiu no jornal do partido, A Classe Operária, ou A Voz Operária. Eu tenho esse documento.

00:50:51

Nós saímos e falávamos. O partido vinha conversar com a gente e mostrava a nossa posição, porque já vínhamos falando. Era comitê central, comitê estadual, comitê regional. Eles vinham conversar, mas foi muito ruim em termos de amizade, de camaradagem. Um sentimento muito ruim, porque pensávamos igual, e dali para frente a gente já não ia mais ver a pessoa. Mas espiritualmente, sim. Foi muito ruim para muitos. Mas nós saímos e fomos junto com Marighella, Joaquim Câmara Ferreira e Mário Alves.

00:52:12

E outros também. Formamos uma organização sem nome. Quando queríamos fazer um documento, colocávamos “a organização”. Não tinha nome. Quando acabou o Congresso do Partido, ninguém participou, mas o Marighella fez um documento com outros companheiros,

que está publicado em livro. Aí já era 1968. O ano virou. E nesse período, na ALN, você pergunta se eu aprendi a pegar em armas e planejar ações... Desde o começo. Nem precisou ter “o começo”, porque aqui em Ribeirão a gente já fazia. Um pessoal do partido já comprava armas.

00:53:41

Já tinha treinamento aqui. A gente queria fazer esse treinamento. Quando regularizou nossa situação, essa organização estava encontrando outras, como a VPR. Aí encontra a VPR lá na frente, encontra o Mário Alves, que não concordou em acabar com o partido e criou o PCBR. Ele pregava a luta armada, mas achava que tinha que ter um partido, não uma organização. A ALN tinha preconceito com isso: “o partido nunca conseguiu nada”. Isso foi difícil para o Marighella em alguns momentos da vida.

00:54:51

A gente começou a fazer. Eu fui, e outros também foram levados, para fazer tiro. Atirar de verdade, em lugares vazios, para aprender. A gente precisava, porque a organização tinha que se consolidar. A gente saía de madrugada, não sabia nem onde estava indo. Eu fui duas vezes. Até hoje não sei onde era. Ficava duas horas longe de Ribeirão. Os mais velhos conheciam os lugares bons para isso.

00:56:16

Aprendi a atirar, sim. Depois aprendi a atirar com metralhadora, com fuzil falso. Aprendi, mas eu não gosto de arma. Para pegar aquela arma, eu ficava muito... Mas tinha que montar, desmontar, aprender tudo. Ter cuidado ao mexer, limpar. A gente não andava com armas. Só pegava quando ia fazer alguma ação que precisasse de segurança. Era a pessoa responsável que levava. Eu levava minha bolsa... não era bolsa, era uma blusinha de seda para jogar por cima, caso precisasse sair e mudar o visual. Amarrar ou soltar o cabelo.

00:57:34

Nunca aconteceu nada. Sempre trabalhamos assim: não tem briga, tem um comandante, a gente segue o que ele manda. Mesmo discordando. Sempre deu certo. Em algumas ações houve reação das pessoas. Pegavam a pessoa, acalmavam. Falavam “não vai acontecer nada com você”. Mas eu já não estava mais nessas ações. Eu fazia levantamentos. Andava o dia inteiro em São Paulo com outras companheiras. A gente não chegava e já fazia. Tinha preparação: panfletagem, observar se vinha polícia. Tudo de madrugada. Bem planejado. Se tivesse algo estranho, não se fazia naquele dia.

00:58:39

E eu fui presa em 1969 pela OBAN. A Operação Bandeirantes, para quem não conhece. Você

me pergunta como foi a prisão. Eu cheguei no meu apartamento em São Paulo e os agentes estavam lá. Então... No dia 24 de setembro de 1969 foram presos alguns companheiros. Esse apartamento onde estávamos caiu. Um companheiro foi preso — a gente fala “caiu”. Ele tentou fugir e foi baleado na Avenida Paulista. Foi baleado na perna e não conseguiu fugir. Ali também foram presos outros.

00:59:53

A gente ficou sabendo e saiu do apartamento. Estávamos eu, a Cristina, o Jorge — que foi baleado — numa kitnet. Aí começaram a avisar: “foi preso, foi preso”. Jornalistas davam informação. Então, saímos rápido. Eu vim para Ribeirão. Mas antes fui para uma casa perto da estátua, perto da Duque de Caxias, perto da rodoviária, perto de onde era o DOPS. Ali era a estação rodoviária. Talvez você não tenha visto. Depois veio o metrô e mudaram tudo. Hoje ali é a Cracolândia.

01:02:39

Onde era o DOPS? O Memorial da Resistência, não é? O Memorial da Resistência. E eu não tive esse privilégio ainda. Ali era pertinho, na Duque de Caxias. O apartamento em que fui presa ficava na esquina da Duque de Caxias. Aí eu fui para lá, para poder ficar nesse apartamento de um companheiro. Ele morava lá com a família. Eu fiquei lá. No dia seguinte saí e vim para Ribeirão trazer tudo o que estava acontecendo em São Paulo, as coisas que estavam acontecendo e tal. Só que na segunda-feira eu tinha que voltar. Então deixei minha mala na casa. E a mala já estava mais ou menos arrumada, caso eu precisasse realmente sair de São Paulo.

01:03:48

Aí vim e coloquei meu pai à parte sobre tudo o que estava acontecendo. Ele ficou muito preocupado de eu estar voltando, me encheu de cuidados. Mamãe também. Bom, cheguei lá às seis horas da tarde. Quando entrei, tinha um homem vendendo algumas coisas, tipo carnes. Já estava quase acendendo as luzes porque estava escuro. Ele estava ali na esquininha do apartamento, próximo à entrada. Achei aquilo estranho, porque fiquei uns três dias lá e não tinha visto aquilo. Vi um homem com chapéu, conversando com outro, tipo São Paulo: paletó, casaca, chapeuzinho coco na cabeça.

01:05:07

Quando pus o pé no elevador, eu não reconheci nada. Pensei: estou entrando no lugar errado. Subi, cheguei e ainda assim não reconheci. Desci, fui olhar o número do prédio. Quando descí, era lá mesmo. Toquei à campainha. Abriu a janelinha. Pensei: caramba, não é aqui mesmo? Mas falei: acho que é, caiu, caiu. Aí o homem abre a porta, me pega, me joga no sofá. Bati os joelhos, mas só não estatelelei na parede porque caí em cima do encosto.

01:06:23

Ele me levantou pelo cabelo, me deu pancadas, abriu a porta, o “cachorrinho” cumprimentou e falou se tinha dado certo. Estava disfarçado. Ele morava ali com os companheiros, que não sabiam que aquele homem era do DOPS. É, que estava lá como informante. Fazia pouco tempo que estavam morando ali. Todos trabalhavam, conversavam quando encontravam, desciam no mesmo andar.

01:07:37

Eu fui levada para a Operação Bandeirantes. Nesse período sob custódia, é delicado, mas preciso perguntar sobre torturas. A senhora foi torturada? Sim, eu falo tudo, não posso negar. Para que as pessoas saibam o que eles fazem e o que teria acontecido se o golpe tivesse dado certo.

01:08:47

Em um evento no SESC, eu falei sobre isso: o fascismo não morre. Quem morre é... igual Hitler. O nazismo não morreu, morreu Hitler, morreu Mussolini. Olhando a fisionomia das pessoas, elas só viam a gente fazer assim: vai ser, olha, tivemos por um triz. Houve tinta em pessoas, camisas amarela, gente caída, fazendo de conta que estava ensanguentada.

01:10:07

Então falei: não pode ser. Olhei ao redor. Puseram tinta em alguém. Um deles comentou: “foi fácil”. Eu não sabia quem estava atrás, só ouvi a voz. Eu assisti tudo.

01:11:04

Nesse período... Ó, posso ir ao banheiro? Pode. Então, voltando, a senhora poderia explicar quais foram as torturas, o que aconteceu enquanto ficou sob custódia dos militares? Isso é longo, deixa eu organizar. Saindo do prédio, fui levada para a Operação Bandeirantes.

01:12:04

A Operação Bandeirante não tinha 20 dias que ela tinha sido criada. Então, eles eram de uma brutalidade, assim, e continuaram sendo sempre, né? E aí, eu já fui algemada. Eu peguei minha mala, que estava lá. Eles já puseram quando eu cheguei, tudo esperando, né? Tinha a minha... O meu passaporte estava lá dentro. Também. Meus títulos de eleitor estavam lá dentro, porque eu não era clandestina. Então, é... Eu podia andar com o meu nome, né? E... Ahem. E aí? De lá? Me levaram para a operação Bandeirante. Eu cheguei lá. Devia ser mais ou menos umas sete horas da noite. porque estava de noite, a viatura já estava... E de lá foi... Foi só pancada, né? Só... Eh... eh...

01:13:24

me levar para começar a fazer as perguntas e me levar para uma salinha na hora que eu entrei. É... Porque quando eles ligaram, porque na casa que eu estava, eles já ligaram da casa que eu já tinha, que já estava me levando. Eu tinha o nome de Vilma. Eles me falavam assim, a Vilma já está aí. Já vamos com a Vilma, né? Falou meu nome, meu codinome. Já estamos levando. Né? E aí, eu... Só aquela coisa ali, eu falei, nossa, eu vou chegar lá, o que será que me espera, né? Só a recepção de entrar dentro da casa, você te jogar, se não tivesse lá o sofá, eu ia me... Estar lá numa parede. E aí foi interrogatório. interrogatório, e que isso, você sabe disso, você sabe daquilo, não, não sei.

01:14:36

E a pancada aí, ó, de... É a algemada, com as mãos para trás. O interessante é que quando eu desci, que eu olhei assim, que saí da viatura, que os caras que estavam... Eu fui com dois investigadores aqui do lado e três lá na frente, o motorista e mais dois. E dois aqui, porque... Um ficou aqui na porta. O outro ficou aqui, eu fiquei no meio. E aí eles... me desceram, porque eu já cheguei lá com as mãos para trás. Eu olhei assim, mas foi só saindo homem. Tinha acho que uns 20 homens lá dentro naquele momento. Sabe? E eles ficaram assim, a hora que eu saí de trás do carro, assim, que eu ganhei a... um, O cimentado... Que tinha ali pra entrar. Eles ficaram me olhando.

01:15:47

Me olhando, um olhava pro outro, outro olhava pro outro. Não, eu, magrinha, eu tinha 42 quilos, cabelo comprido, usava óculos. E aí? Não, eu acho que eles assustaram, acho que eles pensaram que ia chegar uma mulher assim, né? A mulher bem mais alta, bem mais... Cheinho, assim. Cabelo, aquela coisa. Eu tinha uma aparência de ser menor de idade. E você tinha quantos anos? Aí eu tinha 22 anos, mas eu tinha um rosto assim meio que... Infantil. Infantil. E aí eu falei, nossa, fiquei pensando por mim, né? Mas numa hora dessa, eu seguro a respiração e controlo meu coração. Acabo com a tachicardia num minuto. Porque eu vou te falar, é difícil porque eu já entrei apanhando. Como é que vai ser lá dentro, né?

01:17:06

E aí, eles me puseram lá numa salinha. Nee. E o cara sentado lá... Ehh... Pôs três cadeiras, tinha um comandante, porque eu não sei o nome deles, de jeito, até hoje. São alguns, só dois. Porque eles se chamaram pelo nome próprio, eles se chamavam de Magalhães. Ou Guimarães. Hmm? Está longe de ser. Esses nomes não eram deles, porque aí eu fiquei, né? Tchau. Bom, ficou ali o comandante 2. Encheu de homem. Que fizeram. um círculo em meu torno. Eles não fizeram, é uma espécie de corredor polonês, só que não comprido, mas redondo. que eu não sei, essa

circunferência que eles fazem. E ali eles me perguntavam as coisas, eu falava que não sabia... Me ameaçavam. Dava tapa no rosto, puxava meu cabelo, me chutava.

01:18:27

Me jogava no chão. Vocês já imaginaram você cair assim? Isso aqui. Eu tive um problema, sim, aqui na bacia. Sabe? que eu achei que eu tinha quebrado, mas não quebrei. E aqui o ombro, os ombros. E aí, quando eu falava não sei, eles me enchiam de... de tapa nos ouvidos, assim, que chama telefone. Então, eles batem assim, ó. Com força e puxa aquilo. Eu ficava tontinha, tontinha, tontinha. Aquilo dava uma dor no ouvido, assim, sabe? Depois me pegava, os que estavam atrás de mim, me pegavam pelos ombros, aqui, esses dois músculos, eles pegavam com esses dedos aqui. Puxava o músculo para cima e depois soltava.. Eu não sei, né? Então, essas coisas aqui eu não posso nem falar que é, mas eu nunca mais tive esse ombro...

01:19:30

Com uma sequela, né? É, ficou ali, porque quando eu caí... Eu caí com o ombro, bati isso aqui no chão. E aqui também começou a doer, doer, doer, doer. Não quebrar, não quebrei. E aí vai, vai, vai, e eles, e eu falando não, não, não. No. Não sei, não sei. Aí, quando eles me faziam uma pergunta, eu respondia. Aí eu passei a ver que tinha uns sem-vergonhas ali. Que... Queria aparecer. O chefe perguntava, eu estava... Tentando responder, eu não estava respondendo como eu queria. Não sei se eles faziam algum sinal por outro. Eh. Ele... Já cortava o que eu estava falando? E eu não respondia o que o outro. Eu achei isso assim. A pergunta do outro tinha... ele jogava verde para colher maduro. Porque se eu...

01:20:43

Ele conta uma história e eu entro nela. Eu ia contar, falar assim, fulano falou, fulano falou, e eles não tinham falado. Então, eu... É o jogar verde para colher maduro, porque você fala, você fala, não, esse dia... Falou, então eu vou falar, vou falar. Aí, ó, se você começar a falar... Aí já vem outra coisa, eu sei que não tinha muita coisa a meu respeito, só isso. E aí a gente vai da cumplicidade também com os companheiros. Quando a gente dá uma dica... Assim, na hora da acareação. Só que todo mundo apanha junto, viu? Os caras que estão respondendo, os companheiros que estão respondendo, eu que estou segurando, sabe? E aí a gente batia, batia no ouvido, soco no ouvido, soco no estômago, eu vomitei.

01:21:43

Então, as três, quatro vezes de soco no estômago, que eu fazia assim, e aquilo ainda estava com as algemas, né? Fazia assim, era... Caía muco, porque quando eu cheguei de Ribeirão Preto, eu almocei, mas a minha digestão já estava feita, caía muco lá, assim. Então, ele esperava. Eee. E aí me chutavam no chão, me pegavam, falei, o cabelo aqui, nunca vi isso. Quando eles me

levantavam, eu chorava. Mas eu não estava chorando, saia lágrimas dos olhos. Você vê a... É uma técnica. do cabelo, sabe? Depois eu fiquei sabendo, a gente contava assim, eles têm essa técnica, eles sabem. A lágrima vem. E você não está chorando. Se eu começasse a chorar ali, eu ia me... me fragilizar. Eu não chorei. Ali dentro, não chorei. E aí, vai! É só...

01:22:51

É isso, é aquilo. Te tratando assim. Tira a roupa. Sério? Cielo. Aí falou assim, o cara que tava mandando, tira a roupa. Tira as algemas dela.... Ele tirou. Né? Aí, tira a roupa. Eu falei, não tiro. Não, antes disso, teve um que encostou e começou a levar. É... me passar a mão nos seios, levantar minha blusa. Minha blusa já estava por cima da saia. No. E ela era de manga comprida e eu fiz isso com ela quando eles me prenderam lá. Dobrou a blusa. Eu dobrei a blusa e fui assim. E aí... Ele me pega por aqui. Essa era uma blusinha bonitinha, branca, que minha mãe tinha feita. O botão dela era.... coberto, né? Pega, me encosta. Me encosta. E pega, enfia a mão por aqui.

01:24:09

Eu não tinha como fazer isso. Não tinha defesa nenhuma. Eu só fiz assim com o corpo. Esbarroa nele. Esbarrei e olhei pro cara. Espera aí, você está comandando? Só que eu não falei nada. Olhei pro cara que tava...? Você já pensou? pega e já me passou. A mão no seio. Aí... Ele falou, tira a roupa dela. Então, ele me tirou a algaema. Eu falei, tirar a roupa dela, não. Tira a roupa. Eu falei, não tiro. Não tiro. Aí ele foi gritando, tira. Eu, não tiro. Sabe, desse jeito. E aí eu já estava com as mãos livres, porque tinha que tirar a blusa. Como é que eu ia tirar a blusa? Ao gemado, né? Ao gemado. Aí ele pegou e falou para esse safado que estava do lado.

01:25:05

Ele me pegou. Antes ele fez isso, tira a roupa, tira a roupa. Eu falei, não tiro, não tiro. Não tira, ele pegou assim, ó. Ele me segurou o ombro aqui. Me pegou aqui. E me jogou, arrancou três botãozinhos da blusa, ficou só um. Que violência. É, violência. Porque a blusa não abriu. Ela não abriu. Eu fui pra cima. Ele fez tanto esforço que até ele foi junto comigo, porque ele está me segurando aqui a hora que eu vou. Eu quase caí em cima do... Do cara lá, que era um senhor de idade, hein? Nossa. E era do exército. E... E ali... O outro que estava do lado e o outro que estava do lado também até fizeram assim.

01:26:12

Eu fui caindo, batendo o joelho. E caí quase em cima deles. Caí bem em cima deles, mas eu caí de mão no chão. E aí vem o pontapé, vem o negócio do cabelo. Né? Agora ele tira a roupa. Eu falo, não tiro. Sabe? Aí o cara pegou, abriu os botãozinhos, acho que uns três que ficou ali, dois, três. E tirou a minha blusa. Oh, não! É, não, foi assim, sabe? Ele tinha que abrir mesmo isso

aqui. Ele abriu, é o que eu estou confundindo lá dentro do DOPS também, umas coisas assim. Aí ele tirou, tirou a blusa, depois tirou o chan, tirou a minha saia, tirou a minha calcinha. E eu ali brigando, brigando. Aí eu dava a tua cotovela. Sabe? Te perturbaram nua, então.

01:27:14

Eles te torturaram nua, então, também. É, nuazinha. E aí, eu... Eu fui e eu queria muito, muito, muito que eles errassem a mão e me matassem. Porque se eles estavam fazendo tudo aquilo daquela hora, o que eles iriam fazer comigo? Quais as outras técnicas de tortura que eles iriam me aplicar? Tanto é, o tanto que me bateram, que lá no DOPS, a Nair, quando foi me dar o primeiro banho... Ela falou assim, olha que eu estava com o corpo todo roxo. Mas aí, falando das torturas, aí eles... Falou assim. E eu não falava, não falava. Eu falava assim, chama o... o comandante Um coronal. Esse coronel chamava. Que era dois restos. E que era. o comandante da Polícia Militar, porque tinha saído uma lei.

01:28:27

que as polícias militares seriam comandadas nas secretarias de segurança do país. por um coronel. O. Um tenente coronel. Ele estava nesse patamar, tenente-coronel problema no. E aí? E aí? Esse homem vem. Eles fizeram muita coisa para eu falar. Assim. Não sei se eles estavam cansando de judiar. E eu estava cansado, não sei. Só que aí eu peguei minha blusa.. Ele falou, dá a blusa dela aí e tal. Ele falou, pega a roupa dela aí. Aí eu fui pondo a minha roupa. Aí ele me levou, deixou eu sentada com ele ali e saíram da sala, dessa salinha, sabe? Saíram da sala. E esse coronel, ele era um homem branco. Não sei se é porque eu estava sentada na cadeira e ele estava perto de mim.

01:29:48

Aí quando ele senta... Ele fez um ritual, ele tirou aquele bebê. cruzou a perna e pôs o bibico aqui então pode ver o rosto dele inteiro? E aí ele tentando... me convencer que eu tinha que falar. Porque se até aquela hora ali, o que seria de mim? Dali pra frente de sujetos. E eu não queria falar, não queria falar, não queria falar. Eu respondia algumas coisas. que eles fazem perguntas tão esquisitas que eles não sabem, eles não têm o fio da meada. Não é? Porque quando falava que eu fiz isso, isso, aquilo, aquilo... Eu falava que não. Né? E.... Eu não respondi nada para esse coronel, fiquei olhando para ele, ele falava para mim, fazia assim com a cabeça. Bom, ele falou assim, você não quer ajudar, né?

01:30:54

Então, eu já vou me retirar. Saiu. Aí que começou. Eu fui pra cadeira. Do dragão. No outro. Eles me tiraram a roupa de novo porque eles... Falaram assim, pega a roupa para me dar para eu receber o coronel. Eu não recebi o coronel. nua, mas ele viu que a minha blusa já estava é

rasgado até, né? ali no botão, que teve um que assim tirou até a casinha da blusa, tão forte que foi a hora quando o cara me jogou lá. Aí eu... Fiquei quietinha assim, ó. Pois a saia... Não vi sutiã, não vi calcinha, não vi onde ficou nada. E pus a saia. para conversar com ele. Aí o coronel entra. E faz isso, a hora que sai, eles me levam já. Pra cima.

01:32:04

Eu não sei se eu fui nua, ou se eu fui vestida, mas eu fiquei nua na sala. Não sei agora se eu já fui desse jeito. Eu subi aquela escada. E depois, Cora chega lá e fala assim... Tira a roupa. Eu falei, não tiro. Eu estava de roupa assim, tirar a roupa. Foi lá embaixo, lá em cima que eles me mandaram tirar a roupa. Tira a roupa. Não tira. Essa vagabunda, essa rameira essa bandida, essa terrorista. Essa... Rameira. Eu não sabia o que era rameira. Eu falei, bom, deve ser um nomão, né? Rameira. Porque o que ele vai me chamar de santa? Não. Fiquei assim, né? É vagabunda. Prostituta. Aí eu não ligo que me chama de prostituta, né? Porque... Coitada das prostitutas, né?

01:33:14

Da sua puta! Um... E aí? Tinha que estar pensando em casamento, em ter filho. Em cuidar de marido. Vai lavar roupa, fazer comida. cozinhar. Cozinhar. Ter família, ó. Família. Ter família. E aí me perguntaram se meus pais não sabiam, né? Claro que eu vou falar que não, né? Porque você acha que se eu ia falar que meu pai era do Partido Comunista? Quem falou depois foi outro, porque meu pai foi preso muito depois de mim, sabe? Eles nunca me acariaram com meu pai. De jeito nenhum. Que sorte. Não falei. Então, aí eles me levam por aí. Aí, eu vou falar uma coisa. Eu sempre, quando falo isso, me sinto assim, tão... Tão humilhada, assim, tão... Eu morria de vergonha.

01:34:28

Eu tinha uma vergonha de estar ali, eu estava sempre com a mão, quando eu estava, deixava, não punha algema, estava sempre tampando os seios. E aí? E a calcinha? Sabe? Então, eu... Eles me põem nessa cadeira, me amarram. Vai lá um cara, o safado, que estava aqui do meu lado, me esfregando. Nossa, então, na hora que ele tirou... Deu uma abraçada nele. Assim, foi puta desde o início, viu? Tudo que estava fazendo ali, ele estava chegando. Ela reage. Ela é treinada, ela é treinada, desse jeito, eles falavam para mim. Aí... Eu peguei e... Eh... Esse cara... Me. Era uma mesinha. Assim, sabe? Isso aqui até aqui. E ele chegar, ele sentou aqui na ponta. Tinha maquininha de choque. Nossa. A maquininha de choque. E ela vinha até...

01:35:47

Vim até aqui, assim, ó. Vamos falar que ela vim até aqui. Sabe? A mesinha daí até aqui. E ele põe ali uma maquininha de choque, parecia um rádio. Aí os outros que estavam ali, ele sentou na cadeira. Isso eu subi. Eu tava subindo. Para o primeiro pavimento. Porque primeiro

pavimento aqui embaixo, segundo pavimento. Né? Que era o primeiro andar. Aí... Eles me puseram na cadeia do dragão. Mm-hmm. E aí eu já estava assim, eles tiraram de novo a roupa. E aí eu vou que vou que vou e, sabe, eu briguei, sabe? Sinto lutar de alguma forma. E muito tapa na cara, muito tapas no ouvido, muito chute. Eu não sei quando eu caí, eles me chutavam, não sei a cabeça, inclusive. Sabe? É, chuta.

01:36:50

É, eu tenho aqui o sinal que eu tive que operar a perna. Por causa de um chute? É, por causa de um chute. Eee. E aí, de um, fora os outros, porque esse aqui foi no dia seguinte, né? Mas ele pegou, esse daí pegou. Ahhhh. A maquininha. Eu sentei. Nessa maquininha, põe os braços assim, eles te amarram aqui, te amarram aqui e põe seus pés. Descer desse jeito aqui, dobrada, e passa um sarrafo dessa grossura que prende. a sua perna e eles amarram a sua perna ali nesse sarrafo e na sua perna e você não tem jeito de mexer. E aí, as cinco... É... Elie. Hora que eles fazem isso, né? E a hora que pegar outra perna pra pôr aqui. Eu não queria isso, pegar o braço. Aí, esse moço, esse cara...

01:38:03

Ele... Ele pega e vai levando o dialzinho. Uma espécie de fio. Ele vai andando assim. E o choque começa. Começa ali, vai aumentando, aumentando, aumentando. Quando ele chega no final.... No rádio. Eu falava, vou falar que é rádio. Parece um rádio, mas daqueles rádios antigos, assim. Aquele fio. Ele volta de... Ele volta... E aí... Quando acontecia isso, até chegar lá, Eu ia deitando assim, só que eu não chegava. Até meu joelho. Eu chegava com a cabeça até a altura de onde minhas mãos estavam amarradas. E aqui assim, eu ia indo com aquele choque, aquele choque, aquele choque, e aí eu gritei. Aí eu grito não, sei lá, falava... Aí, quando ele terminava, lá no final, ele trazia. assim, de soco. E eu? era jogada para trás na cadeira.

01:39:15

Aí ele fazia de novo, eu nem que tava acabando assim. Eles fizeram isso muitas vezes, muitas vezes. Não foi cinco nem seis vezes. Eu acho que fizeram isso umas 15 vezes. E eu comecei a sentir vontade de fazer xixi. Eu aí estava preocupada, que eu não ia aguentar. E ia fazer chip perto daquele monte de homem. E a vergonha. E aquilo, eu fui, quando eles davam o choque, eu ia assim, eu falava... Aguenta, aguenta um pouquinho mais, né? Aí fui indo, mas daí a pouco eu não precisei aguentar. O organismo libera. Aí eu fiz xixi. Aí um filho... Pode falar? Pode. Aí um outro cara... que estava lá na porta, olhando isso. Ele falou assim, olha a mijada que ela deu.

01:40:21

Isso aí o mundo acabou para mim. E os outros ficaram caladinhos. Debocha. Deboche. Eles debocham, mas aí não sei por que eles não debocharam. Eles começaram. Depois, assim, de

outras coisas, né? como descer uma escada e você não está descendo, não está andando, eles chegam e falam para você assim... O que aconteceu? Caiu da escada? Deu uma topada com fenêmer. Você sabe o que é fenêmer? Não sei. O fenemê era um ônibus, um caminhão da Fábrica Nacional de Motores. E a cara do Fenemê... Era igual a carinha da Kombi. Ele ficava daquele jeito, assim que fica, a gente fica dentro da Kombi, e que não tem mais nada na frente, então eles veem tudo. Né? Então, eles falavam desse jeito. E o caminhão, então? Por que fenêmer? Fenêmer era feio.

01:41:42

O Felipe era feio, então eles falavam isso. Gozava, assim, dava risada. Caiu da escada. Eu estava toda roxa, eu estava toda... Eu não andava, sabe? Eu não tinha condição de andar. Por que isso? Depois, aí, a hora que esse cara fala, olha a mijada que ela deu, eu falo, tira ela, vai pro pau. Aí eu fui pro pau de arara. Nossa. Fui pro pau de arara, não sei se eles estavam muito cansados. Eles não me deixaram muito tempo no pau de arara, mas me deram choque, choque, choque. Pancada, chegar, espancar, bater assim, que a gente está completamente à disposição deles para bater aonde for. É, e passar a mão, passar a mão, passar a mão, passar a mão na virilha. Eu falava, esses filhos da mãe vão me...

01:42:53

Eu estava com medo do estupro, porque eles faziam aquela roda para ficar lá. E eu tava com medo. Tá com medo. Porque a gente falava curra na época. É bastante gente tendo sequência. violentando a pessoa. relação com a mulher ou com o homem, para você também. Mas quando foi no dia seguinte... Eu já comecei a... Eles me puseram um capuz, porque era uma equipe. Me puseram um capuz. O cara que tava me amarrando deixou isso aqui aberto. Eu fazia isso aqui no joelho dele, para ele ouvir. Não adiantou, porque daqui eu fazia assim, eu via que ele estava agachado e estava com uma calça assim, gelo. E um sapato amarelo, daquele amarelo que parece que vai ficando marrom. Né?

01:44:05

Não vi ninguém de farda, a não ser esse coronel, que eu vou falar o nome dele daqui a pouco para você.... Não tem ninguém de fardo. ninguém de barba, eram todos do exército. da marinha, da aeronave, eram todos militares das forças armadas que estavam ali. E tinha investigador também, da polícia. Como é que eu ia saber que era investigador? É que a gente ficou sabendo um tempo depois, né? Não, pode continuar. E aí... Ehh... Aí, eles... Eu estou no segundo, no segundo dia. Eles me deram muita pancada no pé. Ah, não. O que foi que eles fizeram? Me puseram na cadeira que eu estou te falando? E aconteceu isso, né? aconteceu isso, né? Aí, o que eu fiz? Deixei ele pôr nas minhas pernas lá, não fiquei batendo nele e chutando.

01:45:23

Eu pus o pé no joelho dele, ele estava assim. Eu queria mesmo que eles acabassem ali comigo, porque eu já tinha experiência da noite anterior. Então, o que acontece? Eles. É. Quando eu comecei com essa reação, Eles falaram assim. Tira, vai pro pau agora. Tira, não vai. Tira da cadeira, vai pro pau. Por quê? Porque quando eu fiz isso, eu tirei e fiz assim, viu o rosto de todo mundo. Aí ele falou assim, essa filha da puta. Viu todos nós aí, ela está vendo o rosto nosso. Aí que veio essa coisa de me mandar de novo para o pau de arara. Uma punição, mas... Mas era tudo juntinho, uma coisa com a outra. Aí, esse dia... E eu desmaiei. Acordei.

01:46:29

Mas, olha, eles foram, foram, foram até me desmaiar no pau de arara, com só o choque elétrico. E, batendo, um chegava por aqui, pegava a minha cabeça, levantava. Depois batia no rosto e... Me jogavam água no nariz, me abaixava assim, porque aquilo lá rodava, pra jogar água no rosto, assim, pra aumentar o choque. Entrava água no nariz. E foi isso, desse jeito. Acordei. Desse desmaio, ele se xinga. E com cara me tirando. O pulso. Eu acho que foi um desmaio longo, porque para eles desfazerem você do pau de arara, demora. Tanto que eles te amarram. E aí, eu só... Olhei assim, cá tinha um dos torturadores, agachado. E ele me puxou para cima dele, aqui, me pôs no peito dele. E o outro estava me vestindo a saia.

01:47:44

Aí ele falou, pega a blusa dela lá, porque eu tinha subido com a blusa. Aí ele... E eles se xingando, xingando, xingando. Não sei o que aconteceu, viu? E o cara que estava pegando o meu pulso falou assim, não, já voltou. Eu acho que eu tive uma... Um desmaio longo ali. Mas também, né? E ali, daquele dia em diante, eles só me levavam pra cadeira. Eu fiquei cinco dias lá. Não comi. Não almocei, não jantei. Eu pedia água para eles, eles me davam água. Metade de um copo americano. Fazia assim com prata comida, assim. Eu não saía da cama, de onde eu estava, eu só saía quando eles me levavam lá para cima de novo. E no quinto dia, eu saí de lá, eu ainda fui para...

01:48:49

Para a cadeira do dragão. Porque não tinha condição deles me pôr um pau de arara mais. Minhas mãos, palmatória, você nem imagina. Minhas mãos, eu não pegava nada. Fiquei, saí de lá, cheguei no DOPS com as mãos ainda inchadas. Olha, ia cinco dias para as mãos desincharem. Então, eu peguei e comecei. No terceiro dia que ele veio, pôs o prato lá. Pôs a água, aquele pouquinho, o prato ficou. E a água ficou. Também. Eu não bebi. E só escutei eles falarem assim, ela não come? Não, e nem bebe água. O cara que estava me tirando o pulso, porque... Eu não vi ele no primeiro dia, mas ele estava lá todos os dias. Sabe? E tinha um esteto na mão, cara.

01:49:45

Então, eu acho que ele é do exército, que deve ser enfermeiro do exército, qualquer coisa assim, porque um médico no exército não vai ficar ali. Né? Então... É muito doloroso, sabe? A gente depois foi mandada para o DOPS, fui para o DOPS com o Jorge baleado, o Chiquinho baleado. E... E mais dois, o João. Outro companheiro que agora não me vem o nome dele, né? O codinome dele. Não me veem. Mas esses dias eu lembrei dele. E aí, lá nós fomos conhecer. O Fleury! Delegado. Quer que eu conte? Pode. Tá acabando, né? Se for rapidinho. Se for curtinho. Não, não. Mas com o Flori, mesma coisa. O Fleury não se recebeu com escuderia e lecoque.

01:51:05

Escrito em cima num quadro e ele ficava ali debaixo na cadeira. E com o símbolo do Esquadrão da Morte. Que é a caveira. Mas ali em cima, Escuderia e Lecoque. Porque quem criou o Esquadrão da Morte no Rio de Janeiro foi esse cara que chamava Lecoque. E abraçado num capacete, com uma swastika. E dali para frente, as mesmas barbaridades. Que fizeram com a gente. No DOPS também. Ele só esperou uma semana para me chamar para... Fazer o interrogatório e tal, mas depois... E depois nós saímos de lá no dia da morte do Marighella, mas eu continuei voltando pro DOPS. Preferência de noite. Nossa, eu quase morria. Sabe, o coração saía. Né? Aí eu fiquei quatro meses incomunicável, com 13 companheiras incomunicáveis. Não via ninguém.

01:52:20

Só fizemos amizade com as carcereiras, elas que maneiravam as coisas para a gente. Sabe? E a minha prisão. Ah. É que fala preventiva? Só veio depois de quatro meses. Nossa, tudo isso. Então, ali a gente já estava conversando, nós conversávamos com o advogado, com o pessoal lá do outro lado, que estava preso lá já há algum tempo. Mandava. Mas nem advogado entrou lá nesses quatro meses. E, ao todo, a senhora ficou três anos presa, não foi? Três anos e três meses. E recebeu a vara de soltura das mãos do Ustra, né? Carlos Alberto Brigante Ustra, reconhecido nacionalmente por ser um torturador. Quando eu saí, eu tinha que sair igual todo mundo sai. O alvará de soltura vai para o diretor do presídio, ele assina e põe a pessoa em liberdade.

01:53:28

E eu não.? Eu... É, ele... Era para eu ter saído no dia 7. Tanto é que ele assinou. E o Ustra, só vou te falar isso, eu fui... Pra sair. E ele falou assim para mim: "Olha, você está saindo, mas eu vou te falar, por mim, você... apodrecia, morreria lá, numa prisão. Desse jeito, na prisão." E outra coisa. E o Alvará, assim, ele fazia assim para eu olhar para o Alvará. Eu vi o alvará. Eu vou te falar só o seguinte: "Você vai sair. Mas se você cair na besteira... ligar, se ligar, que era

a nossa linguagem, se ligar com seus companheiros, seus colegas. Não tem colega, né? Seus companheiros," ele corrigiu, "seus companheiros, eu lembro direitinho, seus companheiros."

01:54:44

"Você não vai ter uma segunda vez, você não vai ter uma segunda chance. Você vai ficar caída na calçada com a boca cheia de formiga." Nossa, uma ameaça bem... assim. E aí, né, tinha um outro que estava olhando assim... Eu olhei para ele, olhei para ele e olhei para o outro. Os dois estavam trocando olhares. E não falei nada. Aí ele... Ele falou, "Está entendido?" Desse jeito. Mas eu não me imaginei jogada na calçada, que ninguém fica um tempo tanto grande para ter boca. Eu me imaginei igual aquele pessoal que eles matavam. Os bandidos, que eram os bandidos que disputavam com eles, porque o Fleury era um traficante. Bom, nem vou... Foi lá, né? Fiquei com essa imagem na minha cabeça, eu caída num mato, né?

01:55:51

E o... e o corpo meu, e formiga mesmo, andando no corpo e tal. Fiquei com essa imagem. E... Aí eu falei, bom. Aí acabei saindo de lá da Operação Bandeirantes, às 11 horas da noite. É que minha tia foi me buscar, porque ela trabalhava no laboratório. E daí a vida começou. De novo, né? Depois, militância de novo. Eu ali desafiei o... Tem um companheiro de Cravinhos que logo começou a militar e a polícia pegou, matou na Casa da Morte, lá no Rio de Janeiro.

E para a gente encerrar, Cidinha... Se fosse para você deixar um recado para essa geração mais jovem, os jovens que já nasceram na democracia, o que você deixaria sobre o que é uma ditadura para quem não viveu um regime como esse?

01:57:01

Olha, eu diria como eu faço quando estou fazendo uma palestra. Para jovens, ou até outra. Não precisa ser tão jovem também, né? Quem está assistindo... Hmm? Que procure se informar. Procure estudar, se informar, não cair em... em coisas fáceis. Não entrar na linguagem dessa burguesia, desses... da classe dominante, porque aí já quando eu faço essas palestras, eu falo da classe dominante e a classe que não é dominante, que somos nós. E... Eu... mostro para eles e conto tudo o que eu sofri e quanto que eu vi os outros sofrendo. E esses filmes aí que estão passando, eles passam... É... Assim, sabe? Superficialmente. Não. Eles passam muito pouco essas coisas porque acham que choca as pessoas. Sabe? Aquelas coisas de estar lavando o banheiro, na sala, porque tem muito sangue.

01:58:25

E assim, também, eles mataram um companheiro naquele dia. Porque eu fui presa de manhã, eu fui presa à tarde, como eu te falei, à noite quase. Ele lutou com eles, ele ficou na sala de tortura, ele foi deixando a marca dele todinha na parede, porque não era uma parede. Era uma

divisória. E essa divisória era dessa cor, assim, clarinha, branco. É, clarinha. Não era branca, não. Era um cinzinha pro branco, sabe? Assim. Ali, ele... Foi batendo, eu vi a hora que eu estava entrando, eu olhei tudo e olhei no chão, tinha uma poça assim debaixo do pau de arara. Era a cabeça dele que escorria o sangue e pingava do tiro que ele levou. Não. E ele falou assim: "Tá olhando isso aqui? Vai acontecer com você igual se você não quiser colaborar."

01:59:33

Eu já sabia que era ele que tinha morrido. Né? Porque eu fiquei sabendo que tinha sido preso lá pelos próprios policiais. Eles falaram o Jonas, que era o companheiro. Eu falei: "Jonas, foi preso?" Então falou: "Nós matamos um aqui. E você se... E não temos problema nenhum em matar vocês desse jeito e fazendo vocês sofrerem." Totalmente sádico. Sádico, não? É de um nível. E os deboches? Sabe? É o deboche dos caras. Eu não gosto do pessoal de esquerda que faz deboche. Eu acho que é uma arma do fascismo para te desmoralizar. Porque as pessoas que estão te escutando e não sabem quem você é, começam a duvidar. E achar em... né? Nossa! Yeah. Né? Não sabe? Às vezes... estar lá só para ficar fazendo de bonzinho, eu nunca caí nisso.

02:00:52

Mas o deboche, eles debocham. Eles falam do seu corpo. Sabe? Principalmente mulher. Homem também. Fome também. E agora para a gente, eu tinha te prometido que era a última, mas agora a gente encerra mesmo. O propósito desse podcast é que muitos Ribeirão Preto... anos, eles desconhecem a história de pessoas que foram figuras importantes durante o regime militar e, sabe, tem muita gente que não conhece, a senhora... e outras companheiras não foram parar em livros de história, nada disso. Você acha que falta essa memória histórica por Ribeirão Preto, que essas histórias deveriam, sabe, chegar num grande público? É, assim, até que nome em livros aí já... Já saíram, tá? Porque a gente dá a entrevista, né? E sai, mas... Geralmente é um trabalho de TCC, ou se não, doutorado, ou antes, mestrado.

02:01:58

Quando as pessoas... Edita, faz o livro, né? Faz o livro. E geralmente eles... Fazem o livro, mas não são todos que fazem. Fica lá na prateleira da faculdade e também agora na internet, que é fácil jogar na internet. Mas aqui em Ribeirão... Eu fiz mesmo já, muita palestra já. Não... Assim, sabe? É... Eu sempre falei, né? Então, quando eu converso com eles, eu falo: "Então, eu lutei. Eu sou comunista, eu sou socialista, a gente nunca vai passar. Do que a gente está para um regime comunista. Eu nem sei como é que vai ser isso. Mas nós queremos o socialismo para ser uma sociedade sadia, uma sociedade que dá oportunidades, sem exploração do homem pelo homem." Leva isso, né? É... E vou mostrando, mas, assim, uns dez minutos de fala final.

02:03:17

Eu vou falando, vou mostrando. E coisa que eu nunca deixei de ser, mesmo que eu não esteja agora, no momento, militando, mas eu vim militando. Até 2010. A senhora ainda tem contato com as colegas épicas? Eu sei que a senhora ficou presa com a ex-presidente Dilma Rousseff. Tem contato com o pessoal ainda? Se vê de vez em quando? Não, com ela não. Com ela, quando ela saiu, ela saiu primeiro do que eu. Ela entrou depois de mim, né? Ela entrou lá em março de 70 no presídio Tiradentes. Ela entrou lá em março, acho que 3 de março de 70. Tem um documento aí em casa que mostra quando nós entramos. E eu já estava lá seis meses, né? Então, setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março.

02:04:14

Completando seis meses, contando as beiradas dos meses que ficam para trás. E ela? É, coitada da Dilma também, né? Todo mundo, sabe? Então, é... Eu fico... Pensando. Ela era muito... muito alegre, sabe assim? Mesmo com as coisas, ela ria muito, sabe? Mesmo com todo aquele inferno. É, ela ria. E todos nós ali, tirava a salva nas botas, assim, não, você não sei o quê, você não sei o quê, não tinha briga. Um era de uma organização, o outro era de outra. Não tinha briga. E a tranca, né? Era a tranca mesmo, era trancado ali. Mas depois a gente vai ganhando, sabe aquela coisa miúda que a gente nunca pensou que ia ser difícil? Aquilo quando a gente... conseguia, era uma vitória lá dentro, sabe?

02:05:26

E aí nós, duas mulheres, no caso, acho que ganhamos a simpatia das carcereiras. A simpatia até do vice-presidente, do vice-diretor do presídio. Sabe que ele sempre ia lá conversar com a gente. Nunca fez pergunta para nós, assim, conversava. Eles ficavam lá uns dez minutinhos, passavam em cada cela, conversavam. Mas o diretor era do Esquadrão da Morte. Esse daí não valia nada. E também teve muita coisa boa. Conheci o D. Paulo Evaristo lá. A gente conta assim, eu conto assim, desse jeito, porque eu vou lembrando. Eu vou lembrando. Eu estou arrumando tudo que eu tenho de documento, eu quero pôr, quero classificar agora. E eu vou sentar numa máquina no computador. E vou contar tudo, porque ficou coisa para fora se eu contar dessa questão de tortura.

02:06:37

Sabe? Porque já... Porque eu quero, vou assim porque eu vou lembrando. Vou lembrando, passo a passo, tanto dentro da Operação Bandeirantes quanto dentro do DOPS. Eu acho que ele me mandou embora porque eles viram que eu não estava comendo. Porque eu não estava bebendo água. Eu bebi água só no primeiro dia, com um copinho assim. E o resto, quando eu estava lá, ficava lá, pegava o prato. Aí eu ouvi eles falando o que eu te falei agora. Eu acho que ele mandou

e falou: "Não, ela vai morrer aqui." Por quê? Porque eles não paravam de me dar choque. No último dia que eu estive lá, ainda fui para a cadeira.

02:07:30

Quantos dias você ficou no DOPS? Cinco dias. Não, DOPS não, na Operação Bandeirantes. No DOPS eu fiquei um mês e fora as vezes que eu fui voltando para o DOPS. Vindas e vindas. Sim, eu ia umas duas... Assim, no mês, até entrar 70... fevereiro, até fevereiro de 70. É, eu fui e voltava, mas fiquei lá também um dia, dois. E a última vez que eu fui... Fui. Não... Natal de 69, no dia, me parece que 22. Parecia que o Natal ia ser daí três dias, quatro dias. Foi a última vez que eu fui. Tem uma que eu fui em janeiro de 70 também. Eu fui assinar lá. Não fui sozinha também, fui com outros companheiros assinar o... Gente, como é que fala? O inquérito para virar processo. Eu não sei o nome, a figura jurídica disso aí. Eu também não vou lembrar agora.

02:08:54

Cidinha, muito obrigado pela gentileza de me atender, de abrir esse podcast, de ajudar nesse trabalho. E só queria te agradecer mesmo, muito obrigado.

De nada, tá? Então, eu deixo aqui. Uma lembrança, uma memória e uma homenagem a todos aqueles que se foram. Todos aqueles que foram... que morreram e ninguém sabe onde está. Dos desaparecidos. A nossa causa não... A nossa causa é uma causa bonita. Dar tudo da gente, tudo aquilo que a gente podia dar, para ver uma sociedade, a humanidade melhorar. Sabe? E não ter essa... essa exploração do homem pelo homem, esses fascismos, essas coisas todas. Mas eu sempre homenageio, no fim, esses meus companheiros, porque tudo... E companheiros. Quando eu estou falando companheiros aqui, eu não estou falando companheiros e companheiras. Eu só falo no plural.

02:10:13

Companheiros e companheiras. Eu preciso aprender a falar assim. E sempre deixo uma lembrança que eles se foram. Nós tivemos sorte. De estar vivo, né?... E que... Ninguém faz nada sozinho. Então, quando eu dou uma entrevista, quando eu recebo uma homenagem... É. Em nome de todos eles. Todo mundo, sabe? Porque ninguém faz nada sozinho. Eu estendo a... Os depoimentos que eu dou e as homenagens que já me fizeram, que eu sou tão tímida para esse negócio de homenagem. Porque eu não fiz nada sozinha, sabe? Então, eu já jogo para todo mundo, sabe? Até esses que se foram me ajudaram. Então esse foi o fim do nosso primeiro episódio e aos amigos ouvintes a gente se encontra no próximo capítulo. Vocês vão editar. Vamos. Cidinha, muito obrigado.

APÊNDICE O - Decupagem Leopoldo Paulino - 2º Episódio

00:00:10

Eu que agradeço você ter me convidado e a gente ter a chance de falar sobre o período da ditadura militar, sobre a liderança estudantil, sobre a guerrilha. E eu queria começar perguntando sobre o seu interesse por política. Ele começou desde muito jovem, teve alguma influência dos seus pais?

00:00:25

Desde criança, e muita influência dos meus pais. Meus pais eram comunistas, e dentro de casa eu aprendi. Eu comecei a ler muito cedo. Quando houve o golpe militar, eu tinha 13 anos, mas eu já tinha um conhecimento político bem grande, sabia do que se tratava, sabia o que isso ia representar para o Brasil.

00:00:51

No seu livro você diz que você acordou com febre no dia do golpe, eu achei... 40 graus de febre. Sem nenhuma doença aparente, nada. O médico não tinha nada palpável, visível. Era uma questão emocional mesmo. Já tava pressentindo.

00:01:05

É. E logo em 1964 tem o golpe. Como era o clima em Ribeirão Preto, sabe? As pessoas estavam assustadas, elas estavam comemorando, sabe? Como a cidade reagiu àquele evento?

00:01:20

Bom, havia, claro, os apoiadores do golpe, mas havia muita gente contra, que se mobilizava pelo Leonel Brizola, por exemplo, que era uma liderança. Ele formou vários grupos dos 11, que era a forma que ele estava estruturando o povo para reagir ao golpe, que estava praticamente anunciado. Tinha vários grupos dos 11. Era a gente que se articulava. A UGT, União Geral dos Trabalhadores, controlada pelo PCB, também estava sempre se reunindo, havia uma movimentação muito grande. E a direita, claro, havia os grupos fascistas, o MAD, chamado Movimento de Ação Democrática, que nada tinha de democrático, era um grupo apoiador do golpe militar, da ditadura e radicalmente contra nós.

00:02:20

E já pegando esse gancho, quais setores de Ribeirão Preto apoiaram o golpe? Quais setores comemoraram? Que classe foi atuante nesse sentido?

00:02:30

As classes empresariais patronais, claro, que apoiaram o golpe militar, porque estavam com a expectativa de terem maiores lucros, o que de fato aconteceu, e de poderem assim esmagar o trabalhador, como também aconteceu durante a ditadura militar, ceifar aos direitos trabalhistas que os trabalhadores brasileiros tinham conquistado do governo Goulart. Eles eram contra. E a grande imprensa também. Em 1962, o presidente João Goulart fez uma lei outorgando o 13º salário para o povo brasileiro. Houve uma reação muito grande. A Folha de São Paulo era contra, o Estado de São Paulo era contra, o Globo era contra, que ia quebrar o país, não quebrou. E não houve força política da ditadura militar para suprimir esse direito, senão eles teriam feito.

00:03:30

Uma ótima resposta. É interessante isso, porque hoje em dia a imprensa tenta passar um ar bem democrático, mas se a gente for pesquisar a fundo, a história deles é comprometida, principalmente a Folha de São Paulo. A Folha ia mais longe, foi mais longe, além de publicar as matérias a favor da ditadura militar, contra os direitos dos trabalhadores, a Folha, num período subsequente, participou ativamente da repressão, chegou a emprestar os seus caminhões para a perseguição de companheiros que foram presos e assassinados. Houve uma emboscada montada no bairro de Pinheiros, se não me engano, na rua João Moura, contra três companheiros da ELN, que foram assassinados pelas forças da ditadura. E eles desceram de um caminhão baú da Folha. Ou seja, não despertou suspeitos, porque era um caminhão do jornal da Folha. Estavam camuflados. Desceram camuflados os agentes da repressão e nem perguntaram, fuzilaram os companheiros assim, covardemente. E a Folha participando ativamente disso.

00:05:02

É, a história tem várias nuances. E agora eu queria entrar na parte da sua... O seu papel no movimento estudantil?

00:05:10

O movimento estudantil foi muito atuante, principalmente nos primeiros anos da ditadura. Ele confrontou muitos militares, teve mortes de estudantes, muitas passeatas, principalmente em São Paulo e no Rio. Era um clima bem pesado entre essas duas esferas e você foi líder do movimento estudantil aqui em Ribeirão. E eu queria saber qual foi o papel dessa organização aqui em Ribeirão Preto.

00:05:30

Bom, o movimento estudantil de Ribeirão foi muito atuante, muito atuante. No Brasil, de uma forma geral, o movimento estudantil foi muito forte até o final de 68. Após o ato 5, no dia 13 de dezembro de 1968, a repressão se intensificou e a ditadura começou a desarticular o movimento popular. Presidente do Grêmio do Colégio Antônio Helmoth, lideramos grandes manifestações, participamos das manifestações de rua e contra um diretor arbitrário, um diretor perseguidor, um diretor corrupto, chamado Romero Barbosa, que acabou me expulsando da escola quando faltavam apenas dois meses, um pouco menos, para eu terminar o terceiro colegial. E naquela época, você não tinha a quem recorrer. O meu pai fez um recurso, eu era menor de idade, e entregou na então delegacia de ensino. O responsável, o delegado de ensino, nem deu resposta, deve ter jogado no lixo. Zero importância ele deu.

00:06:46

E como era essa questão dentro das escolas? Vocês podiam ter debates, criticar o governo, criticar os próprios professores e diretores? O que era liberado para vocês fazerem? Porque hoje em dia o aluno tem muita liberdade para fazer o que ele quiser, basicamente.

00:06:55

Não, a gente não tinha, nós tivemos que conquistar essa liberdade, a gente entrava nas classes, a liderança estudantil se dirigia aos estudantes, reunimos no parque. Fazíamos assembleias ali no pátio. Uma vez, numa época de grande movimentação na cidade, o diretor proibiu uma assembleia. Não vai fazer. Nós saímos, ocupamos a rua Serqueira César e eu subi no portão dirigindo a assembleia e fizemos assembleia na rua, tumultuou tudo. Correu lá, pelo amor de Deus, entra todo mundo e faz assembleia aqui dentro. Porque o tumulto foi maior. Então havia uma repressão. E no caso do Antônio Motta, o diretor era conivente com essa repressão.

00:07:40

No seu livro você conta, eu acho que até dá para puxar um gancho, você disse que você subiu no portão tudo e que depois vocês foram numa manifestação que subiu, foram para o centro, todos os alunos, e que teve uma manifestação enorme contra a ditadura e que vocês tiveram um embate com a própria polícia.

00:07:55

Foi, com a polícia militar. Conta pra gente sobre esse evento. Foi em 1966, eu estudava no colegial, e foi uma grande passeata reprimida pela polícia, onde houve vários enfrentamentos, a gente jogando pedras na polícia, eles jogando bomba de gás lacrimogêneo e começamos a

jogar bolinhas de gude e rolho na cavalaria. Os cavalos escorregavam e começavam a cair. Foi uma batalha muito forte com a participação dos estudantes de toda a cidade. Muito legal, muito interessante.

00:08:34

Essa parte que você falou da bolinha de gude é uma coisa que eu sempre vejo que é recorrente nos livros dos ribeirão-pretanos dessa época, que vocês eram muito criativos para...

00:08:40

Para driblar a polícia, eu já li que levavam gatos para confundir os cães. Os cachorros, eles correm atrás, largavam de correr atrás da gente. E houveram prisões nessa manifestação?

00:08:55

Houve algumas prisões, sim. E nós conseguimos correr, eu digo nós o grupo que me acompanhava, do doutor Neomota, conseguimos correr e entrar na casa do então bispo de Ribeirão Preto, no chamado Palácio Episcopal. Porque ali é território estrangeiro. O Vaticano é um país e a polícia não podia invadir. Acabamos ficando por lá. Isso foi levando os estudantes depois de carro nas suas casas. Teve uma atitude muito firme. Pegava um grupo, levava e voltava a buscar. Alguns estudantes se refugiaram na sede do diário de notícias, que era ali do lado, e a polícia invadiu a sede do jornal para prender todo mundo lá dentro.

00:09:32

Houve muita violência policial. E no seu livro você conta que a população, no geral, quando tinha essas manifestações, eles apoiavam você, jogavam papel picado, aplaudiam.

00:09:45

Apoiavam sim. A população apoiava, aplaudia e de cima jogava papel picado. Uma vez no Rio de Janeiro houve uma passeata grande. É, no ano de 68. E a polícia espancou muitos estudantes, dava aquela pancadaria. E alguém lá de um prédio jogou uma máquina de escrever, que caiu na cabeça do policial. Nossa, olha só. Obviamente, ele morreu, porque as violências que a polícia estava cometendo contra os estudantes, contra os jovens, deixava muita gente irada, revoltada contra isso.

00:10:29

E eu fico pensando, aqui em Ribeirão, uma cidade que hoje tem um viés um pouco mais conservador, nos últimos anos, como é que era essa relação mesmo na população com o regime,

sabe? Porque quando a gente pesquisa, a gente vê que muita gente apoiou essa parte do golpe, sabe? Muita gente. E não sei se se arrependeram depois do que aconteceu, mas...

00:10:50

Eu queria falar sobre a sua filiação ao PCB, o Partido Comunista Brasileiro. Quando ela aconteceu, quem te apresentou, como foi isso?

00:11:00

Eu entrei no Partido Comunista Brasileiro aos 15 anos, em 1966. Era um partido clandestino, obviamente não existia ficha de filiação, não existia uma sede, o partido era clandestino. Eu comecei minha militância em um partido de esquerda, participamos de várias pichações contra a ditadura militar, o PCB organizava panfletagens, e a gente passava de madrugada num grupo, colocava embaixo das portas. Claro que o trabalho rendia pouco, demorava muito. Hoje você manda tudo através das redes sociais, você manda para 30 mil pessoas. O WhatsApp vai para todo mundo. Antes não, isso era trabalhoso e tinha que correr da polícia.

00:11:50

Você já chegou a ser perseguido, cruzar com a polícia na rua?

00:11:55

Cruzei, uma vez nós estávamos fazendo uma pichação ali no muro da Antártica. E passou a viatura da polícia. Estava uma companheira junto. Aí nós fingimos que estávamos namorando. A polícia olhou e passou. A criatividade. E nós fomos embora. Fomos para casa.

00:12:16

E como é que vocês faziam esses panfletos? No seu livro você fala que ainda não tinha tinta spray na época para fechar o muro.

00:12:20

Não tinha spray. Era tudo mais difícil. Era muito, muito demorado. A gente utilizava um tipo de giz de cera bem grosso e com isso pichava os muros. Mas demorava muito. Trouxeram o spray para cá, a gente vibrou. E para imprimir manifestos, a gente usava mimeógrafo, a tinta, e isso tinha nos centros acadêmicos. O Antônio Amato, o Grêmio, tinha um mimeógrafo a álcool, e a gente utilizou bastante para fazer manifestos. Está entrando até em desuso já. Nem existe mais, nunca mais eu. Eu mesmo, olha. Não conheceu. Não conheci.

00:13:17

E, voltando a falar sobre a sua carreira como líder estudantil, eu queria que você contasse para

a gente da sua prisão no Congresso, lá em Ibiúna. Como é que foi? Você conta que você foi vendido pra lá, sabe? Teve todo um esquema mesmo de segurança e que vocês foram descobertos e que deu tudo errado depois.

00:13:30

Eu já era estudante de direito aqui na UNAER. E que ano foi isso?

00:13:35

12 de outubro de 1968. Eu estava no primeiro ano de faculdade. No ano seguinte, eu fui eleito presidente do Centro Acadêmico de Direito. E nós organizamos o congresso de estudantes, o trigésimo congresso. O Congresso da Uni teria que ser clandestino, porque era reprimido pela ditadura, a ditadura não permitia. Então a gente fez essa organização do Congresso, você imagina, havia gente de todo o Brasil. E a opção foi por levar todo mundo para um sítio isolado e hoje tenho convicção que foi um grande erro. Havia uma proposta de fazer no CRUSP, no conjunto residencial da UFMG, USP na São Paulo, eu acho que teria sido muito melhor, porque ali circulavam por dia centenas de estudantes.

00:14:16

Daria para fazer sem a repressão ter percebido. E houve essa posição que foi majoritária de fazer no lugar escondido. A comissão organizadora do Congresso preparou tudo. Só eles sabiam aonde era. A gente foi saber só quando foi preso. A gente estava num sítio, numa cidade de Ibiúna, que tinha na época... 5 mil habitantes. Bem pequenininho. Nós fomos em quase 800 para lá e chamou muita atenção. O pessoal comprou todo o estoque de pão de uma padaria, já começou a chamar atenção. A história que a gente contava é que éramos de um grupo religioso que estava fazendo um encontro. Mas logo a polícia descobriu. A repressão já sabia que o Congresso iria acontecer, não sabia o local, e foi fácil mapear e nos descobrir. Aí fomos todos presos.

00:15:09

Houve um cerco muito grande, a polícia chegou atirando para cima. Um tiro acabou acertando em um lampião que tinha no chão. Houve tiros que foram para o chão também, mas a grande maioria para cima e fomos todos presos. Você conta que tentou fugir, mas mudou de ideia depois, que entrou no mato com alguns companheiros. Um grupo de estudantes, porque a gente tinha que fazer turnos para dormir e eu estava já com o pessoal acordado de manhã. Eles começaram a invadir no início da manhã. E nós corremos, conseguimos correr, e já estávamos

nos distanciando, nos distanciando, eu corro muito bem. Mas aí de repente a gente se viu embrenhado no mato e começamos a ponderar: eles vão pegar a gente e fuzilar todo mundo aqui.

00:15:53

Aí decidimos voltar e ser presos junto com os outros companheiros, que a gente estava mais seguro. O PM nos recebeu com muita pancadaria, chutes, essas gracinhas que eles costumam fazer, fazem até hoje, e a gente foi preso junto com todo mundo. E você foi levado para qual presídio em São Paulo? Foi para São Paulo, né, todo mundo? Nós fomos para São Paulo, havia já vários caminhões e ônibus esperando para levar. E fomos conduzidos e fomos para São Paulo no Presídio Tiradentes. Foi todo mundo para lá. Um presídio que não estava preparado para receber tanta gente assim.

00:16:46

800 pessoas de uma vez. Era muita gente. Então nós ficamos numa cela com 48 pessoas. Nossa. Era muita gente. Havia turno: dormia um pouco, o resto ficava em pé, os outros dormiam, fazíamos essa divisão. E era complicada a situação lá. Tivemos uma fantástica solidariedade dos presos comuns. Eles apoiaram a gente, gritavam o tempo todo. Quando entramos em greve de fome, eles entraram também. Isso deixou a repressão meio desorientada, porque eles não esperavam essa reação. A comida era uma lavagem, vamos dizer assim. Talvez a lavagem fosse melhor.

00:17:43

Naqueles dias da greve de fome, eles fizeram uma comida bem feita, levaram, ficavam nos caldeirões ali no corredor, jogando feijão, arroz, tentando a gente para comer, mas a gente ficou firme por três dias. Três dias inteiros em greve de fome, apenas tomando água. E numa madrugada a tropa de choque invadiu o presídio. Aí já estavam somente os de São Paulo. Nós de São Paulo, porque os de outros estados já haviam sido levados para os lugares de origem. Foram sendo transferidos aos poucos. A greve de fome começou, estava todo mundo. Depois eles foram levando e nós de São Paulo fomos para o Carandiru. Fomos levados para a Casa de Detenção do Carandiru.

00:18:37

E ao todo, você ficou quanto tempo preso? Não foi muito, foram poucos dias, era muita gente, o Brasil todo se mobilizou. Na porta da prisão havia uma manifestação de estudantes, de pais.

A imprensa ainda conseguia dar notícias até o Ato 5. Depois do Carandiru, a gente era levado para o DOPS. E ali eles nos fotografavam, fichavam e aos poucos fomos sendo liberados. E lá também havia uma manifestação muito grande, uma vigília do lado de fora. Chegou a haver imprensa internacional, inclusive. Nossa, foi um rebuliço muito grande. Muito. Era muita gente presa de todo lugar.

00:19:46

Os pais em todos os estados. Mexeu com o país. E você chegou a sofrer alguma violência por parte das forças especiais? Nesses dias, sim. Violência especial: chute, pancada, insulto. Isso eles sabem fazer bem. A repressão da ditadura usou isso o tempo todo. Mas assim, eles não tinham o que querer saber de nós, porque eles já sabiam tudo ali do movimento. Separaram os principais líderes, eles foram levados para a fortaleza, para o Forte de Itaipu, na Baixada Santista. Alguns desses líderes seguiram na carreira política depois, né? Bom, posteriormente o Zé Dirceu, o Luiz Travassos, que eram os dirigentes, o Vladimir Palmeira, eles foram para o Forte de Itaipu e só foram sair de lá em setembro de 1969, quando a ALN e o MR-8 sequestraram o embaixador norte-americano e fizeram a ditadura soltar 15 presos.

00:20:45

Eles estavam na lista. Ficaram bastante tempo. Bastante tempo. E você sai do Carandiru, volta pra Ribeirão e... Volto para cá, o povo estava mobilizado. Eu cheguei aqui, estava com 47 quilos, 10 a menos do que eu tenho hoje, da greve de fome. Mas o pessoal já estava mobilizado, ocupando o centro acadêmico de direito lá na São Sebastião. Nós chegamos e já fomos para a batalha, passeata na rua, a cidade estava inteirinha mobilizada.

Os universitários se mobilizavam bastante aqui em Ribeirão? Bastante, muito. O pessoal da USP era muito ativo. E também nas outras escolas, principalmente nas escolas particulares, principalmente na UNAERP. E as forças de segurança sempre reprimiram? A repressão era só a função deles, impedir qualquer tipo de manifestação.

00:21:39

E você falou que se filiou aos 15 anos, né? No PCB. E depois você decidiu sair e entrou na ALN, a Ação Libertadora Nacional. Por que você decidiu sair do PCB e migrar para a ALN? Esse foi um movimento nacional dentro do partido. O Partido Comunista Brasileiro estava levando uma linha política de conciliação com a classe dominante, contra a luta armada. Entendia que participando do MDB — que a ditadura criou como oposição de fingimento —

seria possível disputar eleições, eleger um ou outro deputado, mas sem enfrentamento armado. Era uma ilusão deles.

00:22:36

E imediatamente começaram a haver algumas cisões dentro do país. Isso aconteceu em todo o Brasil e logo foi criada a dissidência estudantil, que já era um embrião de organização armada fora do PCB. E posteriormente o Carlos Marighella criou a ALN, outros companheiros do Rio criaram o MR-8, o PCBR, criado pelo Mário Alves e o Gorender. Apareceram diversas organizações. O PCR no Nordeste, o PCdoB que já existia e defendia a luta armada no campo. Eu e o grupo daqui que defendia a luta armada ingressamos na ALN e participamos da guerrilha contra a ditadura militar.

Eu tenho essa dúvida. Como você fez para entrar na ALN? Porque era proibido. Tipo, alguém te apresentou? Você foi numa reunião e ficou sabendo?

A gente sabia. Havia documentos clandestinos circulando, e a gente sabia que quem não ficou no PCB estava saindo. E logo companheiros que se adiantaram vieram nos procurar e propor o ingresso na organização.

00:23:28

E teve uma adesão muito grande aqui em Ribeirão? Teve sim, a juventude quase que toda. A juventude não acreditava mais naquele tipo de luta de fingimento que o PCB preconizava. E nós partimos para a ação junto com o Marighella e outros dirigentes. Partimos para fazer ações armadas, cujo objetivo era formar uma coluna guerrilheira — que a gente não conseguiu formar.

E falando especificamente aqui de Ribeirão, qual era a função da ALN aqui? Eu li no seu livro que tinha uma parte voltada para treinamento, que era aqui na cidade. Qual era a função da ALN em Ribeirão? Quais eram as atividades que vocês desenvolviam?

A proposta era essa: treinamento de luta armada, servir de esconderijo para companheiros perseguidos, acolher viúvas e filhos de companheiros assassinados. Alguns estiveram escondidos aqui. Havia um campo de treinamento próximo à cidade. Mas nós também começamos a fazer ações armadas.

00:24:25

A orientação era para não fazer, mas também não havia proibição. Participamos de algumas ações contra a ditadura militar. A mais conhecida é a da loja Americanas e da Coca-Cola. Conta para a gente.

No dia 7 de setembro de 69, foi a da Coca-Cola. A ditadura tinha cartazes com fotos do nosso pessoal dizendo “terroristas”, “assassinos”, “procura-se”, dizendo que tinham matado pais de família — conversa deles. Em geral estavam nos bancos, por conta dos assaltos. E a única loja em Ribeirão Preto que estampou esses cartazes na vitrine foi a Americanas. Ligamos anonimamente, dissemos que éramos da ALN e que tirassem os cartazes, senão a gente iria pôr fogo na loja. Tiraram. Mas não durou duas semanas. Voltaram.

00:25:19

Então decidimos queimar a loja num horário que não houvesse ninguém. Colocamos seis bombas incendiárias — eu participei dessa ação — que falharam. Elas iriam entrar em combustão por volta de 23h30, meia-noite. Não haveria ninguém. O objetivo não era ferir ninguém, mas sim retaliar a propaganda da ditadura. No dia seguinte, tiraram os cartazes e nunca mais colocaram.

E a Coca-Cola?

A Coca-Cola ficava ali na Francisco Junqueira, perto da Independência. Era 6 de setembro. No dia seguinte haveria o desfile militar. O palanque foi armado na Independência. O objetivo era queimar o palanque antes do desfile.

00:26:14

Circulamos, passamos várias vezes. Estávamos na casa de um companheiro ali perto, na Sete de Setembro. Preparamos as bombas. A cada meia hora passávamos para ver se havia policiamento. Não havia nada. Quando fomos finalizar tudo e ir para o palanque, quando nos aproximamos havia dois PMs tomando conta. E nós com as bombas armadas, com tempo curto.

Os companheiros pensaram em colocar no bueiro, mas eu não concordei. “Fizemos a bomba, não vamos deixar passar.” Ali perto tinha a Coca-Cola, símbolo do imperialismo. “Vamos colocar na Coca-Cola.”

00:27:07

E foi o que fizemos. Estávamos em três. Um companheiro ficou no volante, o outro fazendo segurança armado ao lado do muro, e eu fui encarregado de pular o muro e colocar as bombas

embaixo de dois caminhões. Colocamos com um intervalo entre elas. Saímos. De manhãzinha uma delas entrou em combustão. Pegou fogo perto do palanque. A polícia correu, bombeiro, apagaram.

Um delegado, que não era da repressão, quis se exhibir: “Vou desarmar essa aqui.” E antes de decidir pela Coca-Cola nós tínhamos passado pela delegacia da Duque de Caxias e pensado em colocar lá — impossível.

00:28:09

Ele levou a bomba para lá, colocou em cima da mesa para se exhibir. A bomba pegou fogo na mesa, na sala da delegacia. Ele fez por nós o que a gente não conseguiu fazer.

00:29:03

E sobre o quartel da PM que serviu como sede da Operação Bandeirantes aqui: você chegou a ser levado para lá?

Bom, eu não cheguei. O quartel ficava ali na Sete de Setembro com a São Sebastião, onde hoje funciona uma delegacia. Ali virou centro de tortura. Vizinhos a 100 metros ouviam gritos de madrugada. Vários companheiros foram presos e muito torturados ali. Eu consegui escapar.

00:29:50

Nessa época cercaram minha casa. Eu pulei o muro com um revólver 38. Eles estavam bem armados. Os vizinhos me ajudaram. Fui pulando muros e saí. Era outubro de 69. Eu consegui. As saídas de Ribeirão eram poucas, todas cercadas. Não tinha como sair. Fiquei um mês na cidade, muito procurado. Ficava um dia numa casa, dois dias noutra. Muita gente me ajudou, me abrigou.

Consegui sair de Ribeirão. Fiquei no Brasil ao todo quatro meses, clandestino, procurado pela repressão. Estive em São Paulo, consegui fazer contato com a organização. A organização estava tendo problemas: muita gente presa, e o setor de documentação tinha caído.

00:30:51

A organização não tinha documentação falsa para me dar, para dar para os outros companheiros. Eu estava circulando com o meu documento, uma situação de risco. E quando tomei a decisão... A decisão de sair do Brasil, meu pai apoia muito sempre, minha mãe, e meu pai tinha uns contatos no Rio de Janeiro com deputado cassado, com colegas dele de faculdade. E nós fomos

para lá e eu consegui tirar um passaporte falso, como se eu tivesse 17 anos. Eu tinha 19. Então eu saí bem assim, menino. com o papai. Eu saí pela Foz do Iguaçu, de ônibus. Você foi por terra, então. O meu avô me levou até a Foz e lá eu atravessei com o meu pai. Tinha que viajar com o pai. por ser menor, e consegui com facilidade atravessar.

00:31:35

Claro, não havia, atravessar a fronteira, não havia internet, essas coisas que facilitariam o trabalho deles. Consegui sair e fui para o terra. Cheguei no Chile, no dia 5 de fevereiro de 1970. Ehhhhh... É interessante essa parte, porque a gente escuta muito sobre o exílio, né? Muitos brasileiros, eles foram mesmo para o Chile. O Chile foi um país que acolheu muitos brasileiros. E a gente não sabe como viviam esses brasileiros lá. No seu livro, O Tempo de Resistência, a gente pensa assim, romantiza um pouco o exílio que foi. E a pessoa viveu feliz para sempre fora do Brasil. E no seu livro você conta que não foi bem assim, que você teve dificuldades financeiras, de não conhecer as pessoas ali. Como foi esse seu começo no Chile?

00:32:22

Olha, a gente teve muita solidariedade dos partidos de esquerda chilena. Partido Socialista, Partido Comunista, nos apoiavam muito. Havia também uma organização brasileira de solidariedade, onde o pessoal que chegou antes, que tinha já uma profissão definida, não era o caso de estudante. Eles também que já tinham empregos contribuía para essa vaquinha, vamos dizer assim, e ajudavam as pessoas que estavam chegando sem emprego, jovens. Eu não cheguei a precisar, felizmente. A minha família conseguiu me suprir o mínimo para eu ir sobrevivendo. E levou algum tempo para que eu conseguisse trabalho no Chile. E lá não fui para ficar tranquilo, fui para militar. E tive a minha militância o tempo todo em que estive no exílio, tanto no Chile como em outros países. E tinha uma colônia brasileira muito grande no Chile, né?

00:33:16

Muito grande. Há quem estime em perto de 5 mil brasileiros, contando famílias, filhos e tudo. Talvez não chegasse a tanto, mas era muito grande. Okay. Isso. E você não ficou só no Chile, né? Você conta que foi pra França, foi pra Dinamarca. Fiquei lá, França, Dinamarca, fiquei quase um ano na Europa e voltei. Quando eu voltei para o Chile, dia 31 de julho de 1973, eu já estava pensando em ir para Buenos Aires. O que para Buenos Aires? Lá a Argentina estava com uma democracia, por aquela época, e eu já pensava em voltar clandestino para o Brasil, semi-

clandestino. Só que eu não podia falar isso para ninguém, nem para os companheiros a gente não podia falar. com passagem comprada para Buenos Aires no dia 12 de setembro.

00:34:06

E no dia 11 aconteceu o golpe do Pinochet. Aconteceu o golpe do Chile, muita gente foi... assassinada, companheiros nossos também. E eles invadiram a minha casa, prenderam, fizeram um estrago lá. E eu fui levado junto com uma companheira em encarnação para a delegacia, onde sofremos vários tipos de tortura. Não sei por que razão, por um acaso, fomos soltos. E soltos, meu filho estava muito doente e estava sufocado. O Carlos estava morrendo na hora que a gente foi preso. E a ameaça deles era que se eu não falasse o que eles queriam, eles iam deixar o meu filho morrer. Não falei. Corria esse risco, não falaria jamais. Tenho muito orgulho de que a Denise Crispim, que eles queriam, está viva até hoje. Mora em Roma, não falaria. A mãe dela foi presa com...

00:34:59

Ela foi mais longe. Como eles estavam me batendo muito, não sei se para me livrar, ela falou, é minha filha, eu sei onde está e não falo. Eu não falei para a polícia do Brasil, não vou falar para vocês. Pode me matar. Peituda ela. E baixaram o pau na gente. Porque eu estava enganando bem os caras. Aí levaram a gente para a delegacia. E aí o chefe da operação, o delegado, mandou levar o menino e a mãe dele grávida no médico. E nós fomos levados à delegacia, não sabia se ele tinha morrido, se ele tinha vivido. Então, você não chegou a passar por torturas no Brasil, mas no Chile sim. Torturas físicas sim, mas sempre, é muito comum os estudantes me perguntarem, nas escolas, qual é o pior tipo de tortura.

00:35:45

Eu não vacino em dizer, é psicológico. É muito pior do que você apanhar, levar choque, pancada. Essa que fizeram no meu filho, não havia tortura pior. Não havia. Eles são cruéis, sádicos, sabem como fazer as coisas. Estava blefando, mas eu não sabia. Correr esse risco. Então, no Chile foi tanto a psicológica quanto a física. Eles te bateram? Bastante. Você conta que no próprio apartamento, quando eles invadem... Começaram lá. Começaram a festa e entram assim, você deve presumir, imaginar, eles entram educadamente, pedindo licença, quebram tudo, arrancam as coisas do lugar. São os valentes da repressão, tanto aqui como lá. São muito bons para bater em gente amarrada, são corajosos ao extremo. E você é liberado na delegacia e você precisou fugir numa embaixada? Nós saímos de lá, havia outros presos chineses, havia um dirigente da juventude comunista chinesa.

00:36:47

Ele falou, vão nunca soltar a gente. E o delegado... Eu escutei, eles deixaram a porta meio aberta, e ele mandou, leva para o Estádio Nacional todo mundo, porque ali foi horrível, mataram muita gente, era um campo de concentração. E os investigadores começaram a discutir com ele, dizendo que não iam levar. Eu escutando essa conversa. E por quê? Porque o toque de recolher era às seis horas. E não podia estar ninguém na rua. Nossa, tão cedo? Começou às três da tarde, depois foi aumentando para seis. E aí eles disseram que dois colegas deles tinham sido mortos pelo exército na véspera, confundidos, eram civis, policiais civis, e que eles não iam arriscar a vida. Aí um deles chegou a dizer para o delegado, leva os senhores que nós não vamos levar, e foram embora.

00:37:36

O delegado saiu e eu falei, bom, eles vão matar a gente. Vai embora! Abriu a porta e saiu correndo também. Eu pensei o quê? Eles vão atirar nas costas da gente. Fomos devagar e não atiraram. Aí o nosso problema foi chegar em casa com o toque de recolher. Foi muito difícil. Não tinha táxi, ônibus que tinham, não abriam as portas, estavam correndo. Os carros também. Pessoa de mais idade, eu abracei como se ela estivesse. E um cara parou o carro, obviamente de esquerda. Mandou subir. Eu falei, ah, vem trazer. E minha tia no médico, ele deu uma risada, ele sabia muito bem do que se tratava, botou a gente no carro, desviou um pouco a sua rota para deixar a gente próxima à nossa casa.

00:38:23

E saímos daquele inferno que era o centro de Santiago naquele momento. Você fala que teve uma campanha meio que pública no Chile das pessoas olharem com desconfiança para os estrangeiros. O estrangeiro é um inimigo da nação. Eles incentivavam a entregar os estrangeiros. O estrangeiro veio aqui para matar os chilenos, era assim o tempo todo. Então, se você falasse com sotaque, você era identificado como estrangeiro. Foi terrível. Tanto é que, por que eu não tinha levado o meu filho no médico, ele estava muito ruim. Eu estava esperando o vizinho chegar, que ele ia levar o menino como se fosse filho dele, porque eu não podia falar com sotaque. A situação era essa.

00:39:03

Voltamos para o apartamento, houve uma solidariedade muito grande dos vizinhos, inclusive de um vizinho que apoiou o golpe, porque ele viu tudo aquilo e ele contou que ele tinha saído, no dia, dar uma volta e viu vários cadáveres na rua, boiando no Rio Mapocha. Ele ficou

assustado. Quando a polícia chegou em casa e começou a entrar no bloco de prédios que a gente morava, ele falou, entra na minha casa e esconde aqui. Olha só, apoiador do golpe. A gente não entrou, porque era muita gente, não tinha jeito de sair, a polícia acabou nos prendendo. Voltamos para casa, havia ali um... uma célula do Partido Socialista, no conjunto residencial que a gente morava, e eles começaram a se organizar para levar a gente para uma embaixada. A minha prisão foi dia 17.

00:39:53

No dia 18, que é o dia da independência do Chile, feriado, uma companheira do Partido Socialista chileno, com um Fiat sem porta, que chamava muito a atenção, já perto do horário do toque de recolher, nos leva para a Embaixada da Argentina, que é onde muita gente estava entrando. E na hora que a gente foi descer para atravessar a avenida, estava cheio de carabineiros. Nós íamos entrar correndo. Carabineiros seria o equivalente à PM, a PM daqui. Nós íamos entrar por cima deles. Naquele momento, desce um casal de companheiros brasileiros, o Pedro Alves e a Eracema, e foram presos na nossa frente ali pelos carabineiros. Nós voltamos, voltamos, fomos para casa de novo. Esperando, porque a qualquer momento a polícia poderia voltar lá e aí ia ser pior.

00:40:38

No dia seguinte, o pessoal do Partido Socialista se organizou outra vez e nos informou que a Embaixada do Panamá havia mudado fazia pouco. E ainda a ditadura não tinha o endereço dela. Era novidade, tinha acabado de mudar. Levaram a gente para lá, para a Embaixada do Panamá, para o carro e tchau, e vai embora. E aí a gente olha, não tinha nem bandeira do Panamá. Está bem escondida mesmo. Caímos numa cilada, foi o que a gente pensou. E batemos na porta, abrimos e era uma companheira, companheira Lia, da VPE. Falou o nome, a gente também sabia que entramos. E já estava lotado de gente. E ficamos nessa embaixada vários dias. Daí uns dias chegou a polícia, o embaixador botou a bandeira na porta para evitar um ataque à embaixada.

00:41:29

E, posteriormente, havia tanta gente que o pessoal trocou de lugar a embaixada. Havia um brasileiro que tinha uma casa muito... muito grande, Teotônio dos Santos, e ele cedeu a casa dele. Nós fomos transferidos com um grande aparato militar, policial, fomos transferidos para lá, mas chegamos a ficar em quase 300 pessoas. Por 20 dias. Meu Deus, e como fazer a alimentação? A ONU ajudou muito, o embaixador da Suécia ajudou muito. Da Suécia? Da

Suécia. Ele foi um herói. Ele chegou a se atracar com um carabineiro que prendeu uma criança, um filho de um exilado. Ele pôs em cima o carabineiro, lutou com ele e soltou a criança. Foi corajoso. Apanhou na polícia, mas eles não tiveram coragem de invadir uma embaixada, de violar o direito internacional. E a ONU estava presente, ajudou muito.

00:42:23

E aí, aos poucos, os alimentos se conseguiam. Eram poucos, para muita gente, não havia lugar para dormir todo mundo. Então, metade dormia sentada, metade ficava em pé, a outra metade dormia sentada. Arrumamos lugares especiais para as mulheres grávidas, para as crianças pequenas, e a prioridade era para eles. E se você fosse capturado pela ditadura chilena, você seria repatriado pelo Brasil? Você ficaria lá? Havia uma lista de pessoas que o Brasil queria prender. A Denise era uma delas. E para matar aqui, obviamente. Eu acredito que o meu nome não estivesse, porque quando eles invadiram o meu apartamento, eles não tinham o meu nome. Eles que tinham o da Denise, mas o apartamento era alugado no meu nome. Aí que eles passaram a exigir saber quem eu era.

00:43:14

Eu neguei o tempo todo, disse que não era exilado, eu era professor da universidade, de fato fui, não tinha nada a ver com política. Eu sabia que eles não iam ter tempo de checar tudo isso. E foi a história que eu contei. E eu acredito que eu iria para o Estado Nacional, talvez ficasse vivo, ou talvez morresse como alguns grandes companheiros morreram lá na tortura. E você estava na Embaixada do Panamá, você chegou aí para o Panamá também, né? Aí fomos, o Pinochet se negava a dar o salvo-conduto para a gente sair do país, então a gente ficou lá. E aí começou a haver problemas, sim. Tinha um laudo dizendo que começaria a haver problema de saúde pública, porque começaria a haver epidemias lá dentro. Eles não estavam preocupados com a gente, não.

00:43:59

Mas ali era um... bairro da burguesia, né? Aí complicava. E aí o Pinochet, pressionado internacionalmente, acabou dando esse salvo-conduto. Então o governo panamenho alugou dois

aviões, eles não tinham aviões próprios, avião da Venezuela, da Viasa, companhia aérea, e fomos levados. Primeiro foi um avião, com as mulheres, as crianças, e depois nós fomos no segundo voo. E do Panamá você decidiu ir para a Argentina depois? O Panamá nós ficamos 40 dias. Estive no aeroporto nos recebendo o coronel Noriega, que era o segundo homem do país, que depois foi presidente da República. A gente foi levado para o interior, ficamos uns dias e o próprio presidente da República, o general Martor Rios, foi nos encontrar com respeito com a gente, terrível, muito grande. Foram muito corajosos, um país pequeno, enfrentando a ditadura do Chile.

00:44:56

Salvou a vida de todos. E de lá, o governo panamenho se reuniu com a gente, disseram, nós não temos condições de absorver quase 300 pessoas. O Panamá é um país pobre. Então, eles compravam passagem para o país que a gente escolhesse, ainda dava uma ajuda de, acho que, 200 dólares para você comer alguns dias. E eu escolhi voltar para a Argentina, a Beth, que era então casada comigo, voltou para o Brasil, ela podia, e voltou com o meu filho e já grávida, sete meses nessa época. De lá eu fui para a Argentina, onde fiquei um tempo, um período, e depois eu voltei semiclandestino para o Brasil. Voltei muito cedo. Bem antes da anistia, muito antes. Que ano foi? Eu voltei em julho de 74. Nossa, bem antes mesmo da anistia.

00:45:42

Não sei, ninguém praticamente tinha voltado, então eu não vim para Ribeirão. Fiquei três anos e meio sem vir para Ribeirão Preto. Eu não podia ser encontrado pela repressão. Fui estudar em outra cidade, terminar a faculdade que eu tinha deixado no segundo ano. E depois eu voltei para Ribeirão já no final de 1977. Assim, foi um... As pessoas que iam me vendo levavam um susto. Foi muito comum eu ouvir “você morreu”. Correu o boato várias vezes que eu teria morrido. Então, muita gente pensou. E fui me encontrando. E fiquei esperando. Eles vão chegar em mim. Isso que eu ia te perguntar, porque você voltou clandestinamente. Não aconteceu. Não teve nenhum problema? Estava começando outra vez o movimento a sair às ruas, começando a ter manifestações. Não voltaram a me procurar.

00:46:28

Isso é estranho. Sofri umas prisões depois, no movimento. Uma delas foi... na luta pela anistia, no movimento que a gente fez no centro de Ribeirão, em frente ao Partido Segundo, fui preso, e duas vezes fui vendendo o jornal Hora do Povo, que era do MR8, eu já tinha... na organização. De vez em quando a ditadura proibia algum número do jornal. Em dois desses números proibidos... Eu fui preso junto com outros companheiros. Houve um famoso jornal das contas secretas no Banco da Suíça. E um deputado do Partido Suíço pegou uma lista de brasileiros que tinham contas secretas no Banco Suíço e passou para o MR8 aqui no Brasil. E essa lista saiu. Ha, ha. E nós começamos a ler as listas, divulgar com microfone, com alto-falante, fazer esse barulho.

00:47:24

Aí veio a ordem, eles baixaram para apreender os jornais. Interessante, né? Na lista estava o prefeito de Ribeirão Preto, Antônio Duarte Nogueira. O pai do último prefeito. Nós nunca esperávamos isso. Estava Delfim Neto, os ladrões da ditadura, vários outros deles, vários generais corruptos. Isso a gente até esperava. E também o prefeito de Ribeirão Preto, na época, que era um apoiador da ditadura militar. Vários caciques públicos, então. Essas duas prisões, você chegou a ficar muito tempo? Foi uma coisa mais rápida? Não, foi rápida. Foram prisões de horas. Horas depois fomos liberados. Aquelas tradicionais mesmo. Em uma delas, eles me soltaram logo e eu voltei imediatamente para a esquina para vender jornal. Não houve prisões assim tão graves, vamos dizer assim. E você teve muitos companheiros que foram mortos pela ditadura.

00:48:19

No seu livro, você até cita nomes dos responsáveis por isso. Bastante. Inclusive, todos, eu senti muito, todos merecem o nosso respeito. Mas uma grande perda foi um companheiro que morou no meu apartamento no Chile. José Júlio de Araújo. Ele foi fazer o treinamento de guerreiro em Cuba, passou pelo Chile e não podia circular. Tinha que ficar clandestino, fechado em algum lugar. Ele ficou no meu apartamento, cuidava do meu filho. E depois ele voltou clandestino para cá. E acho que em três meses ou menos ele foi descoberto e assassinado. Isso foi aqui em Ribeirão? Não, foi em São Paulo. Em São Paulo. Hoje já, até de conhecimento público, na Comissão da Verdade, tem vários nomes de agentes que colaboraram com a ditadura. Você chegou a conhecer algum de Ribeirão?

00:49:10

Houve sim torturadores daqui, no meu livro dou o nome de três, que já morreram. Quis citar. Major Casilo, do Corpo de Bombeiros. Incrível que pareça, o homem era do comando do corpo de bombeiros e virou torturador. O bombeiro foi feito para outra coisa, servia para salvar a vida. Torturador, espancava ele próprio e gostava principalmente de espancar mulheres. Era bem corajoso assim, e o delegado Renato Ribeiro. O senhor Soares, que embora não tenha posto a mão pessoalmente de ninguém, era o chefe das torturas, mandava torturar. Eu não pus a mão de ninguém, de fato, não pus. Mandava os outros baterem. Esses foram os principais que eu coloco no meu livro, denunciei. Chegaram a enfrentar a justiça por isso? Infelizmente não. Nenhum no Brasil pagou por isso, pelos seus crimes.

00:50:04

E por isso que eles começaram a botar a cabeça de fora, vamos dizer assim. Um deles, esse Casilo, uma vez me contou... Comendo algum restaurante no centro. E ele veio conversar comigo. Ele queria me dar a mão. Eu falei, não pego na mão de torturador. Nós deveríamos ter fuzilado vocês todos. Ele baixou a cabeça e saiu. Um. Lamano, uma vez, eu vi numa clínica de fisioterapia, eu estava fazendo fisioterapia, eu olhei, já estava bem envelhecido, eu perguntei para a moça, para fisioterapeuta, o Sr. Miguel, você pode ver para mim o nome dele completo? Ela foi ver Miguel Lamano. Aí eu contei para ela quem era o Lamano. Ela se recusou a atender, nunca mais. Muito, sabe? Uma coisa forte. Eu imagino. E no seu livro, No Tempo de Resistência, você conta que a polícia tentou te prender.

00:51:07

Você até contou na nossa conversa que você pulou o muro, né? Quando descobriram que você era da ELN. E que vários anos depois você descobriu que eles tinham ordem para te executar, se te encontrassem. Fui descobrir que havia duas pessoas marcadas para morrer em Ribeirão. Era uma, a outra companheira Nancy Marietto. E um tempo de boa. A Nancy mora em Roma. eu de vez em quando encontro, duas vezes que eu fui para lá, e outra vez que ela voltou ao Brasil, agora faz muitos anos que ela não vem, e nós conversamos sobre isso, porque nós dois, a gente não era de direção, não éramos pessoas tão importantes assim, aí nós começamos a procurar o que traço que nós temos em comum. A coisa que a gente tem em comum é que os pais eram comunistas.

00:51:51

Não sei se esse seria o critério deles. Já era meio caminho andando. Mas o pai dela era procuradíssimo. Por sorte, conseguiu escapar. Ele ia ser morto. E trazendo para um recorte mais recente, a gente teve há pouco tempo uma nova tentativa de golpe de Estado. Tem pessoas que estão sendo julgadas por isso, um ex-presidente da República, militares. E eu queria saber como você enxergou essa nova tentativa de ruptura institucional. Olha, a prova de que esse intento não foi logrado pelos golpistas é de que a democracia está forte. A gente tem muita crítica, é claro, mas a gente pode falar, fazer crítica. Antes não podia. E a democracia conseguiu reagir, o judiciário brasileiro conseguiu reagir e foi por pouco. Essa gente estava lá para dar o golpe e já tinham listas de pessoas que eles iriam matar e coisas assim.

00:52:45

E o grande responsável é o capitão Bolsonaro, que infelizmente ocupou a presidência da República do nosso país. Eleito, isso que é pior. E não quis sair mais de lá. É. Ehm... Que conselho você daria para essa geração mais jovem, como por exemplo a minha, que são pessoas que já nasceram numa democracia e que não têm noção de como foi um regime militar, como foi uma ditadura, sabe? Que conselho você daria para essa geração? Eu faço, meu trabalho é esse, eu tenho o projeto Tempo de Resistência, que tem um documentário sobre a ditadura, sobre a luta contra a ditadura. Eu tenho os meus dois livros. E eu criei um musical. Um musical que conta a história da luta, com músicas que foram censuradas pela ditadura militar. O musical dura meia hora.

00:53:35

Eu apresento nas escolas e em seguida eu abro um debate com os estudantes, a gente faz muito esse trabalho, conversa sobre o período. Eu acho que o principal é fazer com que o jovem se informe, que ele vá ler, aprender. Porque o conhecimento é o principal. É por isso que a ditadura impedia o conhecimento, censurava livro, filme, música. O conhecimento é o principal. Não vou à escola para fazer lavanda. É para dizer, nós fizemos isso no momento que o Brasil precisou de nós. E olha, a história está aqui, a história é na mão, como diz o André, fazendo apelo para que eles leiam, para que eles aprendam. Eu sempre deixo um livro para a biblioteca da escola em que eu vou e sempre levo dois para os alunos que mais se destacarem nas perguntas, sabe? Não tem condição de dar mais, mas é importante despertar esse interesse pela leitura, pelo conhecimento. Eu acho que é isso que a gente tem que fazer com a nossa juventude.

Para eles, golpistas, fascistas, direitistas, a ignorância é muito boa. Quanto mais ignorante a pessoa, melhor. Quanto mais analfabetos houverem no país, melhor. Houverem no país, desculpe. Melhor para eles. A classe dominante quer que o povo seja ignorante, bastante ignorante. E não conheça a nossa história. E a gente tem que fazer um trabalho exatamente contrário: queira saber, queira estudar, queira ler, queira se informar. O seu livro está prestes a completar 30 anos. Ele é de 98, não é? É, tá. 98. Na edição impressa, ele está na 11ª edição. Em PDF está na 12ª já.

00:55:13

Eu estou com a 13ª preparada, o livro é um pouco maior, de formato, está faltando um detalhe, patrocínio. Um pequeno detalhe. Para eu poder divulgar a 13ª edição. E depois de tudo isso, você ingressou na carreira política? Conta pra gente, você foi vereador por muito tempo aqui de Ribeirão? Sabe, o Barão de Clausewitz, que é o teórico russo da guerra, ele diz que a guerra nada mais é do que a política por outros meios. Então, o que eu posso dizer em relação ao fato de ter sido vereador? O parlamentar, no regime democrático burguês... Eu entendo como sendo a continuação da política por outros meios. Eu sou um revolucionário. Eu não falo no passado, eu fui guerrilheiro, eu sou um guerrilheiro.

00:56:06

Sempre o fuzil está preparado e tenho saúde suficiente e disposição para pegá-lo se houver necessidade de enfrentar os golpistas nesse país. Então, passei minha passagem pela Câmara, que durou 26 anos, fui eleito. Acabou sendo longa, seis mandatos, três de presidente da Câmara. Eu procurei me portar como um revolucionário, com coerência, divulgando as minhas ideias e fazendo um mandato junto com a população que luta, junto com a população que reivindica. Eu participei de inúmeras greves incontáveis, participei de ocupação de casas, quase em torno de 150 casas da COAB, que eram usadas para fazer jogo político. O prefeito dividia para alguns vereadores a troca de apoio e cada um distribuía 10 ou 20 casas para os seus cabos eleitorais. Organizei o povo que estava na fila esperando há muito tempo e nós organizamos a invasão dessas casas.

00:57:06

Foi uma luta de meses, muito tempo. A polícia vai e a polícia recua. E a gente enfrenta a polícia até que nós ganhamos a parada. E a Prefeitura, através da COAB, passou o contrato no nome de todas as pessoas que participaram. Participaram dessa ocupação. Foi uma vitória da luta popular. Meu mandato foi isso o tempo todo. Cumpriu seu dever. Eu entendo que sim. Dentro dos limites, dos parâmetros, repito, da democracia burguesa. Uma coisa que eu queria saber de

você é sobre a memória histórica do ribeirão-pretano em relação à ditadura militar. Você acha que... Existe essa memória histórica que as pessoas deveriam saber mais sobre o período? O ribeirão-pretano não conhece muito os próprios atores da época da ditadura, tanto no nicho dos militares quanto dos revolucionários, sabe?

00:58:02

Tivemos muitas pessoas importantes que bateram de frente com o regime aqui. Muitos presos. Muitos presos. Você fala que Ribeirão foi a cidade que mais teve presos políticos. Proporcionalmente, sim. Ontem foi enterrado um companheiro da ELN, Zé Antônio da Silva, e nós fizemos uma manifestação inteira. Foi enterrado com a bandeira da ELN. Você acha que essas pessoas deveriam ter mais reconhecimento da própria população, sabe? As pessoas deveriam conhecer essas histórias, porque... Isso não é ensinado na escola, não tá num livro didático, sabe? Falta informação. Esse trabalho que eu procuro suprir com as minhas idas às escolas, com a apresentação do musical, com o livro e o filme. Ele está havendo um movimento muito importante, eu faço parte dele, de tentar transformar o Lar Santana em um centro de memória.

00:58:53

Está lá abandonado o prédio, há muitos anos está lá, e vai acabar na mão de alguma construtora para vender apartamento. Então nós estamos lutando, organizamos um grupo, porque lá a diretora do Lar Santana era a Madre Maurina. E abrigava algumas reuniões de companheiros de luta, que inclusive lá eram rodados panfletos, era rodado o jornal Uberro, que era clandestino, dirigido pelo valoroso camarada Vanderley Cache, e a freira sofreu torturas das piores espécies. A gente sabe dessa história e o povo precisa saber. Então, a nossa luta é no sentido. Fizemos já uma manifestação em frente ao Lar Santana, no sentido de transformar o prédio, que é histórico, em um memorial, um centro de memórias. E assim, tendo alguém para atender sempre plantões, levar os estudantes para conhecerem, como é feito em São Paulo no prédio do antigo DOPS.

00:59:43

Memorial da Resistência. Memorial da Resistência. Durante muito tempo eu levei estudantes lá para conhecerem, para aprender um pouco da nossa história. Eu acho que isso tem que ser feito aqui. E a gente conquistar, fazer o memorial no Lar Santana. Ponto que a gente tem de aglutinação. Muito importante e histórico. E quando você é convidado, por exemplo, para um podcast, para um TCC, para um programa, para contar sobre esse período, você de alguma maneira sente que está falando também, representando, falando em nome dos seus companheiros que já não estão mais aqui, que morreram durante o período. Certeza, estou sim.

Quer dizer, é fundamental, porque eu sou um dos mais jovens, mas eu estou com 75 anos, e é uma questão biológica, a gente vai morrer, como todos nós. Então, eu acho que eu tenho que aproveitar o que tenho de vida e de disposição para fazer esse trabalho. Eu tenho a obrigação. Eu não vejo como um favor para ninguém. É uma obrigação. Eu sou um sobrevivente. Tenho a obrigação de contar a história.

Leopoldo, muito obrigado pela gentileza de estar atendendo o nosso podcast. Eu gostaria de agradecer. Eu que agradeço muito a vocês pelo espaço, pela oportunidade de podermos trazer o conhecimento de mais pessoas sobre aquele período histórico do nosso país. Muito obrigado. Muito obrigado mesmo.

APÊNDICE P - Decupagem Vanderley Caixe e Marcelo Botosso - 3º Episódio**00:00:49**

Ouvinte, é impossível falar de um sem falar do outro. Ainda não é de conhecimento geral dos ribeirão-pretanos que a cidade abrigou uma das únicas organizações armadas de enfrentamento ao regime militar. As FALN, ou Forças Armadas de Libertação Nacional, foram criadas em Ribeirão Preto por Vanderley Caixe com o objetivo de derrubar a ditadura militar. Eu sou o Vitor Baptista. E para conversar sobre esse capítulo tão importante da nossa história, os convidados de hoje são Marcelo Botosso, autor do livro FALN, A Guerrilha em Ribeirão Preto, e Vanderley Caixe e Filho, que carrega no nome e na memória a história do pai fundador da Asfalto. Marcelo, Vanderley, muito obrigado por aceitar o nosso convite, sejam muito bem-vindos.

00:01:09

Muito obrigado, eu que agradeço.

00:01:10

Obrigado.

00:01:12

E vamos começar então com você, Marcelo. Eu queria saber como era o clima em Ribeirão Preto logo após o golpe, lá em 64, sabe? As pessoas comemoraram esse movimento, elas ficaram com medo?

00:01:22

Então, o golpe tem duas dimensões. Você teve os oposicionistas, que eram ligados às correntes de esquerda, trabalhista, comunista, socialista, que se organizavam muito, um epicentro da organização da... da dita esquerda, da vertente popular do Brasil, de Ribeirão Preto em específico, era lá na UGT, União Geral dos Trabalhadores. E ali foi um marco físico da ditadura, no sentido em que a UGT foi fechada, todo mundo foi para lá, depois a UGT foi fechada, depois teve outro encaminhamento e os opositores ficaram perdidos.

00:01:57

Por outro lado, você teve... uma fração da sociedade dirigida pela classe patronal, pelo alto clero, que acabou até comemorando.

00:02:06

Que foram as referidas marchas da família com Deus pela liberdade. Depois nós tivemos em várias cidades, pelo menos os centros... como o Ribeirão se inseria naquela época. Outras cidades que não eram capital, mas tinham... uma representatividade regional. Houve as marchas da família com Deus pela vitória. Então isso mostra a polarização, uma certa polarização de simpatizantes do golpe, uns até sem saber o que realmente estava por vir. E o outro polo que se opunha ao golpe, que era o polo sindical, de esquerda, partidária, etc.

00:02:48

Essa resposta foi interessante porque praticamente todos os entrevistados que vieram no podcast... responderam a mesma coisa sobre quem apoiou o golpe. Todos eles falaram, ah, as elites da época, a classe patronal, os usineiros, os empresários.

00:02:58

Sim, o clero, o alto clero, né?

00:03:00

É o alto clero.

00:03:01

Sim, porque o baixo é o clero. As comunidades de base ali tinham até... Padres que eram progressistas, né? Mas o comando da igreja católica apoiou. Assim como no geral.

00:03:12

Sim, com certeza.

00:03:14

E, Vanderley, uma pergunta sobre o seu pai. Como ele começou a se interessar por política, sabe? Isso veio desde jovem, os pais dele gostavam, estavam inseridos nesse meio?

00:03:22

Não, é esquisito. Eu gosto dessas histórias de família, porque meu pai sempre foi a única pessoa de esquerda. Não há tios, não há pais, nem de longe. Eu não sei como, o que é que o atraiu, mas ele ingressou logo de início no Partido Comunista. Então havia esse espírito de revolta. E ele vinha de uma família com bastante dinheiro na época.

00:04:08

Mas conseguiu, ele virou a... Ovelha. Como se dizia antigamente, ovelha negra da família. Mas ficou muito respeitado. Todos podiam não concordar com ele. Até depois, na maturidade, não concordava com as opiniões dele, mas todos tinham uma admiração muito grande. Conquistou o respeito de todos. Ele literalmente virou a casaca, então eu fiquei surpreso agora. Os outros entrevistados, o Leopoldo Paulino, a Cidinha, eles já vieram de famílias mais marxistas. O Leopoldo falou, meus pais eram comunistas, a Cidinha também. Estou surpreso, então. E... O seu pai era do PCB, você falou, o Partido Comunista Brasileiro. E tanto ele quanto outros integrantes da época, eles reclamavam um pouco dessa postura mais de conciliação do partido, que queriam muito dialogar com os militares e chegou um momento, então, que ele cansou e quis aderir à luta armada.

00:05:14

E, no livro, o Marcelo conta que ele foi para São Paulo e conversou com o Carlos Marighella, que na época era o inimigo número um da ditadura, um personagem muito importante da história nesse período. E o que ele te contava sobre esse encontro cara a cara com Marighella? O Marcelo deve ter ouvido essa história também, mas eles se encontraram ali no vão do MASP. E ele estava esperando que o Marighella fosse dizer, não, nós temos armas. E o Marighella virou para ele e falou, não, a arma está no coldre do policial, a arma está lá no exército, é de lá que vocês têm que pegar as armas. Eu imagino que como um jovem, como ele saiu frustrado desse... desse encontro, mas de qualquer forma foi um encontro com o Marighella.

00:05:58

Isso a gente não esquece. Imagino eu.

00:06:00

É que ele marcou pra sempre a memória dele. E Marcelo, esse encontro meio que é o pontapé inicial para a criação das FALN s. O Vanderley volta de São Paulo e o que muda? Ele faz uma reunião com os ex-integrantes do PCB para criar essa organização. Sabe o que ele faz assim que ele chega em Ribeirão?

00:06:17

Então, ele volta desalentado, né? Situação de clandestinidade e tal. O jovem achou que já estava tudo pronto, que o Marighella ia dar um fuzil na mão dele. Exageradamente falando, encontrou lá no Trianon, lembro até hoje o Vanderley falando. Encontrei no Trianon. Num vão do MASP, depois ali passando pelo Trianon. Ele... Ele viu que o Marighella disse pra ele, né? Dentro daquela concepção de GTA, né?

00:06:54

Grupo Tático Armado. É... Que a... a vanguarda que faz a revolução. Então, o Marighella foi bem claro, né? A revolução... Está por ser feita, né? Então não tem nada preparado. Está tudo desmobilizado. E o Vanderley volta com essa ideia, falando, ó, pros seus companheiros aqui, ó, companheiros. Está tudo por ser feito. É isso que o comandante Marighella falou. Só ação faz a vanguarda. Vamos começar.

00:07:12

Então... Passa a organizar a partir do zero, né? A partir de... de uma incipiência, de uma ideia, vamos dizer assim, e de uma situação de clandestinidade, de repressão. Todo mundo fala do AI-5, que é o golpe dentro do golpe, mas em 1964 já começaram as caçadas e torturas também. Né? Então a ditadura não teve dita branda.

00:07:52

Por mais que o ápice da repressão tenha sido ali a partir do AI-5 da... do governo Médici, que é o Anos de Chumbo, propriamente dito, o Anos de Chumbo é o... coincide com o período Médici. Mas a repressão já estava... Rolando, já estava acontecendo. Então, imagina a situação de... de vulnerabilidade, de pisar em ovos, vamos dizer assim, que o Vanderley e o pessoal encontrou. Se organizar a partir do zero... A partir de nada e com um exército, com um Estado militarizado contra. Então é isso.

00:08:55

Você falou sobre cassações, eu lembro que no seu livro você conta que... Agora eu não vou me lembrar o partido, que o vereador de esquerda aqui... Ele teve o mandato cassado pelos outros parlamentares e todos os suplentes dele também.

00:09:02

É, acho que foi do PSB.

00:09:04

Não. Eu acho que foi. Do PSB, do Partido Socialista Brasileiro, né? Que foi um dos partidos... primórdios nada da esquerda brasileira, vamos falar assim. Se eu não me engano, eu esqueci o nome.

00:09:14

Sem problema. Mas está tudo registrado. Ele foi uma cassação, inclusive os seus suplentes. Foram caçados também. Mais de 10 suplentes.

00:09:19

É, foi terrível, né? Repressão. E mesmo que ele não professava, não era comunista, né? O PSB era a social-democracia europeia, né? E mesmo assim o regime não tolerava.

00:09:28

Não tolerava.

00:09:30

E as FALN s surgem oficialmente em que ano?

00:09:32

Então, a partir porque havia um jornal chamado Berro, que era um jornal da faculdade Laudo de Camargo, um jornal contestatório. Que o Vanderley, inclusive, era o diretor do... Diretor, é assim que se fala? Você que é jornalista?

00:09:54

Eu era o diretor do jornal. Um jornalzinho que era feito por mimiógrafo. Estudantil, né? Um caráter bem estudantil mesmo. E esse jornal acabou sendo o vetor da FALN . Porque foi através dessa organização, dos trabalhos que se desenvolveram de produção do jornal, distribuição, de angariar recursos, etc., simpatizantes e tal, esse jornal acabou sendo um vetor.

00:10:23

Da organização armada, da organização guerrilheira que viria. Então, a partir de 1966, a juventude do Partido Comunista Brasileiro, na época ele chamava... Quando a fundação do

partido era o Partido Comunista do Brasil. PCB, a sigla era PCB, Partido Comunista do Brasil, Seção da Internacional Socialista. Depois ele, tentando uma legalidade, ele muda para continuar com a mesma sigla. É PCB, mas tentando para não ser um organismo estrangeiro, não ser acusado de ser um organismo estrangeiro, era o Partido Comunista do Brasil.

00:11:02

Né? A partir da Comissão Brasileira, no caso. Então, a partir do momento que o PCB é... Opta por uma via pacifista que a gente fala, etapista, por etapas. O Vanderley já é influenciado pelo imediatismo, pela Revolução Cubana, pela Guerra do Vietnã, que viria depois. Pela idade, pelos conflitos de gerações. O Marighella falando que tinha que partir para a luta armada, etc. Eles rompem com essa estratégia do PCB, eles acabam meio que sendo expulsos do PCB, ou eles mesmos saindo do PCB. Porque viam que pelo partido não tinha mais, pela via pacífica não tinha mais um campo de ação.

00:12:05

Então, diante do imediatismo armado, das teses do Régis Debré, que vinha lá de Cuba e etc. Do Che, né? De literatura como... guerra de guerrilhas. A teoria do foco e tal.

00:12:15

Influenciado por isso, eles rompem já em 66 e já optam para a formação de uma organização que enfrentaria o regime através das armas. Tanto que, num primeiro momento, eles nem têm muito certo a sigla. Se você pesquisar os processos do Superior Tribunal Militar, você vai ver uma hora lá que chama Frente Armada de Libertação Nacional. Depois você lê Forças Armadas de Libertação Nacional. Eles não tinham ainda um nome definido, como definir a situação de clandestinidade, não dá para você... Propagar um nome, né? Então, é... o contexto dramático de época.

00:12:47

Então foi em 66 que eles já realmente optam pelo rompimento dessa via pacífica, institucional. Uma tentativa de uma via institucional. E opta pelo caminho armado revolucionário.

00:13:01

Eu vou só pegar um gancho do Jornal Belo, eu vou perguntar pro Vanderley.

00:13:03

Era um jornal crítico ao regime, ele fazia críticas, ele tentava... trazer pessoas para a organização. E eu achei muito curioso que o seu pai colocou o próprio endereço residencial como a sede do jornal. Ele não ficou com medo dos militares baterem na porta dele e pedir umas explicações? Eu acho que ele mesmo não... Talvez não tivesse uma real dimensão disso abriu a porta de casa e, de repente, foi pego. E ele tinha todo um plano na cabeça dele, que se alguém chegasse, teria uma escada no fundo, ele pularia para o vizinho, subiria no telhado, etc. E de repente, do nada, eu acho que as pessoas... Às vezes podem pensar, imaginar, mas na concretude, no dia a dia, é que se faz a luta. Essa saída do...

00:13:56

Você tocou. Essa saída do PCB não é a saída do Vanderley do PCB. É um grupo de pessoas, evidentemente, saem do PCB por não concordar com essa posição. E o Marcelo até mencionou, há realmente uma questão de expulsão. Se eu não me engano, se não me falha a memória, o coordenador aqui da... do Partido Comunista era o Hélio Ferreira. E há uma sessão de expulsão das pessoas, dos dissidentes, que não concordavam com essa via pacífica. E meu pai sempre falou que nesse momento, nessa espécie de julgamento, ele disse, não, expulsos estão vocês, porque nós temos as bases. E foi isso. E depois, assim, a história mostra que não dá para contemporizar com a ditadura, não dá para contemporizar com o fascismo. eles depois sofrendo da mesma percepção.

00:15:02

Foram para trás das grades, do mesmo jeito. Ou tiveram que viver com destinos por muitos e muitos anos. E o berro.... É uma juventude, é uma... Uma geração. muito diferente da nossa, no sentido de que liam e estudavam muito. E a ideia do jornal, se você pega na Rússia, se pega em Cuba, sempre houve um jornal. E o Lênin tinha muito essa noção e escreveu a função de um jornal para um partido de vanguarda como orientador, massificador e orientador da posição. Então, eu imagino, nunca conversei com ele a respeito disso, mas eu imagino que estivesse imbuído desse mesmo pensamento. Coragem acima de tudo. E Marcelo, então o principal objetivo das FALN s era criar um grupo armado de guerrilha. Isso, um grupo de enfrentamento ao regime.

00:16:09

Não necessariamente que ele fosse o protagonista, mas que ele fosse o... Entre várias frentes, porque houve mais de 50 organizações guerrilheiras. no Brasil, né? E como eu constatei na

minha pesquisa... Que você leu. A única organização dessas dezenas de organizações que surgiram no Brasil, a única que surgiu não sendo de uma capital foi a FALN. Todas as demais foram de capitais de Estado. Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro. Porto Alegre. Então, ela não via, até quando eu conversei, eu lembro, isso fica muito claro quando eu falava com o Vanderley, né? Que... Quando ele colocou lá frente armado, ele achou muita pretensão, né? Falou, frente? Não é uma frente, é um grupelho, né? Então eu falei, tá, forças armadas, diminuiu, né? Uma hierarquia, assim. Então a intenção era fazer um...

00:17:05

dentro daquilo que o Marighella concebia como os GTA, Grupo Tático Armado, né? Vários GTAs que deveriam surgir pelo Brasil afora. Então eles concebiam isso, de fazer um... que a FALN fosse uma espécie de GTA, uma organização revolucionária. No final, né? Na vitória final, os grupos se uniriam todos e fariam o grande levante. É bem romântico, até emocionante. E... o intuito de liberdade, de querer derrubar as injustiças, derrubar a ditadura. Então, eles concebiam, através dessas literaturas, principalmente daquele livro... do Régis Debré, sobre a teoria do foco. O Guerra de Guerrilhas, do Ernesto Che Guevara. Então eles entendiam a... uma conjugação de campo e cidade. né, mas... A própria literatura de época falava dos cercamentos das cidades. Então, eles achavam que a cidade era um lugar de fomento, de instigação, de propaganda.

00:18:17

Mas o conflito, por assim dizer mesmo, os combates, se dariam na zona rural. onde a repressão era menos estruturada. Então eles tentavam. caminhar nesse sentido. Tanto que eles tiveram. contatos no campo, o Mário Bugliani era...O agente responsável pela... Pelo arregimento. a regimentar pessoas. Na área rural, né? Já caminhavam nesse sentido, de querer fazer alguma estrutura nas matas, nos cerrados. que haviam no entorno de Ribeirão Preto. Então, essa é a estratégia. A cidade como... o fomento, a propaganda. ideológica. e o campo como uma área de ação. E qual era o perfil dos integrantes do grupo? Eu percebo que muitos grupos armados tinham muitos jovens, universitários, alunos do ensino médio. Foi assim em Ribeirão? Isso, isso foi até um levantamento que eu fiz, né?

00:19:18

Que os elementos urbanos, vamos dizer assim, das organizações... As organizações, apesar de todas concordarem, com uma estratégia rural. elas não saíram da cidade. Com exceção lá do

Araguaia, que teve o conflito na região. da floresta amazônica e tal. A FALN, ela proporcionalmente, ela é que teve mais elementos rurais nos seus processos, que na época era classificada como lavradores. Então eram trabalhadores que trabalhavam no campo, no setor, é, sucroalcooleiro e tal. e foram... fichados no processo lá. como lavradores. E outra coisa que marca também, outra peculiaridade da FALN... a sua composição de estudantes secundaristas, que nas outras organizações nós tínhamos muito universitários, né? Os que eram do meio urbano eram universitários. Aqui você teve um perfil muito secundarista, ao ponto do... do professor Jacob Gorender, historiador Jacob Gorender.

00:20:24

chamar a fala, não de forma pejorativa, não é isso. mas por causa da faixa etária das pessoas, chamada de Jardim da Infância da Esquerda Brasileira. Porque tinha um caráter muito juvenil. O Vanderley era estudante universitário. Vanderley, a Áurea. Mas os demais eram, em grande parte, secundaristas. Então isso dava um perfil juvenil na organização. Diferente esse apelido. Isso. Não que ele gostasse, eu quero deixar bem claro que ele tinha uma bronca disso. Uma vez eu conversei com ele, ele falou, o Gorender pisou na bola. Eu falei, não, não foi no sentido... pejorativa, no sentido de mostrar que realmente era a faixa etária. Eram jovens, muito jovens. Adolescentes... É, muitos jovens, secundaristas, né? Secundaristas mesmo. É diferente isso, então... Eu não vejo como um demérito. Sim, e eles conviveram na prisão, né?

00:21:22

Então, de alguma forma, ele ficou muito chateado. Jogou com o Gorender e teu pai. É, o Gorender e meu pai. Então, ele ficou meio chateado. Em todo sentido, seu pai foi o pai da organização mesmo, o mais velho ali. Então, tinha mais velho. O Mário Bugliani era mais velho, né? Ele era... Tinha o apelido de índio que está no livro? Não, o índio era outro. O vídeo foi da Eliane, né? O Mário Bugliani era trabalhador rural. Dava organizo. greves no campo, ele já tinha uma militância. Já deveria ter na faixa dos, acho que dos 40. Se eu não me engano. Está tudo registrado, viu? Um ótimo livro. É que a memória falha. Sem problema. São muitos dados. E no seu livro você conta que existiam sedes do grupo...

00:22:12

espalhados pela região, em Guataporã, principalmente no campo. Não é bem sedes, né? Avião é a gente chamar de aparelhos, né? Os aparelhos que se chamavam, né? Então havia no campo os aparelhos rurais. um aparelho de propaganda. Por exemplo, uma banca de jornal e revista.

que era um ponto de contato onde o... O jornalista tinha até alguma simpatia, lógico, porque eles operavam em células, você não sabe quem é quem. Um ou outro tem um conhecimento. O jornalista é... via com uma certa simpatia, eles pediam para deixar o jornalzinho lá, às vezes para distribuição gratuita mesmo, o jornalista, ah, deixa lá. Eles usavam essa banca de jornal como um ponto de contato, para deixar mensagens e tal. Então isso é o que a gente chama de aparelhos. Por exemplo, o Lar Santana.

00:23:11

porão lá do lar santana foi usado é um típico ao que nós chamamos de aparelho de propaganda Onde se rodou o jornalzinho belo, né? Produziam lá. Lá, o Mimeógrafo. Foi um dos, né? Houve outros lugares. A Áurea me falava que eles faziam festa numa casa, festa estudantil, né? Pra disfarçar lá, todo mundo se divertindo e no porão dessa casa, dessa festa, eles estavam rodando o jornalzinho, né? Aquele cheiro de álcool, já estava até embriagado de tanto rodar o jornalzinho, o mimeógrafo. É isso. E eles aprendiam, por exemplo, a atirar, técnicas de combate? Era tudo muito incipiente, né? Tudo muito incipiente. O Toneto, que era um... Falou de idade, eu lembrei. O Toneto tinha uma chacinha, então ele tinha uma garruxinha. Um outro lá serviu tiro de guerra.

00:24:07

Vamos pegar o mosquefau lá do tiro de guerra. Não era, era tudo muito incipiente, muito primário. Sim, sim. Até mostrando, de alguma forma, essa incipiência. Meu pai sempre disse... que eles utilizavam o manual dos escoteiros para se preparar para a questão da... O manual do escotismo, inclusive, consta nos processos. Está lá, a obra do Che, do Régis Debré e o do Manuel do Escoteiro, que é uma coisa sabiamente de direita, o escotismo e tal. E, Vanderley, é... Algo que eu achei muito interessante, tanto no livro do Marcelo e até... em outras obras que o seu pai era muito criativo na questão das manifestações aqui em Ribeirão. Então, o próprio Leopoldo Paulino disse que quando tinha uma manifestação grande, eles já se planejavam.

00:25:07

Falavam, ó, vamos levar bolinha de gude e jogar no chão pra derrubar a polícia. Vamos levar gato pra, sei lá, pro cão policial correr atrás dele, sabe? O que ele te contava sobre manifestações, sabe? Sobre essa parte. Eu vou te dizer que o que você acabou de falar é o que eu realmente ouvia dele. Mas houve momentos, e eu acho que o Marcelo pode falar com muito mais profundidade sobre isso. uma tentativa de roubo de dinamites da pedreira. o planejamento

de sequestro de um... Vamos ir nele. e ao mesmo tempo que Bombas, mas quando eu falo bombas... Hoje é aquela espécie de cilindro que você gira em festa de aniversário, vai um monte de serpentino, um monte de... Uma lança-confete. Uma lança-confete.

00:26:01

Então eram bombas que explodiam para distribuir os panfletos. Então isso acontecia nas aulas americanas, no cinema, em alguns cinemas, etc. Então havia isso. Só nos principais pontos da cidade. Mercado Campos Elíseos, em Ribeirão Preto. Lá no Campos Elíseos foi tirado na... na porta dos cinemas. Cinemas era um lugar muito frequentado, né? Cinemas também, bastante bomba, bomba panfletária, que se falava, né? Era um lugar... muito privilegiados por eles, para essas manifestações. Essa era até uma próxima pergunta que eu ia perguntar para você mesmo. O Vanderley tocou no assunto da expropriação da pedreira da Prefeitura. Eu queria que você contasse um pouco sobre isso, Marcelo, porque no seu livro você fala que foi a principal ação da FALN aqui em Ribeirão. É, foi um...

00:27:03

Foi uma ação, inclusive, a pedreira Santa Luzia, que hoje pertence à USP, na Avenida do Café. Era para ser um parque lá. Eles expropriaram essa dinamite. e expropriar o termo que se usava pela esquerda armada. Eles expropriaram a dinamite e... E o intuito era muito vago do que seria usado. Em uma entrevista me disseram que era para... Pra dinamitar aquela ponte que passa por cima da linha ferra ali, quando vai pra... Avenida Brasil. que iria ter uma visita de um general, de um presidente general. Eles poderiam e tentariam derrubar a ponte ali para... para fazer uma ação. Mas, ao certo, eles não sabiam para que seria usada essa dinamite. pesquisando, analisando, vendo as entrevistas e tal. Essa ação, muito me parece que ela foi feita para dar uma coesão ao grupo.

00:28:18

para levantar a moral do grupo. Porque já estavam... O imediatismo da juventude, o próprio da juventude. A ansiedade. Eles queriam resultados. E os resultados não são assim, né? Então, alguns começaram, teve até algum militante que se desligou, que foi estudar em São Paulo, e lá em São Paulo ele começou... Tem envolvimento com a ALN e tal. Então, para levantar a moral do grupo, para dar coesão ao grupo, para o grupo ficar mais coeso, vamos fazer uma ação expropriatória. Vamos pegar essa dinamite, depois a gente usa ela pra alguma coisa. E vamos... E a gente vai deixar uma mensagem para a rádio, para a rádio da cidade. Falar, ó, pegamos o

dinamite que pertence ao povo, tal, com os dizeres, né, panfletários. que o grupo tinha. E eles conseguiram pegar essa dinamite e tal.

00:29:20

Eu fiz uma narração bem detalhada disso até. Então essa foi talvez a ação mais bem sucedida, mas você vê como que era, né? O romantismo, que eles foram com carros legais. Chamativas. Com o carro do pai, do amigo, com as placas. Colocaram barro na placa e tal. E foi bem-sucedida. Com tudo isso, foi bem-sucedida. Então, essa talvez tenha sido a... Ah. A ação mais bem sucedida do grupo. propriamente dito. Se você for elencar o número de ações que eles fizeram, essa daí foi bem-sucedida. E Vanderley, o seu pai participou dessa ação, seja indo até a pedreira, seja no planejamento? Essa pergunta é mais fácil você fazer ao Marcelo, porque realmente eu não sei. Mas eu acho que... Às vezes a gente fica pensando nessas... nessas questões pontuais.

00:30:23

E como se isso definisse um movimento. E na verdade... O que define o movimento é, como a senhora falou, é a coesão, é conseguir fazer a propaganda. E a agitação. E eu acho que nesse ponto eles foram muito, muito, muito bem-sucedidos, não à toa, e depois culmina na prisão. Com a impressão do jornal. E as pessoas sabiam do jornal, incrivelmente sabiam, conheciam. Existia uma listinha de assinatura de jornal, padres assinavam, o Marcelo havia contado, o baixo clero. Eu me lembro... Quando eu vi o Aranha Ribeirão Preto. um padre, padre Ripoli. João Ripoli. Ele foi chamado para prestar depoimento e ele disse, ele me disse, um delegado virou para mim e falou, hoje o seu líder foi assassinado, falando do Marighella.

00:31:30

Então, o que esses milicos tinham na cabeça, sabe? Não sei o que passava pela cabeça deles, mas eles também foram muito bem sucedidos, os militares. Eles se destruíram, conseguiram destruir. um projeto de país. E foram muito eficientes nisso. Não há dúvidas. Marcelo, eu queria que você contasse um pouco sobre a queda das FALN s. Como aconteceu? Foi numa ação que a polícia descobre? E conta um pouco sobre essa parte do fim da organização. Isso. Primeiro você tem que ver que era um período de censura, de extrema censura. De mobilidade, né? Os guerrilheiros eram taxados como... como marginais, guerrilheiros, era terrorista no sentido... mais pejorativo do termo, né? Então havia uma censura, uma dificuldade da organização, da

mobilização. do vínculo do grupo com o povo. Porque a guerrilha, em tese, seria o povo em armas, né?

00:32:42

O que a gente viu no Brasil foi que os grupos foram ficando cada vez mais isolados, menos conectados com o povo. O povo acabou tendo medo. Né? um trabalho de politização, isso era muito difícil de ser feito. Por mais que a FALN teve algum sucesso, uma... A cala colada em algumas ações e tal. Mas a falta de um trabalho político... Haja vista o grau de alienação, os meios de comunicação. todos censurados, etc. não permitia esse diálogo, esse contato. As organizações entraram numa lógica de fazer ações para se manter. já não era mais para fazer a revolução, era para se auto manter, uma questão até de sobrevivência do grupo enquanto organização mesmo. Então, houve uma tentativa, uma ação. De captura, né? De um abastado. Uma bastada pessoa da sociedade, é um usineiro.

00:33:43

Então eles fizeram um plano. de tentar capturar esse... Essa pessoa, né? Ele seria abordado por uma freira. ou alguém vestido com o hábito de freira. Isso leva lá, remete muito ao episódio da Madre Maurina. e eles iriam capturar essa pessoa. Levar para um cativeiro, no meio da mata. Um lugar lá, um lugar onde ele ficaria. Pigeonado e tal. iriam pedir um resgate. e explicar que esse resgate não seria uma apropriação indébita para enriquecimento ilícito, mas para a revolução, para a causa revolucionária. Isso foi mal-sucedido, né? Enquanto, acho que dois deles estavam preparados numa mata, deitado em uma rede lá. esperando a ação, a trazer o prisioneiro, a pessoa que foi aprisionada e tal. ou que seria aprisionado. não se efetivou essa captura. Eles estavam esperando nesse lugar.

00:34:54

Deitado em rede e tal. Prepararam lá o... o lugar onde a pessoa ficaria. um segurança da mata que fazia segurança de bicicleta, né? da usina lá, pra evitar incêndios, etc. Viu? É que eles com um fardamento meio irregular, né? De gandola, calça jeans. Falou, tem alguma coisa estranha aí, né? Viu? Uma arma e tal. E fez a denúncia. Aí eles foram presos, né? O DOPS, a polícia já estava investigando e tal. E aí começou o efeito cascata. No Fora um. levados para tortura, severas torturas, etc., e começou as delações. E aí a organização se desmantelou como um todo. man. E vamos ler ele aí.... Como o Marcelo disse, é um efeito cascata e eu queria saber sobre o seu pai. O que ele te contava sobre o momento da prisão dele?

00:35:51

Você até falou no começo do podcast que ele tinha um plano de fuga, tudo. Mas como foi esse momento? Eles prenderam ele em casa, sabe? Prenderam no caso, né? E depois, como ele sempre se referia, foi levado para o ralo. E ali sofreu tortura das mais diversas. E é muito interessante quando eu encontro alguma pessoa. Se ouviu? após as torturas, dizia, eu não sei como é que ele estava vivo. Ele abria os olhos. Tem uma manchete do Estadão. Você vê que é parte do bigode dele. Está quase sumida. O olho roxo. Então você imagina. Se essa foto vai parar no Estadão. Imagina como estava antes. E realmente, conversando com outras pessoas, ele realmente... Foi muito, muito, muito violentamente torturado. Mas ele nunca se vitimizou, isso é muito importante dizer.

00:37:07

Ele não se vitimizava e não utilizava, jamais o via utilizando isso em qualquer fala, em qualquer discurso. Era para ele, era a obrigação que ele tinha. E nunca se arrependeu. De defeito. E eu tenho certeza que faria novamente. Talvez fizesse com mais experiência, com mais conhecimento, mas faria da mesma forma. Eu li uma entrevista do seu pai que ele conta que chegou um momento que ele estava muito debilitado pelas torturas e que ele precisou ficar internado na enfermaria da prisão. Ele ficou quatro dias e foi uma mistura de sensações, né? O alívio de... ter a tranquilidade, entre aspas, de ficar quatro dias sem apanhar, sem ser violentado, mas... que ele sabia que... Assim que ele tivesse alta, o inferno ia voltar.

00:37:59

E eu admiro muito a força que ele teve mesmo nesse período, sabe? No meio de tudo isso. Ele foi, o Vanderley, falando com ele. Ele foi responsabilizado. Assim. Muito jovem. A repressão... Queria saber... Para a repressão, ele tinha um direcionamento do Marighella. Eles não concebiam como que uma pessoa... Porque depois as pessoas foram caindo, os contatos, foram vendo que a rede era extensa. Então, na cabeça dos torturadores, dos agentes da repressão... Como que um jovem daquele conseguia ter feito isso? Então, ele foi muito penalizado. Ele foi muito penalizado. até conversando com ele, ele me fala aqui, ele me disse. A brutalidade em cima dele se deu... Também. porque eles queriam arrancar alguma coisa que não existia. Falaram, como que você fez isso? É como que você é responsável por tudo isso.

00:39:01

Quem são os seus mandantes? Quem são os chefões? Né? Então a repressão caiu. brutalmente, claro, em todos. Não existe repressão suave. Mas ele foi muito penalizado. por um dos fatores por isso também. Choques, pau de arara... As mais... É. Invenções cruéis que vinham, inclusive, vinham de fora. Aprendiam isso. Tudo isso, então, ele passou o Vanderley. Sim. A Cidinha, ela veio aqui num episódio e ela conta a história dela, que é parecida nisso, que todas esses modelos tradicionais, entre aspas, né, que hoje em dia é de conhecimento público, eles... Usaram para... Interessante isso que o Vanderley falou, né? a imagem dele no jornal. Se aquilo que estava apresentando ao público já manifestava... O grau físico de maus tratos que ele sofreu, imagina o que ele realmente não estava, né?

00:40:08

O estado dele como não estava. Ali ele estava maquiado, entre aspas, né? Exatamente. Na versão original. Exatamente. E a questão das torturas, ela, tipo, os outros integrantes das FALN s também tiveram o mesmo caminho, depois de presos. Muitos tiveram, né? Teve outros que... Teve até... processados lá, indiciados, enfim. envolvidos, depoentes, que nem fizeram. Então você teve. Você teve membros que realmente foram da FALN? Você teve membros que foram e não foram pegos. E você teve outros que eram simples simpatizantes que foram pegos também. Assinantes do jornal, você conta? Assinantes do jornal. Um deles, talvez o mais emblemático, é a própria Madre Maurina. Madre Maurina não tinha dimensão de uma estrutura armada, que se intentava uma guerrilha, uma força... de uma violência revolucionária contra o regime. E, no entanto, ela foi envolvida e foi...

00:41:14

processada como membro da FALN . Outro personagem muito... Muito famosa aqui. Sim. E Vanderley, quanto tempo seu pai ficou preso? Por quais presídios ele passou? Meu pai ficou preso durante cinco anos. O presídio da ditadura era o presídio de Tiradentes. E isso também deve ter sido uma grande escola, porque a quantidade de pessoas que ele pôde conviver foi muito grande. Mas houve um momento... Maurice Politi conta muito bem isso, que meu pai e um grupo de outras pessoas entenderam que a luta também tinha que ser feita ali dentro da cadeia. E eles então deram início a uma greve de fome. Uma das mais longas greves de fome da história. Uh... E quando findou, nossa greve de fome. Isso no princípio de Tiradentes. Ele e as pessoas com...

00:42:25

que a ditadura entendia que eram lideranças foram mandadas para a presidente Wenceslau, na ponta do Estado. E isso foi muito pesado, porque não havia a rede de transportes que nós temos hoje. Então, o acesso a ele, a visitas, tudo ficou muito mais dificultoso. Literalmente ficou ilhado. E esse presídio era um presídio de presos comuns. Diferentemente do preto e do tiradentes. E aí a organização, a forma de se organizarem, porque mesmo ali dentro... de um presídio comum, eles conseguiam se articular e se impor, de uma forma que chamava muita atenção dos presos comuns. Então... Até há estudos que o nome do Comando Vermelho vem justamente desse aprendizado, dos presos comuns com os presos políticos, que sempre ensinaram, que mostravam a força de uma organização, da União.

00:43:44

E, Marcelo, Ribeirão Preto, o Leopoldo Paulino veio aqui e disse que Ribeirão Preto, proporcionalmente, foi a cidade brasileira que mais teve presos políticos. E eu queria saber se essa cidade... Espera aí que eu erre aqui. Então, Marcelo, eu queria saber se Ribeirão Preto foi uma cidade que, obviamente, guardada as devidas proporções com São Paulo, com o Rio, se existiram muitas pessoas que foram torturadas, que eram inimigas do regime. Sim, com certeza. Inclusive, é uma particularidade de não ser uma capital de Estado. Você teve uma organização guerrilheira própria, vamos chamar assim. A FALN foi praticamente uma organização... municipal. Ela teve algumas ramificações de um militante ali a colar, mas ela se estruturou e atuou em Ribeirão Preto. E você teve também uma célula da ALN.

00:44:44

Então, esse envolvimento de pessoas... fez com que Ribeirão Preto tivesse pessoas que fossem hostilizadas, que fossem... depois reprimidas pela ditadura. Bye. É um caso bem... Claro, isso veio à tona. Existem casos de trabalhadores rurais, populações indígenas que foram dizimadas, mas em termos de registro... Ribeirão Preto, por ser fora de uma capital, longe, 313 quilômetros, 312, sei lá, de São Paulo. tem essa peculiaridade, esse é um lugar onde a repressão foi intensa e muitas pessoas foram... Foram molestadas, foram... Vítimas de serviços e maus tratos. Era uma cidade de muita... De muita intensidade, né? de política. Muita contestação. Apesar de todo o conservadorismo que andava junto também. Obviamente. Típico de cidades do interior. É, esse convívio, né? Essa dualidade, né? E você acha que mesmo tendo uma vida curta, as FALN s, ela existiu por três anos, de 66 a 69?

00:46:03

Isso, de 1966 a 1969. Você acha que mesmo num período curto, eles conseguiram... incomodar os militares, fazer um barulho aqui, então... É, assim, a gente fala curto, né? Se você pegar 66, ela foi... ela foi talvez a primeira organização a romper com o PCB, que surgiu do PCB, que rompeu, né? Você tem várias vertentes, você tem a vertente... nacionalista, trabalhista, que estava ligado... A Brizola, né? É, tá ligado ao... ao trabalhismo, ao próprio PTB. De onde surgiram Colina, Comando de Libertação Nacional, outras organizações. Mas ela foi... provavelmente, né? Não tem como você ter essa precisão, a história não é matemática. Provavelmente ela foi a primeira organização... oriunda do PCB, que rompeu com o PCB. Até antes do Marighella. Quando o Vanderley... Foi falar com o Marighella, o Vanderley já tinha optado pela luta armada.

00:47:03

Ele só foi querer o aval ou o apoio logístico. A bênção do Marighella. Na verdade, ele queria o apoio logístico do Marighella. Mas eles já tinham optado pelo rompimento, pelo caminho da Via Armada. E Vanderley. Como seu pai enxergaria essa nova tentativa de golpe de Estado que o Brasil viveu em 2023, sabe? Militares, pela primeira vez na história, no banco dos réus. Um, dois, três. E Vanderley. Como o seu pai enxergaria essa nova tentativa de golpe de Estado em 2023, essa ruptura democrática? Eu acho que se houvesse, se tivesse acontecido como... Planejado. estaria nas fileiras aí de combate, certamente, eu não tenho dúvida disso. Porque ele sempre fez da vida dele... Essa luta contra... contra o sistema. Quando ele sai da prisão...

00:48:03

Aí ele volta para Ribeirão Preto. consegue terminar em seis meses o que faltava do curso de Direito aqui na Lauda Camargo. E depois é convidado para coordenar o primeiro centro de direitos humanos do país em 76, lá na Paraíba. E a ditadura estava pesada, muito pesada ainda. E começar um trabalho de direitos humanos, com trabalhadores forais, etc. Não era fácil, mas enfrentou. Então, assim, eu não tenho dúvidas que... que faria da mesma forma se houvesse isso, eu não tenho dúvida. E uma pergunta para vocês dois. Vocês acham que o Vanderley Caixe, tanto ele quanto os outros integrantes das FALN s... que eles têm o devido reconhecimento do Ribeirão Pretano, mesmo nos dias atuais. Eu até posso responder isso. Eu acho que se você fizesse essa pergunta para meu pai e ele estivesse aqui, ele diria para você assim.

00:49:11

Tô pouco me importando com isso. Mas... Quando ele sai da cadeia, ele volta a Ribeirão Preto. As pessoas atravessavam a calçada, atravessavam a rua para não cruzar com ele.... Isso eu tenho certeza que deve ter sido muito forte para ele. Mas... Eu acho que o reconhecimento tem. Mas acho que não importa. Realmente não importa. O objetivo que é... Por fim, toda essa exploração do homem pelo homem que permanece. E tá mostrando, ele tá mostrando o... que está se esgotando. A hecatombe ambiental que a gente está vivendo mostra como sistema capitalista, esse sistema anárquico de produção. Não vai, vai destruir todo mundo, é evidente que eles não vão largar o osso, e por isso temos que lutar, temos que lutar sempre, vamos organizar. Da forma que pudermos para combater esse tema.

00:50:23

Porque isso é muito importante. Às vezes a gente fica... Sabe, Vitor, a gente fica pensando na ditadura e a gente pensa nas torturas, a gente pensa na falta de liberdade de expressão, nos exílios. Mas a ditadura é um projeto da burguesia internacional para o Brasil. Isso que tem que ficar muito claro. O Brasil estava começando a... A caminhar com suas próprias pernas. Você teve em 54, 53, a criação da Petrobras. a lei de controle, a lei de remessa de lucros, e tudo isso começou a incomodar a burguesia internacional. E não podia se permitir um país continental como o nosso romper com tudo isso. Então, isso tem que ficar muito claro. A ditadura é um projeto da burguesia internacional e nacional. contra o povo brasileiro.

00:51:23

E é contra isso que ele se colocou contra. E certamente estaria se colocando contra hoje. E para a gente encerrar, vamos ler ele aí. Seu pai foi uma figura muito importante na história de Ribeirão. Não tem como falar de ditadura em Ribeirão sem falar do Vanderley Caixe. E você carrega literalmente o nome dele nas costas, nos seus documentos. E eu queria saber se você se sente, de certa forma, um herdeiro do legado dele, da trajetória dele. Não, eu acho que não é questão, eu não me vejo como ligado. Cada um vai construindo a sua própria história. Mas evidentemente que... Ser filho dele me proporcionou... muitas coisas, um olhar crítico desde muito jovem, um olhar crítico que permanece. Então eu tive a chance e a condição. de ter na minha casa um João Pessoa.

00:52:24

Luiz Carlos Prestes, por diversas vezes, Gregório Bezerr. Então.... Foi, evidentemente, uma grande escola para mim, meu pai. E todos esses princípios, esses princípios de força, de não

recuar. Não se vitimizar. Tudo isso é evidentemente que eu levo comigo. Marcelo Vanderley, muito obrigado pela gentileza de aceitar o convite desse podcast. Só concluir com uma frase do Vanderley que sintetiza tudo isso, né? Nas entrevistas, nas inúmeras entrevistas, bate-papos que eu tive com ele, ele falou uma frase lá que eu acabei registrando e eu falei, isso tem que ser impresso, isso tem que ser divulgado. que ele disse, que sintetiza essa participação. com erros e acertos, com equívocos e tal. mas ele disse, abre aspas, Fomos fracos. Fomos fortes. mas ninguém poderá dizer que nós não estivemos presentes.

APÊNDICE Q – Decupagem Álvaro Neto - 4º Episódio

Em um período em que dizer a verdade publicamente não era permitido, como era fazer jornalismo em plena ditadura militar? Noticiar um desaparecimento, relatar um caso de tortura ou até mesmo criticar o poder podia render censura ou até mesmo coisa pior. E como isso acontecia em Ribeirão Preto? Eu sou Vitor Baptista e o convidado de hoje é Álvaro Neto, ex-chefe de jornalismo da Rádio PR A7, que viveu tudo isso de perto. Álvaro, muito obrigado pela sua presença e seja muito bem-vindo.

Obrigado, digo eu, que é importante que a gente tenha que reviver alguns tempos negros que o país viveu. O problema de rádio e de jornal, você realmente... nós não tivemos censor dentro da rádio, isso nós não tínhamos. Mas, de qualquer forma, você sabia as limitações que podia exercer.

00:00:54

A gente dava a notícia de quem foi preso e de quem deixou de ser preso, mas sem falar, logicamente, que estavam sendo torturados. Todo mundo sabia do que acontecia, porque havia, inclusive, o boca a boca fora da rádio. E o mais importante é que você tinha, por exemplo, quando o Estado de São Paulo, no jornal, fazia receita de bolo ou poesias de Camões nas matérias que eram censuradas, você ficava sabendo o que teria acontecido ali, e a cidade inteira sabia. A gente sabia que havia tortura de quartel, a gente sabia que o pessoal que foi preso na época era desde 1964. Logo no golpe, teve um punhado de gente que foi presa, ficou 15 dias, um mês, e ninguém foi torturado nessa época. Eu acho que não havia prisão.

00:01:52

Prenderam o padre Celso, prenderam o clérigo Oliveira, que era o menino jornalista do Diário de Notícias. Foi um punhado de gente: o padre Celso, um monte de gente. Mas realmente não havia tortura ainda. Agora, depois do AI-5, em 1968, aí a coisa ficou realmente feia e se criou o problema do terrorismo. Né, olha, terrorismo, então não era mais guerrilha, não era luta armada, era o combate à ELN. A gente dava as notícias do que acontecia. Fulano de tal foi preso, em São Paulo prenderam não sei quem, mas mais nada — você não podia falar sobre tortura.

E então vamos começar um pouco antes do senhor falar da sua carreira no rádio. O senhor foi filiado ao PSB, o Partido Socialista Brasileiro. O que te fez entrar no partido?

00:02:50

Ah, isso é desde criança. Eu tinha 14 anos por aí. O problema é que você tem noção do que isso deve ser: o futuro, ou é bom, ou é ruim, sei lá. Mas, de qualquer forma, o marxismo era um avanço e é até hoje. Tanto é que é importante dizer que muitas coisas que aconteceram no Brasil — falar em reforma agrária era crime, falar em as empregadas domésticas terem condição de ser uma profissão e serem registradas — isso era quase proibido. As greves eram proibidas, porque eu nasci numa ditadura: Estado Novo. Eu nasci em 1945, na ditadura do Getúlio. Foi até 1945, quando acabou a ditadura do Getúlio, com o fim da Segunda Guerra Mundial. Então, de 1946, com a grande constituição brasileira mais liberal de todas, até 1964, o partido foi legalizado, depois voltou para a ilegalidade de novo.

00:03:56

E era um partido que lutava pela reforma agrária, que era crime falar lá atrás. Hoje, todo mundo fala em reforma agrária; até o governo da ditadura fez reforma agrária. Então, os avanços sociais são muito pequenos. Você leva séculos para, de repente, alcançar mudanças significativas. Foi assim com a Idade das Trevas, foi assim com o Iluminismo, que surgiu depois de 10 séculos. O Iluminismo, então, mostra que os avanços sociais levam 100, 200, 300 anos para acontecer. Nos Estados Unidos, Sacco e Vanzetti foram executados porque eram anarquistas que defendiam greves. No Brasil, a mesma coisa. Até hoje, nos Estados Unidos, não comemoram o Dia do Trabalho, porque foi lá que ocorreu o massacre. Essas são coisas importantes que a história tende a esquecer. Você esquece o que aconteceu há dez anos.

00:05:02

Todas as lutas sociais são muito lentas. As conquistas — as oito horas de trabalho, oito horas de sono e oito horas de lazer, que é o que temos hoje — levaram dois séculos para se consolidar mundialmente. Hoje já se fala em seis e cinco horas. A “Semana Inglesa” chegou ao Brasil depois de muito tempo. Antes, era não trabalhar no sábado além do meio-dia. Hoje isso acabou, porque os shoppings funcionam normalmente e todo o comércio funciona à noite. Os avanços sociais são muito lentos, e todo mundo esquece, lembrando-se apenas de eventos históricos como a Independência do Brasil. Fala-se muito da Inconfidência Mineira, mas antes dela já havia muita gente — Cruz e Souza, escritores, jornais que defendiam a república e a independência.

00:06:07

Todo esse processo leva muito tempo para se consolidar. Eu brinco até hoje: parece que não, mas ainda temos exemplos. Temos capitânias hereditárias, e ainda temos seus Marias: de pai para filho, um é governador, outro é prefeito, outro não sei o quê. Outro problema sério no Brasil é que não se discute política em termos de programa de governo, mas em termos de pessoas. “Ah, fulano vai ganhar, Beltrana vai ganhar, então eu vou votar assim.” Não existe isso. Hoje estamos com uma dicotomia horrível: ou é Bolsonaro ou é Lula. Isso não existe. Não se vota em pessoas; você tem que votar em um programa de governo. Tudo isso demora a se consolidar; é um processo difícil e lento.

00:07:10

Em 1961, quando tentaram impedir a posse de Jango Goulart, não era por nada específico; o PTB era um partido em evolução, deixando para trás os dois grandes partidos da época: o DN e o PSD. Um representava a intelectualidade urbana e o outro a zona rural, além de alguns intelectuais. O PTB acabou rachando os dois partidos, que haviam sido fundados por Getúlio. Então, é importante esse tipo de contexto. Ótimo. Perdão. E o senhor, durante o dia do golpe, no dia 31 de março, trabalhava em São Paulo e conta que os militares invadiram essa rádio. Conta um pouco pra gente. O problema é que a revolução estava na rua para a Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

00:08:11

Havia... nós transmitíamos, eu estava na Rádio Marconi. Naquela época, era uma rádio que defendia o governo do Jango contra o golpe. Já se sabia que haveria um golpe; era uma rádio de resistência. Esperávamos que o Cruzeiro, comandante do 2º Exército, colocasse tanques na rua em defesa do governo, até porque ele era padrinho do filho de Jango. Havia uma relação que nos fazia acreditar que isso poderia acontecer. O Pinheiro, do INGRA, de reforma agrária, foi fazer, 15 dias antes do golpe, uma fala no Largo de São Francisco, da Faculdade de Direito, na Tribuna Livre. Foi impedido de falar pelo comando de caça aos comunistas. Imagine que loucura! Ele não tinha nada de comunista.

00:09:12

Santiago Dantas, que era chanceler, e outros eram igualmente taxados de comunistas. Havia um grande avanço social na época, mas também problemas sérios: todo dia havia greve em algum lugar, e isso fazia o povo acreditar que o governo estava prejudicando a vida dele. Quem queria trabalhar enfrentava greves de ônibus ou de trem. Havia uma convulsão social, e os Estados Unidos já estavam com programas aqui na América Latina, preocupados com a Revolução

Cubana, achando que a mesma coisa poderia ocorrer aqui. Hoje existem documentos dos Estados Unidos que mostram esses informes da Embaixada.

00:10:14

No dia 31 de março, por volta das 11h30 ou meia-noite, a Rádio Marconi foi invadida e todos nós fomos detidos. Fomos levados ao DOPS, mas depois liberados, porque eu era locutor; os diretores da rádio ficaram detidos por mais tempo. Foi um drama, porque não sabíamos o que aconteceria no camburão. Se o Cruzeiro colocasse os tanques na rua, poderíamos morrer lá dentro; se não colocasse, não sabíamos o que aconteceria. A ditadura foi assim: um golpe.

00:11:04

O golpe estava maduro, tínhamos quase plena consciência de que poderia ocorrer, mas não esperávamos que fosse tão rápido e sem defesa. Pensávamos que Cruzeiro estaria contra o golpe ou que colocaria os tanques na rua em São Paulo, mas ele já estava no Rio, com Costa e Silva e Castelo Branco, conspirando tranquilamente. Não houve revolução; revolução exige enfrentamento. Foi um golpe militar, típico no Brasil desde 1924, 1927 e 1932, sempre com quarteladas e vivandeiras pedindo intervenção militar.

00:12:04

Depois desse acontecimento, o senhor decide voltar para Ribeirão Preto. Você disse em uma entrevista que teve medo de literalmente desaparecer em São Paulo. Conta isso para a gente.

O problema não é esse. Aqui em São Paulo, se você desaparece... Não, minha família era de Ribeirão, uma cidade menor, então, se alguém sumisse, era mais fácil de saber o que aconteceu. Havia familiares para procurar advogados, acompanhar. Em São Paulo, seria mais difícil.

00:12:57

Hugo, só interrompendo aqui, às vezes mexo na mesa, ele também. Isso não vai para o microfone, né?

Não, não. Tá. Mas está pegando as notificações do celular. Aí vai aparecer uma notificação. Achei que tinha desligado. Está no mudo aqui. Ok, não é do senhor? Ah, então foi daqui. Confundi. Tá, pode continuar. Meu tá certo.

00:13:43

Álvaro, quando o senhor retorna a Ribeirão, ficou com medo de ser preso pelos militares. Como percebeu o clima da cidade? As pessoas apoiavam o golpe? Elas estavam com receio?

Não, estava tudo normal, a cidade vivia tranquilamente. Fui convidado pelo Íris e pelo Pedro de Recomende para ser diretor de jornalismo, em 1965, na PR7. Trabalhei até 1971, quando pedi demissão para ir com Sebastião Porto para a Rádio Renascença, que ele e Obede haviam conseguido o prefixo.

00:14:40

Se tivesse que responder, quais setores de Ribeirão Preto apoiaram a ditadura e se beneficiaram do golpe?

Não lembro bem, porque em 1964 eu não estava aqui. Sei que houve muita gente presa: alguns foram para Cravinhos, outros para São Joaquim, outros permaneceram em Ribeirão do Parque. Também havia o Movimento de Ação Democrática, que parecia ter armas. Tentaram caçar o Welson, prefeito eleito em 1963, e a Câmara caçou Pedrinho Azevedo Max, vereador do PSB. Mas depois tiveram que engolir, porque a Câmara não tinha poder para essas ações.

00:15:37

As forças atuavam em reação normal, como hoje. Quem tinha algo a perder apoiava a ditadura, por medo de perder bens, como aconteceu com o BNH. A igreja católica também se posicionava contra o governo Jango, por medo do comunismo.

00:16:42

O senhor disse que os militares se achavam os donos de Ribeirão Preto. Explica isso.

O chefe da 5ª CSM não tinha tanto poder quanto se acreditava; na realidade, o poder econômico da alta sociedade da cidade era determinante. Eles eram vistos como donos, convidados para bailes de debutantes, cerimônias cívicas, e ninguém os contrariava. O poder fascinava: o porteiro da UBS era importante porque podia ajudar ou favorecer alguém; o mesmo se aplicava aos que estavam no comando.

00:17:50

Em 1966, o senhor foi preso durante uma manifestação estudantil em Ribeirão, acusados de coordenar a ação.

Não, o problema não era esse. Eles achavam que estávamos coordenando. Meu irmão estava no segundo ano da faculdade de medicina, minha namorada (hoje minha esposa, há 50 anos) estava no terceiro ano, e minha preocupação era que fossem presos. Eu e Roberto Edson Ecke, advogado, cobríamos a manifestação. Hoje se usa celular, mas na época tínhamos um equipamento parecido com uma lata de óleo grande. Transmitimos ao vivo o espancamento do deputado Orlando Julka na Associação Comercial.

00:19:55

Subimos a Visconde até a Praça da Catedral, em frente ao Diário de Notícias, jornal da Cúria Metropolitana. O cônego Angélico estava na porta e fomos entrevistados. Então, chegou um caminhão, desceu uma tropa e não nos deixou falar, mas não quebrou os equipamentos. Fomos detidos, levados à delegacia e depois para o quartel (hoje delegacia regional/seccional, no centro

da cidade). Primeiro para Duque de Caxias, depois para o quartel da PM, onde ficamos em uma quadra de basquete, conversando, mas não podíamos falar.

00:20:56

Ficamos preocupados com o destino: seríamos transferidos para São Paulo ou Rio? Passamos por fichamento e, apesar de eu ter 30 anos na época, fui questionado se era estudante. Não era; eu estava trabalhando. A rádio já era do Tiziano Mazeto, capitão do exército da reserva, que deve ter intercedido junto à comandante da 5ª CSM.

00:21:51

E eu sei que é às seis horas da tarde por aí. Voltamos para a delegacia e fomos liberados. No dia seguinte, abrimos a rotativa sonora com Ribeirão Preto transformado em praça de guerra. Quem acompanhou um pouco dessa passeata dos estudantes da USP, que era contra a ditadura, foi D. César da Cunha Vasconcelos, Arcebispo Metropolitano de Ribeirão Preto. Ele foi à frente de algumas passeatas para evitar o espancamento de estudantes, porque houve muita violência; foi bem feia, a ditadura não permitia nada nesses tempos.

O engraçado é que, depois, o pessoal da Associação Comercial entrou em contato com Paulo Egílio Batista — que, creio, já era governador ou ministro de Estado, não lembro — e permitiu que se fizesse um comício na esplanada do Teatro Pedro II.

00:23:04

Mas a detenção minha e do ECF foi isso. A ideia deles era achar que estávamos orientando os estudantes; na verdade, estávamos trabalhando como jornalistas. Fomos presos eu, o maldito Marcel (da Radicultura) e Roberto Edson. Durante o tempo em que estivemos sob custódia da polícia, houve medo de sofrer violência? Sim, claro. No quartel, meu medo principal era sermos transferidos para São Paulo ou Rio de Janeiro, porque havia vários centros de detenção. Havia o Ansolini, PM, que passava e dizia: “Essa vez vocês estão perdidos”.

00:24:54

Foi bom que não fomos levados para outros centros. Conheci pessoas em Ribeirão que foram torturadas pelo regime militar? Ah, conheci quase todas. Muitas dessas pessoas não tinham envolvimento político; o problema sério da ditadura é que qualquer um, inclusive o guarda da esquina, se sentia dono do poder e fazia o que queria.

Já existiam episódios de violência antes da ditadura, com assassinatos e crimes, como o Esquadrão da Morte, então sempre havia risco. Eu saía de casa para trabalhar e podia ser preso a qualquer momento. Uma vez, voltando do Cine Centenário, vi dois camburões e avisei minha mulher: “Anda na frente e não me conhece”.

00:25:53

O drama da ditadura era a insegurança: não havia habeas corpus, não havia lei, tudo dependia do Estado. Jornalistas tinham que falar nas entrelinhas. Por exemplo, se alguém estava preso, você apenas informava: “Fulano está preso” ou “foi transferido”, sem detalhar tortura. Os presos eram considerados terroristas.

00:26:45

O drama começou em 1964, com prisões de curta duração. Em 1966, houve o racha no Partido Comunista: metade foi para luta armada, a outra metade para política legal. Mas a população ainda apoiava a ditadura, tinha medo do comunismo e das greves. Pequenos comerciantes, domésticas e diaristas apreciavam que ônibus e serviços funcionassem. Quem participou de greves foi preso, como trabalhadores da COSIPA em Ribeirão, ficando detidos sem saber o que aconteceria.

00:28:43

Casos como Rubens Paiva e a Cova de Perus mostram a violência da ditadura: tortura e assassinatos eram comuns, muitas vezes disfarçados como confrontos. Denunciar era extremamente difícil. Advogados tentavam, mas era complicado. Sobral Pinto chegou a pedir os direitos dos animais para Prestes em 1935, para ilustrar o absurdo do tratamento. Felinto Miller e Berger sofreram torturas graves. As ditaduras frequentemente incentivavam sadismo entre torturadores.

00:29:54

O senhor disse que no começo não havia censor na redação?

Não, mas era preciso usar as entrelinhas. Para dar notícias contrárias ao regime, jornalistas citavam boletins de ocorrência ou fatos, sem acusar a ditadura diretamente. Por exemplo, não se dizia que alguém desapareceu pela ditadura; apenas relatava-se o desaparecimento.

00:31:07

Como jornalista, houve problemas com militares?

Sim. O Jota Besquiza contou que tocou “Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores” em um programa musical, e um coronel foi pessoalmente reclamar. A relação entre militares e jornalistas era assim: qualquer notícia que desagradasse podia gerar pressão direta. Depender do chefe da 5ª CSM ou do clima local era comum.

00:33:15

Em diferentes momentos, a repressão variava. Por exemplo, na guerrilha de Caparaó e no Vale do Ribeiro, às vezes estava mais tranquila, às vezes não. Autoridades locais decidiam se prendiam ou não.

00:34:09

Um episódio curioso: numa palestra, um coronel afirmou que “todo intelectual é comunista”. No dia seguinte, o Sr. Bobo Nem Nada colocou essa frase na manchete do jornal. Usei a gravação de Vicente Seixas e publiquei o discurso completo, mantendo a frase: “todo intelectual é comunista”, apesar de o coronel ter esquecido de mencionar alguns nomes. Houve alvoroço, mas era a realidade.

00:36:13

O coronel posteriormente escreveu sobre o assunto, mas não teve como contestar a publicação. Erros de improviso acontecem; ele falou, saiu publicado, pronto. Foi uma situação curiosa e ao mesmo tempo séria, mostrando como jornalistas tinham que agir com cuidado diante do regime.

00:37:12

Porque havia mesmo professores que foram caçados, perderam o cargo, professor Hernando Henrique, que foi exilado, um boiado de gente. Então, quem podia exilado? Agora, o que eu acho importante, e que é preciso destacar, é que muita gente foi presa, não só em Ribeirão, mas fora de Ribeirão, e que não, e que são anônimos, que eram militantes de greves, que eram militantes em sindicatos, que eram, e que essa gente ninguém fala, só se fala dos que são nomes importantes, né? Os mais famosos. É, os famosos. Isso é uma realidade, né? O Brasil tem uma literatura, ele tem documentários, ele faz filmes sobre a ditadura, mas faltam um pouco essas pessoas anônimas, são esquecidas, que não eram das famílias mais importantes da época. É, não, é.

00:38:20

Lembro de Ribeirão, Pedro Setevelo, menininho de Moraes, foi torturado, botado num trem pra morrer, chegou com o crânio estourado de Guataparai, que o irmão dele era da, trabalhava na ferrovia. Aí, o Pedro Azevedo Marques conseguiu trazê-lo pra Ribeirão, colocaram no hospital, ficou 15, 20 dias no hospital até se recuperar a saúde. Então, essas são histórias. Pouco se fala do Irineu. Pouco se fala do Patrocínio. Pouco se fala do Claudinei. Pouco se fala do Granville, da Bacelha. Quer dizer, isso do Jerôme, que era um trabalhador rural, que é daqui da região, era de Pitangueiros, eu acho. Então, os anônimos que eu falo são esses, que por uma militância qualquer, ou porque participaram de uma greve, ou se eram diretores de um sindicato, que também sumiram, desapareceram. Alguns morreram na tortura, outros estão desaparecidos até hoje.

00:39:23

Sumiram, mas não... Então, é isso que eu acho que tem que falar de todo mundo, sabe? Porque mil e poucas pessoas numa cova em Perus, que morreram na tortura, ou baleadas. O pessoal do PCdoB, a direção todinha do PCdoB, morreu na Lapa metralhada. Então, sabe? Então, se fala do Pomar, que é o pai do Pomar, se fala disso, daquilo, mas o herói anônimo, e assim foi. Nem Confidência Mineira, só se fala de Tiradentes. Não se fala do resto, nem dos confederados da época, e nem de algum outro que fosse... Se fala só dos zumbis, sabe? Os que morreram. Os líderes são lembrados. Não se fala do pessoal de Santos, que subia a serra pra ver se chegava no Planalto, que eram os escravos fugidos.

00:40:22

Então, eu acho que a história precisa ser contada não só dos heróis, nem dos imperadores. Uma ótima resposta. E, Álvaro, eu queria tocar no assunto do caso Vladimir Herzog, que, de certa forma, é um colega do senhor de profissão e que virou um caso extremamente famoso, conhecido até hoje de um jornalista que foi assassinado pela ditadura. Eu queria saber como o senhor assistiu a esse caso naquela época. Não, quando aconteceu o caso do Herzog, já havia uma resistência à ditadura. D. Paulo Evaristo Vargas já estava, já era taxado de padre comunista, essas loucuras todas. E quando o Herzog morreu, é importante dizer, primeiro que o Herzog é judeu e tudo que acontece com os judeus há uma repercussão muito grande, porque os judeus sempre se defendem, porque eles sempre foram vítimas, com êxodo, vem de lá, vem vindo, até que conseguir o Estado de Israel.

00:41:41

Então, há sempre uma, então a mulher do Herzog, assim como se movimenta. E o sindicato dos jornalistas profissionais de São Paulo, que era o Laudalio Dantas e que era um cara também católico, ligado à igreja, fez todo o movimento. E teve, na época, é importante, e se tentou impedir que se chegasse à Catedral da Sé um culto ecumênico que nunca tinha acontecido. D. Paulo Evaristo Vargas, o rabino e o protestante. Os três fizeram um culto ecumênico, denunciando que o Herzog tinha morrido na tortura e tentaram impedir, só que a praça da Sé ficou lotada. Conseguiram se chegar gente, não conseguia mais entrar na igreja e a igreja, então, o caso Herzog é emblemático, porque ajudou a derrubar a ditadura mais na frente. Foi tão...

00:42:51

Porque o caso Herzog, antes eles já tinham matado na tortura o Fielfilho, que era um operário, e antes do Fielfilho tinham matado o Pedro Dias. Então, essas coisas foram juntas. Qual o caso Herzog foi uma repercussão internacional, porque a foto do suicídio dele é ridícula, não dá para

dizer que um cara suicidou sentado. Pois é, né? E foi concentrado, então é ridículo. Então, repercutiu no mundo todo, e aí a pressão internacional foi grande. E nessa fase que se descobriu... que havia um golpe dentro do golpe, que era o pessoal mais de linha dura que já não aceitava o possível começo de uma abertura da ditadura. Então, não, era um desafio ao governo, que eles queriam derrubar o atual governo, o atual ditador, para botar os outros no lugar.

00:43:55

Então, foi sintomático isso; era o golpe atrás do golpe. E, se não me engano, é o Sete, num livro sobre a Gazeta Mercantil, que o Sete foi conversar, o Miller, que era diretor da Gazeta, foi conversar com o Golbery, que tinha um parente do Sete que estava sumido, e o Golbery falou: manda o Sete ficar quieto que não tem o que fazer. Então, o Miller entendeu que havia um golpe dentro do golpe e que o governo estava meio enfraquecido, mas, felizmente, essa turma, que já era uma ditadura, o que era, e essa turma ia amadurecer muito mais, uma turma ainda mais radical, era uma coisa triste. Isso são episódios que a gente tem que colocar bem, que o caso Herzog deflagrou não só nacionalmente, mas internacionalmente uma coisa muito séria. E eu sei de gente que foi presa que, quando o Dom Paulo ia no quartel do Comando do Segundo Exército, tinha um pelotão de corredor polonês que ele passava mesmo e esse padre safado, malandro, ele ia sendo xingado.

00:45:34

Então, são coisas realmente que, porque é o que eu falo, a ditadura se sente acima de tudo, acima do bem e do mal. Não, ela, eu sou o poder. Vai reclamar pra quem? É. E se a gente vai fazer agora, então, um salto no tempo e voltar para os dias atuais. Como o senhor acompanhou essa nova tentativa de golpe de Estado em 2023, agora temos pela primeira vez na história do Brasil militares no Banco dos Réus. Não, o problema é que no Brasil nunca houve punição de militares, é por isso que está a quartelada dele. Sempre tem uma quartelada, uma tentativa de quartelada. O Bolsonaro tentou explodir o quartel, tentou explodir o Guandu, foi julgado pelo STM, absolvido, porque a ditadura, a impressão que eu tenho, não interessava dizer que ela tinha um mau soldado.

00:46:41

Eles só caçaram o Lamarca, porque aí foi uma rebelião militar de armada e tal. Então, esse problema é que é sério, a gente tem essa tentativa de golpe, é preciso que a gente comece a lembrar de 61, porque o golpe de 64 foi em 61 que ele começou. Quando tentaram impedir a posse do João Goulart, aí teve a rede da legalidade. A PRA 7 fez parte, a PRA 7 foi a primeira a entrar, eu me lembro bem que eu estava lá, a gente ficava dia e noite ligado na rede da

legalidade. Então, não teve o golpe, porque o comandante do terceiro exército voltou. Se ali topou a briga, os aviões não puderam levantar da aeronáutica, porque parece que furaram os pneus dos aviões, qualquer coisa assim.

00:47:46

Então, aí este golpe não vingou, mas foi o nascimento para o golpe de 64, que aí a CIA, atuando no Brasil, isso tudo é documentado. Não aqui, dos documentos que de 50 em 50 anos são liberados nos Estados Unidos. Então, o Lincoln Gordon, embaixador no Brasil, tem telegramas dele, tem tudo, tudo certinho. As entidades que eles criaram de ensino, tinha a... Aliança para o progresso, que a gente chamava de aliança Pro-Exo, essas coisas todas. E eles então, o golpe veio e aí em 64 estava a paura. Dizem, eu também não sei onde eu li isso, que o Crowell falou para o Jango para ele largar o sindicalismo. Outros generais, como o Muricy, dizem que foi uma afronta ao exército fazer o comício do dia 13 em frente ao quartel-general do exército, que é ali na central do Brasil.

00:49:14

Quer dizer, foi assim, uma afronta. Então há sempre uma desculpa para tudo. Mas não, o golpe veio sendo montado desde 60 mil, veio lá de trás certinho. E aí teve marcha da família com Deus pela liberdade, que aliás é o que está acontecendo hoje. Então, até isso, Deus, Pátria e Família, que é o lema do Plínio Salgado, dos integralistas lá atrás, que era um movimento fascista. Nós vivemos permanentemente na corda bamba. Até hoje, você não tem uma segurança. Estão aí os caras xingando o Supremo, pode ser qualquer coisa, isso é o que eu acho importante, qualquer coisa. Ah, esse Supremo! Não, não é o Supremo. O Supremo não faz nada sozinho, só é provocado. Ou é um partido político que entra, ou é um deputado ou um senador que entra, ou é alguém da sociedade que entra, ou é um sindicato, quer dizer, o Supremo, por conta própria, não faz nada.

00:50:31

Se a Procuradoria-Geral da República não entrar, se a promotoria não é presidente, o Supremo só julga o que... ele só é provocado a atuar. Quando o Congresso, como agora, está abdicando dos seus poderes de legislar, aí corre tudo para o Congresso. Aí fica o Congresso usurpando os poderes, não é nada disso. E isso confunde o povo, como confunde hoje, é trágico isso. Ah, a polícia prende e a justiça assalta. Não, é que o inquérito é mal feito. Quando chega na mão do promotor, o promotor não apresenta a denúncia, você apresenta também que o inquérito é mal feito, sabe? Então, isso tudo ilude o povo. E aí chega-se à conclusão de que tem que matar o bandido, que bandido bom é bandido morto, mas não é por aí a história.

00:51:33

Então, é que tá aí, o secretário de Justiça falou que é pra matar, a polícia tá matando. Quando lá em cima não se importa com o que o Subalterno tá fazendo, vai piorando cada vez mais, como foi com o Esquadrão da Morte lá atrás, e com a Lecoque, né, que era do Rio de Janeiro, que também matava. Então, é um país que vive aí. O problema é que nós estamos ainda na barbárie. Assim como vai estar acontecendo hoje, a gente fala muito, ó, o Trump, não, o Trump não quer o tarifaço. Há 80 anos, desde quando acabou a Segunda Grande Guerra Mundial, o mundo estava destruído. O Japão deu as bombas atômicas, que, aliás, é importante a gente falar isso. É o único país do mundo que já usou arma nuclear.

00:52:29

É verdade. Já no Japão e agora no Irã. É o único país do mundo, todos os países têm. Os únicos lugares que não têm arma nuclear são a América Latina, é a América do Sul e o Caribe. Não têm arma nuclear, que foi um acordo do... Os dois países estavam na ditadura, tanto da Argentina quanto do Brasil, com o programa pra criar a bomba nuclear. E o Sanei e o Alfonsinho, que era o presidente da Argentina, chegaram a um acordo, os dois, pra que parassem com a pesquisa, com esse esquema de os dois terem bomba nuclear. E hoje nós não temos. Então, eu acho, eu particularmente, que foi um erro, porque se a Argentina tivesse arma nuclear e nós tivéssemos arma nuclear, nós seríamos um pouco mais respeitados.

00:53:30

Não estaria o Trump aí. E eu acho que o Trump tá fazendo, tá de um lado, dali, daqui e lá, porque ele tá querendo a terceira guerra mundial, porque ele já sabe que o império já durou 80 anos e já tá nos estertores, porque não é só a China que é inimiga dele, não é só a Rússia. A Europa voltou a ser a Europa, a produção mundial mudou. Até 1950, nós tínhamos só três marcas de veículos no Brasil: General Motors, que eram os GM, que eram os caminhões, Ford e Chevrolet. Não tinha mais nada. O mercado é infinitamente maior agora. Todos os norte-americanos. Então, ele tá perdendo o mercado. A China hoje produz em maior quantidade e mais barato, porque ela pode vender tudo muito mais barato.

00:54:35

E tá fazendo uma coisa que os Estados Unidos estão sentindo que estão perdendo. Ela já ganhou a África e agora, na América Latina, fez o porto, o super porto lá no Peru, vai fazer a ferrovia ligada no Brasil. E isso, na cabeça do Trump, tá tudo errado, porque nós estamos perdendo o mando dessas coisas. Então, ele tá louco; é pra fazer uma terceira guerra mundial. Guerra é guerra mesmo, não é guerra de saída, porque ele tá doido pra ver se algum país já bombardeou o Irã com arma nuclear. Toda hora ele fala pro Putin parar com isso aí, mas o Putin não tá dando

nem bola pra isso. E o mundo tem arma nuclear pra todo canto. O Reino Unido e a França já fizeram um pacto pra criarem mais armas nucleares pra defender a Europa.

00:55:31

Então, o mundo está perigoso. E, se o senhor tivesse que dar um conselho para essa nova geração que já nasceu numa democracia, que nunca viveu e não sabe como é viver numa ditadura, o que diria?

O problema sério é que eu acho que a nossa democracia ainda é frágil. De 1946 a 1964, que foi o período da Constituição mais liberal do Brasil, legalizou-se o Partido Comunista, mas depois o presidente Dutra colocou o partido na ilegalidade de novo. Houve um período em que os partidos puderam se organizar, sindicatos puderam se organizar, houve criação de sindicatos de trabalhadores rurais — tudo isso avançou. E, em 1964, tudo isso foi interrompido.

O problema sério é que hoje você vive no celular e na internet. Ninguém lê, ninguém está preocupado em se aprofundar nas coisas. Vive-se de imagens, de distrações no celular. Ninguém mais tem vocabulário. Dependendo da palavra que você fala para um jovem hoje, ele não sabe o que você está dizendo, parece que você está falando grego.

Isso é sério. Eu vejo as crianças. A gente pergunta: “Você não quer um livro?” e respondem: “Não, ninguém lê”. Eu até entendo que o pobre não tem dinheiro para comprar livro, não tem biblioteca em casa. Agora, o rico tem. O filho de advogado, o filho de médico, mas também não lê. É o que estamos vivendo hoje.

00:57:41

O pobre quer ser jogador de futebol, quer ser ator, quer ser modelo, quer ser cantor, porque acha que assim vai ganhar dinheiro, sem entender que é meia dúzia de pessoas que realmente faz sucesso e fica milionária. O resto ganha pouco e não chega lá.

Teve o Henrique, que jogava no Botafogo, aqui em Ribeirão, lá atrás. Ele falava: “Olha, eu estou estudando”. Ele fez odontologia. E ele dizia: “Gente, vamos estudar, porque o futebol acaba e nós precisamos ter uma profissão”.

Então, é difícil fazer as pessoas entenderem isso. Se fosse para dar um conselho, seria: estudar. O conselho é esse: “Aprenda”. É preciso aprender com o passado para que ele não se repita.

00:58:41

A frase do Marx é correta: quando a história não se repete como tragédia, repete-se como farsa. Esse é o problema.

A ditadura do Getúlio terminou em 1945. A outra começou em 1964. Foram apenas vinte anos de liberdade. E essa outra durou mais vinte anos. Os períodos sem ditadura são curtos. Este é o período mais longo sem ditaduras que o Brasil já teve.

O Getúlio começou em 1930 e terminou em 1945. Tudo bem que o Estado Novo começou em 1937. Então, você tem que conhecer a história, não apenas a de hoje. Tem que conhecer a história do Império Romano, do Egito, de Gengis Khan. O Trump, para mim, é o Gengis Khan do hemisfério norte: “eu mando, eu sou o deus, onde meu cavalo passa não nasce capim”. Era isso que Gengis Khan dizia.

Precisamos ter noção do que foi o passado. O passado foi ontem. Isso é importante.

00:59:43

Acabaram com as ferrovias. O Maluf acabou com as ferrovias porque havia greves de ferroviários. E quando ferroviário faz greve, o país para.

Só que depois vieram os caminhoneiros e fizeram greve e pararam o país do mesmo jeito, durante o governo Temer, quando também havia grupos tentando derrubar o governo, que não estava bem. Estes são problemas sérios. Isso tudo aconteceu ontem.

A enchente no Rio Grande do Sul está acontecendo de novo. E não se fala da necessidade de fazer alguma coisa, de resolver alguma coisa. Nada.

01:00:39

E a China está atacando o capitalismo com as armas do próprio capitalismo: produzir em maior quantidade e mais barato. Essa é a arma do capitalismo. Ela está vendendo barato para os Estados Unidos. Então, os Estados Unidos reagem porque a China é uma fábrica. Ela faz os componentes.

O Trump está agora fazendo acordo com o Vietnã para ver se não precisa comprar nada da China. Então, esse jogo econômico precisa ser entendido. O mundo mudou. Não tem só um país dominante. Você tem a Europa, que voltou a ser a Europa. Você tem os Estados Unidos, ainda a grande potência. Você tem a Rússia, com um líder que ninguém sabe o que pensa. E tem a China, o Vietnã, a Tailândia, a Índia.

01:01:46

Então, nós, inclusive, somos fabricantes de medicamentos. Não é só de chips, não é só de inteligência artificial. Tem gente fabricando coisas. Tem produção de alimentos no mundo inteiro. Mudou. Esse é um problema sério.

Por que a Europa vive brigando com o agro-brasileiro? Porque nós temos uma extensão de terra que lá eles não têm. Cada fazenda do Mato Grosso, de Goiás, é maior do que o país europeu. Isso é verdade. Não tem terra para plantar à vontade. E aí, claro, fica muito mais barato. Aí eles ficam lá e gastam muito, certo? Eu também não sei, porque eu não entendo de agronomia. Se nós gastamos muito agrotóxico ou não, também não faço ideia disso.

01:02:42

E, Álvaro, para a gente encerrar, o senhor acha que Ribeirão Preto valoriza as pessoas que lutaram e bateram de frente com o regime militar?

Sabe, você acha que Ribeirão Preto não tem essa memória histórica? Não, o pessoal não está nem aí para isso. O brasileiro pensa em futebol, São João e carnaval. É a única preocupação dele. E ganhar dinheiro para a família viver bem, só.

O problema sério é esse. Estou falando, o brasileiro não lê, para ele a ditadura foi óbvia. Meu pai não foi preso, minha mãe não foi, meus irmãos, meus parentes, então a ditadura, para mim, não significou nada. E teve muita gente que ganhou dinheiro durante a ditadura. Esse é um problema sério. Eu mesmo ganhei dinheiro na ditadura vendendo publicidade, porque teve uma fase do milagre brasileiro em que o comércio estava a todo vapor, então você ganhava dinheiro.

Então, essas coisas são difíceis de fazer entender. Não, o povo não está aí para a ditadura, tanto é que não se interessa. Tem passeata todo mês pedindo. Aqui em Ribeirão, o pessoal ficava em frente à 5ª CSM fazendo passeata o tempo todo.

Eu imagino, inclusive, que o impeachment da Dilma evitou o golpe, porque não sei se eles não iam tentar um golpe naquele momento. Ia chegar uma hora em que o exército iria intervir. E o exército gosta de intervir, sempre se fortalece, porque nunca foi punido, você me perguntou no começo. Esse é um problema sério. Pela primeira vez na história do Brasil, estão sendo julgados militares de alta patente. São generais, isso é importante a gente citar. Nunca aconteceu isso antes. Jacareacanga, o caso do cara da aeronáutica que tentou derrubar o Juscelino no Forjum, foi tudo abafado. O Juscelino nem foi processado. Então, estamos começando a viver esse clima pela primeira vez.

01:04:42

A Argentina julgou todos os generais. O Uruguai é a mesma coisa, o Chile é a mesma coisa. Nós não, aqui o exército faz a quartelada e nunca acontece nada. Tudo bem que as forças armadas são essenciais. O país precisa de uma força armada que defenda o país de verdade.

Nós não temos um litoral do tamanho que temos no Atlântico, não temos uma guarda costeira bem estruturada. Precisamos ter uma defesa. E o pessoal toma conta da Amazônia. O problema indígena ainda não está equacionado. Quer dizer, uma hora o índio é índio, outra hora não é.

Então, precisamos resolver muitas questões ainda.

01:05:43

Nós temos ilhas de terra até hoje. Isso é bizarro. Então, tem muita coisa que o Brasil ainda precisa resolver.

01:06:00

Álvaro, muito obrigado pela gentileza de aceitar o nosso convite. Não, a gente sempre... É importante falar sobre o que aconteceu para ver se o pessoal um dia começa a entender a trajetória. Porque o povo tende a pensar que “ah, aconteceu lá, sabe? Matou um cara na esquina, isso foi lá”. Agora, morre uma moça que caiu num despenhadeiro, isso vira uma comoção nacional, sabe?

É esse tipo de coisa que precisamos entender. Hoje, tem gente morrendo de fome no Brasil, tem gente morrendo de fome na Ásia, tem gente morrendo de fome na África. E isso não é ser comunista. Isso não é ser contra a democracia, nada. São fatos que precisam ser resolvidos. O mundo produz mais alimento do que é necessário para que todos se alimentem. Só que o alimento e o dinheiro são mal distribuídos.

APÊNDICE R – Decupagem Matilde Leone - 5º Episódio

00:00:00

A única freira presa e torturada pelo regime militar é de Ribeirão Preto. Em 1969, a antiga diretora do Lar Santana, Maurina Borges da Silveira, foi presa e acusada falsamente de integrar um grupo guerrilheiro armado. Eu sou Vitor Baptista e, para ajudar a resgatar essa trajetória, a convidada de hoje é Mathilde Leone, jornalista e autora do livro *Sombras da Repressão: o outono de Maurina Borges*. Mathilde, muito obrigado por aceitar o nosso convite. Seja muito bem-vinda.

00:01:03

É um prazer, Vitor. Boa tarde para você. Eu te felicito primeiramente pelo seu trabalho, uma escolha muito pertinente, inclusive para o momento que estamos vivendo, ainda mais hoje, né? Então, eu queria começar te perguntando qual era a função da Madre no Lar Santana.

00:01:17

A Madre Maurina era diretora do Lar Santana. Na verdade, não fazia muito tempo que ela estava lá. Ela veio de Araraquara para dirigir o Lar Santana, estava lá há um pouco mais de um ano, dois anos, algo assim. Ela era responsável pela administração do lar. O Lar Santana era um orfanato só para meninas, não é?

00:01:34

Sim, era um orfanato para meninas. E... E também, acho que não era só orfanato. Eu não entrei muito nessa questão administrativa, mas fiquei muito focada na história dela, não na gestão do Lar Santana, mas sim na história dela durante o período militar.

00:02:04

Sim. E a Madre permitia que um grupo de jovens usasse o porão do Lar Santana para debater política, para conversarem sobre a situação do país na época. E, posteriormente, ela descobriu que esses jovens eram das FALN S (Forças Armadas de Libertação Nacional). Eu queria que você me contasse como foi que ela descobriu que esses jovens, que ela deixava utilizar o espaço da instituição, estavam se envolvendo com política.

00:02:34

A Madre Maurina, na verdade, não deixava eles usarem o porão para essas reuniões. Ela permitia que usassem um cômodo do Lar Santana para se reunirem. Antes disso, eles já tinham um grupo de estudos. Naquela época, era muito comum as pessoas se reunirem em grupos para discutir a situação política do país. Existiam grupos como a Juventude Operária Católica (JOC), a Juventude Estudantil Católica (JEC), entre outros. Não era raro que os jovens se reunissem para discutir política.

00:03:10

Porque isso foi em 1969. E desde 1964, o país tinha entrado numa ditadura que ficou muito mais severa, digamos assim, a partir de 1967. Nesse período, muitas instituições estavam sendo fechadas, e havia muitas perseguições. As pessoas se reuniam em lugares mais discretos, embora, na época, mais de três pessoas reunidas já fosse considerado subversão. No caso da juventude estudantil católica, por exemplo, eles discutiam a política dos militares em relação aos estudantes, universitários, operários e sindicatos, que também sofreram muito.

00:04:34

Então, eles usavam um salão em uma igreja na Vila Tibério, a Igreja Coração de Maria. Mas, com o tempo, o padre responsável pela igreja começou a temer que aquilo fosse mal interpretado e, por isso, os jovens pediram autorização para usar uma sala no Lar Santana. Quando a Madre Maurina chegou, eles já estavam reunidos lá.

00:05:04

Então, foi isso que aconteceu. Ela só descobriu que estavam se reunindo lá quando um dos participantes foi preso. Paralelamente aos estudos e encontros no Lar Santana, um dos integrantes da FALN frequentava o local. Não era que o grupo da FALN se reunia lá, mas um dos membros participava das reuniões.

00:05:48

No porão, o que ele guardava não eram armas nem bombas, mas um mimeógrafo. Talvez você não saiba o que é um mimeógrafo.

00:06:00

Não, não sei.

00:06:01

Um mimeógrafo era um equipamento muito rudimentar usado para cópias, algo como uma copiadora antiga, com álcool. Era através dele que eles produziam um jornalzinho chamado O Berro. Esse jornal era feito de forma bem simples e rudimentar. O que eles tinham lá eram cadernetas, onde anotavam o nome de pessoas que colaboravam com o financiamento do jornal. Era como hoje, quando você pede patrocínio para a produção de algo, como um jornal ou projeto.

00:06:49

Essas pessoas estavam listadas nesses cadernos, junto com alguns livros. Quando um desses membros foi preso, o nome dele saiu no jornal e, ao tomar conhecimento, a Madre Maurina decidiu ver o que havia no porão. Ela mandou arrombar a porta e encontrou os cadernos, uma pasta preta cheia de documentos e cadernos. Ela reconheceu o nome de pessoas que ela conhecia, pessoas que não tinham nenhuma ligação com o que ela imaginava ser uma organização subversiva. Ela pensou: essas pessoas podem ser presas injustamente. E foi assim que ela descobriu o que estava acontecendo.

00:07:50

Daí, teve a consequência, né? O que ela decidiu fazer com esse material quando descobriu? Ela decidiu destruir, queimar. Esse foi o grande... a grande acusação contra a Madre Maurina, porque ela chamou o jardineiro, recolheu todo esse material, mandou fazer um buraco no quintal e queimá-lo. Então, isso tudo foi concomitante, ela queimando o material, enquanto uma pessoa estava sendo torturada, porque queriam saber onde estavam os papéis, os documentos, e, na tortura, essa pessoa disse: "Olha, está lá no Lar Santana, numa pasta preta".

00:08:30

Ao mesmo tempo, o jardineiro, que estava lá, viu a pasta preta e perguntou: "Essa pasta é muito boa, posso ficar com ela?" Ela disse: "Pode". Então, a polícia foi imediatamente ao Lar Santana, exatamente no momento em que o jardineiro estava saindo com a pasta preta na mão. Ele foi levado para a delegacia, torturado, espancado... E cadê o material da pasta? Ele disse: "Eu queimei. A Madre Maurina mandou queimar". Tudo isso agravou muito a acusação contra ela.

00:09:20

No dia seguinte, prenderam a Madre Maurina. Eles foram até o Lar Santana? Não, ela estava em uma reunião no Colégio Auxiliadora, que ainda existe ali na rua Duque de Caxias, com o

bispo, vários religiosos e pessoas ligadas a direitos humanos. A polícia foi buscá-la no Lar Santana, mas ela não estava lá. Aí souberam que ela estava nessa reunião e ligaram diretamente para ela. O delegado pediu que ela fosse imediatamente à delegacia, como se fosse uma coisa surreal. Ela foi.

00:10:17

Ela saiu do Auxiliadora para o Lar Santana, que tinha uma boa distância, sabendo que ia ser presa. Ela já desconfiava de algo. E foi. Mas, de lá, ela nunca mais voltou. Daí as coisas começaram a acontecer. Ela foi presa e torturada, bastante torturada. Depois, foi levada para São Paulo, ficou no presídio em São Paulo e, em seguida, foi transferida para o presídio de Tremembé, onde a ala feminina era dirigida por freiras também, então ela se sentiu um pouco mais confortável.

00:11:25

Foi nesse período que ela recebeu a notícia de que seria exilada. E... Perdão, só voltando um pouco no tempo. Eu li algumas entrevistas e cartas que a Madre escreveu, e ela sempre atribuiu um dos motivos de sua prisão, além da parte política, ao fato de ter batido de frente com a elite de Ribeirão Preto. Ela conta que o Lar Santana, um orfanato, recebia muitas crianças de famílias da elite, e de mulheres solteiras que pertenciam a essas famílias. Naquela época, a sociedade era muito diferente de hoje, e uma mãe solteira era mal vista.

00:12:27

Eu li uma carta onde ela conta que chegou um momento em que decidiu devolver algumas dessas crianças, dizendo: "Não, elas estão ocupando o lugar de órfãos de verdade, crianças que realmente precisam de ajuda". Ela sempre disse que achava que isso, de alguma forma, pode ter contribuído para sua prisão. Você concorda com isso?

00:12:51

Não, eu não concordo. Eu acho que a prisão dela foi exatamente por causa da questão política. Pode até editar essa parte, se quiser, mas não acredito que tenha sido por isso. Ela pode ter falado isso, mas eu não concordo. Onde você viu isso?

00:13:21

Tem um livro de cartas sobre ela, que agora esqueci o autor. Mas eu te mando depois. Ela me falou algo a respeito, mas não dessa forma tão... exagerada. Parece até que ela pegou uma Kombi, encheu de crianças e foi distribuindo: "Olha, toma seu filho". Não, nunca foi assim. Isso nunca foi provado. Acho que, como jornalistas, temos que checar muito as coisas, e não há

evidência disso. Tudo bem, pode ser que ela tenha devolvido uma ou duas crianças, tenha procurado a família delas, mas quem são essas crianças? Nunca ninguém se pronunciou sobre isso.

00:14:31

Por que nunca ninguém quis saber quem eram essas crianças que ela devolveu? Imagine a situação... a elite de Ribeirão Preto. Se fosse realmente como ela descreveu, teria que ser um número grande de crianças, com muitas mães solteiras. Isso parece até uma invenção. Não acredito que tenha sido esse o motivo para sua prisão.

00:14:50

Ela me disse que achava que o delegado Salim Nicolau Mina poderia estar envolvido nisso, porque ele era espírita e não gostava da participação da igreja. E, além disso, ela tinha devolvido algumas crianças para suas famílias. Mas é um pouco exagerado dizer que a elite de Ribeirão Preto estava cheia de mulheres solteiras que colocavam seus filhos no Lar Santana. Não, se fosse verdade, alguém teria se pronunciado. Ribeirão Preto tem bons jornalistas. Alguém teria procurado saber quem eram essas crianças.

00:15:35

Então, eu não concordo com essa versão. Eu acho que o motivo da prisão foi outro, relacionado à política, aos documentos, à pasta preta. Era uma evidência de que ela estava envolvida com a subversão, e isso, sim, foi o que levou à sua prisão.

00:16:39

E a Madre, ela é levada para a prisão, para a delegacia, e ela conta que foi vítima de tortura e violência pelos militares. Ela chegou a sofrer algum tipo de tortura física?

00:17:46

Sim, ela contou, na entrevista que eu fiz com ela. Eu estive com a Madre três vezes, e ela sempre reafirmou que foi torturada com choques elétricos. A situação dela era peculiar, porque ela era uma religiosa. Isso tornava a tortura ainda mais cruel, especialmente a violência psicológica, como o fato de ser forçada a tirar a roupa, ser xingada, esbofeteada...

00:18:10

Ela sabia que estava ali injustamente, inocente. Isso só aumentava a crueldade. Uma coisa importante que gostaria de acrescentar é que a Madre Maurina não era uma pessoa alienada, uma bobinha, como muita gente tentava fazer parecer. Ela não era subversiva, nem comunista,

nem tinha esse viés, mas era uma pessoa de extrema sabedoria, com muito conhecimento. Talvez, como muitos outros, ela não se manifestasse publicamente contra o regime, mas com certeza era contra o que estava acontecendo no país.

00:19:01

E sobre a violência sexual, sim, é muito comum entre as presas políticas da época. Não apenas ela, mas outras também sofreram esse tipo de violência. A violência sexual era uma forma de afirmar poder, uma agressão muito forte. No caso dela, ela sofreu assédio. Ela me falou de como foi assediada, ofendida, humilhada.

00:20:02

Se ela realmente sofreu violência sexual, não sabemos, pois ela nunca revelou. E ela tinha o direito de não falar sobre isso, especialmente sendo uma freira. Você imagina, em 1969, uma mulher religiosa falando sobre algo assim. Era muito mais difícil naquela época do que é hoje, em 2025, quando as mulheres já têm mais coragem de falar sobre essas experiências, mesmo que nem todas se sintam à vontade para isso.

00:21:14

Mas, durante as entrevistas, ela me disse que sabia que esse tipo de pergunta seria feita, mas nunca confirmou que tenha sofrido violência sexual. Ela me contou que sempre foi questionada sobre isso, mas preferiu manter para si.

00:21:30

Os militares, durante os interrogatórios, queriam que ela confessasse, perguntavam se ela era amante do Mário Lorenzato, um dos integrantes das FALN S. Isso porque ele frequentava o Lar Santana e era muito católico, ligado à Juventude Operária Católica (JOC), que era uma organização religiosa. Ele era a pessoa mais próxima dela, enquanto as outras pessoas nem conheciam tanto a Madre Maurina.

00:22:16

A Áurea Moretti, por exemplo, foi conhecer a madre na prisão. Então, quem eles podiam usar para atacar mais uma vez, humilhar mais uma vez? A madre. Com essa questão de ser amante. Uma área. Você falou sobre a Áurea, e a Áurea disse uma vez que ficou presa com a madre por um tempo, e que os mesmos castigos... físicos, as mesmas torturas que as forças militares aplicavam aos membros da resistência, eles também fizeram com a madre. Então, ela até fala: "Ah, o fato dela ser uma religiosa, isso não implicava em nada para eles, sabe?" Não, inclusive,

o fato dela ser uma religiosa era um trunfo. Era algo muito diferente, uma brincadeira a mais para eles, porque estavam ali, exercendo todo o poder diante de uma pessoa absolutamente sem condição de defesa, numa cadeira, tomando choque elétrico, pendurada no pau de arara, completamente nua. Certo? E era engraçado, talvez, ter uma freira, uma religiosa ali para que eles se divertissem. Verdadeiros sádicos.

00:23:12

E em 1970, a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) sequestrou o cônsul japonês, o Nobuo Okushi, e uma das exigências para liberar essa autoridade era que o governo soltasse alguns presos políticos, e entre os presos políticos estava o nome da Madre Maurina. E parece que ela foi pega totalmente de surpresa com isso. Sim, ela foi... Aliás... Foi uma surpresa, acho que geral, né? E quem deve saber sobre isso, né? Por que a Madre Maurina? Porque as pessoas que foram... resgatadas, digamos assim, levadas para o exterior, pedidas no lugar do cônsul, por exemplo, eram o Mário Japa, né? Que estava preso, sendo torturado e estava prestes a morrer na tortura. Então, era uma pessoa que eles precisavam tirar das mãos da repressão o quanto antes. A Madre Maurina era uma pessoa... que já estava num presídio, num momento tranquilo da vida dela. Ela não estava presa, não estava mais sendo torturada, não estava mais sendo incomodada. Ela estava à disposição da justiça. As outras pessoas, por exemplo, eram a mulher e os filhos do Lucena. Não sei se você tem essas informações, mas o Lucena também estava... Jurado de morte, claro. E eles tinham medo de que a família fosse... também atingida. Então, não havia assim um motivo específico para tirar a Madre Maurina.

00:25:37

Isso foi uma coisa que eu questionei durante muito tempo, durante o meu trabalho. Porque... Ela me disse que não queria ir, e que o próprio Evaristo Arnes disse para ela: "Vai, minha filha, você precisa ir". Então... Todas essas entrelinhas da história são extremamente importantes. E nessas entrelinhas da história, a gente às vezes não consegue chegar. Só consegue... Pensar a respeito. Só consegue questionar: Por que você precisa ir? E ela foi. Ela foi contra a vontade dela. Eu procurei... a pessoa responsável pela lista. O nome dele é... eu não me lembro agora. No meu livro tem, eu tenho lá em casa. E perguntei, questionei: Por que a Madre Maurina? Estive com ele. Eu não telefonei para ele, eu estive com ele. Na época, eles trabalhavam em alguma coisa lá no Ibirapuera, uma coisa assim.

00:27:12

Ele pensou, pensou, falou assim: "Eu não me lembro", quer dizer... Como é que você não lembra, né? É como se fosse uma coisa rotineira. Uma reunião de rotina? Não, ele estava fazendo uma lista para tirar pessoas do país para ir para o México. Pessoas que estavam sob a... sob a guarda, entre aspas, do regime militar. Então, sempre existe uma questão ali. Por que a Madre Maurina? A igreja, né? Tem uma teoria, né? Que eu acho que também não concordo muito, de que era para mostrar que até os religiosos estavam insatisfeitos com o regime militar, que ela era um trunfo. Se foi isso, eu acho que ela foi usada realmente. Para isso, ela foi usada lá no Lar Santana. Depois ela foi usada pelas pessoas que fizeram... Da VPR.

00:30:11

E foi usada pela igreja. Você entende, então? Ela foi um símbolo, uma propaganda. Existe um triângulo ali, né? É uma coisa assim... O que aconteceu? Por que a Madre Maurina? E por que ela não queria ir para o exílio, sabe? Você disse que ela meio que bateu o pé, que ela... Ela relutou bastante e até no exílio ela enviou cartas para o Brasil, para o ex-ministro da Justiça, para o Alfredo Buzayde, que ela queria, em algum momento, retornar, ser julgada e ser inocentada. Por que ela preferia, no começo, continuar presa aqui no Brasil do que ir para o exterior?

00:29:19

Sim, porque... Ela tinha toda uma história aqui, né? E ela queria provar a inocência dela. E uma coisa que eu acho que era muito importante para ela era provar a inocência dela. Aí ia julgamento, né? Eu acho que esse foi o grande motivo, né? Porque... Ela já não estava, mas se ela estivesse numa situação, por exemplo, de quando foi presa, nos primeiros meses e tal, que ela ainda sofria muitas torturas, talvez fosse um alívio para ela. Como foi um alívio para muitos presos políticos que estavam... Porque quando os presos políticos eram... colocados numa lista em troca de algum embaixador para poder ir para o exterior, ser salvos, era para eles serem salvos, a vida deles salva, porque corriam risco de vida, estavam presos, sendo torturados e tudo mais. Ela não. Ela já estava numa boa situação.

00:30:11

Se ela estivesse lá naquela primeira situação da tortura, talvez ela quisesse, talvez fosse um alívio. É assim que eu vejo. E como foi a vida da mãe no México, no exílio? Olha, lá no exílio, eu não tenho muita informação de como foi a vida dela. O que eu sei é que ela estudou. Ela participava de... muitas comunidades, de muitos programas sociais. Eu sei que ela teve um

crescimento pessoal muito grande. Isso é uma questão assim, uma coisa que eu achei muito bonita, muito importante, do jeito que ela falava. Tanto é que ela se apegou, né? Ela ficou 15 anos no México, né? Um tempo, né? Nossa, muito tempo. Muito tempo. Então, lá ela ficou numa comunidade, ela conheceu pessoas. Inclusive, nesse documentário feito pela Ana Pinheiro, tem momentos que mostram, assim, que as freiras de lá...

00:31:20

Conseguiram um vídeo dela tocando violão, ela já estava numa fase boa. Né? E ela se afeiçoou muito ao México. E, na verdade, depois acho que foi mais difícil para ela voltar ao Brasil do que foi sair do Brasil. Estava com uma vida estabilizada lá fora, né? 15 anos. Nossa, muito tempo ela passou. 15 anos. Ela volta só com o fim da ditadura, praticamente. Não, ela volta na anistia. Em 79, e ela é julgada, ela é considerada... Inocente. Só que ela volta para o México. Mesmo assim, ela preferia... Ela voltou para o México. Ela só voltou para cá porque estava com um tumor na hipófise. Ela veio para fazer uma cirurgia e ficou por aqui. Então ela volta para ser julgada e consegue ser inocentada de todas as acusações?

00:32:21

Ela foi inocentada. Ainda bem que disse que ia provar a inocência. Exatamente.

00:32:34

Eu queria perguntar um pouco sobre você, Matilde. O que te levou a transformar essa história da madre em um livro? Talvez seja o mesmo motivo que te fez fazer um TCC sobre a ditadura militar. Mas, eu acho que a gente tem motivações. O que me chamava a atenção era que, nessa época, eu não morava aqui. Eu morava em São Paulo e sabia o que estava acontecendo no país. E me perguntava, nas outras regiões, por que as coisas aconteciam mais brutalmente nas capitais, nos lugares maiores e tal. Não que nos pequenos não acontecesse. Acontecia e muito, só que não era divulgado. Também não era divulgado o que acontecia nas capitais. Não era divulgado.

00:33:32

A gente sabia o que estava acontecendo, imaginava... Então, aí teve... E eu me questionava, será que em Ribeirão Preto não aconteceu nada? Eu nunca ouvi falar em Ribeirão Preto, de ter alguém que tenha sido torturado e tal, porque eu não morava aqui. Eu era daqui, mas não morava aqui. Estava longe de Ribeirão Preto desde os meus 19 anos de idade. Então, comecei a perguntar, sempre que eu vinha aqui, tinha minha mãe que morava aqui, e eu comecei a

perguntar, e um dia uma amiga minha me disse: "Olha, a única coisa que eu sei é que tem uma freira que foi presa, acusada de ser comunista." Pronto. Aí comecei a procurar, a investigar.

00:34:35

Você disse que encontrou com a Madre três vezes, né? Enquanto ela ainda estava viva. E eu queria saber se a Madre chegou a ter alguma sequela, sabe? Referente a esse tempo que ela passou presa, seja física ou até emocional, psicológica. Não, essa questão do tumor da hipófise dela ficou meio no ar. Ela falou uma vez que achava que era de tanto soco que ela levou na cabeça. Isso que ela me falou. Mas como foi uma coisa que ela teve um diagnóstico lá no México, entende? E também, eu não posso te dizer nada recente, porque eu não tenho certeza, seria muita irresponsabilidade da minha parte falar que foi isso. Eu penso que foi, porque ela estava perdendo a visão por causa desse tumor. E ela teve a sequela, claro, emocional, né? Isso... Um trauma para a vida toda. Todos têm. Todos têm essa sequela, né? Esse trauma.

00:35:46

Em relação à prisão da Madre, às violências que ela sofreu nos porões da ditadura, eu queria saber qual foi a reação e o posicionamento da Igreja Católica na época em relação a isso, sabe? Nenhuma. Foi muito omissa, né? Bom, eu falo por mim. Hmm. Você está me perguntando em relação ao que eu acho. É a sua opinião. Eu não posso dizer foi assim, foi assado. Para mim... que fiquei oito anos fazendo essa pesquisa... eu considero que tenha sido extremamente omissa. Primeiro, ela foi presa em Ribeirão Preto. Ela não recebeu nenhuma visita de padre, de nada, da igreja. Quando ela estava aqui. A única pessoa que procurou quando ela foi transferida, porque ela foi presa em Ribeirão Preto, ficou aqui na cadeia... Depois, em função dos assédios dos militares em cima das presas políticas, o delegado geral, o delegado da época, que era o Renato Ribeiro Soares, ele transferiu e levou todas para Cravinhos, na cadeia de Cravinhos. E um irmão dela, padre, que era muito velhinho, acho que o irmão mais velho, foi lá na cadeia e tentou vê-la. Outra coisa, quando ela foi presa e que estava lá naquela reunião que eu te falei anteriormente, no Colégio Auxiliadora... Lá estavam o bispo, estavam pessoas da igreja, estava o cônego Angélico Bernardino. E ela sai de lá absolutamente sozinha. E diz, antes de sair, ela diz, e eu tenho testemunhas que confirmaram isso, ela diz... "Eu vou ser presa. Me ajudem." Ninguém acompanhou a Madre Maurina. Ela foi sozinha.

00:37:58

Um dia, na Comissão da Verdade, eu participei da Comissão da Verdade. E encontrei o cônego, o Angélico Bernardino lá, que ele é uma pessoa, realmente, eu não desmereço o trabalho dele,

não tenho nada contra, ele foi uma pessoa maravilhosa. E ele teve um trabalho social muito intenso. E ele também sofreu, durante a ditadura, não com tortura, nada disso, mas com perseguição, aquelas coisas todas. E eu perguntei para ele: "Você lembra de alguma coisa disso?" Ele me deu a mesma resposta do Ladislau, que eu tinha esquecido o nome. Ele falou: "Eu não lembro disso." Como se fosse um episódio tão... É, um episódio tão bobo, né? Todo dia uma freira vai presa, né? Então... Como é que eu vou lembrar de tanta freira, né?

00:38:54

Que foi... Então, eu acho que foi omissa. E quando... Ela não queria ir para o exterior e que o Evaristo Arns disse para ela: "Vai, minha filha, você precisa ir." Você entende? Então... Eu acho que o apoio que ela teve, na verdade, foi das freiras que eram diretoras lá do Tremembé, do presídio de Tremembé. Esse foi o apoio que ela teve, aliás. Que elas deram. De acolhimento, de não deixar ela o tempo todo numa cela, entende? De ela ter mais liberdade e tudo mais. Mas a igreja em si? Primeiro... que quando eu comecei a pesquisa, eu fui escoraçada de todos os lugares. Ninguém nunca me deixava.

00:40:09

A própria igreja boicotava? Sim. Inclusive, ela foi transferida. Foi transferida. Em Santa Catarina, foi assim. Ela foi transferida para Santa Catarina... depois. Foi coincidência? Foi por minha causa? Não sei. Eu consegui localizá-la depois de dois anos de busca, até buscando a Madre Maurina. Porque ela estava aqui no Brasil, que ela foi operada. E ela estava num colégio lá em São Paulo, da mesma ordem delas. E eu consegui ir até lá. E quando eu estava na sala de espera, esperando pela madre, chegou uma superior e disse: "Ela não vai falar com você, ela não pode falar com você." E eu fiquei de novo na estaca zero. Depois, quando ela foi fazer a recuperação na casa da mãe, dos pais dela, numa cidadezinha chamada Conceição das Alagoas, em Minas Gerais. Eu descobri que ela estava lá através do irmão dela, que era Frei.

00:41:14

Eu não vou te contar tudo aqui, é muito complicado essas coisas da investigação, da procura, da busca, e num período assim que você não tinha internet, você não tinha nada, sabe? E foi muito longo. E esse irmão, eu falei: "Fala com ela, fala com ela, fala com ela." E eu liguei para ele, ele: "Ah, ela não quer, ela não pode, ela não pode." E na minha insistência eu falei: "Por favor." Até que um dia eu consegui que ela me atendesse no telefone. Aí ela falou que não podia falar nada, eu falei: "Não tem importância, eu não quero perguntar nada, só quero conhecer a

senhora, umas coisas assim e tal." Ela queria falar. "Você não teria me recebido." De jeito nenhum. Aí eu fui, fui imediatamente lá para essa cidade.

00:42:07

E que foi uma... Uma aventura chegar lá. Porque é uma cidade em Minas que é muito pequeninha, que não tem, por exemplo, não tinha um ônibus, eu fui até Uberlândia ou Uberaba e não tinha ônibus para lá naquele momento. Eu tive que pegar um táxi, depois para voltar foi aquela... confusão, não conseguia voltar, enfim. Uma logística difícil. Então, não é essa a questão. É que eu cheguei. E conheci a Maurina. Numa casinha muito simples, numa varandinha, me lembro como se fosse hoje, assim. E nós ficamos lá em silêncio, né? Porque... Ela não falava. Eu não falava, eu... Aí eu comecei a falar por que eu estava lá. Qual era a finalidade do meu trabalho. Enfim, aquela coisa toda da ditadura, porque as pessoas precisavam saber o que aconteceu, isso e aquilo.

Ela falou: "Eu não posso, eu sou proibida." Ela falou assim: "Eu não posso, eu sou proibida, a igreja me proíbe de falar." Mas aí, depois de algum tempo, ela pensou bem, né? Algum tempo que eu digo lá, né? Ela falou assim... "Quer saber? O que me importa? Pode ligar o gravador." E aí a gente conversou. Nossa! Então, foi assim, eu só consegui falar com a Maurina... longe do manto da igreja. Quando a igreja tirou as garras de cima, então... por uma necessidade dela, que estava em recuperação de cirurgia, mas senão eu não teria conseguido falar com ela. Eu fico até surpreso um pouco com isso, porque tiveram padres que foram presos, tudo, e eu não imaginava que a igreja dificultou tanto.

00:44:17

Dificultou, talvez pelo fato de ser mulher, né? Talvez pelo medo de falar em questão sexual e sei lá. Vai saber, né? E para a gente encerrar... Eu queria, novamente, saber uma opinião sua. Se você acha que a Madre Maurina tem o devido reconhecimento dos Ribeirão-pretanos, sabe? Ela é, na minha opinião, o personagem mais famoso da cidade durante a ditadura. Mas eu queria saber se você acha que ela tem o devido reconhecimento, se o Ribeirão-pretano realmente sabe o peso desse personagem na história local. Não, eu acho que não sabem. Poucas pessoas sabem, né? Acho que é um círculo pequeno, assim, de jornalistas, de pessoas que na época também foram incomodadas, porque muitas

00:45:22

E que foram, assim, chamadas para interrogatório e tal, conduzidos, como diziam, conduzidos à delegacia, e que tiveram, inclusive, o trabalho deles muito prejudicado com isso. Essa é uma

questão muito pouco levantada. Porque no Brasil, o que aconteceu? Nas universidades, os grandes nomes, os grandes valores, os professores... Eles foram exilados. Então, o Brasil não perdeu só por ter perdido a democracia. Ele perdeu os cérebros. Perdeu os cientistas muito importantes, filósofos, matemáticos. E todos aqueles que a ditadura achava que estavam incomodando e que não pensavam como eles. Então, era muito comum, por exemplo... as denúncias, né? Hoje a gente quase voltou a isso, né? Na extrema-direita, "fulano está falando tal coisa." Então, por exemplo, até o Fernando Henrique Cardoso, ele foi exilado. E esses cérebros, essas pessoas, nós tivemos um atraso cultural muito grande. Porque os grandes cérebros do Brasil, eles foram... Ehh... expulsos do país, digamos. Não é só exilados, expulsos do país. E ironia, passaram a dar aula nas universidades no exterior, na Europa, nos Estados Unidos. Você veja que atraso foi isso.

00:46:40

Então, quando você me pergunta se as pessoas aqui... dão o devido valor, eu acho assim que... que as pessoas não estão acostumadas e existe uma geração que pouco se importa. Não se importa com a história, né, com o resgate cultural. Como se a nossa vida hoje não dependesse do que foi ontem. É como se eles tivessem nascido nesse momento e antes desse momento não tivesse existido mais nada. Sendo que tudo é um reflexo. Tudo que nós vivemos hoje é um reflexo daquilo que aconteceu desde lá nos primórdios do nosso país.

00:47:48

Então, eu acho que não tem conhecimento e também não tem interesse.

00:47:53

Perfeito. Mathilde, muito obrigado pela gentileza de atender o nosso convite. Eu espero que você tenha gostado da entrevista e agradeço por me ajudar com esse trabalho.

00:48:05

Por nada, Vitor. Não foi uma ajuda, né? Eu não considero assim uma ajuda nesse trabalho. Eu que agradeço você ter me convidado para falar sobre esse assunto. E você conseguiu me tirar de casa, né? Porque eu, para sair de casa, preciso de uma boa causa, viu?

00:48:19

Ficou honrado, então. Tá bom? Sucesso aí no seu trabalho. Muito obrigado.

00:48:23

Obrigado.

APÊNDICE S – Decupagem Leila Bosqueto - 6º Episódio

Ouvinte, você sabia que uma das poucas organizações armadas de resistência à ditadura surgiu bem aqui em Ribeirão Preto? Eu sou Vitor Baptista e a nossa convidada de hoje não apenas viveu esse momento, ela foi protagonista dele. Leila Bosqueto entrou na luta contra a ditadura ainda muito jovem. Fez parte das Forças Armadas de Libertação Nacional, viveu na clandestinidade, foi presa, torturada, mas sobreviveu para contar a história. Leila, muito obrigado por aceitar o nosso convite.

Afim de colaborar. Leila, eu quero começar perguntando sobre a sua entrada na militância política, sabe? Você contou que a escola teve um papel muito importante, ela foi fundamental. Você teve um professor que foi preso. Conta pra gente um pouco sobre isso. Então, eu estudei em São Joaquim da Barra. E vivi em São Joaquim da Barra até os 19 anos.

00:00:58

E a minha formação política realmente foi... tudo em São Joaquim da Barra. Foi primeiro através da escola pública mesmo, isso daí é escola pública, no CNE. Então, a nossa escola era uma escola referência de cultura. De evolução mesmo. Nós tivemos professores excelentes, excelentes. Acho que foram os melhores professores. Foi em São Joaquim da Barra mesmo, aqui também em Ribeirão Preto. Naquela época tinha professores muito bons que resistiram à ditadura. Exemplo também foi São Joaquim da Barra. Eu tive um professor de história, né? Claro, tinha que ser de história. Professor Creso Filete, que já faleceu, mas ele... eu tenho um carinho enorme por ele, sempre tivemos. Foi um professor que despertou em nós a questão política. Naquela época, Vitor, não é como é agora, naquela época a escola...

00:02:03

Desenvolia o pensamento crítico. Então não era para a gente aceitar tudo que estava sendo colocado goela abaixo da gente. A gente questionava. E os professores respondiam. O professor Creso Filete foi um professor que me ajudou na minha formação política, no meu entendimento de que aquela ditadura, aquilo que a gente estava vivendo... aquilo não era o ideal. Nenhum povo da Terra. Então foi aí que a gente começou a pensar: vamos fazer diferente? Por que não fazer diferente? Também tivemos professor de português, professor Ivo Vanucchi. Mmm. Esse nome é famoso. O professor Ivo Vanucchi é pai do Paulo de Tarso Vanucchi, que foi ministro do presidente Lula. Também da Maria Lúcia Vanucchi e da Maria Helena Vanucchi. Todos são de esquerda e todos são... pessoas esclarecidas e pessoas que não...

00:03:07

NUM! Não ficam atreladas a esse regime que está aí até hoje. Está aí até hoje, viu, Vitor? A gente teve algumas vitórias, mas a nossa vitória final não chegou ainda não. Então, a minha formação, voltando, a minha formação foi lá na escola mesmo. Pensamento crítico e tudo mais. Depois os amigos, os colegas, a gente se reuniu. A gente se reunia para discutir aquelas ideias, discutir literatura. A parte cultural de São Joaquim foi muito bem desenvolvida. Então foi aí que começa a minha formação. Tá bom? Está ótimo. Obrigado.

00:03:54

Então, vamos para a próxima pergunta. Logo nesse primeiro momento do golpe militar, ainda em 64, quais foram os setores aqui de Ribeirão Preto e da região que mais apoiaram o golpe, que mais comemoraram o resultado da ação dos militares? Vitor, em 64 eu ainda era muito jovem. Eu me lembro do golpe, eu me lembro de tudo como aconteceu, mas eu não tinha consciência ainda do que estava acontecendo. Então, eu não sei te falar quem foi que comemorou, mas provavelmente... foram os fascistas, né, Vitor? Que a gente achava que já nem existisse mais esse fascismo, mas ele existe, né? Ele está aí. Então... eu acho que foi a ultradireita mesmo, que sempre foi, que sempre teve nesse país, que a gente achava que não tinha, mas tem. Tá, Vitor, acho que foi por aí.

00:04:51

E eu queria perguntar sobre a sua entrada nas FALN s, as Forças Armadas de Libertação Nacional. Quem te convidou? Como é que foi esse processo? Como você ficou sabendo da existência da organização? Foi assim. Aí, então, na escola, a gente já estava discordando daquele regime que a gente estava vivendo. No militar, a gente já estava sabendo, a gente sabia por alto de pessoas que tinham sido presas, torturadas, mortas, desaparecidas. E como é que a gente podia concordar com aquilo? A gente não concordava. Foi aí que, nada é por acaso, a gente estava formando, dentro de São Joaquim da Barra, a gente estava formando um grupo para discutir essas questões. E apareceu a Áurea Moretti. Ela acho que ficou sabendo também do nosso interesse pela política e a Áurea Moretti apareceu lá.

00:05:46

para explicar para a gente o que eram as FALN s, qual o objetivo dessa luta. E a gente concordou imediatamente. Áurea Moretti... Eu a guardarei para sempre dentro da minha memória e do meu coração. Áurea Moretti faz parte da minha vida. Então, ela foi, assim, para mim, uma luz,

aquela luz no fim do outono. Nossa, pode ser que a gente consiga mudar, né? E nós, juventude, né? Cheio dos hormônios, cheio de tudo pululando. A gente: “não, vamos partir para a luta, nós vamos vencer os militares, né?” Olha, a nossa ingenuidade era tão grande, mas tão pura, sabe? Era de uma pureza, assim, tão linda. E a gente... aí foi aí que eu consegui ficar bem próxima da Áurea. Nós lá de São Joaquim, né? E ficamos sabendo desse grupo.

00:06:41

de forças que a gente queria tomar o poder, né? A gente ia tomar o poder. Vitor, a gente ia tomar o poder. Nem que fosse no nosso coração, como foi. E aí entrei nessa luta aí. E a organização, que era o Vanderley Caixe, Áurea Moretti e mais outros. Né? A gente se entrosou de uma tal forma... nossa, foi tão bonito. E foi nessa época que eu fui para Bauru fazer minha faculdade em Bauru. Isso em 68? 68, eu terminei o curso de magistério, que a gente fazia o curso normal. E aí eu fui fazer Educação Física em Bauru, na Instituição Toledo de Ensino. Era uma faculdade particular. Eu não tinha um tostão para pagar, mas eu fui. Falei: “Depois dou um jeito.” E a gente deu um jeito.

00:07:39

Eram três anos de faculdade naquela época. E durante os três anos eu dei um jeito, Vitor. Eu rebolei nos 30, mas eu fui. Tá. E a senhora vai para Bauru. E quais foram as suas funções em Bauru? Já que as FALN s estavam mais localizadas aqui em Ribeirão. Era aqui em Ribeirão. E o que a senhora ficou encarregada de fazer lá em Bauru? Então é o seguinte: cada um tinha uma função dentro da organização. A minha função, de início... era divulgar e tentar conseguir adeptos para a FALN . E através disso, como que eu fazia isso? Através de um jornal que a gente tinha, que eles tinham, ou eu tinha também, que chamava O Berro. O Berro foi um jornal impresso, a mimeógrafo a álcool. Nossa. Mas eu te digo a verdade, Vitor:

00:08:41

As bandeiras levantadas no jornal O Berro são atuais até hoje. Até hoje. Até hoje. O que é que a gente queria, pregava e divulgava? Que era uma distribuição melhor de renda. Que era essa desigualdade social muito grande que existe. A gente era contra. Então, querendo conscientizar o povo... e as pessoas, do que é uma luta de classes — que hoje pouco se fala em luta de classes, mas tem que voltar para a moda isso aí. E a gente discutia a luta de classes com o jornal. Era um jornal tão pequeno. Eram panfletos, na verdade, mas para nós era o... assim, o jornal, né?

Então, com muito orgulho, eu fui distribuir o jornal na faculdade. Aí, dentro do movimento estudantil, eu distribuí o jornal. Foi esse o meu grande crime.

00:09:41

O crime contra a ditadura foi distribuir o jornal e esse crime é muito forte, Vitor, porque é ideias. São ideias. Ideias você não mata. Você planta. Um dia colhe. E como é que era essa parte da distribuição? Eu imagino que você não distribuísse para qualquer pessoa, sabe? Não, Vitor, não podia. Imagina, você tinha que escolher a dedo, você tinha que saber quem era o seu amigo, o seu colega, o seu colega de faculdade. Uns que demonstravam, assim... umas ideias mais progressistas, aí eu tentava me aproximar e distribuir o jornal, mas eu distribuí muito pouco, porque naquela faculdade de Educação Física, sinceramente... nossa, que gente reacionária. Que povo difícil, muito difícil, sabe? Apoiadores ferrenhos do governo militar. Não, quietos, né? Calados. Não tinha nem que apoiava nem que desapoiava.

00:10:42

Era calado, porque se você abrisse a boca, você ia ser preso. Então, as pessoas tinham muito medo. Medo. Eu acho que naquela época o medo foi o que dominou esse país mesmo, sabe? Não houve um movimento mais... contundente, na época, pelo medo. Até hoje, né, Vitor? O medo está aí, né? Porque você sabia que se você fosse contra, você ia ser preso, torturado e morto. E quem que queria, em plena juventude, ser torturado e morto? E foi isso, Vitor. Você falou um ponto muito interessante. Eu ouvi uma entrevista, não vou me lembrar o nome de um ex-presos político, ele disse que, além dos militares, a gente tinha medo dos nossos vizinhos, né? Porque... de todo mundo. Qualquer um podia entregar. Qualquer um, qualquer um. Um que tivesse uma raivinha de você, pronto.

00:11:38

Você podia... Tá? Sendo entregue mesmo, sabe? A gente chamava de os dedo-duro. Yeah. Tinha muito dedo-duro na época, então você tinha que tomar muito cuidado com quem você estava conversando, com quem você estava querendo discutir suas ideias e colocá-las para frente. Tá? Foi isso. É interessante isso, né? Porque você falou, ah, uma pessoa que tinha uma raivinha de você podia te denunciar. Nossa, podia me denunciar. E eles não investigavam, né? Ah, será que é verdade que ele é comunista? Não, vixi. E uma coisa que eu tenho muita curiosidade é que você contou que viveu um período na clandestinidade, sabe? E eu queria

saber como era viver na clandestinidade. Você trocou de nome, você trocou de endereço, sabe? Como era ser um clandestino durante a ditadura? Bom, Vitor...

00:12:32

No início eu não era clandestina, não. Eu fazia as coisas escondido, mas não estava na clandestinidade. Em nenhum momento eu vivi na clandestinidade, Vitor, eu acho que essa informação não está bem correta. O que aconteceu foi o seguinte: depois da minha primeira prisão, porque aí teve a primeira prisão, que foi em Bauru, em 69. Teve a primeira prisão. Aí eu saí dessa prisão. Eu vou resumir aqui, depois, se você quiser, eu volto para essa questão. Perfeito. Mas eu saí dessa prisão e, quando eu saí, depois o meu companheiro, que era o Djalma Quirino de Carvalho, que era meu namorado, né? Ele ficou preso dois anos e meio no Tiradentes, sendo torturado e quase morto. É, e... Depois que ele saiu, a gente se casou. A gente foi morar junto, aí a gente se casou.

00:13:25

E depois, em 1973, a gente foi preso de novo. Depois que saímos da segunda prisão é que ficamos bem quietinhos mesmo. Mas clandestinidade, de fato, eu não vivi; ainda assim ajudei muita gente que estava escondida. Me perguntaram se eu escondia alguém na minha casa — claro que não, seria dar muita bandeira. A gente ajudava essas pessoas a se esconderem em outros lugares, em algum canto que desse certo. Aquela época foi muito dura, muito dura mesmo, mas a gente sobreviveu. Ajudei muita gente que não podia aparecer de jeito nenhum.

00:14:30

Teve um companheiro nosso que precisava sair do país e estava clandestino; eu tive até que pintar o cabelo dele, porque ele era moreno, e eu nunca tinha pintado cabelo na vida. Fizemos ele ficar “mocosado”, como falávamos — num mocózinho, escondido. Era tudo muito difícil, Vitor, um tempo de muito pavor.

Você me pediu mais detalhes da minha primeira prisão, lá em Bauru. Eu estava na faculdade, em 1969, quando a nossa organização foi descoberta pela repressão. O pessoal foi preso em Sertãozinho, numa fazenda, porque estavam treinando guerrilha. Hoje a gente ri, mas na época era sério: acreditávamos de verdade naquilo. Foram treinar tiro, sem saber nem atirar, achando que ninguém ia ouvir. O fazendeiro denunciou e eles foram presos. Sofreram tortura pesada. Eu digo “meninos” porque eram todos jovens — hoje estão velhos como eu. Torturaram demais, para valer mesmo.

Como estavam muito arrebetados, um deles acabou falando o meu nome; disse que eu distribuía o BR em Bauru. Quando chegaram para me prender, eu já sabia. Se quisesse fugir, teria que ir para a clandestinidade — que é diferente de viver camuflado. Eu poderia ter ido, mas não fui; eu só distribuía o BR e não tinha o grau de comprometimento que os militares imaginavam.

00:17:21

Quando me prenderam, fizeram até festa. Eu era bonitinha na época, bem arrumadinha, corpo legal, e aí virei “a guerrilheira”. Mesmo sabendo que seria presa, fui para a faculdade. Quando cheguei, veio um monte de gente com metralhadora para cima de mim. Levei um susto enorme. Para quê tudo aquilo? Eu era perigosa daquele jeito? Cercaram minha cabeça com metralhadoras e todos os colegas viram, foi muito humilhante. Eles gritavam “não reage!”, e eu pensava: reagir como, desse jeito? Os professores gostavam muito de mim e avisaram o reitor. Ele foi até lá e disse que não era para sumirem comigo, que agora ele sabia que eu estava presa e queria notícias.

00:19:16

Você me perguntou se eu estaria aqui hoje caso ele não tivesse intervindo. Não sei. Quem sobrevive, sobrevive de algum jeito. Me levaram para a delegacia em Bauru, e alguns colegas ainda tiveram coragem de ir me defender, junto com o reitor e o Coronel Domício, nosso professor de esgrima, que a gente chamava de Coronel Comício de tanto que ele falava.

00:20:16

Nesse dia, Vitor, jamais esqueço o gesto do reitor. Da escola Toledão. Ele tirou dinheiro do bolso e me deu; eu era dura, não tinha nem para um café. Ele me deu algo que hoje seria uns 100 reais, e para mim era uma fortuna. Eu disse que nunca poderia pagar, e ele respondeu que não estava me cobrando, que eu ia precisar daquele dinheiro para comprar minha pasta de dente. Pediu até para anotarem que estava me dando aquilo, porque eles anotavam tudo. Esse gesto eu nunca esqueci. Depois te conto o que fiz com o dinheiro.

Aí eles me trouxeram para Ribeirão Preto. Vim de viatura, sentada no banco da frente, com um policial segurando um revólver do meu lado. Eu tremia dos pés à cabeça de medo. O que esses caras vão fazer comigo? Assim fui chegando em Ribeirão Preto. Quando entrei na delegacia, aquele... vou poupar a palavra. Aquele Lamano, o delegado Miguel Lamano, chegou para mim

e falou: “Traz o namorado”. E trouxeram o Djalma, meu namorado, inteiro arreventado. Os olhos dele pareciam olho de coelho, vermelhos.

00:21:58

Eles tinham enfiado o cassetete no olho dele e rodado. Arreventaram todos os vasilhinhos. Os braços estavam todos queimados com cigarro. Ele estava destruído. Quando trouxeram o Dija, eu chamava ele de Dija — levei um choque de ver ele tão machucado. Tentei dar um abraço e ele me deu um tapa no rosto, um soco tão forte que eu fiquei um ano sem rir. Me deslocou tudo aqui, a mandíbula. Estourou tudo. Logo no começo a recepção já foi essa... “bem amável”. Depois me colocaram num espaço lá dentro e começaram os interrogatórios, muitos interrogatórios.

00:22:55

“Fala, fala, fala.” Falar o quê? Eu distribuía o jornal, e daí? Eu assumi que distribuía. “Para quem você distribui?” Disse que isso eu nãoalaria. Aí você apanha porque não diz para quem entrega. Mas eu disse que distribuía para colegas da faculdade. “Quem são os colegas?” Falei que nem sabia. Eu colocava na mão das pessoas e pronto. “Você sabe.” E aí vira novela, Vitor. Você apanha muito para dizer um nome, mas eu não disse. Não disse. Só apanhei mesmo. No fim, eles desistiram porque perceberam que eu era café pequeno. Eu não era dirigente de nada. Eles queriam os dirigentes. Eu era só cafezinho.

00:23:41

Então, eles deram uma sossegada comigo. Depois disso, desses interrogatórios em Ribeirão eu não sei quantos dias duraram, porque quando você está preso, perde completamente a noção do tempo. Você não sabe se é dia, se é noite, se é madrugada. Você não dorme, você não come, porque é um estado emocional abaladíssimo, né? Você sai fora da sua realidade. Fica desorientado mesmo.

Aí, depois disso, eles me mandaram para Cravinhos. Foi em Cravinhos que veio a segunda parte da prisão. Lá eu me encontrei com a Áurea Moretti, com a mãe Maurina e com Lázaro, dentro de uma cela imunda.

Então é isso. Você tocou no nome da Áurea, e uma coisa que você disse em outra entrevista — que ela mesma já confirmou enquanto era viva — é que ela foi duramente torturada. E até comentou uma vez que achava que tinha sofrido pouco em relação a ela.

00:24:39

Eu não sofri nada em relação a ela. Ela ficou sem um fio de cabelo na cabeça.

— Você quer que eu conte?

— Sim.

— Conto da tortura da Áurea.

Foi aí que eu cheguei na cela e vi a Áurea arrebetada. A madre Maurina devia estar um pouco fora do ar. A Lázara também arrebetada. E eu cheguei lá e falei: “Gente, mas eu quase não apanhei nada diante do que eles apanharam.” Eu só estava assistindo aquilo tudo. A Áurea foi tão torturada, Vitor, mas tão torturada... que eu me lembro como se fosse hoje.

00:25:34

O seio carregado, a braseira nua, inteira de hematomas. A parte da bundinha dela — ela já era bem magrelinha — era toda marcada de cacete, um atrás do outro, formando uma fileira de roxos. Uma fileirinha perfeita. Não tinha onde não ter hematoma naquele corpo magro.

Os seios dela eram todos furados de choque elétrico e queimados de cigarro; eles apagavam o cigarro nos seios da Áurea. No corpo todo, na verdade. E ela já não tinha cabelo. Estava quase careca. Eles arrancavam os cabelos, fio por fio, puxavam com tudo.

Ela sofreu pau de arara, choque elétrico... Foi uma tortura muito pesada.

— Sabe o que é o pau de arara, Vitor?

— Sei, mas explica para o...

00:26:32

O pau de arara é assim: são dois cavaletes e, entre eles, um pau de vassoura, vamos dizer. Amarravam a pessoa pelos joelhos, de cabeça para baixo, pendurada como se fosse um porco e coitado do porco. E a pessoa ficava ali, nua. Homens e mulheres.

Davam choque no ânus, na vagina, no pênis, nos seios das mulheres, pelo corpo inteiro. Choque elétrico mesmo. Você estribuchava lá até quase morrer. E a Áurea Moretti ficou muito tempo pendurada nesse pau de arara. Muitas vezes. Não foi uma nem duas.

O Djalma, meu companheiro, também ficou pendurado. Esqueceram ele lá. Ele só não morreu por um triz. Quando lembraram e foram tirar, ele já estava roxinho, quase sem vida.

00:27:34

A parte do pau de arara é uma tortura horrível. E tinha também a cadeira do dragão. A cadeira do dragão era uma cadeira de metal, com uma bacia de água nos pés. Você sentava, amarrado, com os pés dentro da bacia, e eles te davam choques — principalmente no dedinho, davam bastante choque.

— Nossa... ainda com...

— Pera, uma bacia?

— De água.

Então você pode imaginar o grau de perversidade, de crueldade. Não tem limite, né? Isso tudo, Vitor...

00:28:32

Veio essa instrução de tortura, esse curso de tortura, dos Estados Unidos. Foi de lá que veio. Os militares aqui aprenderam muito rapidamente tudo isso. Então foi onde a gente sofreu esse monte de tortura. E, fora os afogamentos, também tinham as tinas de água: enfiavam sua cabeça até você quase não aguentar mais, tiravam para respirar e enfiavam de novo. Esse era o afogamento. Tinha muita surra também, muito cacetete para todo lado, inclusive na cabeça, sem se importar. Muito chute nos rins, no fígado. Torturas bárbaras, que faziam você sangrar. E quanto mais você sangrava, parecia que eles mais gostavam. Eles riam. Alguns policiais chegavam a ter orgasmos vendo a gente ser torturado.

00:29:45

Isso que estou te contando é só por cima, foi o que eu vi. A Áurea era despejada na cela no final da tarde, no começo da noite, às vezes já à noite, daquele jeito. Houve uma vez em que ela veio arrastada, porque não conseguia dar um passo. Arrastavam ela pelo corredor e jogavam dentro da cela. A gente corria para pegar, colocar no colchão, cobrir. A água que eles davam nas

canecas não podia ser bebida toda hora, então a gente reservava parte para lavar as feridas da Áurea. E como é que a gente lavava? A madre Maurina — que também tinha sido barbaramente torturada — rasgava pedaços do saiote que usava por baixo da roupa de freira. Ela tinha aquela saia e, por baixo, um saiote. Rasgava o tecido para a gente limpar as feridas da Áurea. Fizemos isso muitas vezes.

00:30:32

Agora entra o dinheiro do reitor, os cem reais. Com esse dinheiro eu pedi ao carcereiro — ele não podia fazer isso, mas fez escondido — que comprasse remédios. Esse carcereiro olhava para a gente e dizia: “Mas isso é terrorista?” Ele chorava ao ver nosso estado. Pedi que ele comprasse Cibalena, que na época era o analgésico, para tentar diminuir a dor dela. Pedi pasta de dente, escova de dente para todos e outros remédios. O senhor Ricardo, como eu chamava, e que a Áurea chamava de Pai Ricardo, foi um pai mesmo. Ele foi à farmácia, comprou tudo escondido, porque se alguém soubesse, ele teria sido preso e torturado junto.

00:31:34

A gente manteve esses medicamentos escondidos. Quando a Áurea chegava, sem conseguir nada, dávamos Cibalena; quando ela estava com febre, dávamos remédio; enxugávamos as feridas. E eu fazia massagem nela também, porque tinha tido curso de massagem na faculdade. Ela pedia: “Faz aqui que está adormecido, faz ali.” E eu fazia. Foram dias terríveis ali. Dias terríveis. Fiquei no cadeião de Cravinhos. E... dá um tempinho para a senhora? Obrigado.

00:33:32

O que mais? Manda ver. Eu queria te perguntar: você disse que os militares, os agentes da polícia, não poupavam nada pelo fato de vocês serem mulheres. Existiram denúncias, não só em Ribeirão, mas no Brasil todo, de violência sexual contra presas. Você chegou a vivenciar ou escutar algo sobre isso?

Sim, Vitor. Aqui em Ribeirão teve também. Claro que teve. A Áurea foi vítima disso e a madre Maurina também. Uma madre. Uma freira. Um delegado abusou sexualmente dela. Esse delegado, o Lamano, e o Renato foram excomungados pela Igreja Católica na época. A madre não contou isso para a gente. Não precisava. Depois a história veio à tona, quando ela já estava no presídio de Tiradentes.

00:34:40

Parece que ela conseguiu falar com alguém sobre isso depois, mas lá dentro ela não falou nada. Ela ficou muda. A freira ficou muda. E eu não vou dizer “coitada”, porque ela sabia do que a gente estava vivendo, sabia da questão militar, tinha consciência. Quando ela abriu o Lar Santana para abrigar o pessoal da FALN, para rodar o jornal lá dentro — o jornal era feito no próprio Lar Santana — ela sabia o risco. Aliás, Vitor, depois quero te falar da luta que a gente está fazendo pelo Lar Santana. Não me deixe esquecer. O Lar Santana era um orfanato, onde ela recolhia crianças e criava ali. Tinha um porão onde ela deixou o pessoal rodar o material no mimeógrafo, literalmente rodado. Tinha também alguns livros, acho que um livro de Marx, algo assim. Quando a mãe foi presa — porque o Mário Lorenzato e outros faziam o jornal lá — ela sabia que seriam descobertos e mandou queimar tudo. Foi aí que acusaram a mãe de pertencer à FALN. Mas ela não pertencia; ela só abrigou o pessoal. O livro do Marx também complicava para ela. Nossa, mandou queimar, né, os livros.

00:36:32

O funcionário que queimou os livros foi preso e torturado. Torturado de maneira brutal. Era um funcionário do Lar, não tinha nada a ver com nada, e mesmo assim morreu depois por consequências dessas torturas. Tem muita gente que, quando falamos sobre isso, responde: “Que tortura? O regime militar não torturou ninguém.” Essa coragem... Como se não tivesse acontecido.

O que eu sinto quando escuto isso? Vitor, eu tenho pena de quem acredita nisso. Pena mesmo. Porque é uma pessoa tão desligada, tão desinformada. Quando a pessoa sabe o que aconteceu e é conivente, é outra coisa: aí é fascista, é nazista. Mas quem não sabe e repete besteira... é vítima de fake news. É triste ver nosso povo, até hoje, acreditando nessas merdas. Santa paciência. Como é que pode? Aí você vê esses fascistões, esses nazistas, esses bolsonaristas... e pensa: será que tudo que a gente fez não valeu de nada? Será que foi tudo em vão?

00:38:25

Não, não foi em vão. Se a gente não tivesse entrado na luta, hoje não estaríamos aqui conversando. Foi importante. A gente queria derrubar a ditadura e, de uma forma ou de outra, conseguimos. Vivemos numa democracia. Conseguimos, sim. E vamos conseguir de novo. Vamos conseguir calar esses bolsonaristas, esses fascistas, esses nazistas, esse bando de filhos da puta que está por aí.

Eu tenho uma pergunta sobre isso, mas vou guardar para o final. Agora queria pegar um gancho. A senhora deu uma entrevista dois anos atrás e disse que, além da violência física, existia violência psicológica. Eu queria te perguntar — não sei se isso foi na primeira ou na segunda prisão — sobre o episódio em que te levaram para uma sala onde estava o João Nicolau, sendo torturado, e os militares queriam que você batesse nele. “Bate nele, bate nele.”

00:39:14

Isso foi na primeira prisão. O João Nicolau, de São Joaquim da Barra, da companheirada de lá. Ele estava tomando choque elétrico com os pés dentro de uma bacia de alumínio cheia de água. Me levaram lá e perguntaram: “Conhece?” Eu disse que sim, desde a infância. “Então ele te denunciou. Bate nele.” Eu falei: “Quê? Bater nele? Ele desse jeito?” Eu não ia bater. Então eu apanhei.

Eles diziam: “Se você não bate, você apanha.” Então eu apanho. Mas não bato. Queriam que eu desse um tapa no João. Ele tomando choque. Eu ia acabar tomando choque junto. Olha se pode. Tadinho do João. Está aí até hoje, está vivo também, sobreviveu. Cara maravilhoso.

00:40:08

E vamos pegar o gancho então para falar da sua vida após a primeira prisão. Quanto tempo a senhora ficou lá? A senhora falou que perdeu a noção do tempo.

Perdi mesmo. Não lembro se foram 21 dias, 25 dias. Sei que fui presa em outubro. Quando o Marighella morreu, a gente estava presa. Eles entraram comemorando a morte dele. “Olha aí quem a gente matou! Matamos o Marighella!” Tudo comemorando. A gente chorou muito.

Depois disso eu fui solta. Voltei para a faculdade. Como eu tinha faltado muito, podia ser reprovada por falta. Mas o reitor foi tão bacana que disse: “Você repõe as aulas”, e deu um jeito. Não sei o que ele gostava de mim.

Eu desconfio, Vitor. Porque ele tinha um filho que morava na França, e esse filho era de esquerda. Acho que ele me protegeu pensando no filho, uma proteção paterna. Pode ser.

Voltei para a faculdade, consegui terminar. O ano de 69 foi terrível, mas terminei. Me formei em 1970. Fiz mais um ano. Nesse período, o Djalma estava preso em São Paulo. Eu não podia visitar porque estava solta em liberdade condicional. Aliás, deixa eu falar do dia em que fui solta. Meus pais me buscaram lá em Cravinhos...

00:42:45

Quando eu cheguei em São Joaquim da Barra, em frente à minha casa tinha uma multidão de gente me esperando com flores na mão. Que gracinha. Tá vendo? Eles também ousaram enfrentar a ditadura, mas não teve quem entrasse na minha casa pra dizer. Uma prima minha disse para mim: “Leila, eu te odeio. Você manchou o nome da nossa família.” Então, para você ver: enquanto tinha gente me recebendo com flores, teve uma que foi me receber com pedrada. E foi bastante, machucou bastante, porque eu estava muito frágil. Você sai de uma prisão dessas muito frágil. E ela falou isso, e essa frase até hoje me marca, sabe? Fica como uma ferida mesmo. Aí eu perguntei para ela: “Que nome? De que família? Nome? Você está preocupada com o nome da sua família?”

00:43:41

Eu estou preocupada com o meu país. Foi isso que eu respondi para ela. Aí recebi todas as flores.

“Não deixou ela estragar o seu dia?”

Não. Até hoje fica a marca, né, Vitor? Tem coisas que marcam e não tem como, meu bem. Mas foi isso. Tanto tinha uma coisa de um lado como do outro. Isso que eu te falo: tem alegria e tristeza, alegria e tristeza. A vida é uma dualidade.

E aí eu voltei para a faculdade, terminei minha faculdade. Quando eu terminei a faculdade, eu fui para São Paulo, porque o Djalma estava preso no Tiradentes, os meninos estavam presos no Tiradentes: o Paulinho Vanucchi, o Zé Ivo Vanucchi, estavam todos presos lá. Aí eu fui para São Paulo, porque eu tinha me formado.

00:44:35

E eu fui, eu precisava trabalhar. Aí fui pegar aula, né? E peguei aula numa escola de favela. Fiquei lá na escola da favela, onde eu conheci o Adriano Diogo, que depois foi deputado pelo PT e hoje é um dos que estão na linha de frente da luta pela democracia. Eu dei aula com ele.

Aí, na segunda prisão... na segunda prisão eu encontro o Adriano na prisão também.

“Não, mas aí tem... Não, aí eu tô pulando etapa, peraí. Vamos por partes então. A senhora entra na ELN, né?”

Aí entrei na ELN — Ação Libertadora Nacional.

“E como foi? Quem te convidou?”

Aí o Djalma saiu da cadeia e a gente foi ficar junto. A gente foi morar junto. Aí a gente foi para a Eliane.

00:45:27

Vitor, quem me convidou eu não sei. Essas coisas clandestinas, naquela época, eram muito sigilosas. Eu não sei quem me colocou na ELN, eu só sei que eu fui.

“E qual era a sua função, Helena? Tinha uma função específica?”

A gente primeiro discutia a questão política mesmo, a situação atual do país. Discutíamos tudo para ficar por dentro do que estava acontecendo. Nós tínhamos nossas reuniões clandestinas, que eram nossa formação política.

“Isso era que ano?”

Isso foi em 1971, 72, por aí.

A gente participou de bastante reuniões para ver se a gente era aceito mesmo na ELN. Não se entrava na ELN assim. Não era fácil.

Se, por exemplo, desconfiassem que a pessoa tinha fumado um baseadinho de maconha... ela não entrava. Não podia envolver droga. Porque a gente já era os “fodidões”, né? Ainda com droga? Então não podia. Tinha que ser limpo mesmo.

E tinha que realmente ter a sua base comunista, né, Vitor? Vamos dar nome aos bois. Se você não fosse socialista, comunista, você não entrava numa organização dessas. Você era muito investigado para entrar. Porque muitos entraram e eram traidores, eram os dedo-duros. Muitos entraram infiltrados, como a gente chamava. Então a gente era muito estudado por fora.

Quando eu entrei, não sei por quê entrei. Só sei que fui convidada pra uma reunião e fui. Era uma reunião num bairro muito distante. A gente tinha que dar mil voltas em São Paulo para poder chegar lá. Não era pegar uma linha reta e ir. Tinha que ficar olhando de lado, vendo se não estava sendo seguido. Era assim, tinha que tomar muito cuidado.

00:47:23

E depois disso deram a seguinte função para mim e para o Dija: nós éramos responsáveis por receber a correspondência do exterior, que vinha para a gente passar para dentro da cadeia. Fazer a ponte. Então eu era uma ponte. Difícil? Muito difícil.

Quando o Dija estava preso, eu já fazia essa ponte. Quando ele saiu, a gente continuou fazendo isso. A gente recebia a correspondência e passava para outro companheiro que ia distribuir para a organização. A gente não sabia para onde ia, para quem ia, quem fazia, quem não fazia. Não era para saber. Não podia saber.

Então foi isso. Essa era a nossa função: levar a correspondência para frente. Foi aí que a segunda prisão aconteceu, em 1973. Alguém da ELN... aliás, caiu um monte de gente na época. Teve uma limpa geral e mataram muita gente. Mataram gente até ali.

Aí nós fomos para a Oban, a Operação Bandeirantes. Um centro de tortura. Ali matava mesmo. Quando não matava, botava no avião e soltava no alto-mar, soltava no rio, soltava no meio do mato — sumiam com os corpos. Tinha muito isso.

Eu estava dando aula. De repente me cercaram. Me prenderam. Eu falei: “De novo, não! Na porta da escola, de novo? Puta merda, de novo não!”

00:49:42

Aí me levaram de volta para casa, pegaram o Djalma, levaram nós dois para a Oban. A tortura veio pesada. Eles queriam saber da correspondência. Eles já sabiam que a gente distribuía correspondência.

Vitor, a tortura era tão grande, tão grande... Como é que o companheiro aguentava? Dor física você aguenta um tanto. Dor psicológica e física têm limite. Tem uma hora que você entrega, não tem como. Não tenho nem coragem de falar “fulano me entregou”. E daí? Ele entregou porque não aguentou. Ele foi até o limite dele. É difícil ter uma Dilma Rousseff que não entregue ninguém. É raro.

Aí um desses companheiros entregou a gente — o Fernando Casadei.

00:50:36

Quando nós chegamos lá, encapuzaram o Fernando. Puseram um capuz preto nele. E estávamos nós dois sentados um do lado do outro. Trouxeram o Fernando. É assim que eles faziam: “Ó, esse aqui te entregou. Ele que entregou vocês.” Aí eu olhei para o sapato e falei: “Dija, é o Fernando.” “Como você sabe?” “Olha o sapato.” Ele não tinha outro, só aquele sapato. Eu reconheci o cara pelo sapato. As mãos dele estavam todas pretas de tanto choque elétrico, estavam podres, os dedos podres, as unhas caindo. Eu não reconheci ele pela mão. Reconheci pelo sapato. Aí fizemos a cariação. Uma semana depois, soltaram nós. Porque naquela época já

tinha acordos. Você fazia acordo com a polícia, com os torturadores. Qual era o acordo? Você dava um serviço para eles e, em troca, eles te soltavam. “Eu te solto se você entregar a correspondência pra nós.” Aí o Dija falou: “Feito.” A correspondência não ia para nossa casa. Ia para outra casa. E a gente morava na rua Marechal Malet. Quem recebia morava na rua São José. O Fernando estava tão arrebitado que ele perguntou: “Pra onde entrega a correspondência?” Aí eu falei: “Na Marechal Malet, lá na minha casa mesmo.” Confirmei. Pronto. Então eles disseram: “Vamos fazer um acordo. Correspondência que chegar, vocês entregam pra nós.”

E fomos embora.

00:54:17

E nesse trajeto que eu ia a pé, o cara vinha atrás de mim com o cachorro. E nem disfarçava, era pra você ver mesmo. Eu fiquei com uns quatro anos um cachorro atrás de mim. Nossa. Andando com esse cachorro. Все, а Мексика шел. Às vezes, acontecia coisa pior, né? Tinha coisas piores. Teve uma vez que ele me seguiu sem o cachorro. Só que ele mostrou o membro dele para mim, assim, tirou, arrancou para fora, falou, olha o que você está precisando. Eu levei um susto tão grande, eu se assustava, não tem como, sabe? É uma coisa muito horrível. Você imagina isso acontecendo? Há 50 anos atrás... Hoje em dia mesmo, né? Já é uma coisa muito horrível, imagina. É, bem, teve muita coisa assim, muita coisa. Eles intimidavam mesmo, eles ameaçavam mesmo, então tinha limite.

00:55:11

Eu sei que essa vez que eu fui presa, a segunda vez também, que eu te falei do Adriano Diogo, eles me levaram para uma cela e me mandaram deitar num colchão no chão. Me cobriram com um negócio de kimono, uma jaqueta tipo roupão. Cobriram a minha cabeça e falaram para mim: “Não olha, não olha.” Aí trouxeram o Adriano Diogo. Ele chegou quase sem fôlego. Ele tem asma até hoje, e naquela época era muito forte. Ele chegou e perguntou: “Quem está deitado aí no chão?” Aí levantaram um pouco o pano e perguntaram: “Essa aqui, você conhece?” Ele respondeu: “Claro que eu conheço, ela dá aula comigo.” “Ah, é? Então vocês são cúmplices?” E aí começou aquela pressão.

00:56:06

Ele disse: “Não, eu só conheço ela porque nós damos aula na mesma escola.” E ficou por isso. Ele não me entregou, nem eu entreguei ele. Eu queria voltar um pouco. A senhora disse que ficou sob custódia da UBAN. E a senhora, então, foi torturada também nesse período, na segunda prisão.

Então... só levei uns supapos, um safanão. Não fui torturada dessa vez. Eu não sei que tanta sorte eu tive nessa vida. O Dija foi torturado de novo. Eu fiquei numa cela em que todas as mulheres estavam torturadas. Estava a Albertina, a mulher do Fernando Casadei. Assim que a gente saiu, a primeira coisa que eu fiz foi telefonar para o pai do Fernando Casadei, avisando onde ele estava. O Fernando só não morreu, só não sumiram com o corpo dele e da Tina, porque o pai dele era advogado e foi lá com outro advogado. Ele sabia que o filho estava lá. Porque, se não soubesse, ele teria sido morto também. Os presos ficavam incomunicáveis. Era um que estava na fila para morrer.

00:57:02

“A senhora salvou a vida dele.”

“Eu não salvei. Eu só dei uma dica para o pai dele ir lá.”

Foi muito importante. As pessoas ficavam incomunicáveis, não avisavam nada para a família. Você sumia literalmente. Sumia.

“Você viu o filme Ainda Estou Aqui?”

“Sim.”

Sumia e pronto. E ocupavam a sua casa e ficavam lá dentro te hostilizando. Era exatamente aquilo.

Você tem que assistir o filme Madre. Um deles eu assisti num documentário do Gabriel Mandelê.

“Você assistiu Madre, o Antônio Calloni?”

“Isso.”

“Não. Você tem que assistir o outro Madre agora. Eles vão exhibir na faculdade depois do recesso. Esse segundo Madre coloca a Madre exatamente como ela é, como eu vi a Madre. Aliás, eu participo desse documentário. Dei meu depoimento para ele. Faça questão de assistir.”

00:57:56

Eu queria voltar um pouco para os dias atuais. A senhora disse que ficou muito tempo sem falar sobre a ditadura. Que demoraram várias décadas para você sentir coragem de novo e relembrar esse momento extremamente doloroso e traumático. E parece que você só quis mudar essa chave após a troca de governo. O que te levou a querer falar sobre isso de novo?

00:58:51

A senhora até falou que essa é a última entrevista, que depois disso o assunto morre. Chega, vamos fechar isso com chave de ouro hoje, tá bom, né? Por que a história demora tanto tempo pra ser contada?

Porque você não tem noção, Vitor, do que ficou guardado dentro de nós. Eu tô te contando as coisas por cima. Teve coisa que marcou muito a gente. O medo também marcou. E quando você tem um trauma desse, você não quer falar. Cada vez que você fala, você abre feridas dentro de você. Então eu não queria falar — eu não falei nem pros meus filhos.

Minhas filhas sabiam, meus filhos sabiam que eu tinha sido presa política, mas o que tinha acontecido eu nunca consegui contar. Eu tinha uma professora que deu aula comigo aqui em Ribeirão Preto, que dizia: “Eu não me conformo de você nunca ter falado, eu gostaria de saber.” E eu respondia: “Filha, eu não conseguia. Eu não conseguia falar.”

00:59:37

Aí, Vitor, teve a mudança de governo... Veio o governo Lula, né? A gente ficou um pouco mais assanhadinha. E eu fui fazer muita terapia. Muita terapia mesmo.

A última que eu fiz... com tanta terapia eu ainda não conseguia falar. Depois eu fui fazer uma sessão de constelação sistêmica familiar — não sei se você sabe sobre isso, mas era bom saber.

Eu fiz o curso de constelação e, numa das sessões, eu constelei sobre a ditadura militar. Foi uma sessão muito pesada. Muito pesada. Mas me libertou — parece que virou uma chavinha.

“Você já pode falar bem. Você é história viva, Leila.” Foi assim que eu fui recebida. “Você é história viva. Você tem que falar.”

Aí eu resolvi falar.

A Áurea Moretti, quando estava viva, deu muito depoimento. E todas as vezes ela me chamava pra dar depoimento junto com ela, mas eu não conseguia. Eu estava bloqueada mesmo.

Depois eu comecei a abrir: falar pra um, falar pra outro, falar pra outro. E foi assim que eu tô aqui hoje te dando esse depoimento.

É muito... não sei se você percebeu, mas cada vez que eu falo, a coisa machuca. As pessoas falam muito pouco do trauma psicológico. Falam da violência física, mas a violência psicológica fica pra vida toda.

01:01:34

Fica marcada. Não tem como. Não tem como, sabe? É uma violência muito grande, Vitor. Muito grande, meu filho. Deus que me livre.

E como é que a senhora enxergou essa nova tentativa de golpe em 2023? A gente tá conversando hoje, dia 2 de agosto, e pela primeira vez na história do país militares estão sendo julgados por crimes contra a democracia. Isso nunca aconteceu antes. Como a senhora viu aquele momento, o ano de 2023, e como enxerga agora, prestes a sair um veredito?

Bom, Vitor, eu volto um pouco no tempo. Eu acho que não é bem 2023 — isso vem lá de quando eles deram o golpe na Dilma. É de lá que o golpe vem vindo. Eles foram plantando essa semente.

E não acabaram não, viu? Não acabaram.

Quando você pergunta de 2023 especificamente... é o seguinte: eu vendo militares sendo presos, eu penso “puxa vida... Xandão!”. Ainda bem que temos um Xandão!

É claro que a gente fica feliz de ver a justiça sendo feita, Vitor. Porque eu acho que a justiça tem que ser feita de uma forma ou de outra. Com Xandão ou sem Xandão, nós vamos ter que fazer essa justiça aí.

É muito bom que eles paguem pelo que fizeram.

Se bem que eu não acredito... sinceramente, quer saber? Eu não acredito que eles serão punidos de verdade.

Porque já teve a outra anistia, né? A anistia geral e restrita... agora de novo anistia. Anistia... puta que pariu, meu filho. Que isso...

01:03:27

Ai, desculpa, hein?

Não tem problema não. Que anistia, caralho! Entendeu? Não tem que ter anistia mais, não. Tem que ter justiça mesmo.

Eles tentam um golpe, invadem o palácio, fizeram o que fizeram, e vai ficar por isso mesmo? Um caminhão com bomba no aeroporto de Brasília? Isso tudo é o quê? Oi!

E aquele monte de acampamento lá, oi, formando o quê? Nazistas. Ali é a formação do nazismo. Ali é o renascimento do nazismo no nosso país.

E nós vamos deixar por isso mesmo? Hoje? Olhar pra isso de frente?

Não. Não vai ter.

O Brasil foi um dos únicos países da América do Sul que anistiou os presos políticos e os militares lá em 79. E os militares! Aquela anistia pros militares... o grande erro foi aquele.

01:04:25

Mas naquela época eu acho que não tinha força, né? Não tinha força suficiente pra julgar militares. Agora eu acho que a força está começando a existir. Mesmo atrasada, né? Mesmo atrasada.

Tá começando. Porque tem muita coisa pra ser feita ainda. Muita coisa.

Eu acho que a Argentina é um exemplo legal disso. A Argentina puniu mesmo, né? Em tribunal civil. Mas não tá esse milê aí, Vitor?

Então, né... como a história... nossa senhora! Como a história vai e volta.

É aquilo: uma hora você tá em cima, outra hora você tá embaixo. A vida é um círculo. Uma hora tá em cima, outra hora tá embaixo.

E vamos tocando esse círculo aí até onde der.

E se fosse pra senhora deixar um conselho pra essa geração mais jovem, que já nasceu numa democracia, como eu?

Eu nasci em 2001, eu não tenho a mínima ideia do que é viver numa ditadura. O que a senhora diria pra essas pessoas? Tem muita gente pedindo volta do regime militar todos os dias, políticos pedindo isso, um ex-presidente...

O que a senhora diria pra essa geração que não tem ideia real do que foi o regime militar?

Eu diria: jovens do meu coração, estudem, por favor. Para de ser burro. Para de querer ser burro. Vai estudar.

Estuda, se oriente, se informe com informações corretas. Fica se informando através de Rede Globo, de Record, essas coisas? Por favor. Vão na fonte, por favor.

Para de querer ser burro. Tenha vergonha de ser burro, por favor. Porque hoje em dia as pessoas não têm vergonha de ser burro.

De falar mediocridade? Para de ser medíocre. Vai estudar.

É isso que eu digo pra essa juventude: vai estudar e vai viver. Vai viver.

01:06:10

E pra gente terminar, Leila... pra encerrar, eu queria saber a sua opinião: você acha que o ribeirão-pretano realmente valoriza os personagens da cidade que enfrentaram a ditadura? Se existe essa memória, esse reconhecimento histórico? Isso está mais restrito ao campo acadêmico? As pessoas gostam de história, de política? Ou você acha que não é conhecimento geral tudo o que os ribeirão-pretanos que peitaram o regime militar sofreram?

Não. O ribeirão-pretano é agronegócio. O ribeirão-pretano, em geral, é um ribeirão-pretano medíocre. Até hoje é curral. Curral de candidato. Os candidatos têm seu curral, e aqui em Ribeirão Preto nós temos um grande curral. Porém, como tudo tem dois lados, nós temos aqui também um pessoal muito progressista, de muito valor, que está aí, se mexendo devagar, mas se mexendo. Então, nós temos esses dois lados.

A maioria dessa turma de Ribeirão Preto e região realmente... é um pessoal muito decepcionante, né? Porque é o que eu chamo de curral: é gado. É um gado que, pelo amor de Deus, tá tudo berrando. É um gado doido.

Mas tem um lado também de pessoas muito conscientes. Tem um Vitor na vida, graças a Deus.

Muito obrigado.

Estou com um jovem na minha frente que tem consciência política e consciência de classe.

Vitor, se não tiver consciência de classe, nada vai pra frente.

Então eu acho que agora é hora da gente arregaçar as mangas e ir pra rua gritar que existem classes sociais.

Ensinar esse povo que quer aprender — e mesmo o que não quer — gritar no ouvido deles.

Que precisa acordar. Acorda, gente. Acorda que ainda tá em tempo. Hmph.

01:08:06

Eu queria então encerrar dizendo que nós estamos numa luta pelo Lar Santana se tornar um memorial.

Um memorial cultural, um memorial que a gente está sugerindo o nome: Memorial Madre Maurina — Justiça.

E estamos nessa luta porque o Lar Santana foi abandonado. Está uma casa abandonada.

Gostaria de convidar vocês a participarem dessa luta pra transformar o Lar Santana em memorial.

01:09:06

Com certeza. Um memorial cultural... um memorial, é isso. Um espaço pra levar essas lutas pra frente, pra ser uma sede onde a gente possa se reunir e fazer alguma coisa. Falta um pouco disso aqui em Ribeirão. A gente tem em São Paulo o Memorial da Resistência, sabe? Nas capitais existem espaços pra manter essa memória viva. Aqui em Ribeirão Preto, não. E é justamente isso que estamos lutando para conquistar: ter esse memorial aqui também.

Porque essa região, Vitor, nos anos de 64, 65, até o fim da ditadura, foi um polo de muita cultura. Ribeirão Preto era um polo cultural. Hoje, a gente vê isso dissolvido. Por quê? Vamos reavivar essa chama?

E aí entra a pergunta: a gente pode contar com jovens como o Vitor?

Pode. Com certeza. Tamo junto, Vitor.

Leila, muito obrigado pela gentileza de me receber na sua casa e me conceder essa entrevista. Eu imagino que é um assunto delicado, mas a senhora abordou tudo com muita leveza. Foi um prazer enorme estar aqui, encerrando esse trabalho com chave de ouro com a senhora. Muito obrigado mesmo.

Obrigada, Vitor. Eu que agradeço, Vitor. Muito obrigada.